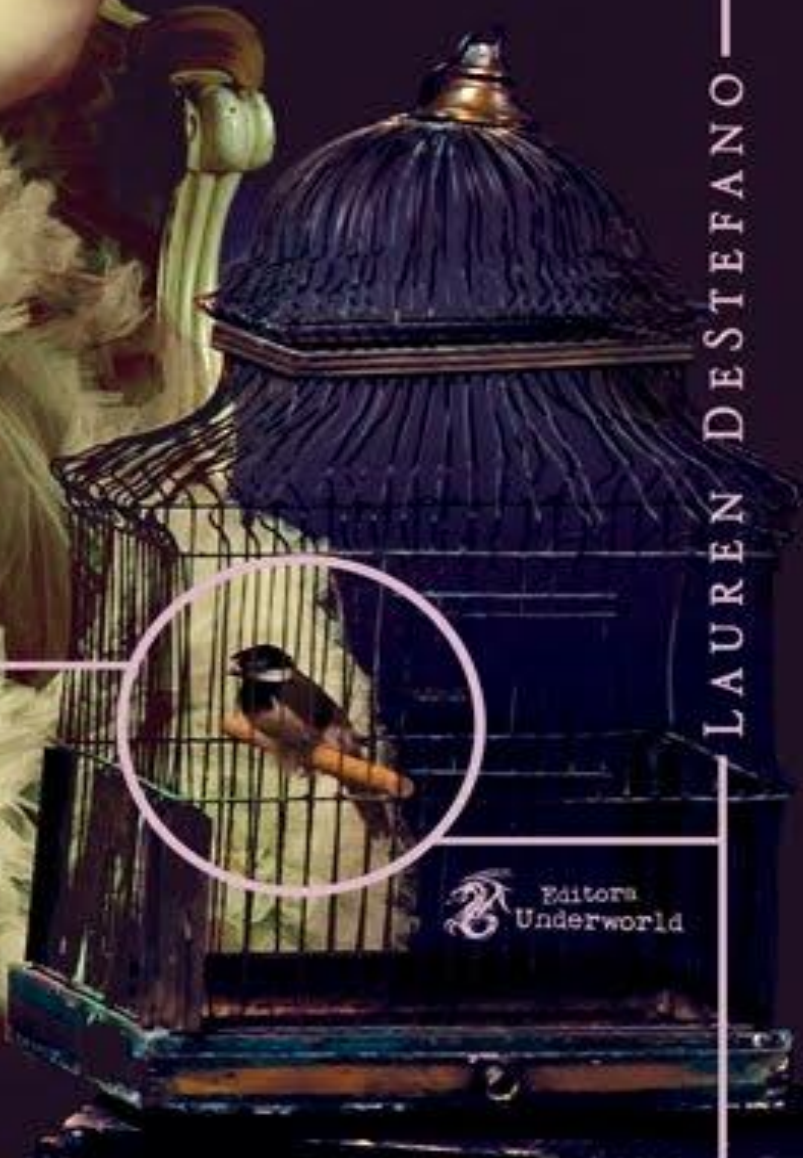




TRILOGIA DO

JARDIM QUÍMICO

A PRISIONADA



LAUREN DESTEFANO

Editora
Underworld



A PRISIONADA



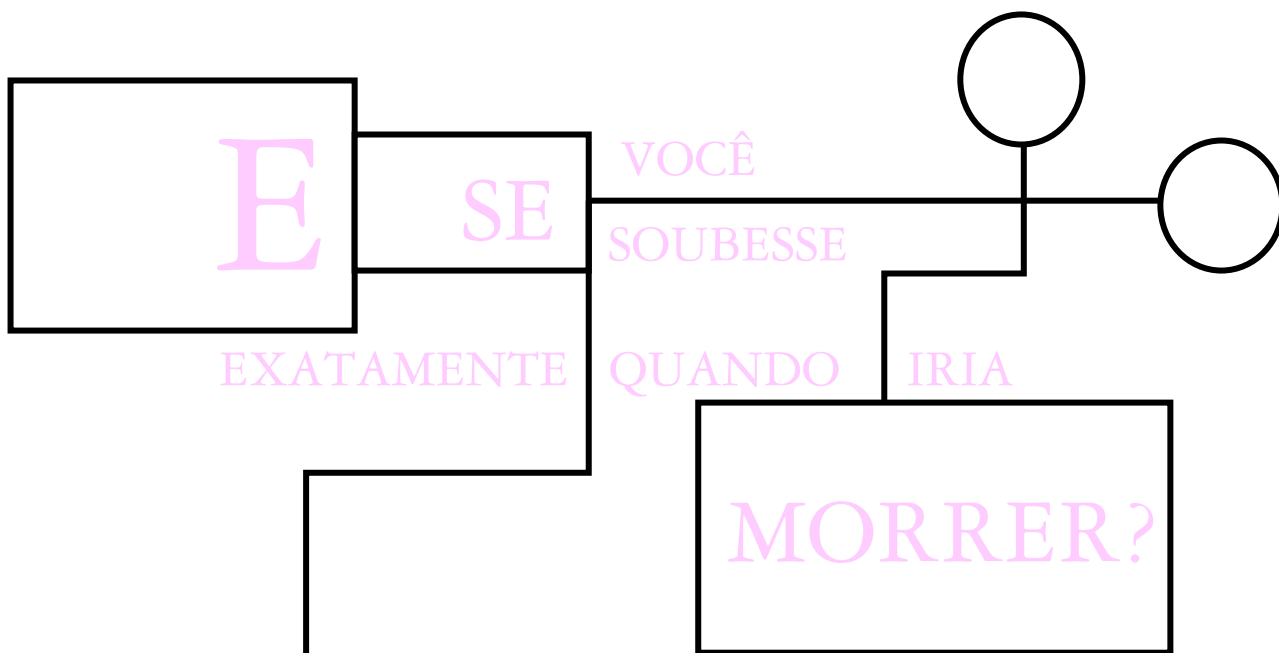
TRILOGIA DO JARDIM QUÍMICO



PRISIONADA

LAUREN DESTEFANO

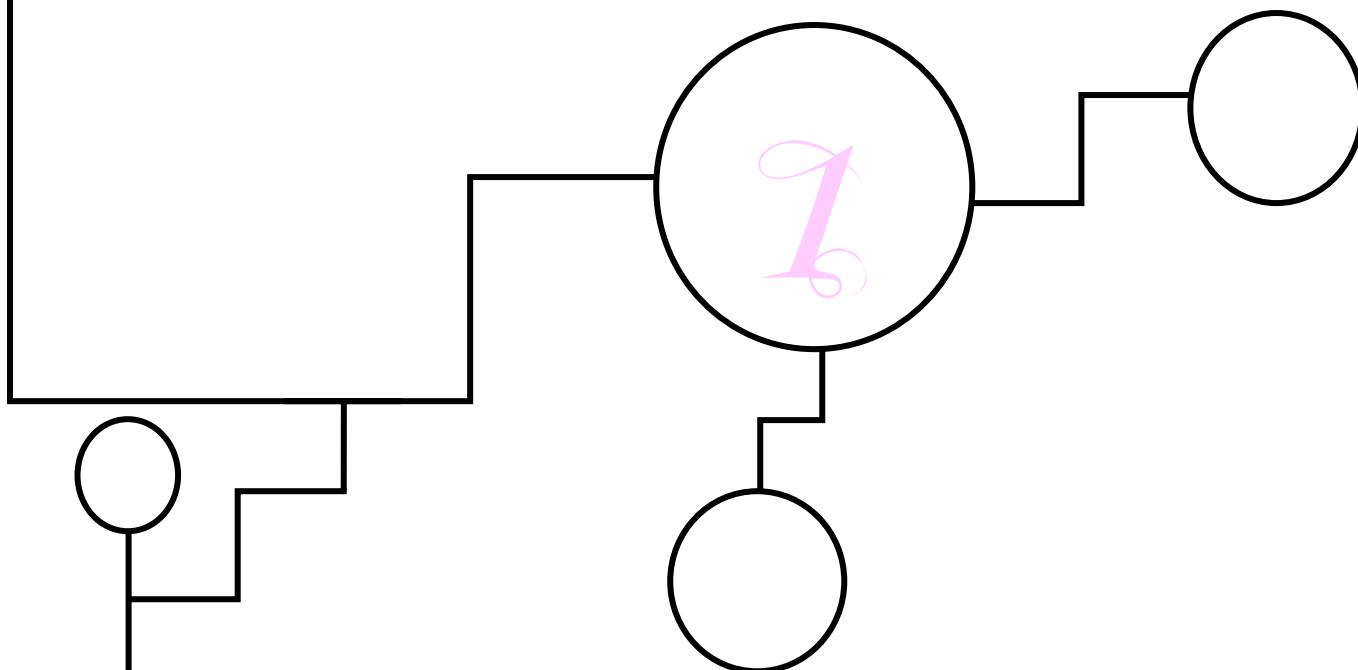
É ASSIM QUE
O MUNDO TERMINA



G

raças à ciência moderna, os seres humanos se tornaram bombas-relógio genéticas. Os homens vivem apenas até os 25 anos e as mulheres até os 20 anos.

Neste cenário desolador, as meninas são raptadas e forçadas a casamentos poligâmicos para manter a população longe da extinção. Quando Rhine Ellery de dezesseis anos é raptada pelos Coletores para se tornar uma noiva, ela entra em um mundo de riqueza e privilégio. Apesar do verdadeiro amor de seu novo marido Linden, e uma tênue confiança entre as demais esposas de seu marido, Rhine tem um propósito: fugir para encontrar seu irmão gêmeo e ir para casa. Mas Rhine tem mais coisas a enfrentar que a perda de sua liberdade. O pai excêntrico de Linden está obcecado em encontrar um antídoto para o vírus da genética que está lentamente se aproximando de seu filho, mesmo que isso signifique coleta de cadáveres a fim de testar seus experimentos. Com a ajuda de Gabriel, um servo que confia, Rhine tenta libertar-se, no curto tempo que ainda resta.



E

u aguardo. Ele nos mantém no escuro por tanto tempo que perdemos a sensação das nossas pálpebras. Dormimos todas juntas amontoadas como ratos, olhando para fora, e sonhamos que nossos corpos balançam.

Eu sei quando uma das garotas atinge uma parede. Ela começa a esmurrar e gritar – o som é de metal – mas nenhuma de nós a ajuda. Ficamos tempo demais sem falar, e tudo o que fazemos é nos enterrar ainda mais na escuridão.

As portas se abrem.

A luz é assustadora. É a luz do mundo entrando pelo canal vaginal quando nascemos, e ao mesmo tempo o túnel ofuscante que vem com a morte. Eu me encolho para dentro dos cobertores com as outras garotas, horrorizada; não quero nem o princípio nem o fim.

Quando eles nos deixam sair, tropeçamos; tínhamos esquecido de como usar nossas pernas. Quanto tempo havia se passado – dias? Horas? O céu imenso e aberto está onde sempre esteve.

Eu fico na fila com as outras garotas, e homens de casaco cinza nos estudam.

Já tinha ouvido dizer que isso acontecia. De onde eu venho, garotas andam desaparecendo há um bom tempo. Elas somem de suas camas ou da beira da estrada. Aconteceu com uma garota da minha vizinhança. A família inteira dela desapareceu depois disso, se mudou, ou para encontrá-la ou porque sabiam que ela nunca mais voltaria para eles.

Agora é minha vez. Eu sei que garotas desaparecem, mas muita coisa pode acontecer depois disso. Será que vou ser assassinada e abandonada? Vendida para me tornar uma prostituta? Esse tipo de coisa acontece. Só existe uma única opção além dessas. Eu poderia me tornar uma noiva. Eu já as vi na televisão, de braços dados com um homem rico que está chegando à idade fatal de vinte e cinco anos.

As outras garotas nunca chegam a aparecer nas telas de TV. Garotas que não passam na inspeção são enviadas para um bordel nos distritos escarlates. Algumas nós encontramos assassinadas nas beiras das estradas, apodrecendo, encarando o sol escaldante porque os Coletores não queriam se dar ao trabalho de cuidar delas. Algumas garotas somem para sempre, e tudo o que as famílias delas podem fazer é imaginar o que aconteceu.

As garotas são levadas com a idade mínima de treze anos, quando seus corpos já estão maduros o bastante para ter filhos, e o vírus mata todas as mulheres de nossa geração aos vinte anos.

Nossos quadris são medidos para determinar força, nossos lábios são abertos para que os homens possam julgar nossa saúde pelos nossos dentes. Uma das garotas vomita. Ela pode ser a garota que gritou. Ela limpa a boca, tremendo, aterrorizada. Eu permaneço firme, determinada a ser anônima, sem levantar um dedo para ajudar.

Eu me sinto viva demais nesta fileira de garotas moribundas com os olhos semicerrados. Eu sinto que os corações delas mal estão batendo, enquanto o meu parece que quer arrebentar dentro do peito. Depois de tanto tempo na escuridão do caminhão, nós todas nos fundimos umas nas outras. Somos uma única coisa sem nome compartilhando este estranho inferno. Não quero me destacar. Não quero me destacar.

Mas não faz diferença. Alguém reparou em mim. Um homem anda à frente da nossa fila. Ele deixa que nós sejamos espetadas por homens de casacos cinza que nos examinam. Ele parece pensativo e satisfeito.

Seus olhos, verdes, iguais a dois pontos de exclamação, encontram os meus. Ele sorri. Há um brilho de ouro nos seus dentes, o que indica riqueza. Isso é incomum, porque ele é jovem demais para estar perdendo os dentes. Ele continua caminhando, e eu olho para meus sapatos. *Estúpida!* Eu nunca

deveria ter olhado para cima. A cor estranha dos meus olhos é a primeira coisa que alguém repara.

Ele diz alguma coisa para os homens de casaco cinza. Eles olham para todas nós, e então parecem chegar a um acordo. O homem de dentes de ouro sorri na minha direção mais uma vez, depois é levado para outro carro que espirra pedrinhas de cascalho para todo lado quando dá ré de volta para a estrada e sai em disparada.

A garota que vomitou é levada de volta para o caminhão, e uma dúzia de outras garotas com ela; um homem de casaco cinza vai junto. Sobram três de nós, o espaço das outras garotas ainda entre nós. Os homens falam uns com os outros mais uma vez, e depois para nós. — Vão – eles dizem, e nós obedecemos. Não há lugar nenhum para ir a não ser a parte de trás de uma limusine aberta estacionada no chão de cascalho. Estamos em algum ponto fora da estrada, não muito longe da rodovia. Consigo ouvir os sons distantes do tráfego. Consigo ver as luzes da cidade à noite começando a aparecer na neblina púrpura distante. Não é nenhum lugar que eu consiga reconhecer; uma estrada assim desolada fica longe das ruas cheias de gente lá em casa.

Vão. As duas outras garotas escolhidas se mexem antes de mim, e eu sou a última a entrar na limusine. Há uma janela de vidro escuro que nos separa do motorista. Logo antes de alguém fechar a porta, ouço uma coisa dentro da van para onde as garotas restantes foram conduzidas.

É o primeiro do que sei que serão mais doze tiros.

Acordo numa cama de cetim, enjoada e latejando de suor. Meu primeiro movimento consciente é me forçar até a beirada do colchão, onde me inclino e vomito no carpete vermelho luxuoso. Ainda estou cuspindo e tossindo quando alguém começa a limpar a sujeira com um pano de chão.

— Cada uma reage ao gás sonífero de modo diferente – ele diz suavemente.

— Gás sonífero? – eu engasgo ao falar, e antes que possa limpar a boca na minha manga de renda branca, ele me dá um guardanapo de tecido – também de um vermelho luxuoso.

— Ele é liberado pelas entradas de ventilação da limusine – ele diz. — para vocês não saberem para onde estão indo.

Eu me lembro da vidraça nos separando da frente do carro. Hermeticamente fechado, eu suponho. Lembro-me vagamente do barulhinho do ar passando por entradas de ventilação nas paredes.

— Uma das outras garotas – diz o rapaz enquanto borrifava espuma branca no lugar onde eu vomitei – ela quase se jogou da janela do quarto, de tão desorientada que estava. A janela está trancada, é claro. Inquebrável. – Apesar das coisas terríveis que ele está dizendo, sua voz é suave, possivelmente até mesmo simpática.

Olho para a janela atrás de mim. Bem fechada. O mundo brilha com tons intensos de azul e verde para além dela, mais intensos que na minha casa, onde só existe terra e os restos do jardim da minha mãe que não consegui ressuscitar.

Em algum lugar corredor abaixo, uma mulher grita. O rapaz fica tenso por um momento. Então ele volta a esfregar a espuma.

— Eu posso ajudar – me ofereço. Há um instante atrás eu não sentia culpa por estragar nada neste lugar; eu sei que estou aqui contra minha vontade. Mas também sei que a culpa não é do rapaz. Ele não pode ser um dos Coletores de cinza que me trouxeram para cá. Talvez ele também tenha sido trazido para cá contra a sua vontade. Não ouvi falar de rapazes desaparecendo, mas até cinquenta anos atrás, quando o vírus foi descoberto, as garotas também estavam seguras. Todo mundo estava seguro.

— Não precisa. Já terminei – ele diz. E quando ele retira o pano, não há sequer uma mancha. Ele puxa uma alavanca na parede, e uma calha se abre; ele joga os panos dentro, solta a alavanca e a calha se fecha. Ele enfiava a lata de espuma branca no bolso do seu avental e volta ao que estava fazendo. Pega uma bandeja de prata de onde a havia colocado no chão, e a leva até minha mesa de cabeceira. — Se estiver se sentindo melhor, aqui tem um almoço pra você. Nada que vá fazer você dormir de novo, juro. — Ele tem cara de quem tem vontade de dar um sorriso. Mas mantém um olhar concentrado ao levantar a tampa metálica de uma tigela de sopa e outra de um pratinho de legumes fumegantes e purê de batata cercado um lago de molho. Eu posso ter sido roubada, drogada e trancafiada neste lugar, mas estão me servindo

uma refeição de gourmet. O sentimento é tão repulsivo que eu quase sinto vontade de vomitar de novo.

— Aquela outra garota... a que tentou se jogar da janela... o que aconteceu com ela? – pergunto. Não ousou perguntar sobre a mulher gritando corredor abaixo. Não quero saber sobre ela.

— Ela se acalmou um pouco.

— E a outra garota?

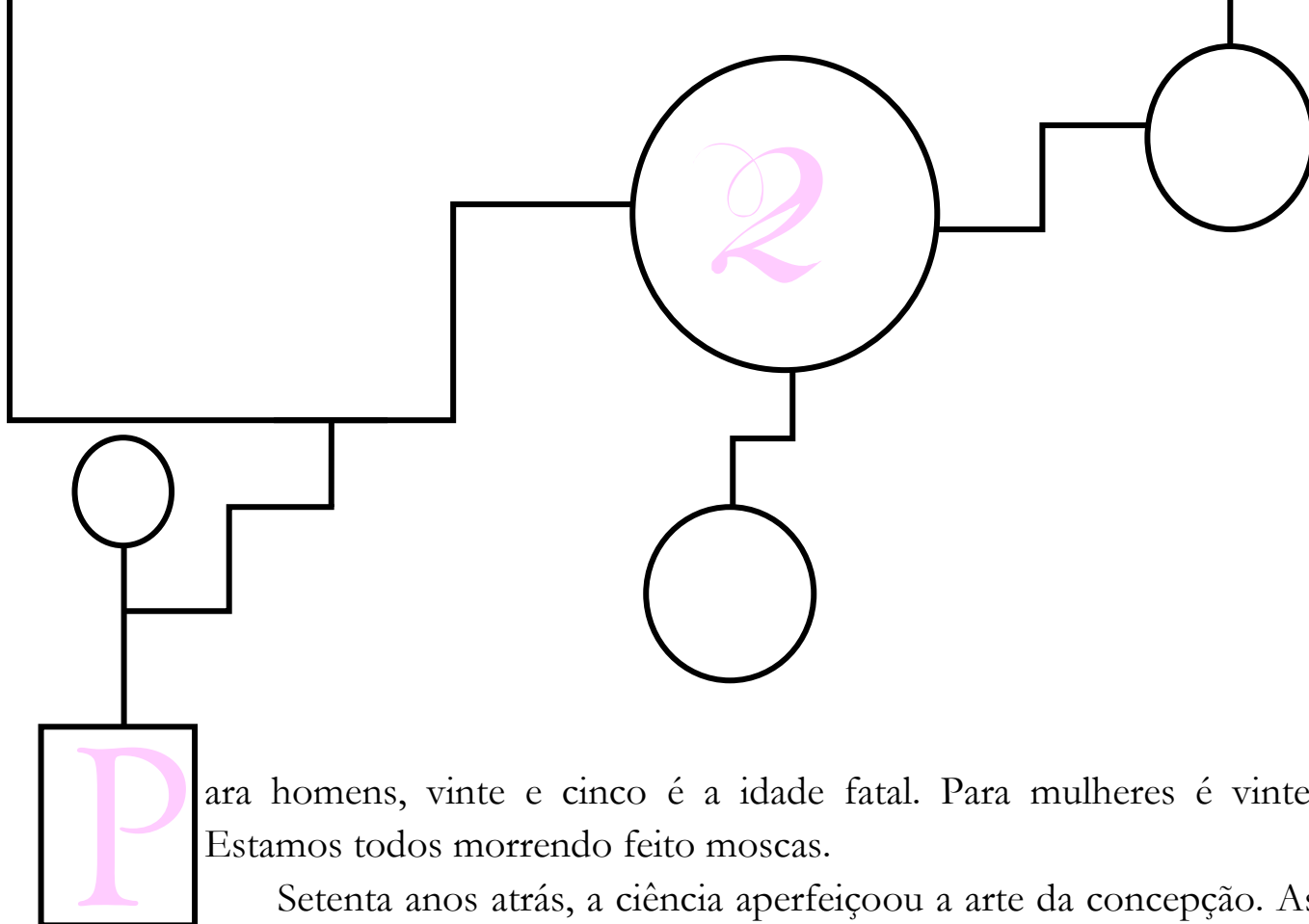
— Acordou hoje de manhã. Acho que o Governador da Casa levou ela para fazer um passeio pelos jardins.

Governador da Casa. Eu me lembro do meu desespero e desabo contra os travesseiros. Governadores de Casas possuem mansões. Eles compram noivas de Coletores, que patrulham as ruas procurando candidatas ideais para sequestrar. Os misericordiosos vendem as rejeitadas para prostituição, mas os que encontrei as conduziram para dentro da van e fuzilaram todas. Eu não parava de ouvir o som daquele primeiro tiro nos meus sonhos medicados.

— Há quanto tempo eu estou aqui? – pergunto.

— Dois dias – responde o rapaz. Ele me entrega uma xícara fumegante, e eu estou quase recusando quando vejo o saquinho de chá pendurado do lado e sinto o cheiro de especiarias. Chá. Meu irmão, Rowan, e eu, tomávamos chá no café da manhã todo dia, e toda noite no jantar. Tem cheiro de casa. Minha mãe cantarolava enquanto esperava a água ferver ao lado do fogão.

Exausta, eu me sento e pego o chá. Seguro-o perto do meu rosto e inspiro bem o vapor. Faço o máximo que posso para não explodir em choro. O rapaz deve estar percebendo que o impacto total do que aconteceu está começando a me atingir. Deve perceber que eu estou à beira de fazer alguma coisa drástica do tipo chorar ou tentar me jogar pela janela igual àquela outra garota, porque ele já está indo na direção da porta. Quietamente, sem olhar para trás, ele me deixa sozinha com minha tristeza. Mas em vez de lágrimas, quando aperto meu rosto contra o travesseiro, o que sai de mim é um horrível grito primal. É diferente de tudo o que eu achava que era capaz de fazer. Uma fúria diferente de tudo o que eu já havia conhecido.



Para homens, vinte e cinco é a idade fatal. Para mulheres é vinte. Estamos todos morrendo feito moscas.

Setenta anos atrás, a ciência aperfeiçoou a arte da concepção. As crianças passaram a ser a cura completa para uma epidemia conhecida como câncer, uma doença que podia afetar qualquer parte do corpo e que costumava tirar milhões de vidas. Reforços no sistema imunológico dados às crianças de nova geração erradicaram alergias e doenças sazonais, e protegiam até mesmo contra vírus contraídos sexualmente. Crianças com falhas naturais deixaram de ser concebidas em favor dessa nova tecnologia. Uma geração de embriões perfeitamente criados por engenharia genética garantiu uma população saudável e bem-sucedida. A maior parte dessa geração ainda está viva, e chegando com elegância à velhice. Eles são a destemida primeira geração, praticamente imortal.

Ninguém jamais poderia ter esperado o terrível desfecho de uma geração tão resistente de crianças. Enquanto a primeira geração prosperava, e ainda prospera, algo deu errado com seus filhos, e os filhos de seus filhos. Nós, as novas gerações, nascemos fortes e saudáveis, talvez até mais saudáveis que nossos pais, mas nosso ciclo de vida se interrompe aos vinte e cinco anos para os homens e vinte para as mulheres. Há cinquenta anos o mundo vive em pânico vendo seus filhos morrerem. As casas mais ricas se recusam a aceitar a derrota. Coletores ganham a vida recolhendo noivas em potencial e vendendo-as para gerar novas crianças. As crianças nascidas nesses casamentos são

experiências. Pelo menos é o que meu irmão diz, e sempre com nojo em sua voz. Houve uma época em que ele queria saber mais sobre o vírus que está nos matando; ele enchia o saco dos nossos pais com perguntas que ninguém sabia responder. Mas a morte dos nossos pais destruiu seu desejo de conhecimento. Meu irmão tão inteligente, que um dia sonhou salvar o mundo, hoje ri de qualquer um que tenta.

Mas nenhum de nós jamais soube ao certo o que acontece após a coleta inicial.

Agora, ao que parece, eu vou descobrir.

Por horas eu ando de um lado para o outro do quarto vestida nesta camisola de renda. O quarto está completamente mobiliado, como se tivesse estado esperando pela minha chegada. Ele tem um closet cheio de roupas, mas eu só entrei lá por tempo suficiente para verificar se havia uma porta que levasse ao sótão, como o closet dos meus pais, embora não existisse sótão lá. A madeira encerada escura do armário combina com a penteadeira e a otomana; na parede, pinturas genéricas — um pôr-do-sol, um piquenique na praia. O papel de parede é feito de lianas verticais com rosas em botão, e elas me lembram as barras de uma cela de prisão. Evito meu reflexo no espelho da penteadeira, com medo de enlouquecer se vir a mim mesma neste lugar.

Tento abrir a janela, mas quando isso prova ser inútil, aprecio a vista. O sol está começando a despontar em amarelos e rosas, e há uma miríade de flores no jardim. Fontes jorrando água. A grama está cortada rente, em faixas de verde claro e verde escuro. Mais perto da casa, uma cerca viva separa uma área que possui uma piscina interna, anormalmente azulada. Este, eu acho, é o paraíso botânico que minha mãe imaginou quando plantou lírios no quintal. Eles cresciam saudáveis e vibrantes, resistindo apesar da vastidão desolada de terra e pó. O único momento em que flores vingaram em nossa vizinhança foi quando ela estava viva. Além das flores de minha mãe, existem aqueles cravos meio murchos que os donos de lojas vendem na cidade, tingidos de rosa e vermelho para o Dia dos Namorados, juntamente com rosas vermelhas que sempre parecem feitas de borracha ou ressecadas nas janelas. Elas, assim como a humanidade, são réplicas químicas do que deveriam ser.

O rapaz que trouxe meu almoço mencionou que uma das outras garotas

estava dando um passeio no jardim, e fico imaginando se o Governador da Casa é piedoso o suficiente para nos deixar sair livremente para o exterior. Não sei muito a respeito deles, só que ou todos têm menos de vinte e cinco anos ou estão chegando perto dos setenta — estes últimos pertencem à primeira geração, e são uma raridade. A esta altura, grande parte da primeira geração já viu uma quantidade suficiente de seus filhos morrer prematuramente, e não está disposta a fazer experiências em mais uma geração. Eles chegam até mesmo a se juntar aos grupos de manifestantes, aos tumultos violentos que causam danos irreparáveis.

Meu irmão. Ele teria sabido imediatamente que alguma coisa estava errada quando não voltei do trabalho para casa. E fazem três dias que desapareci. Sem dúvida ele está apavorado; foi ele quem me avisou sobre essas sombrias vans cinzas que trafegam devagar pelas ruas da cidade a todas as horas. Mas não foi uma dessas vans que me pegou. Eu nunca poderia ter imaginado o que estava por vir.

É o pensamento no meu irmão, sozinho naquela casa vazia, que me força a parar de sentir pena de mim mesma. É contraproducente. Pense. Deve haver um meio de escapar. A janela obviamente não vai abrir. O closet só leva a mais roupas. A calha onde o rapaz jogou os panos sujos tem apenas centímetros de largura. Talvez, se eu conseguir cair nas graças do Governador da Casa, ele confie em mim o suficiente para que eu possa passear sozinha no jardim.

Da minha janela o jardim parece infinito. Mas deve haver um fim em algum lugar. Talvez eu consiga achar um fim me espremendo por uma cerca viva ou subindo por uma cerca de madeira. Talvez eu seja uma das noivas públicas, exibida nas festas televisionadas, e haverá uma oportunidade de escapulir silenciosamente para a multidão. Já vi muitas noivas relutantes na televisão, e sempre me perguntei por que as garotas não fogem. Talvez as câmeras não mostrem o sistema de segurança que as mantêm aprisionadas.

Agora, entretanto, tenho medo de jamais ter sequer a chance de ir a uma dessas festas. Até onde sei, posso levar anos para ganhar a confiança de um Governador da Casa. E, em quatro anos, quando eu completar vinte anos, estarei morta.

Tento a maçaneta, e para minha surpresa ela não está trancada. A porta se abre com um rangido, revelando o corredor.

Em algum lugar um relógio bate. Há algumas portas ao longo das paredes, a maioria delas fechadas, com trancas. Também há uma tranca na minha porta, mas ela está aberta.

Eu piso devagar, meus pés descalços me dando uma vantagem porque neste rico carpete verde eu fico praticamente em silêncio. Passo pelas portas, procurando ouvir sons, sinais de vida. Mas o único som vem da porta ao fim do corredor, uma porta ligeiramente entreaberta. Gemidos, respirações convulsivas.

Paro onde estou, gelada. Se o Governador da Casa está com uma de suas esposas tentando engravidá-la, só tornaria as coisas piores se eu entrasse. Não sei o que aconteceria — ou eu seria executada ou convidada a participar, provavelmente, e não consigo imaginar qual das duas coisas seria pior.

Mas não, os sons são estritamente femininos, e ela está só. Espio cautelosamente pela fenda na porta, e então empurro a porta.

— Quem está aí? — murmura a mulher, e isso a faz ter uma crise de tosse.

Entro no quarto e descubro que ela está sozinha numa cama de cetim. Mas este quarto é bem mais decorado que o meu, com fotos de crianças nas paredes, e uma janela aberta com uma cortina soprando. Este quarto parece habitado, confortável, bem diferente de uma prisão.

Sobre a mesinha de cabeceira dela, pílulas, frascos com conta-gotas, copos vazios e quase vazios de fluidos coloridos. Ela se apoia nos cotovelos e olha para mim. Seus cabelos são louros como os meus, mas a cor deles parece mais escura por conta do tom amarelado de sua pele. Ela tem olhos perturbados. — Quem é você?

— Rhine — falo meu nome baixinho, porque estou nervosa demais para não ser honesta.

— É um lugar tão bonito — ela diz. — Você viu as fotos?

Ela deve estar delirando, porque não entendo o que ela está dizendo.

— Não — é tudo o que digo.

— Você não me trouxe meu remédio — ela diz, e desliza graciosamente

de volta ao seu mar de travesseiros com um suspiro.

— Não — digo. — Devo trazer alguma coisa? — Agora está claro que ela está delirando, e se eu puder arrumar uma desculpa para ir embora, talvez possa voltar ao meu quarto e ela vai esquecer que estive aqui.

— Fique — ela diz, e dá palmadinhas na beira da cama. — Estou tão cansada destes remédios. Eles não podem simplesmente me deixar morrer?

E assim que será meu futuro como noiva? Ficar tão aprisionada que não me darão sequer a liberdade de morrer?

Eu me sento ao lado dela, zozza com o cheiro de medicamentos e decomposição, e, sob isso, alguma coisa agradável. *Potpourri* — pétalas de flores desidratadas e perfumadas. Esse cheiro melódico está por todo lugar, nos cercando, me fazendo pensar em casa.

— Você é uma mentirosa — diz a mulher. — Você não veio trazer meu remédio.

— Eu nunca disse que vim trazer.

— Bem, então, quem é você? - Ela estende a mão trêmula e toca meus cabelos. Ela segura um cacho para inspeção, e então uma dor horrível enche seus olhos. — Ah. Você é minha substituta. Quantos anos você tem?

— Dezesseis — eu digo, mais uma vez com honestidade provocada pelo susto. Substituta? Ela é uma das esposas do Governador da Casa?

Ela me encara por um momento, e a dor começa a se transformar em outra coisa. Uma coisa quase maternal. — Você odeia isto aqui? — pergunta ela.

— Sim — respondo.

— Então você devia ver a varanda. — Ela sorri ao fechar os olhos. Sua mão cai dos meus cabelos. Ela tosse, e sangue de sua boca espirra em minha camisola. Já tive pesadelos em que entro num quarto onde meus pais foram assassinados e os encontro deitados em uma poça de sangue fresco, e nesses pesadelos eu fico parada na porta para sempre, apavorada demais para fugir. Agora sinto um terror semelhante. Eu quero ir, estar em qualquer lugar menos ali, mas não consigo fazer minhas pernas se moverem. Só consigo olhar enquanto ela tosse e se debate, e meu vestido vai ficando mais vermelho ainda. Sinto o calor do sangue dela nas minhas mãos e no meu rosto.

Não sei por quanto tempo isso dura. Depois de algum tempo alguém chega correndo, uma mulher mais velha, uma primeira-geração, segurando uma bacia de metal cheia de água com sabão. — Ah, Lady Rose, por que a senhora não apertou o botão se estava sentindo dor? — a mulher da bacia pergunta.

Levanto-me correndo e sigo na direção da porta, mas a mulher da bacia nem sequer repara em mim. Ela ajuda a mulher que tosse a se sentar na cama, tira a camisola da mulher e começa a passar uma esponja com água e sabão na pele dela.

— Remédio na água — a mulher que tosse geme. — Eu sinto o cheiro. Remédio em todo lugar. Só me deixem morrer.

A voz dela soa tão aterrorizada e ferida que, apesar de minha própria situação, sinto pena dela.

— O que é que você está fazendo? — uma voz sussurra áspera atrás de mim. Eu me viro e vejo o rapaz que trouxe meu almoço antes, com aspecto nervoso. — Como foi que você saiu? Volte para seu quarto. Vá, rápido! — Esta é uma coisa que meus pesadelos nunca tiveram, alguém me forçando a agir. Fico grata por isso. Corro de volta ao meu quarto aberto, mas não antes de me chocar com alguém parado bem na minha frente.

Eu levanto a cabeça, e reconheço o homem que me pegou nos braços dele. Seu sorriso reluz com pedaços de ouro.

— Ora, olá — ele diz.

Não sei como interpretar o sorriso dele, se é sinistro ou gentil. Ele só leva um instante para perceber o sangue no meu rosto, no meu vestido, e então ele me empurra para passar. Ele corre para o quarto onde a mulher ainda está tendo uma crise de tosse.

Eu corro para o meu quarto. Rasgo a camisola e uso as partes limpas para esfregar o sangue da minha pele, e então me aconchego debaixo do edredom da minha cama, tampando as orelhas com as mãos, tentando me isolar daqueles sons terríveis. De todo este lugar terrível.

O som da maçaneta me acorda desta vez. O rapaz que trouxe meu almoço antes está segurando agora outra bandeja de prata. Ele não me olha nos olhos; atravessa o quarto e põe a bandeja sobre minha mesa de cabeceira.

— Jantar — ele diz solenemente.

Eu o observo de onde estou aconchegada nos meus cobertores, mas ele não olha para mim. Ele sequer levanta a cabeça ao apanhar a camisola rasgada no chão, respingada com o sangue de Lady Rose, e a joga calha abaixo. Então se vira para ir embora.

— Espere — eu digo. — Por favor.

Ele fica paralisado, de costas para mim.

E eu não sei ao certo o que há nele — o fato de ele ter uma idade parecida com a minha, de ele ser tão discreto, de que ele não parece mais feliz em estar aqui do que eu — mas eu quero a companhia dele. Mesmo que só possa ser por um ou dois minutos.

— Aquela mulher... — eu digo, desesperada para conversar um pouco antes que ele vá embora. — Quem é ela?

— Aquela é Lady Rose — ele diz. — A primeira esposa do Governador da Casa. — Todos os Governadores tomam uma primeira esposa; o número não se refere à ordem do casamento, mas é uma indicação de poder. As primeiras esposas vão a todos os eventos sociais, aparecem com seus Governadores em público, e, aparentemente, recebem o privilégio de uma janela aberta. Elas são as favoritas.

— Qual é o problema dela?

— Vírus — ele diz, e quando se vira para me encarar, tem um ar de curiosidade verdadeira. — Você nunca viu ninguém com o vírus?

— De perto, não — eu respondo.

— Nem mesmo seus pais?

— Não. — Meus pais eram primeira-geração, e já estavam na casa dos cinquenta quando meu irmão e eu nascemos, mas não sei se quero contar isso a ele. Em vez disso eu digo: — Eu me esforço muito para não pensar no vírus.

— Eu também — ele diz. — Ela chamou você, depois que você foi embora. Seu nome é Rhine?

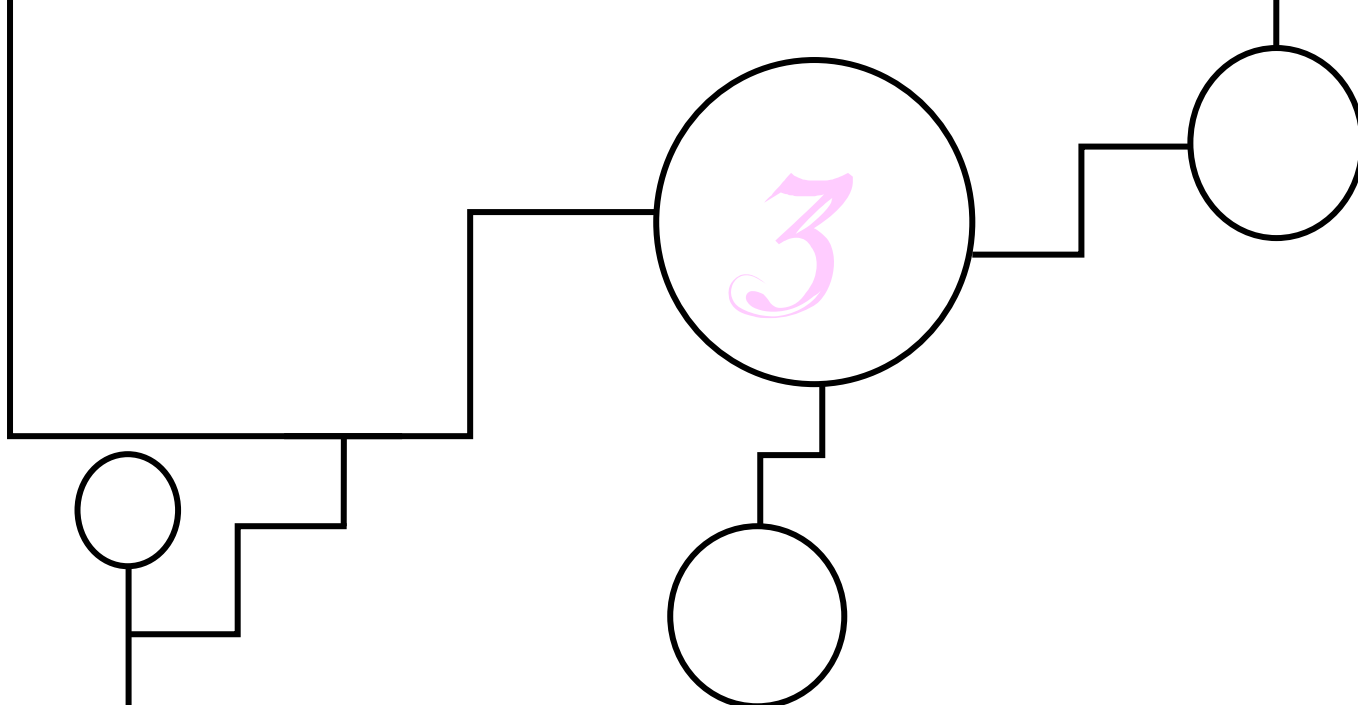
Agora ele está olhando para mim, então eu faço que sim com a cabeça, subitamente ciente de que estou nua por baixo desses cobertores. Puxo-os mais para perto de mim. — Qual é o seu nome?

— Gabriel — ele diz. E lá está mais uma vez, aquele quase-sorriso, impedido de florescer pelo peso das coisas. Quero perguntar a ele o que ele está fazendo neste lugar horrível com lindos jardins e piscinas azul-claras, cercas-vivas verdes simétricas. Quero saber de onde ele vem, e se ele planeja voltar. Quero até mesmo contar a ele meu plano de fuga — se eu formular um plano, quero dizer. Mas esses pensamentos são perigosos. Se meu irmão estivesse aqui, me diria para não confiar em ninguém. E estaria certo.

— Boa noite — diz o rapaz, Gabriel. — Você poderia querer comer e dormir um pouco. Amanhã é um grande dia. — Seu tom de voz implica que acabei de ser avisada de alguma coisa ruim à frente.

Ele se vira para sair, e reparo que ele está mancando um pouco, algo que não havia notado naquela tarde. Sob o tecido branco fino de seu uniforme, consigo ver a sombra de hematomas começando a se formar. É por minha causa? Ele foi castigado por tornar possível minha fuga corredor abaixo? Estas são mais perguntas que não faço.

Então ele se vai. E ouço o ruído de uma fechadura sendo trancada na porta.



N

Não é Gabriel que me acorda de manhã, mas um desfile de mulheres. Elas são primeira-geração, se é que os cabelos grisalhos servem de alguma indicação, embora os olhos brilhem com a vibração da juventude. Elas conversam sem parar umas com as outras enquanto arrancam os cobertores de cima de mim.

Uma das mulheres olha meu corpo nu e diz: — Bem, pelo menos não vamos ter que lutar com esta aqui para tirar a roupa dela.

Esta aqui. Depois de tudo o que aconteceu, quase esqueci que existem outras duas. Aprisionadas em algum lugar desta casa, atrás de outras portas trancadas.

Antes que eu possa reagir, duas das mulheres me agarraram pelos braços e me arrastam para o banheiro colado ao meu quarto.

— Vai ser melhor se você não lutar — uma delas diz animada. Eu cambaleio para conseguir entrar no ritmo delas. Outra mulher fica para trás para fazer minha cama.

No banheiro, elas me fazem sentar na tampa do vaso, que está coberto por alguma espécie de pelo rosa. Tudo é cor-de-rosa. As cortinas são finas e sem nenhuma praticidade.

Em casa nós cobríamos nossas janelas com sacos de aniagem à noite para dar a impressão de pobreza e para evitar os olhares curiosos de novos órfãos procurando abrigo e esmolas. A casa que eu dividia com meu irmão tem três quartos, mas nós passávamos a noite numa cama de campanha no porão,

dormindo em turnos alternados caso as trancas não aguentassem, usando a espingarda de nosso pai para nos proteger.

Coisas bonitinhas e fúteis não servem a nada nas janelas. Não de onde eu venho.

As cores não acabam nunca. Uma mulher prepara um banho de banheira, enquanto a outra abre um gabinete e mostra um arco-íris de sabonetezinhos em forma de corações e estrelas. Ela joga alguns deles na água do banho, e eles fervilham e se dissolvem, deixando uma camada espumante rosa e azul. Bolhas estouram como pequenos fogos de artifício.

Não discuto quando me mandam entrar na banheira. É bizarro estar nua na frente dessas estranhas, mas a água tem um cheiro e um aspecto agradáveis. E tão diferente da água amarelada e salobra que corre nos canos enferrujados da casa que eu dividia com meu irmão.

Dividia. Pretérito perfeito. Como é que eu posso me permitir pensar desse jeito?

Eu me deito na água de cheiro adocicado, e as bolhas estouram contra a minha pele, trazendo odores de canela e *potpourri* e o que eu imagino que seja o cheiro de rosas de verdade. Mas eu não vou me deixar hipnotizar pela beleza surpreendente dessas coisinhas miúdas. Penso desafiadoramente na casa que divido com meu irmão, a casa onde minha mãe nasceu no começo do novo século. Ela tem paredes de tijolos que ainda trazem neles a silhueta da hera que morreu há tanto tempo. Ela tem uma saída de incêndio com uma escada quebrada, e em sua rua todas as casas ficam tão perto umas das outras que quando criança eu esticava meus braços da janela do meu quarto para segurar as mãos da garotinha que vivia na casa ao lado. Nós pegávamos copinhos de papel, os amarrávamos com um fio na base, passávamos o telefone sobre essa divisão e falávamos uma com a outra bem baixo, aos risinhos.

Aquela garotinha ficou órfã muito nova. Seus pais eram a nova geração. Ela mal conheceu sua mãe, seu pai ficou doente, e então um dia eu estendi os braços para ela e ela havia ido embora.

Fiquei inconsolável; aquela garota havia sido minha primeira amiga de verdade. Ainda penso nos olhos azuis brilhantes dela de vez em quando, do jeito como ela jogava balinhas de hortelã na janela do meu quarto para me

acordar para brincar de telefone de copinho de papel. Quando ela partiu, minha mão pegou o fio que havíamos usado para nossa brincadeira de telefone e me disse que aquilo era linha de pipa, que quando ela era garotinha passava horas no parque soltando pipa. Pedi que ela me contasse mais histórias de sua infância, e em algumas noites ela me contava. Histórias de lojas de brinquedos imensas e lagos congelados onde ela patinava como um cisne e fazia oitos no gelo, e de todas as pessoas que haviam passado por baixo das mesmas janelas daquela mesma casa quando ela era nova e coberta de hera, e quando os carros ficavam estacionados em fileiras certinhas e brilhantes ao longo da rua, em Manhattan, Nova York.

Quando ela e meu pai morreram, meu irmão e eu cobrimos as janelas com sacos de batata e de grãos de café feitos de aniagem. Pegamos todas as coisas bonitas de nossa mãe, todas as roupas importantes de nosso pai, e as enfiámos em baús com trancas. O resto nós enterramos no quintal, tarde da noite, sob os lírios doentes.

Esta é a minha história. Essas coisas são o meu passado, e não vou permitir que elas sejam apagadas. Eu vou encontrar um meio de tê-las de volta.

— Ela tem um cabelo tão bonito — diz uma das mulheres, jogando conchas e mais conchas de água espumante e morna em cima da minha cabeça. — E uma cor tão linda também. Será que é natural? É claro que é natural. O que mais seria?

— Aposto que foi isso o que o Governador gostou nela.

— Deixe eu ver — diz a outra mulher, pegando meu queixo e o inclinando. Ela estuda meu rosto e de repente solta um ruído abafado, deixando a mão tremelicar espasmodicamente sobre o coração. — Oh, Helen, olhe só os olhos desta menina!

Ambas param de dar banho em mim tempo suficiente para olhar para mim. Olhar mesmo para mim, pela primeira vez.

Meus olhos são normalmente a primeira coisa em que as pessoas reparam, o esquerdo azul e o direito castanho, iguais aos do meu irmão. Heterocromia; meus pais eram geneticistas, e esse foi o nome que eles deram à minha condição. Eu poderia ter perguntado mais a eles sobre isso quando ficasse

mais velha, se tivesse tido a chance. Sempre achei que a heterocromia fosse um traço genético inútil, mas se a mulher tem razão e meus olhos foram o que o Governador reparou, a heterocromia salvou a minha vida.

— Mas será que são de verdade? — pergunta uma das mulheres.

— Por que não seriam de verdade? — Desta vez eu falo alto, e elas se assustam, depois ficam maravilhadas. A bonequinha delas sabe falar. E subitamente elas começam a fazer perguntas. De onde eu venho, se eu sei onde estou, se eu simplesmente não adoro a vista, se eu gosto de cavalos — existe um estábulo lindo — se eu prefiro meu cabelo para cima ou para baixo?

Não respondo a nenhuma dessas perguntas. Não vou dividir nada com essas estranhas — por mais bem intencionadas que elas possam ser — que fazem parte deste lugar. As perguntas vêm tão rápido que eu nem saberia por onde começar, para início de conversa, e de repente batem de leve à porta.

— Estamos deixando ela arrumada para o Governador — diz uma das mulheres.

A voz abafada do outro lado da porta é suave, gentil e jovem. — Lady Rose gostaria de falar com ela agora mesmo, por favor.

— Mas nem acabamos de dar banho direito nela! E as unhas...

— Desculpem — a voz do outro lado da porta diz paciente. — Tenho ordens diretas de levá-la agora, seja qual for o estado em que ela possa se encontrar.

Lady Rose aparentemente é alguém que dá a palavra final sobre as coisas, porque as mulheres estão me puxando para me levantar, me enxugando com uma toalha rosa, escovando meus cabelos molhados, e me enfiando num roupão que dá a sensação de ondas de seda contra minha pele. O que quer que houvesse naquela água deu uma sacudida nos meus neurônios, me deixando esfoliada e exposta. Ainda sinto como se tivesse bolhas estourando contra a pele.

Quando a porta se abre, vejo que a voz pertence a uma garotinha, que mede pouco mais que metade da minha altura. Ela está vestida como as mulheres mais velhas, mas com a versão feminina da camisa branca que Gabriel usava, com uma saia preta de babados, ao passo que Gabriel tinha usado calças pretas. Os cabelos dela estão trançados num círculo ao redor da

cabeça, e suas bochechas florescem na forma de maçãs quando ela sorri para mim. — Você é Rhine?

Faço que sim com a cabeça. — Eu sou Deirdre — ela diz, e coloca a mão sobre a minha. É fria e macia. — É só seguir por aqui — ela diz, e me leva para fora do meu quarto, ao longo do corredor pelo qual dei minha breve escapadinha ontem.

— Agora — diz a garota, balançando a cabeça para cima e para baixo com seriedade, focalizando os olhos à sua frente. — Só fale quando ela falar com você; ela não gosta de perguntas, então é melhor não fazer nenhuma; refira-se a ela como Lady Rose; tem um botão em cima da mesinha de cabeceira dela, um botão branco: aperte-o se ela passar mal. Ela é quem cuida das coisas. O Governador da Casa faz tudo o que ela pede, então procure cair nas graças dela.

Paramos diante da porta, e Deirdre reamarra o cinturão do meu roupão com um laço perfeito. Ela bate à porta semi-aberta e chama: — Lady Rose? Eu trouxe ela como a senhora mandou.

— Ora, então mande ela entrar — Rose retruca. — E vá fazer algo que preste em outro lugar.

Ao se virar para partir, Deirdre agarra minha mão com ambas as suas. Seus olhos estão redondos como luas. — E por favor — ela sussurra — tente evitar falar de morte.

Quando ela vai embora, eu empurro a porta e entro só até o limiar. Daqui consigo sentir o cheiro dos medicamentos de que Rose reclamou ontem. Vejo o sortimento de loções, pílulas e garrafas em cima de sua mesa.

Hoje ela está sentada, em um divã com forração de cetim ao lado da janela. Seus cabelos louros estão emaranhados de luz do sol, e a pele parece estar menos amarelada. Há cor nas suas bochechas, e num primeiro momento penso que ela está se sentindo melhor, mas quando ela faz um gesto para que eu me aproxime, posso ver o rosa incomum, quase néon, das bochechas, e sei que devem ser cosméticos. Sei que o vermelho de seus lábios também não deve ser real. O que há de real a li são seus olhos, incríveis coisas castanhas que me encaram com intensidade, com juventude. Tento imaginar um mundo de humanos naturais, quando ter vinte anos era jovem, quando isso era muito

distante de uma sentença de morte.

Humanos naturais costumavam viver por pelo menos oitenta anos, minha mãe me contou. As vezes cem. Eu não tinha acreditado nela.

Agora consigo ver o que ela quis dizer. Rose é a primeira pessoa de vinte anos com quem conversei por muito tempo, e embora ela esteja contendo uma tosse que espirra sangue em sua mão fechada, sua pele ainda é suave e macia. Seu rosto ainda é cheio de luz. Ela não parece muito diferente, nem muito mais velha, do que eu.

— Sente-se — ela me diz. Encontro uma cadeira em frente a ela.

O chão ao redor dela está cheio de papéis de bala, e há uma tigela cheia de doces em cima de seu divã. Quando ela fala, posso ver que sua língua tem uma cor azul berrante. Ela mexe com outro doce em seus dedos longos, levando-o para perto do rosto, quase como se fosse beijá-lo. Em vez disso,, acaba deixando o doce cair de volta à tigela.

— De onde você é? — ela pergunta. A voz dela não tem nenhum vestígio da irritação que ela mostrou para com Deirdre na porta. Seus cílios grossos pestanejam. Ela vê um inseto voar em espiral ao redor dela e desaparecer.

Não quero contar a ela de onde sou. Devo ficar sentada aqui e ser educada, mas como posso? Como posso fazer isso quando sou obrigada a sentar e vê-la morrer para que eu possa ser dada ao marido dela e forçada a ter filhos que eu nunca quis?

Então eu pergunto: — De onde você era quando a pegaram?

Eu não deveria fazer perguntas, e assim que fiz, percebo que pisei numa mina explosiva. Ela vai gritar por Deirdre ou pelo seu marido, o Governador da Casa, e mandar me tirar dali. Me trancar num calabouço pelos próximos quatro anos.

Para minha surpresa, ela apenas diz: — Eu nasci neste estado. Nesta cidade, na verdade. — Ela estende a mão para trás, pega um retrato da parede e o estende para mim. Eu me inclino para dar uma olhada.

A foto é de uma garota em pé ao lado de um cavalo. Ela está segurando as rédeas, e seu sorriso é tão brilhante que os dentes dominam o rosto inteiro. Os olhos estão quase fechados de tanto deleite. Ao lado dela, um garoto muito mais alto está em pé com as mãos para trás. Seu sorriso é mais controlado,

tímido, como se ele não tivesse desejado sorrir mas não conseguisse evitar naquele momento.

— Esta era eu — Rose fala da garota na foto. Então ela passa o dedo sobre o contorno do garoto. — Este é meu Linden. — Por um momento ela pareceu perdida na contemplação dele. Um sorrisinho aparece em seus lábios pintados. — Nós crescemos juntos.

Não sei exatamente o que dizer depois disso. Ela está tão perdida nesta memória, e tão cega ao meu aprisionamento. Mas, ainda assim, sinto pena dela. Em outros tempos, sob circunstâncias diferentes, ela não teria precisado ser substituída.

— Está vendo? — ela diz, ainda apontando para a foto. — Isto aqui é no laranjal. Meu pai tinha muitos hectares. Aqui na Flórida.

Flórida. Meu coração afunda. Estou na Flórida, no fundo da Costa Leste, a mais quilômetros de casa do que consigo contar. Sinto saudades da minha casa, com sua silhueta de hera. Sinto saudades dos trens que eu ouvia à distância. Como é que eu vou encontrar o caminho de volta para eles?

— São lindas — eu falo, me referindo às laranjas. Porque é verdade, elas são lindas mesmo. As coisas parecem florescer neste lugar.

Eu jamais teria suspeitado que a garota vibrante em pé ao lado de seu cavalo no pomar pudesse estar morrendo agora.

— Não são? — ela diz. — Mas Linden prefere flores. Na primavera, acontecem festivais de botões de laranjeira. São os favoritos dele. No inverno acontecem festivais de neve, e danças de solstício... mas desses ele não gosta. Muito barulhentos.

Ela desembrulha um doce verde e o enfia na boca. Fecha os olhos por um momento, aparentemente sentindo o sabor. Cada doce tem uma cor diferente, e este, o verde, tem um cheiro de hortelã que me leva de volta à minha infância. Penso na garotinha que jogava suas balinhas no meu quarto, como o cheiro delas enchia o copinho de papel no qual eu respondia à sua voz.

Quando Rose volta a falar, percebo que sua língua tinha assumido a coloração esmeralda do doce. — Mas ele é um excelente dançarino. Não sei por que ele não gosta de dançar.

Ela coloca a foto sobre o divã num mar de papéis de bala. Não consigo me decidir o que pensar desta mulher, que está cansada e tão triste, e que gritou com Deirdre mas me trata como se eu fosse uma amiga. Minha curiosidade abafa minha amargura por enquanto. Acho que, neste estranho mundo de coisas belas, pode existir alguma humanidade afinal.

— Você sabe quantos anos Linden tem? — ela me pergunta. Eu balanço a cabeça. — Vinte e um. Tínhamos planejado nos casar desde crianças, e suponho que ele achou que todos estes remédios iriam me manter viva por quatro anos a mais. O pai dele é um médico muito famoso... primeira-geração. Está trabalhando muito para encontrar um antídoto. — Ela diz essa última frase de modo brincalhão, deixando os dedos flutuarem no ar. Ela não acredita que um antídoto seja possível. Mas muitos acreditam. De onde eu venho, hordas de novos órfãos se inscrevem em laboratórios, oferecendo-se como cobaias por alguns dólares a mais. Mas um antídoto nunca chega, e uma análise completa de nossos gens não mostra anormalidades que expliquem esse vírus fatal.

— Mas você — diz Rose. — Dezessete é perfeito. Vocês podem passar o resto de suas vidas juntos. Ele não vai ter que ficar sozinho.

Eu sinto o quarto gelar. Do lado de fora coisas zumbem e passeiam no jardim infinito, mas elas estão a um milhão de quilômetros de mim. Por apenas um instante, eu quase havia me esquecido de por que estou aqui. Esqueci como cheguei. Este lugar lindo é perigoso, como um oleandro branco leitoso¹. Esse jardim tão vivo foi feito para me manter do lado de dentro.

Linden roubou suas noivas para não ter que morrer sozinho. E enquanto isso meu irmão está sozinho naquela casa vazia? E o que dizer das outras garotas que foram fuziladas naquela van?

Minha raiva volta. Meus punhos se fecham, e eu desejo que alguém venha e me tire deste quarto, mesmo que isso signifique ficar aprisionada em outro lugar desta casa. Não posso suportar nem mais um momento na presença de Rose. Rose com sua janela aberta. Rose que montou num cavalo e cavalgou para além dos laranjais. Rose que pretende passar sua sentença de morte para mim assim que ela se for.

¹ O oleandro é uma planta ornamental extremamente tóxica originária do Mediterrâneo e muito comum no Brasil (N.T.)

Meu desejo se realiza, tornando as coisas piores. Deirdre retorna e diz: — Desculpe, Lady Rose, o médico está aqui para prepará-la para o Governador Linden.

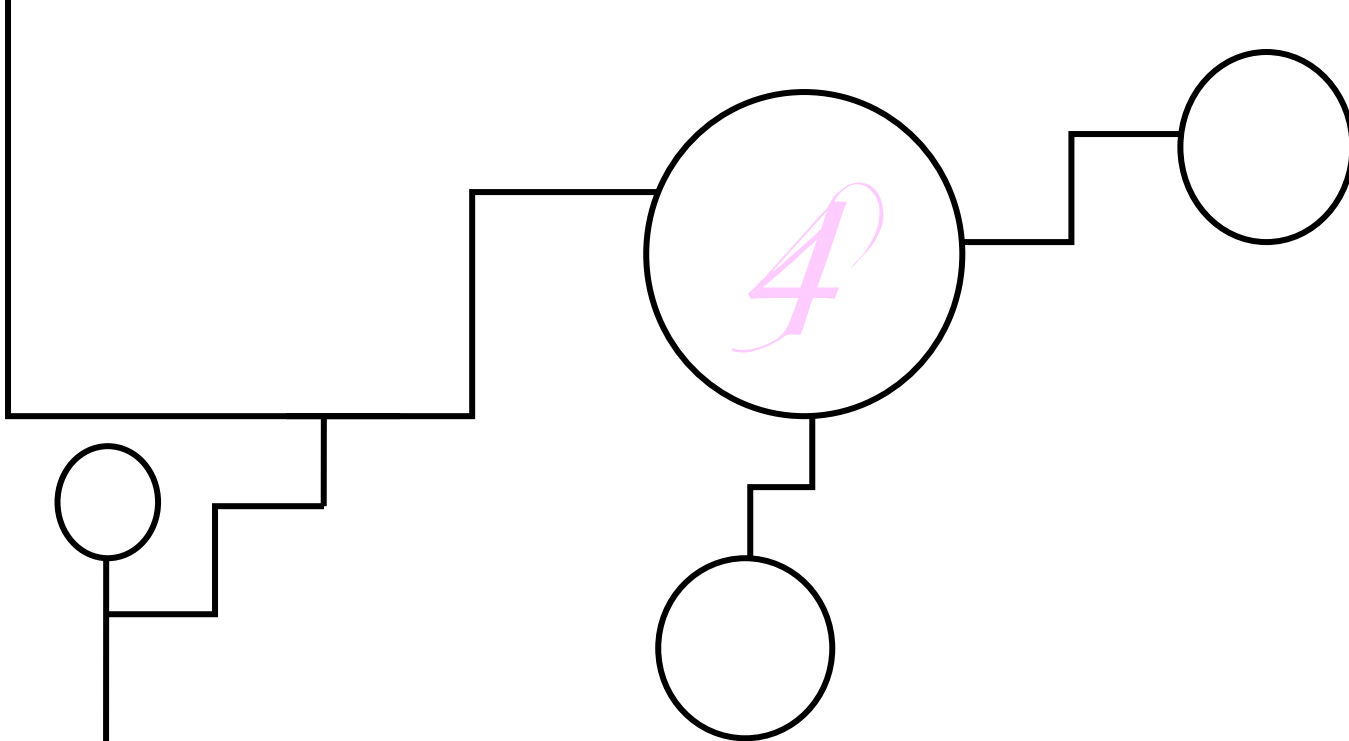
Sou levada corredor abaixo novamente, e para dentro de um elevador que exige um cartão-chave para funcionar. Deirdre fica ao meu lado, com ar rígido e preocupado. — Você vai conhecer o Senhorio Vaughn esta noite — ela sussurra. O rosto dela está lívido, e ela olha para mim de um jeito que me lembra que ela não passa de uma criança. Ela franze os lábios em sinal de... de quê? Simpatia? Medo? Não sei, porque as portas do elevador se abrem e ela volta a si, me guiando por outro corredor mais escuro que tem cheiro de antisséptico, e passamos por outra porta.

Fico imaginando se ela tem algum conselho para mim desta vez, mas ela não tem sequer a chance de falar antes que um homem diga: — Qual delas é esta?

— Rhine, senhor — diz Deirdre, sem levantar os olhos. — A de dezesseis.

Eu me pergunto, brevemente, se este homem é o Senhorio ou o Governador que será meu marido, mas não tenho nem mesmo a chance de olhar para ele antes de sentir a dor de uma picada no braço. Só tenho tempo de processar o que estou vendo: um quarto estéril e sem janelas. Uma cama com um lençol, e correias para prender braços e pernas.

Mantendo o mesmo estilo de decoração, assim como todas as outras coisas neste lugar, o quarto se enche de borboletas brilhantes. Todas elas estremeçam, e então estouram como as estranhas bolhas de sabão do meu banho. Por onde elas passaram tem sangue por todo o lugar. Então a escuridão.



É

a minha vez de ficar de guarda. Nós trancamos as portas e janelas e nos colocamos atrás de uma barricada no porão para passar a noite. A geladeira pequena zumbe no cantinho; o relógio bate; a lâmpada balança no seu fio, fazendo estranhos movimentos com a luz. Acho que ouço um rato nas sombras, caçando migalhas.

Rowan está roncando na cama de campanha, o que não é comum, porque ele nunca ronca. Mas eu não me incomodo. É bom ouvir o som de outro ser humano, saber que eu não estou só. Que em um segundo ele estaria acordado se houvesse qualquer problema. Como gêmeos, somos uma grande equipe. Ele tem os músculos, e sua pontaria com a espingarda nunca falha, mas eu sou menor e mais rápida, e às vezes fico mais alerta.

Só tivemos um ladrão armado, no ano em que completei treze anos. Na maioria das vezes os ladrões são crianças pequenas que quebram janelas ou tentam arrombar a fechadura, e elas só ficam o suficiente para perceber que não há nada para comer nem nada que valha a pena roubar, São umas pestes, e eu teria preferido logo dar de comer a elas para que fossem embora. Temos bastante comida armazenada. Mas Rowan não deixa. Dar de comer a uma é dar de comer a todas, e não somos donos da maldita cidade, ele diria. E para isso que servem os orfanatos. E para isso que servem as verbas de laboratórios. Ou que tal os da primeira-geração?, ele diria; que tal os da primeira-geração fazerem algo, porque eles provocaram toda essa bagunça.

O ladrão armado era um homem com o dobro do meu tamanho, no mínimo com um pouco mais de vinte anos. De algum modo ele havia conseguido arrombar a fechadura da nossa porta da frente sem fazer um ruído, e ele descobriu rapidamente que os residentes de nossa casinha estavam se escondendo em algum lugar, guardando o que valia a pena ser levado. Aquele era o horário de ronda de Rowan, mas ele havia adormecido depois de um dia inteiro de trabalho físico. Ele arruma trabalho onde e quando consegue, e é sempre árduo; ele está sempre com dores no fim do dia. Há muito tempo, os trabalhos nas fábricas dos EUA passaram a ser terceirizados em outros países industrializados. Agora, como não há importação, a maioria dos prédios gigantescos de Nova York foram convertidos em fábricas que fazem tudo, de comida congelada a chapas de metal. Normalmente sou capaz de encontrar trabalho atendendo a pedidos de venda por atacado ao telefone; Rowan acha trabalho fácil em carregamentos e serviços de entrega, e isso o exaure mais do que ele quer admitir. Mas o pagamento é sempre em dinheiro vivo, e sempre conseguimos comprar mais do que precisamos em termos de comida. Os donos das lojas ficam tão gratos em ter clientes pagantes — ao contrário dos órfãos sem dinheiro que sempre tentam roubar os produtos essenciais — que nos dão descontos em extras como fita isolante e aspirina.

Então lá estávamos nós, dormindo. Acordei com uma faca na garganta, olhando nos olhos de um homem que não conhecia. Fiz um som baixinho, que não chegou sequer a ser um gemido, mas foi o que bastou para meu irmão acordar com um pulo, a arma pronta.

Eu estava indefesa, paralisada. Com ladrõezinhos eu podia lidar, e a maioria deles não queria nos matar, não se pudessem evitar. Eles só faziam ameaças bobas na esperança de conseguir comida, uma joia, e se fossem menores que você, eles só corriam quando você os pegava no flagra. Estavam apenas tentando sobreviver do jeito que pudessem.

— Atire em mim, e eu corto ela — disse o homem.

Ouvi um som alto, como aquela vez em que um dos nossos canos estourou, e então vi um fio de sangue escorrer pela testa do homem. Levei um segundo para perceber que havia um buraco de bala vermelho na testa dele, e então a faca afrouxou contra o meu pescoço. Eu a agarrei e me afastei dele

com um coice. Mas ele já estava morto. Eu me sentei, olhos arregalados, sem fôlego. Mas Rowan estava em pé, se certificando de que o homem estava realmente morto, para não gastar outra bala se não fosse necessário. — Droga — ele disse, e deu um chute no homem. — Eu dormi. Droga!

— Você estava cansado — eu disse para reconfortá-lo. — Está tudo bem. Ele teria ido embora se tivéssemos dado algo para ele comer.

— Não seja tão ingênua — disse Rowan, e levantou o braço do morto para me mostrar. Foi então que reparei no casaco cinza do homem. O sinal claro de um Coletor em serviço. — Ele queria... — começou Rowan, mas não conseguiu completar o pensamento em voz alta. Foi a primeira vez que o vi tremer.

Antes daquela noite, eu achava que Coletores pegavam meninas na rua. Embora isso seja verdade, nem sempre é o caso. Eles podem ficar observando uma garota, segui-la até sua casa, e esperar por uma oportunidade. Isto é, se eles acharem que ela vale a pena, se acharem que ela será vendida por um bom preço. E foi isso o que aconteceu. Foi por isso que o homem havia invadido nossa casa. Agora meu irmão se recusa a me deixar ir a qualquer lugar a menos que esteja comigo. Ele se preocupa, fica olhando para trás, espiando em becos pelos quais passamos. Acrescentamos mais trancas à porta. Fizemos do chão da cozinha um labirinto de linhas de pipa e latas de alumínio vazias para podermos ser alertados — bem alto — sobre qualquer intruso antes que eles tenham a chance de invadir nosso porão.

Ouçó mais uma coisa agora, uma coisa que no começo suponho que é outro rato correndo no andar de cima. Seria a única coisa pequena o bastante para fazer um caminho que se desviasse das nossas armadilhas. Mas então a porta do porão começa a tremer no alto das escadas. Os ferrolhos se abrem com estalos, um de cada vez.

Atrás de mim, Rowan parou de roncar. Eu sussurro seu nome. Digo que acho que alguém invadiu. Ele não me responde. Eu me viro, e a cama de campanha está vazia.

No alto das escadas, a porta do porão se abre de uma vez. Mas em vez da escuridão da nossa casa, há luz do sol, e o jardim mais estonteante que já vi na vida. Mal tenho tempo de apreciar tudo antes que as portas se fechem à minha

frente. As portas de uma van cinza, uma van cheia de garotas apavoradas.

— Rowan — falo sem fôlego, e me levanto de um salto.

Acordada. Agora estou acordada, tentando me consolar. Mas a realidade não oferece um refúgio seguro. Ainda estou nesta mansão da Flórida, ainda sou a noiva pretendida do Governador da Casa, e Rose está lutando pela vida corredor abaixo enquanto vozes tentam acalmá-la.

Sinto minhas pernas e meus quadris machucados quando os estico contra os lençóis de cetim. Puxo os cobertores e me examino. Estou vestindo uma camisolinha branca simples. Minha pele está formigando e sem nenhum pelo. Minhas unhas foram arredondadas e polidas. Estou novamente no meu quarto, com sua janela que não abre e seu quarto tão cor de rosa que praticamente brilha.

Como se ouvisse meus pensamentos, a porta do meu quarto se abre, e não sei o que esperar. Gabriel, surrado e mancando, vindo me entregar uma refeição; um desfile de primeiras-gerações vindo esfoliar, amaciar, e perfumar o que restou da minha pele; um médico com uma seringa e outra mesa assustadora, desta vez sobre rodas. Mas é apenas Deirdre, trazendo o que parece ser um pacote branco pesado nos seus braços minúsculos.

— Olá — ela diz, num tom que é gentil como só o de uma criança consegue ser. — Como está se sentindo?

Minha resposta não seria gentil, então não digo nada.

Ela desliza pelo quarto, usando um vestido branco diáfano em vez de seu uniforme tradicional.

— Trouxe seu vestido — ela diz, colocando o pacote sobre a penteadeira e desfazendo o laço que o amarrava. O vestido é maior do que ela, e arrasta de modo luxuriante pelo chão quando ela o levanta. Ele reluz com diamantes e pérolas.

— Deve ser do seu tamanho — disse Deirdre. — Elas mediram você enquanto você estava dormindo, e eu fiz algumas alterações por garantia. Experimente.

A última coisa que quero fazer é experimentar o que é claramente meu vestido de casamento, para poder conhecer o Governador da Casa Linden, o homem responsável por meu sequestro, e o Senhorio Vaughn, cujo menção

ao nome foi o bastante para fazer Deirdre empalidecer no elevador. Mas ela está segurando o vestido e com uma cara tão simpática e inocente a respeito que não quero prejudicá-la. Entro no vestido e deixo que ela puxe o zíper.

Deirdre fica em pé na otomana em frente à penteadeira para amarrar a gargantilha para mim. Suas mãozinhas ágeis fazem laços tão perfeitos. E o vestido caiu perfeitamente. — Você fez isso? — pergunto a ela, sem esconder meu espanto. Um rubor se espalha pelas maçãs do rosto dela, e ela faz que sim com a cabeça ao descer do móvel.

— Os diamantes e as pérolas levam mais tempo para costurar — ela diz. — O resto é fácil.

O vestido não tem alças, e o decote tem o formato da parte de cima de um coração. A cauda tem forma de V. E suponho que, de uma visão aérea, eu pareceria estar num coração branco de cetim ao descer pelo corredor. Pelo menos não consigo imaginar uma coisa mais linda para vestir no meu caminho para a prisão perpétua.

— Você fez três vestidos de casamento sozinha? — pergunto.

Deirdre balança a cabeça e gentilmente me guia para sentar na otomana. — Só o seu — ela diz. — Você é minha senhora; eu sou sua doméstica. As outras esposas têm cada uma a sua.

Ela abre uma gaveta na penteadeira que está cheia de cosméticos e toucas para cabelo. Com um pincel de *rouge* na mão, ela aponta para os botões na parede logo acima da minha mesa de cabeceira. — Aperte o branco se precisar de alguma coisa, é assim que você pode falar comigo. Azul é a cozinha.

Ela começa a pintar meu rosto, misturando e pintando cores na minha pele, levantando meu queixo para me inspecionar. Seus olhos estão sérios e bem arregalados. Quando está satisfeita, começa a mexer nos meus cabelos, escovando-os e encaracolando-os, e começa a despejar informações que acha que serão de utilidade para mim.

— O casamento será realizado no roseiral. Ele será feito por ordem de idade, a mais jovem primeiro. Então haverá uma noiva antes de você e uma noiva depois. Há a troca de votos, é claro, mas os votos serão lidos para você; você não vai precisar falar. Depois, a troca de alianças, e vamos ver o que mais. . .

A voz dela desaparece, num mar de descrições; velas flutuantes; arranjos de jantar; e até mesmo o tom de suavidade com que devo falar.

Mas tudo o que ela diz vai aos poucos virando uma terrível confusão. O casamento é esta noite. Esta noite. Não tenho esperanças de fugir antes que ele ocorra; não fui sequer capaz de abrir uma janela; nem sequer vi o lado de fora deste lugar maldito. Eu me sinto doente, exausta. Para mim já estaria bom ser capaz de abrir a janela, não para fugir, mas para respirar o ar fresco. Abro a boca para respirar fundo, e Deirdre enfia um doce vermelho dentro dela.

— Vai deixar seu hálito mais doce — ela diz. O doce se dissolve instantaneamente, e sou inundada com o sabor de alguma coisa que lembra morangos e tem açúcar demais. No começo é avassalador, e depois vai ficando mais suave, natural, até que ameniza um pouco minha ansiedade.

— Prontinho — diz Deirdre, parecendo satisfeita consigo mesma. Ela me cutuca e eu encaro o espelho pela primeira vez.

Fico chocada com o que vejo.

Minhas pálpebras foram pintadas de cor de rosa, mas não é o rosa-choque do banheiro daqui. E a cor entre os vermelhos e os amarelos no crepúsculo. Ele cintila como se fosse cheio de estrelinhas, e vai se transformando em púrpuras claros e brancos suaves. Meus lábios são pintados para combinar, e minha pele está reluzente.

Pela primeira vez, não pareço uma criança. Eu sou a minha mãe em seu vestido de festa, nas noites em que ela dançava com meu pai na sala de estar depois que meu irmão e eu já tínhamos ido para a cama. Ela ia ao meu quarto mais tarde para me dar um beijo enquanto achava que eu estava dormindo. Ela sempre estava suada, perfumada e delirante de amor pelo meu pai. — Dez dedinhos, dez dedões — ela sussurrava na minha orelha — minha menininha está segura nos seus sonhos. — Então ela me deixava com a sensação de que eu havia acabado de ser encantada.

O que minha mãe diria a essa garota — essa quase-mulher — no espelho?

Quanto a mim, estou sem palavras. Com seu talento para cores, Deirdre tornou meu olho azul mais brilhante, meu olho castanho quase tão intenso quanto o olhar de Rose. Ela me vestiu e me pintou bem para o papel que eu iria desempenhar. Logo eu me tornarei a noiva trágica do Governador Linden.

Acho que a imagem fala por si mesma, mas no espelho posso ver Deirdre atrás de mim torcendo as mãos, esperando para ouvir o que penso do trabalho dela. — É lindo — é tudo o que posso dizer.

— Meu pai era pintor — ela diz com um quê de orgulho. — Ele fez o melhor que pôde para me ensinar, mas não sei se algum dia eu serei tão boa. Ele me disse que qualquer coisa pode ser uma tela, e suponho que você seja minha tela agora.

Ela não diz mais nada sobre seus pais, e eu não pergunto.

Por algum tempo ela fica tocando meus cabelos, que foram encaracolados e presos para trás com uma simples faixa branca. Isso continua até o relógio no pulso de Deirdre começar a tocar um bip. E então ela me ajuda a subir nos meus insensíveis sapatos de salto alto e carrega a cauda do meu vestido corredor abaixo. Descemos no elevador e seguimos por um labirinto de corredores, e justo quando estou começando a pensar que esta casa não tem fim, chegamos a uma grande porta de madeira. Deirdre vai à minha frente, abre a porta apenas um pouquinho, e enfia a cabeça lá dentro. Ela parece estar falando com alguém.

Deirdre dá um passo para trás, e um garotinho olha para mim. Ele tem o tamanho dela ou quase isso. Ele analisa meu visual com o olhar, da cabeça aos pés. — Gostei — ele diz.

— Obrigada, Adair. Gostei da sua também — diz Deirdre. Sua voz jovem tem tanto profissionalismo. — Estamos quase prontos para começar?

— Tudo pronto aqui. Verifique com Elle.

Deirdre some atrás da porta com ele. Ouço mais conversas, e quando a porta se abre, outra garotinha vem dar uma espiada em mim. Ela tem os olhos grandes e verdes e bate palmas animada. — Ah, mas é lindo! — ela dá um gritinho, e depois desaparece.

Quando a porta se abre novamente, Deirdre me pega pela mão e me leva para dentro do que só pode ser uma sala de costura. É pequena e sem janelas, atulhada de rolos de tecido e máquinas de costura, e por toda parte fitas caem de prateleiras e se esparramam por sobre mesas. — As outras noivas estão todas prontas — diz Deirdre. Ela olha ao redor para garantir que ninguém mais pode ouvir, e depois sussurra para mim. — Mas eu acho que você é a

mais bonita.

As outras noivas estão em pé em cantos do aposento opostas umas às outras, sendo arrumadas por suas domésticas, e todas elas estão vestidas de branco. O garotinho, Adair, está ajustando o corpete de veludo branco de uma noiva longilínea de cabelos escuros, que olha deprimida para trás e não parece se importar em ser espetada.

A garotinha, que presumo ser Elle, está ajustando os prende- dores de pérolas nos cabelos de uma noiva que não podia ter mais de quarenta e cinco quilos. Esta noiva teve seus cabelos ruivos feitos em formato de colmeia, e seu vestido é branco com um levíssimo brilho de tons de arco-íris quando ela se move. O corpete tem grandes asas translúcidas de borboleta nas costas que parecem sangrar *glitter*, o que, percebo, é uma espécie de ilusão, porque nenhuma partícula desse *glitter* jamais toca o chão. Mas a noiva se contorce desconfortável em seu corpete, um pouco pequena demais para encher o peitoral dele.

Se ficasse na ponta dos pés, a ruiva não chegaria sequer ao meu ombro; ela é obviamente nova demais para ser uma noiva. E a garota longilínea está muito triste. E eu estou muito pouco disposta.

E no entanto aqui estamos.

Este vestido é tão confortável na minha pele, e Deirdre está tão orgulhosa, e aqui estou eu em pé na sala onde, suponho, meus guarda-roupas serão construídos pelo resto da minha vida. E tudo o que consigo pensar é em como posso escapar. Um duto de ar? Uma porta destrancada?

E, é claro, penso no meu irmão gêmeo, Rowan. Sem um ao outro somos apenas metades de um todo. Mal consigo suportar pensar nele sozinho naquele porão à noite. Será que ele vai procurar no distrito escarlate pelo meu rosto em algum bordel? Será que ele vai usar um dos caminhões de entrega do seu emprego para procurar meu corpo nas beiras das estradas? De todas as coisas que ele poderia fazer, de todos os lugares onde ele poderia procurar, tenho certeza de que ele nunca vai encontrar esta mansão, cercada por laranjais, cavalos e jardins, tão distante de Nova York.

Em vez disso, quem vai ter de encontrá-lo sou eu. Estupidamente, olho para o duto de ar pequeno demais em busca de uma solução onde não existe

nenhuma.

As domésticas chamam todas nós, noivas, para o centro do aposento. É a primeira vez que somos capazes de olhar umas para as outras. Estava tão escuro naquela van, e depois ficamos tão aterrorizadas para fazer qualquer coisa a não ser manter os olhos para a frente quando fomos avaliadas. Acrescente a isso o gás sonífero na limusine, e ainda somos perfeitas estranhas.

A ruiva, a pequena, está sibilando para Elle que seu corpete está agora apertado demais, e como é que podem esperar que ela fique parada durante a cerimônia — o momento mais importante de sua vida, ela acrescenta — se ela mal consegue respirar?

A garota longilínea fica em pé ao meu lado, sem dizer e fazer nada enquanto Adair se empoleira em uma escada e pontilha seus cabelos trançados com minúsculos lírios falsos.

Uma batida na porta, e não sei o que eu estou esperando. Uma quarta noiva, talvez, ou que os Coletores entrem e nos matem a todas. Mas é apenas Gabriel, segurando um cilindro grande e perguntando às domésticas se as noivas estão prontas. Ele não olha para nenhuma de nós. Quando Elle diz a ele que estamos prontas, ele deposita o cilindro no chão, e com um ruído mecânico ele de algum modo desenrola um longo tapete vermelho que vai se estendendo até o salão. Gabriel desaparece nas sombras.

Uma música estranha começa a irradiar, aparentemente dos ladrilhos do teto. As domésticas nos colocam em fila, da mais nova para a mais velha, e começamos a marchar. É incrível como nossos passos estão sincronizados, pois não temos nenhuma prática e ainda levando-se em conta o fato de que fomos todas arrastadas até este lugar em pilhas inconscientes depois do tempo passado naquela van. Em poucos minutos seremos esposas irmãs. É um termo que já ouvi nos noticiários, e não sei o que quer dizer. Não sei se essas garotas serão minhas aliadas ou inimigas, ou sequer se iremos coexistir depois de hoje.

A noiva à minha frente, a ruiva pequena, parece estar dando pulinhos. Suas asas flutuam e saltam. Nuvens de purpurina giram ao seu redor. Se eu não conhecesse bem a situação, seria capaz de jurar que ela está animada com isto tudo.

O tapete leva até uma porta que dá para o lado de fora. Isto é o que Deirdre chamava de roseiral, o que fica abundantemente claro pelas roseiras que formam os paredões ao nosso redor. Eles são uma extensão do corredor, na verdade, e apesar do céu aberto sobre nossas cabeças, não me sinto menos aprisionada do que me sentia lá dentro.

O céu do crepúsculo está cheio de estrelas, e distraída penso que lá em casa eu não sonharia em estar do lado de fora de casa a esta hora. A porta estaria trancada com ferrolho, a armadilha de barulho colocada no chão da cozinha. Rowan e eu estaríamos tendo um jantar tranquilo regado a chá, e depois veríamos o noticiário da noite para ficarmos sabendo sobre empregos disponíveis e nos atualizarmos sobre o estado do nosso mundo, esperando desanimados que um dia pudesse acontecer uma mudança positiva. Desde que o velho laboratório explodiu há quatro anos, eu venho esperando que um novo laboratório o substitua, para que empregos de pesquisa pró-ciência sejam criados, e que alguém possa descobrir um antídoto; mas órfãos fizeram um lar nas ruínas do velho laboratório. As pessoas estão desistindo, aceitando seu destino. E o noticiário não é nada a não ser listagens de empregos e eventos televisionados pagos pela classe mais rica — os Governadores das Casas e suas noivas tristes. Isso deveria nos incentivar, eu acho. Dar a ilusão de que o mundo não está acabando.

Não tenho uma chance de sentir a onda de saudade chegando antes de ser empurrada até a clareira no fim do corredor das roseiras e posicionada em um semicírculo com as outras noivas.

A clareira é súbita e aberta, e um alívio. O jardim imediatamente se torna enorme, uma cidade fervilhante de vagalumes e pequenas velas achatadas que parecem estar flutuando — acho que Deirdre as chama de *velas de aromatizador*. Há fontes cuja água vai dar em laguinhos, e agora posso ver que a música está sendo de algum modo amplificada a partir de um teclado que toca sozinho, as teclas se iluminando enquanto as notas são tocadas, soando como uma banda inteira de cordas e metais. Eu conheço a melodia; minha mãe costumava cantarolá-la: "A Marcha Nupcial," o tema dos casamentos no tempo da própria mãe dela.

Sou levada a um gazebo no centro da clareira com as duas outras noivas,

onde o tapete vermelho se torna um grande círculo. Há um homem ao nosso lado vestindo mantos brancos, e as domésticas tomam seus lugares em frente a nós, as mãos postas à frente delas como se em oração. A noiva mais jovem dá risinhos quando um vagalume voa em espiral diante de seu nariz e desaparece. A noiva mais velha fica olhando para o espaço com olhos da cor do céu ao anoitecer. Eu simplesmente faço o que posso para não me destacar, para me misturar, o que suspeito ser impossível se o Governador gostou dos meus olhos.

Não sei muita coisa sobre casamentos tradicionais; nunca fui a um, e meus pais, assim como a maioria dos casais daquela época, se casaram na prefeitura. Com a raça humana morrendo tão jovem, quase ninguém se casa mais. Mas suponho que era assim que costumava ser, mais ou menos: a noiva esperando, a música, o noivo de smoking preto se aproximando. Linden, o Governador da Casa, que em breve será meu marido, é conduzido a nós de braço dado com um homem da primeira geração. Ambos são altos e pálidos. Eles se separam no gazebo, e Linden dá os três passos que o leva a nós. Ele se posiciona no centro do círculo atapetado, de frente para nós. A ruiva baixinha pisca para ele, e ele sorri de modo adorável para ela, do jeito que um pai poderia sorrir para sua jovem filha. Mas ela não é sua filha. Ele pretende que ela tenha seus filhos.

Eu sinto náuseas. Seria desafiador demais simplesmente vomitar nos sapatos pretos engraxados dele. Mas não comi nada da comida que Gabriel me trouxe desde meu primeiro dia aqui, e vomitar não vai conseguir nada a meu favor. Minha melhor chance de escapar será ganhando a confiança de Linden. Quanto mais rápido eu conseguir isso, melhor.

O homem de mantos brancos começa a falar, e a música vai diminuindo até parar.

— Estamos aqui reunidos hoje para juntar estas quatro almas nesta união sagrada, que dará frutos por gerações e gerações...

Enquanto o homem fala, Linden olha para nós. Talvez seja a luz das velas, ou a brisa suave do anoitecer, mas ele não parece tão ameaçador quanto antes, quando nos selecionou na fila. Ele é um homem alto de ossatura pequena, que o faz parecer quase frágil, infantil. Seus olhos são de um verde

brilhante, e seus cachos pretos brilhosos pendem como vinhas espessas ao redor de seu rosto. Ele não está sorrindo feliz, e nem ironicamente, como quando me pegou fugindo no corredor. Por um instante me pergunto se ele é o mesmo homem. Mas então ele abre a boca, e vejo o reluzir de ouro em seus dentes, lá nos molares traseiros.

As domésticas deram um passo à frente. O homem de branco parou de falar sobre como esse casamento irá assegurar futuras gerações, e agora Linden está se dirigindo a cada uma de nós pelo nome. — Cecily Ashby — ele diz à noivinha. Elle abre suas mãos fechadas, revelando uma aliança de ouro. Linden pega essa aliança e a coloca na mão da noivinha. — Minha esposa — diz Linden. Ela cora e abre um grande sorriso.

Antes que eu consiga processar o que está acontecendo, Deirdre já abriu suas mãos e Linden pegou a aliança dela e enfiou-a no meu dedo. — Rhine Ashby — ele diz. — Minha esposa.

Isso não quer dizer nada, digo a mim mesma. Deixe ele me chamar de esposa, mas assim que eu estiver do outro lado da cerca, este anelzinho estúpido não vai significar nada. Eu ainda sou Rhine Ellery. Tento deixar esse pensamento penetrar fundo, mas comecei a suar frio. Meu coração está pesado. Linden olha para mim, e eu o encaro. Eu não vou corar nem me esquivar nem desviar o olhar. Não vou sucumbir.

Ele permanece ali por um instante, e depois vai para a terceira noiva.

— Jenna Ashby — ele diz para a garota seguinte. — Minha esposa.

O homem de branco diz: — O que o destino uniu, que nenhum homem separe.

O destino, eu penso, é um ladrão.

A música começa a tocar novamente, e Linden pega cada uma de nossas mãos por tempo suficiente para descer os degraus conosco, uma de cada vez. Sua mão está pegajosa e fria. E nosso primeiro contato como marido e mulher. Enquanto me movo, tento dar uma boa olhada na mansão que tem me aprisionado nestes últimos dias. Mas ela é grande demais, e estou muito próxima dela para ver mais do que um lado dela, e tudo o que consigo registrar são tijolos e janelas. Mas acho que vejo Gabriel por um momento quando ele passa por uma das janelas. Reconheço seu cabelo bem partido,

seus olhos azuis grandes me observando.

Linden nos deixa depois disso, desaparecendo em algum lugar com o homem da primeira-geração com o qual havia se aproximado. E as noivas são conduzidas de volta para a mansão. Mas existe hera crescendo ao longo dela, e, logo antes de eu entrar, estendo a mão e agarro um pedacinho da planta verde cheia de folhinhas e a fecho bem na mão. Ela me faz pensar em casa, mesmo que a hera não cresça mais lá.

De volta ao meu quarto, escondo a hera na fronha do meu travesseiro antes que Deirdre comece a mexer em mim. Ela me ajuda a sair do meu vestido de casamento, que dobra cuidadosamente, e depois começa a borrifar em mim uma coisa que no começo ataca os meus sentidos e me faz espirrar, mas depois vai passando e se transformando em um agradável aroma de rosas. Ela me faz sentar na otomana novamente e abre a gaveta de maquiagem. Limpa o meu rosto e começa novamente, desta vez me pintando com vermelhos e roxos dramáticos que me fazem parecer atraente. Gosto ainda mais do que o *look* anterior; sinto como se minha raiva e amargura tivessem sido manifestadas fisicamente.

Estou vestida com um vestido vermelho colante que combina com a cor dos meus lábios, com renda preta no pescoço e nos punhos fechados. O vestido só vai até o meio das coxas, e Deirdre puxa o material para se certificar de que ele drapeie adequadamente. Enquanto ela está fazendo isso, calço outro par de saltos altos ridículos, e me encaro no espelho. Cada curva do meu corpo se sobressai pelo material aveludado — meus seios, meus quadris, até minha cintura fina. — E um símbolo de que você não é mais criança — ela explica. — Que você está pronta para seu marido vir até você a qualquer momento.

Depois disso sou levada ao elevador e desço por mais corredores, até chegarmos a um salão de jantar. As outras noivas estão vestidas em versões preta e amarela de meu traje respectivamente. Todas estamos usando os cabelos para baixo agora. Estou sentada entre elas numa mesa comprida sob candelabros de cristal. Cecily, a ruiva, parece empolgada, ao passo que Jenna, a morena, parece estar saindo de sua melancolia. Embaixo da mesa, sua mão roça a minha, e não sei bem se é por acidente.

Todas temos cheiro de flores.

Partículas de glitter ainda caem dos cabelos de Cecily.

Linden, o Governador da Casa, chega com o homem da primeira geração novamente. Eles vêm em nossa direção, e Linden levanta cada uma de nossas mãos para um beijo, uma de cada vez. Então ele apresenta o homem, seu pai, como Vaughn, O Senhorio.

O Senhorio Vaughn também beija nossas mãos, e tenho que me esforçar um pouco para evitar me contorcer ao sentir seus lábios, frios e com textura de papel. Eles me fazem pensar num cadáver. Como aqueles da primeira geração, o Senhorio Vaughn envelheceu bem; seus cabelos escuros têm apenas mechas grisalhas esparsas, e seu rosto não é terrivelmente enrugado. Mas sua pele tem um tom de palidez doentia que faria até mesmo Rose parecer vibrante em comparação. Ele não sorri. Tudo em seu toque é frio. Até mesmo Cecily murcha um pouco com sua aproximação.

Fico me sentindo um pouco melhor quando Linden e o Senhorio se sentam na ponta oposta da mesa, com Linden de frente para nós e o Senhorio Vaughn na cabeceira. Nós, as noivas, nos sentamos enfileiradas ao lado uma da outra, e a outra cabeceira da mesa foi deixada vaga. Suponho que é onde a mãe de Linden teria se sentado, mas como ela não está aqui, acho que ela morreu.

Quando Gabriel entra no aposento equilibrando uma pilha de pratos e utensílios, descubro que estou aliviada pela sua presença. Não falo com ele desde a noite passada, quando ele saiu mancando do meu quarto. Fiquei com medo de que minhas ações tivessem levado ao castigo dele, e que o Senhorio Vaughn decidisse trancafiá-lo em um calabouço pelo resto de sua vida. Meus medos sempre levam a calabouços; não consigo imaginar coisa pior do que ficar preso pelo resto da vida, especialmente com tão poucos anos para desfrutar o pouco que ainda existe dela.

Mas Gabriel parece bem o bastante agora. Olho bem de perto, à procura de sinais de hematomas sob sua camisa, e não acho nada. Tento ver se ele olha para mim, esperando lhe dar um olhar de simpatia ou de desculpas, mas ele não levanta a cabeça para mim. Quatro outros vestindo o mesmo uniforme entram atrás dele, trazendo jarras com água, garrafas de vinho, um carrinho de

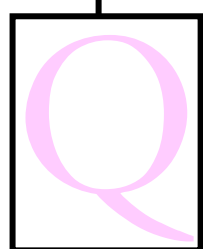
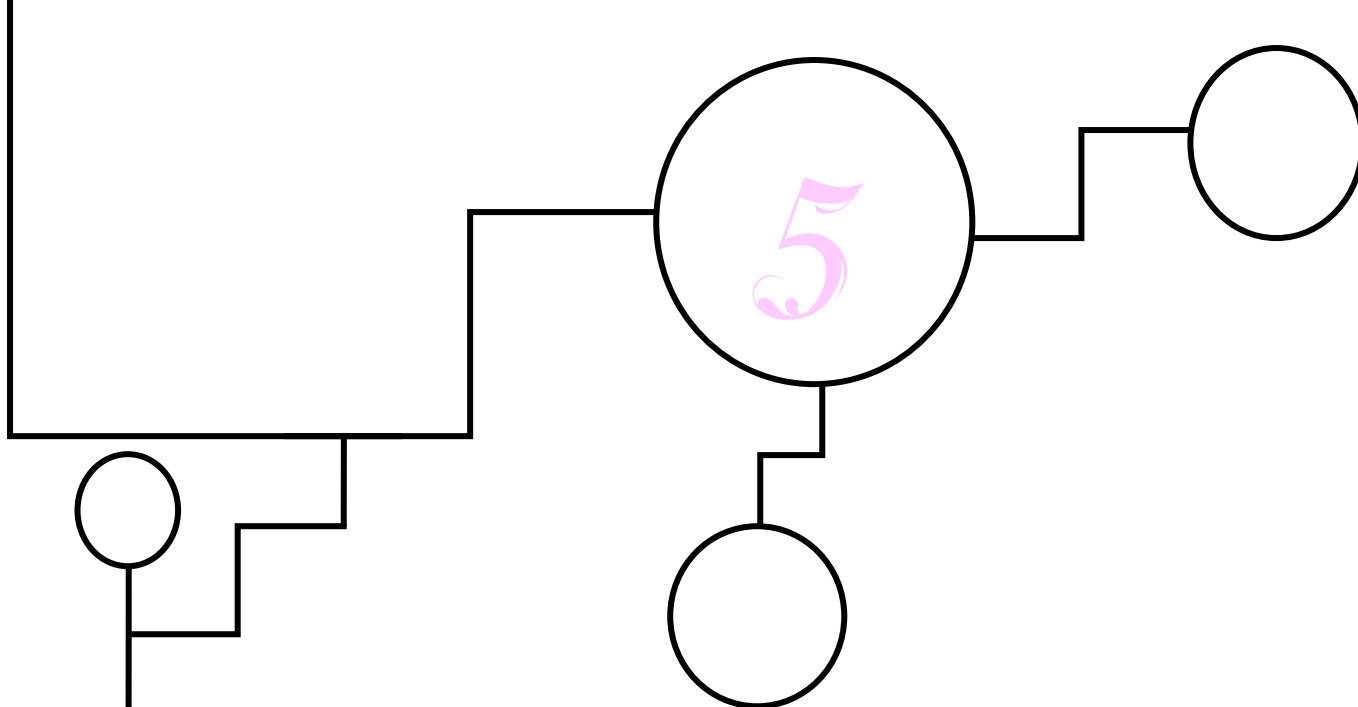
comidas extravagantes — frangos inteiros recobertos por caldas carameladas, abacaxis e morangos cortados na forma de lírios do lago.

A porta que dá para a sala de jantar fica aberta enquanto os assistentes entram e saem. Eu me pergunto o que aconteceria se eu sáísse correndo — se Gabriel ou algum dos outros iria me deter. Mas é o medo do que meu novo marido poderia fazer que me mantém no meu lugar, porque certamente se eu sáísse correndo, não iria longe antes de ser apanhada. E aí... o quê? Eu ficaria novamente trancada no meu quarto, provavelmente, para sempre marcada como aquela que não é de confiança.

Então eu fico, participando de uma conversa tensa e doentiamente agradável. O próprio Linden não fala muito; sua cabeça parece estar em outro lugar enquanto ele coloca uma colherada de sopa atrás da outra na boca. Cecily sorri para ele, e ela chega até mesmo a parar de tomar a sopa, eu acho, só para que ele olhe para ela.

O Senhorio Vaughn está falando sobre os jardins centenários e de como são doces as maçãs. Ele chega até mesmo a fazer as frutas e os arbustos parecerem sinistros. E a voz dele, que tem um tom baixo e rouco. Reparo que nenhum dos assistentes olha para ele ao trazerem pratos novos e levarem os velhos.

Foi ele, eu acho. Foi ele quem machucou Gabriel ontem quando minha porta foi deixada destrancada. Mesmo com seus sorrisos e papo inofensivo, posso sentir algo de perigoso nele. Algo que acaba com meu apetite e tira a agradável cor do rosto de Deirdre. Algo, talvez, mais perigoso do que o apaixonado Governador Linden, cujo olhar passa através de nós, perdido de amor por uma mulher às portas da morte.



Quando a noite finalmente acaba, fico deitada na cama, preguiçosa, na minha camisolinha branca enquanto Deirdre massageia meus pés doloridos. Eu até poderia mandar que ela parasse, se eu não estivesse tão exausta e o toque dela não fosse tão relaxante. Ela está ajoelhada ao meu lado, tão levezinha que quase nem deixa marcas no edredom fofo.

Eu fico deitada de bruços, abraçando um travesseiro, e ela começa a trabalhar minhas panturrilhas; é justo do que eu preciso depois de tantas horas naqueles saltos altos. Ela também acendeu algumas velas, preenchendo o quarto com o aroma quente de flores obscuras. Estou tão relaxada que simplesmente deixo as palavras saírem, pouco preocupada em ter alguma classe a esta altura: — Então, como é que funciona esse negócio de noite de núpcias? Ele manda a gente fazer fila e escolhe? Droga a gente com gás sonífero? Joga as três de uma vez na cama?

Deirdre não parece ofendida pela minha grosseria. Ela diz pacientemente: — Ah, o Governador da Casa não vai consumir o ato com suas noivas esta noite. Não com a Lady Rose... — ela não termina a frase.

Eu me levanto apenas o bastante para olhar para ela. — Ela o quê?

Um olhar trágico está no rosto de Deirdre, seus ombros se movendo enquanto ela massageia minhas pernas doloridas. — Ele está muito apaixonado por ela — ela me diz pensativa. — Não acredito que ele irá visitar qualquer uma de suas novas noivas até ela ter falecido.

E verdade que o Governador Linden não vem ao meu quarto, e depois

que Deirdre apagou as velas e foi embora, eu acabo pegando no sono. Mas nas primeiras horas da manhã, sou despertada pelo giro da maçaneta; nos últimos anos me tornei uma pessoa de sono muito leve, e sem nenhuma toxina que induza o sono no meu organismo, voltei ao meu estado atual de alerta. Mesmo assim, não reajo. Espero, de olhos bem abertos, vendo minha porta se abrir na escuridão.

Os cabelos encaracolados da figura nas sombras identifica Linden para mim.

— Rhine? — ele diz meu nome pela segunda vez em nosso curto casamento. Eu quero ignorá-lo e fingir que ainda estou dormindo, mas acho que o bater aterrorizado do meu coração deve estar sendo ouvido em todo o quarto. É irracional, mas ainda acho que o ranger de uma porta se abrindo irá significar Coletores vindo atirar na minha cabeça ou me roubar. Além disso, Linden já viu que meus olhos estão abertos.

— Sim — eu digo.

— Levante-se — ele diz suavemente. — Vista alguma coisa quente; tenho uma coisa para lhe mostrar.

Alguma coisa quente!, eu penso. Isso deve significar que ele vai me levar para fora.

Como um cavalheiro, ele deixa o quarto para que eu possa me vestir em particular. O *closet* se ilumina quando eu o abro, revelando fileiras com mais roupas do que eu havia me preocupado em reparar antes. Escolho um par de calças pretas quentes e macias, e um suéter com pérolas costuradas na própria trama do tecido — obras de Deirdre, sem dúvida.

Quando abro a porta — que não está mais trancada pelo lado de fora como ficava antes do casamento — encontro Linden esperando por mim no hall. Ele sorri, me dá o braço, e me conduz até o elevador.

É perturbador ver quantos corredores compõem esta mansão. Mesmo que a porta da frente fosse deixada escancarada para minha fuga, tenho certeza de que eu nunca seria capaz de encontrá-la. Tento fazer uma nota mental de onde estou: um corredor comprido e simples com um carpete verde que parece novo. As paredes são de um *offwhite* creme, com o mesmo tipo de quadros genéricos que estão no meu quarto. Não há janelas, então não posso

sequer dizer que este é o andar térreo até Linden abrir uma porta e estarmos no caminho que dá para o roseiral, descendo o mesmo corredor familiar de arbustos. Mas desta vez passamos direto pelo gazebo. O sol ainda não nasceu, e isso dá ao lugar uma sensação tranquila, adormecida.

Linden me mostra uma das fontes, cuja água vai dar num lago povoado de peixes grandes e compridos brancos, vermelhos e alaranjados. — *Nishikigoi* — ele me diz. — São originários do Japão. Já ouviu falar?

A geografia se tornou um tema tão obscuro que nunca a estudei nos meus poucos anos de escola, antes que as mortes dos meus pais me forçasse a trabalhar e abandonar os estudos. Nossa escola ficava no que antes era uma igreja, e os alunos mal enchiam a primeira fileira de bancos mesmo com todos reunidos. A maioria de nós era de filhos da primeira-geração, como meu irmão e eu, que haviam sido criados para valorizar a educação, mesmo que morrêssemos sem ter a chance de usá-la. E a escola tinha um ou dois órfãos com sonhos de se tornarem atores, que queriam aprender a ler o suficiente para decorar roteiros. Tudo o que nos ensinaram de geografia foi que o mundo um dia havia sido composto de sete continentes e vários países, mas uma terceira guerra mundial destruiu todos menos a América do Norte, o continente com a tecnologia mais avançada. O dano foi tão catastrófico que tudo o que resta do resto do mundo é oceano e ilhas inabitáveis' tão minúsculas que não podem sequer ser vistas do espaço.

Meu pai, entretanto, era um entusiasta do mundo. Ele tinha um Atlas do mundo como ele era no século vinte e um, com imagens coloridas de todos os países e costumes. O Japão era um dos meus favoritos. Eu gostava das gueixas pintadas com seus traços bem desenhados e lábios fazendo biquinho. Eu gostava das cerejeiras rosas e brancas, tão diferentes das coisas mirradas que crescem nas cercas ao longo das calçadas de Manhattan. Todo o Japão parecia ser uma gigantesca foto colorida, lustrosa e brilhante. Meu irmão preferia a África, com seus elefantes de orelhas de abano e pássaros coloridos.

Eu imaginava que o mundo fora da América do Norte devia ter sido um lugar lindo. E foi meu pai que me apresentou essa beleza. Ainda penso nesses lugares há muito inexistentes. Um *nishikigoi* passa por mim e desaparece nas profundezas, e só consigo pensar que meu pai teria ficado tão feliz se pudesse

vê-lo.

A tristeza pela perda do meu pai é tão repentina que meus joelhos quase cedem sob o peso dela; engulo as lágrimas de volta, luto contra o nó que vai se formando na garganta. — Já ouvi falar — é tudo o que digo.

Linden parece impressionado. Ele sorri para mim, e levanta a mão como se para me tocar, mas então muda de ideia e continua a caminhar. Chegamos a um balanço em forma de coração. Ficamos sentados por um tempo, sem nos tocar, balançando bem de leve e olhando para o horizonte sobre as bordas das roseiras. A cor vem lentamente, faixas laranjas e amarelas, como as pinceladas de maquiagem de Deirdre. As estrelas ainda são visíveis, se desvanecendo onde o céu cora com uma cor feroz.

— Olhe — diz Linden. — Olhe como é bonito.

— O nascer do sol? — pergunto. E lindo, mas nem vale tanto a pena assim levantar da cama tão cedo por isso. Estou tão acostumada a dormir em turnos, alternando a vigia com meu irmão, que meu corpo foi treinado para não desperdiçar qualquer sono que puder ter.

— O começo de um novo dia — diz Linden. — Ter saúde suficiente para testemunhá-lo.

Vejo tristeza em seus olhos verdes. Não confio nisso. Como poderia, quando este foi o homem que pagou aos Coletores para que ele pudesse ter a mim pelos últimos anos de minha vida? Quando o sangue daquelas outras garotas está nas mãos dele? Meus nasceres do sol podem ser limitados, mas não vou ver todos os meus restantes como a esposa de Linden Ashby.

Tudo fica quieto por um tempo. O rosto de Linden se ilumina pelo nascer do sol, e minha aliança de casamento se transforma numa faixa de luz. Eu odeio essa coisa. Precisei de toda a minha força de vontade ontem à noite para não jogá-la na privada e dar a descarga. Mas se quero ganhar a confiança dele, preciso usá-la.

— Você sabe sobre o Japão — ele diz. — O que mais você sabe sobre o mundo?

Eu não vou contar a ele sobre o Atlas do meu pai, que meu irmão e eu escondemos com nossas coisas de valor em um baú trancado. Alguém como Linden não tem necessidade de trancar nada de precioso, a não ser por suas

noivas. Ele não entenderia a loucura de lugares mais pobres e mais desesperados.

— Não muito — eu digo. E finjo ignorância enquanto ele começa a me contar sobre a Europa, um relógio de torre chamado Big Ben (eu me lembro da imagem dele brilhando ao crepúsculo no meio de uma multidão em Londres), e flamingos extintos cujos pescoços eram tão compridos quanto suas pernas.

— Rose me ensinou sobre a maior parte dessas coisas — ele admite, e então, justo quando a luz do sol está despertando os vermelhos e verdes do jardim, ele desvia o olhar de mim. — Pode voltar para dentro — ele diz. — Um assistente estará esperando para levar você para cima. — Sua voz fica emocionada no final, e eu sei que agora não é hora de sentar e fingir que o adoro. Encontro meu caminho de volta para a porta, deixando-o com seu novo dia para que ele possa pensar em Rose, cujos amanheceres estão contados.

Nos dias que se seguem, Linden mal dá atenção às suas noivas. As portas de nossos quartos ficam destrancadas e ficamos sozinhas a maior parte do tempo, com permissão de sair pelo andar, que tem sua própria biblioteca e sala de estar, mas nada muito além disso. Não temos permissão de usar o elevador a menos que ele nos convide para jantar, o que raramente acontece; normalmente nossas refeições são trazidas em bandejas para nossos quartos. Passo muito tempo em uma poltrona grande demais na biblioteca, folheando páginas brilhantes de flores que não crescem mais neste mundo, e algumas que ainda podem ser encontradas em outras partes do país. Eu me educo sobre as calotas polares, vaporizadas muito tempo atrás pela guerra, e sobre um explorador chamado Cristóvão Colombo, que provou que a terra era redonda. Em minha prisão eu me perco na história de um mundo livre e sem fronteiras que morreu há muito tempo.

Não vejo muito minhas esposas-irmãs. Às vezes Jenna se senta num sofá ao meu lado e levanta os olhos de um romance para me perguntar o que estou lendo. A voz dela é tímida, e, quando olho para ela, ela se encolhe como se eu pudesse bater nela. Mas por baixo dessa timidez existe algo mais, os restos de uma pessoa destruída que um dia foi segura, forte, corajosa. Seus olhos

frequentemente estão desfocados e marejados de lágrimas. Nossas conversas são medidas e breves, nunca mais de uma ou duas frases.

Cecily reclama que o orfanato não fez um bom trabalho ensinando-a a ler. Ela se senta estudiosamente a uma das mesas com um livro e às vezes soletra uma palavra em voz alta, esperando impacientemente que eu a pronuncie e às vezes lhe diga o que ela significa. Embora ela só tenha treze anos, suas leituras favoritas são todas sobre partos e gravidez.

Mas, apesar de todos os seus defeitos, Cecily é meio que um prodígio musical. Às vezes posso ouvi-la enquanto ela toca o teclado na sala de estar. Na primeira vez, fui atraída à entrada da sala bem depois da meia-noite. Lá estava ela sentada, aquele corpinho com cabelos ruivos flamejantes, presa em um holograma de nevasca que era projetado de algum lugar no teclado. Mas Cecily, que está tão deslumbrada pelo falso glamour desta mansão, tocava de olhos fechados. Perdida em seu concerto, ela não era minha pequena esposa irmã com vestido alado, nem a mesma garota que joga prataria nos assistentes que cruzam com ela no dia errado, mas uma outra criatura, algo de outro mundo. Não havia uma bomba-relógio dentro dela — nenhuma indicação desta coisa horrível que irá matá-la em poucos anos.

Ela toca de modo mais desajeitado às tardes, batendo as teclas em padrões sem sentido para se divertir. As teclas não funcionam a menos que um das centenas de slides de hologramas seja inserido no teclado para acompanhar a música: rios correntes, um céu cheio de vagalumes reluzentes, arco-íris acelerados. Eu nunca a vi usar o mesmo holograma duas vezes, e no entanto ela mal se dá conta de nenhum deles.

Na sala de estar não faltam ilusões. A televisão pode, ao apertar de um botão, simular uma encosta de esqui ou um rink de patinação no gelo ou uma pista de corridas. Existem controles remotos, volantes, esquis e um sortimento completo de aparelhos para substituir o mundo real. Me pergunto se meu novo marido cresceu assim — aprisionado dentro desta mansão gigantesca, apenas com ilusões para ensiná-lo a respeito do mundo. Uma vez, quando estava sozinha, experimentei uma simulação de pesca, e, ao contrário da coisa real, eu me saí muitíssimo bem.

Em minha abundância de tempo solitário, percorri várias vezes o

comprimento inteiro do andar das esposas, do quarto de Rose numa das pontas do hall, até a biblioteca na outra. Inspeionei as entradas de ventilação, que estão aparafusadas ao teto, e as calhas da lavanderia, que são pequenas demais para caber qualquer coisa maior que uma pequena sacola de roupa para lavar. Nenhuma das janelas cede, a não ser no quarto de Rose, que está sempre ocupado por ela.

A lareira da biblioteca é inteiramente falsa, com chamas holográficas que fazem sons de crepitar mas não fornecem calor. Não existe chaminé, nenhum meio de o ar chegar ao céu.

E não há escadas. Nem mesmo uma saída de emergência trancada. Percorri as paredes com as mãos, espiei por trás de estantes e por baixo dos móveis. E me pergunto se o andar das esposas é a única parte da casa sem escada, e se houver um incêndio e os elevadores pararem de funcionar, as noivas de Linden vão virar churrasquinho.

Afinal, somos fáceis de substituir. Ele não pensou duas vezes nas vidas das outras garotas naquela van.

Mas isso não faz sentido. E quanto a Rose, com quem Linden está tão loucamente apaixonado? A vida dela não valeria algo mais para ele? Talvez não. Talvez até mesmo as primeiras esposas, favoritas, sejam descartáveis.

Tento abrir o elevador, mas nenhum dos botões funciona para mim sem um cartão-chave. Tento abri-lo com os dedos, e depois com a ponta do meu sapato, fingindo que há um incêndio, fingindo que minha vida depende de uma fuga imediata. A porta não cede. Vasculho meu quarto em busca de uma ferramenta que possa me ajudar, e encontro um guarda-chuva pendurado no meu closet, e o experimento. Consigo enfiar a ponta entre as portas de metal, e elas se abrem bem de leve, o suficiente para que eu consiga enfiar o sapato entre elas. E então — sucesso! — elas se abrem.

Imediatamente recebo a rajada de ar abafado do poço do elevador, e a escuridão que se intensifica quando olho para cima ou para baixo. Estudo os cabos, sem jeito de saber onde eles começam ou terminam. Não sei quantos andares existem acima ou abaixo. Estendo a mão e toco um deles, e agarro com firmeza. Eu poderia tentar escalá-lo, ou simplesmente me segurar nele e deslizar o caminho inteiro até lá embaixo. Ainda que eu só chegasse até o

andar logo abaixo de onde estou, poderia ser capaz de encontrar uma janela aberta, ou uma escada.

É a palavra *poderia* que me faz hesitar. Porque eu poderia não ser capaz de abrir as portas do elevador por dentro. Eu poderia morrer esmagada se o carro chegasse antes que eu conseguisse escapar.

— Pensando em suicídio? — pergunta Rose. Eu levo um susto, e puxo meu braço do poço do elevador. Minha esposa-irmã está a poucos metros de distância, braços cruzados, em sua camisola diáfana. Seus cabelos estão despenteados, sua pele pálida, sua boca tem um vermelho-doce que não é natural, e ela está sorrindo. — Tudo bem — ela diz. — Não vou entregar você. Eu compreendo.

As portas do elevador se fecharam, sem mim.

— Compreende? — digo.

— Mm — ela diz, fazendo um gesto para meu guarda-chuva. Eu o entrego para ela, e ela o abre, girando-o sobre a cabeça. — Onde você achou isto? — pergunta.

— No meu closet.

— Certo — ela diz. — Sabia que você não devia sequer abri-los dentro de casa? Dá azar. Na verdade, Linden é muito supersticioso. — Ela fecha o guarda-chuva e o estuda, — E Linden dá a última palavra sobre o que pode ficar no seu quarto, você sabia disso? Suas roupas, seus sapatos... este guarda-chuva. Se ele deixou você ficar com isto, o que acha que isso significa?

— Ele não quer que eu pegue chuva - digo, começando a entender.

Ela levanta a cabeça, sorri para mim, joga o guarda-chuva nas minhas mãos. — Exatamente. E só chove lá fora.

Lá fora.. Nunca pensei que essas palavras pudessem fazer meu estômago se revirar assim. É uma das pequenas liberdades que tive em toda minha vida, e agora eu faria tudo para ter isso de volta. Aperto mais o guarda-chuva. — Mas os elevadores são a única maneira de sair? — pergunto.

— Esqueça os elevadores — diz Rose. — Seu marido é sua única maneira de sair.

— Não estou entendendo. E se houver um incêndio? Não morreríamos todas?

— Esposas são um investimento — diz Rose. — O Senhorio Vaughn pagou um bom dinheiro por você. Na verdade, o Senhorio Vaughn é obcecado por genética, e por esses seus olhos, estou quase apostando que ele pagou um pouco a mais. Se ele quiser que você fique em segurança, então incêndio, furacão, tsunami... não são importantes. Você vai ficar em segurança.

Acho que ela disse isso para me bajular. Mas só me fez ficar preocupada. Se eu sou um investimento assim tão grande, vai ser muito mais difícil sair sem ser detectada.

Rose parece cansada, então joga o guarda-chuva no meu quarto, e em seguida a ajuda e se deitar. Normalmente ela se debate com os assistentes quando eles lhe dizem para descansar, mas ela me deixa fazer isso porque nunca tento forçá-la a tomar nenhum remédio. — Abra a janela — ela murmura, ajustando-se em seus cobertores sedosos. Faço o que ela pede, e uma fria brisa de primavera entra. Ela respira fundo. — Obrigada — ela suspira.

Eu me sento no alpendre da janela, pressiono a mão contra a tela. Parece uma tela perfeitamente comum, uma tela que se soltaria de sua moldura com um estalo se empurrada com força suficiente. Eu poderia saltar, embora estejamos a vários andares de altura — mais alto que o teto da minha própria casa, no mínimo — mas não há árvores para me jogar. Não vale a pena tentar. Mas, mesmo assim, penso no que Rose falou quando me encontrou no elevador. Ela disse que não contaria a ninguém porque compreendia.

— Rose? — eu digo. — Você já tentou fugir?

— Não importa — ela diz.

Penso na menininha na foto, sorrindo, tão cheia de vida. Ela está aqui há todos esses anos. Será que ela foi criada desde cedo para ser a noiva de Linden? Ou um dia ela também resistiu? Abro minha boca para perguntar, mas agora ela está sentada na cama, e diz: — Você vai ver o mundo novamente. Eu sei. Ele vai se apaixonar por você. E se você simplesmente me escutasse, perceberia que vai ser a favorita dele depois que eu morrer. — Ela menciona a própria morte de forma tão casual. — Ele vai levar você a qualquer lugar que você queira ir.

— A qualquer lugar não — eu digo. — Não para casa.

Ela sorri, dá palmadinhas no colchão ao seu lado, me convidando. Sento-me ao lado dela, e ela se levanta para se ajoelhar ao meu lado, e começa a pegar meus cabelos e fazer uma trança com eles. — Esta aqui é sua casa agora — ela diz. — Quanto mais você resistir — ela puxa meu cabelo para dar ênfase — mais a armadilha se fechará ao seu redor. Pronto. — Ela pega uma fita que estava em cima de sua mesinha e prende meus cabelos. Rasteja pelo colchão até ficar de frente para mim, e carinhosamente afasta uns fios de cabelo dos meus olhos. — Você fica bonita com os cabelos para trás. Você tem maçãs do rosto maravilhosas.

Maçãs do rosto altas, como as dela. Não posso ignorar nossa semelhança: os cabelos louros ondulados e espessos, o queixo arrebitado, o nariz pequeno. Nela só faltam os olhos heterocromáticos. Mas existe uma outra diferença entre nós, e ela é significativa. Ela foi capaz de aceitar esta vida, de amar nosso marido. E eu vou sair daqui, nem que tenha que morrer tentando.

Rose e eu não falamos mais de fuga depois daquele dia. Ela me prefere às outras esposas, que nunca falaram com ela. Jenna fala o mínimo possível, e Cecily me perguntou mais de uma vez por que me dou ao trabalho de conhecer a mulher de Linden que está morrendo. — Ela vai morrer, e depois ele vai se concentrar mais em nós — diz ela, como se fosse algo que devêssemos esperar com alegria. Fico enojada que a vida de Rose faça tão pouco sentido para ela, mas isso não é muito diferente das coisas que meu irmão disse sobre o órfão que encontramos morto de frio na nossa varanda no último inverno.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando descobri o corpo, mas meu irmão disse que não deveríamos sequer movê-lo de onde estava por enquanto, pois isso poderia ser um alerta para outras pessoas que estivessem tentando invadir nossa casa. — Fizemos um ótimo trabalho com as fechaduras, eles vão morrer antes de entrar — ele disse. Necessidade. Sobrevivência. Éramos nós ou eles. Dias depois, quando sugeri que enterrássemos o corpo — uma garotinha vestindo um casaco xadrez esfarrapado — ele me ajudou a carregá-lo até a lixeira. — Seu problema é que você é muito emotiva — ele disse. — E esse é o tipo de coisa que vai fazer de você um alvo fácil.

Bom, talvez não desta vez, Rowan. Talvez desta vez ser emotiva possa

ajudar, porque Rose e eu conversamos por horas, e eu aprecio as nossas conversas, certa de que posso usá-las como uma oportunidade de aprender tudo sobre Linden e merecer sua confiança. Mas, à medida que os dias se transformam em semanas, sinto uma genuína amizade brotando entre nós, o que deveria ser a última coisa que desejo de alguém que está morrendo. Mesmo assim, gosto da companhia dela. Ela me fala de sua mãe e de seu pai, que eram da primeira-geração que morreram em alguma espécie de acidente quando ela era nova; eles eram muito amigos do pai de Linden, e foi assim que ela passou a viver nesta mansão e se tornou noiva dele.

Ela me diz que a mãe de Linden - a segunda, mais jovem, esposa do Senhorio Vaughn — morreu no parto de Linden. E Vaughn estava tão imerso em sua pesquisa, tão obcecado em salvar a vida de seu filho desde o começo, que nunca se preocupou em tomar outra esposa. Ele poderia ter sido ridicularizado por isso, diz Rose, se não fosse um médico tão capaz e tão apaixonado por seu trabalho. Ele é dono de um próspero hospital na cidade e é um dos principais pesquisadores genéticos da região. Ela me conta que o primeiro filho do Senhorio viveu vinte e cinco anos completos e morreu e foi cremado quando Linden nasceu.

Isto, suponho, é uma coisa que tenho em comum com meu novo marido. Antes que eu e meu irmão nascêssemos, meus pais tiveram dois filhos, outros gêmeos, que nasceram cegos e incapazes de falar. Seus braços e pernas tinham má-formação e eles não viveram nem cinco anos. Anormalidades genéticas como essa são raras, dada a perfeição das primeiras gerações, mas acontecem. São chamadas malformações. Parece que meus pais não eram capazes de fazer filhos sem problemas genéticos, embora hoje eu tenha motivos para agradecer pela minha heterocromia. Ela pode ter me poupado um tiro na cabeça nos fundos daquela van.

Rose e eu falamos de coisas mais alegres também, como cerejeiras. Eu cheguei até mesmo a confiar o suficiente nela para lhe falar do Atlas do meu pai e da minha decepção por ter perdido o mundo no seu auge. Enquanto ela trança os meus cabelos, ela me diz que, se pudesse ter vivido em qualquer lugar do mundo, teria escolhido a Índia. Teria vestido saris e possivelmente se coberto de henna, e talvez desfilado pelas ruas montada num elefante coberto

de joias.

Eu pinto as unhas dela de cor-de-rosa, e ela cola joias de bijuteria na minha testa.

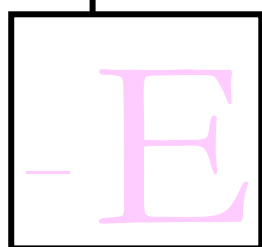
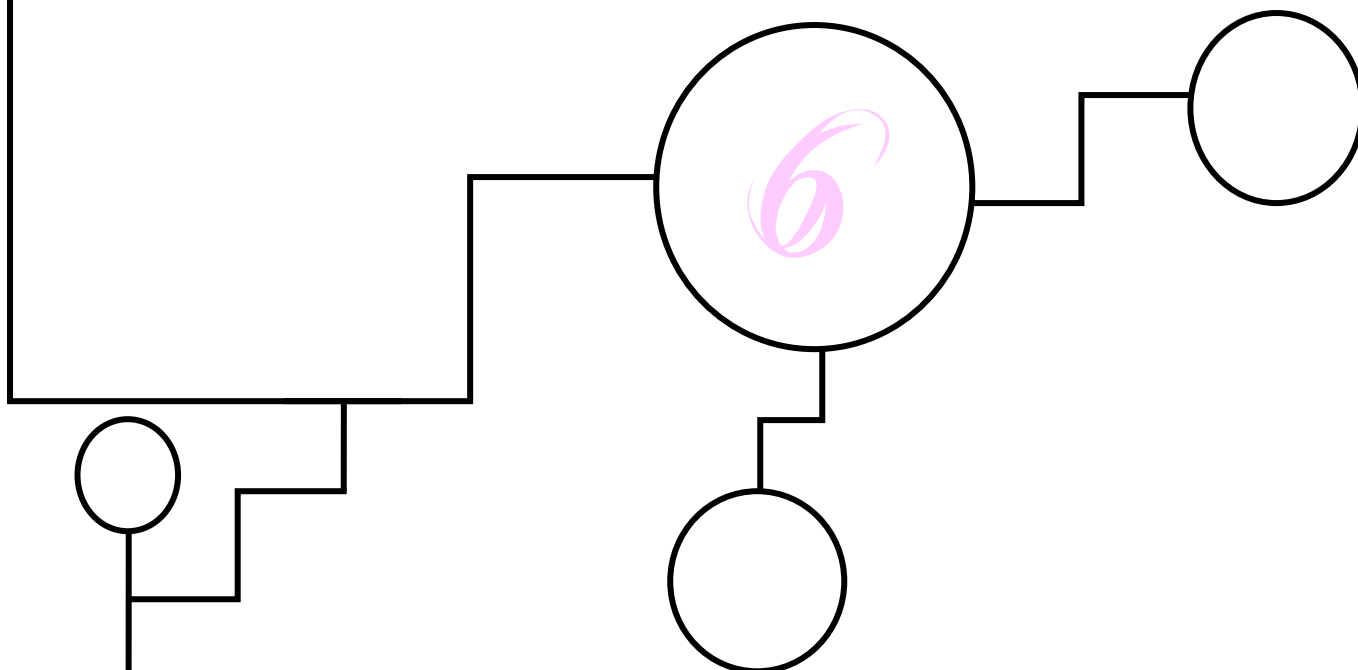
Então, uma tarde, quando estamos deitadas uma ao lado da outra na cama, nos empanturrando de doces coloridos, eu solto: — Como você consegue suportar, Rose?

Ela vira a cabeça no travesseiro para me encarar. Sua língua está roxa. — O quê?

— Não incomoda você que ele se casou de novo enquanto você ainda está viva?

Ela sorri, olha para o teto, e brinca com um papel de bala. — Fui eu quem pediu para ele fazer isso. Convenci-o de que seria mais fácil, com novas esposas já na casa. Ela fecha os olhos e boceja. — Além disso, ele estava começando a receber provocações nos círculos sociais. A maioria dos Governadores das Casas tem pelo menos três esposas, às vezes sete — uma para cada dia da semana. — É tão absurdo que ela ri um pouco, reprime uma tosse. — Mas Linden não. O Senhorio Vaughn vem tentando convencê-lo há anos, e ele sempre recusou. Finalmente ele concordou, contanto que pudesse escolher na seleção. Ele não teve sequer escolha comigo.

A voz dela é fria, e ela é tão bizarramente serena. Fico preocupada que eu tenha me tornado sua nova noiva favorita simplesmente por causa dos meus cabelos louros, minha vaga semelhança com ela. Ela é uma garota tão inteligente e culta, e me pergunto se ela percebeu que eu jamais vou amar Linden, especialmente não do jeito que ela ama, e que ele nunca irá amar ninguém do jeito que ela o ama. Eu me pergunto se ela percebe, apesar de todos os seus esforços para me treinar, que nunca poderei tomar seu lugar.



— Eu quero jogar um jogo — diz Cecily. Jenna não levanta a cabeça de seu romance. Ela estava deitada languidamente no sofá, as pernas pendendo por sobre o braço do móvel. — Aqui jogo é o que não falta.

— Eu não quis dizer o teclado ou esqui virtual — insiste Cecily. — eu estou falando de um jogo *jogo*. — Ela olha para mim em busca de ajuda, mas o único jogo que conheço é aquele em que meu irmão e eu montamos armadilhas de ruído na cozinha e tentamos sobreviver a noite intactos. E quando eu fui levada pelos Coletores, meio que perdi.

Eu estou sentada meio enroscada no alpendre da janela da sala de estar — uma sala repleta de jogos esportivos virtuais e um teclado criado para imitar uma orquestra sinfônica — e tenho ficado olhando para as flores de laranjeira que estremecem como milhares de minúsculos pássaros de asas brancas se preparando para pousar. Rowan nem sequer acreditaria nelas, na vida que elas implicam, na saúde e na beleza. Manhattan está cheia de ervas murchas e sufocadas que crescem do asfalto. Cravos com cheiro de geladeira sendo vendidos que são apenas criações da ciência e não flores de verdade.

— Você não conhece nenhum jogo? — Cecily está me perguntando diretamente agora. Sinto os olhos castanhos dela me encarando.

Bem. Existia um jogo, com copinhos de papel e linha, e a garotinha que morava na casa ao lado. Eu abro a boca, me preparo para explicar, mas mudo

de ideia. Não quero sussurrar meus segredos no copinho de papel e dividi-los com minhas esposas irmãs. Na verdade eu só tenho um segredo que vale alguma coisa, e é meu plano de fugir.

— A gente podia jogar pesca virtual — eu digo. Posso sentir a indignação de Cecily sem sequer olhar para ela.

— Tem que existir aqui alguma coisa real pra gente fazer — diz ela. — Tem que existir. — Ela sai da sala, e eu a ouço arrastando os pés corredor abaixo.

— Coitadinha — diz Jenna, revirando os olhos na minha direção por um momento. Então volta ao seu livro. — Ela nem sequer entende que tipo de lugar é este.



Acontece ao meio-dia. Gabriel traz meu almoço na biblioteca — que se tornou meu novo lugar favorito — e se detém para olhar sobre meu ombro quando vê o esboço de um barco na página.

— O que você está lendo? — pergunta ele.

— Um livro de história — eu digo. — Este explorador aqui provou que o mundo era redondo reunindo um grupo e navegando ao redor dele em três navios.

— Santa Maria, Pinta e Nina — ele diz.

— Você conhece história do mundo? — pergunto.

— Conheço navios — ele diz, e se senta ao meu lado no braço da poltrona grande demais e aponta para a figura. — Esta aqui é uma caravela. Ele começa a descrever sua estrutura para mim: o trio de mastros, o cabeamento da vela latina. Tudo o que consigo realmente entender disso é que o estilo era espanhol. Mas não o interrompo. Posso ver a intensidade em seus olhos azuis, que ele tirou um rápido descanso do trabalho duro de cozinhar e servir as noivas de Linden, que ele tem paixão por alguma coisa.

Sentada à sua sombra na poltrona grande demais, eu realmente sinto um sorriso começando a despontar.

É quando a doméstica de Cecily, Elle, entra correndo na sala. — Aí está você — ela grita para Gabriel. — Você precisa correr até a cozinha e pegar alguma coisa para a tosse de Lady Rose.

Agora posso ouvi-la tossindo, no final de um longo corredor. Sua tosse se tornou de certa forma parte desse lugar e eu quase nem reparo mais. Gabriel se levanta correndo, e eu fecho o livro, faço um gesto para segui-lo. — Não — ele diz, detendo-me à porta. — É melhor que você fique aqui até isto passar.

Mas, olhando por cima do ombro dele, posso ver um caos inusitado. Domésticas se atropelam umas às outras. Serviçais da primeira geração estão saindo do elevador trazendo toda espécie de vidros, e uma máquina que lembra o umidificador que meus pais punham no meu quarto no inverno em que peguei pneumonia. Há um ar de futilidade nisso tudo, e Gabriel sente isso também. Posso dizer isso pela expressão em seus olhos.

— Fique aqui — ele diz. É claro que eu o sigo até o corredor. E é tão assustador aqui fora que quero segui-lo até o elevador, o que provavelmente não é permitido, mas já não me importo mais com essas coisas. Gabriel passa seu cartão-chave, e as portas do elevador estão começando a se abrir quando tudo para. Simplesmente para. As domésticas ficam paralisadas onde estão; os serviçais ficam segurando cobertores, pílulas e aparelhos respiratórios. Linden está ajoelhado ao lado da cama de Rose com o rosto enterrado no colchão. Ele está segurando o longo caule branco de seu braço, e eu o sigo até o corpo dela, que não se move e não respira. Seu vestido, seu rosto, está salpicado de sangue que ela deve ter tossido ao fazer aqueles sons terríveis. Mas agora um silêncio apavorante preenche todo o andar. É o silêncio que imagino no resto do mundo, o silêncio de um oceano sem fim e de ilhas inabitáveis, um silêncio que pode ser visto do espaço.

Cecily e Jenna saem de seus quartos, e está tudo tão quieto que ouvimos o ruído estrangulado na garganta de Linden. — Vão embora — ele murmura. Então, mas alto: — Vão embora! — Só quando ele quebra um vaso na parede nós todas saímos correndo. Acabo no elevador com Gabriel, e quando as portas se fecham atrás de nós, fico feliz.

Não há nada que eu possa fazer a não ser acompanhar Gabriel até a

cozinha; eu me perderia se fosse a qualquer outro lugar. Fico sentada num balcão, mordiscando uvas enquanto os cozinheiros e os serviçais conversam enquanto trabalham. Gabriel se inclina contra o balcão ao meu lado, polindo prataria. — Eu sei que você gostava de Rose — ele sussurra para mim — mas aqui embaixo você não vai achar quem goste muito dela. Ela tratava os empregados com dureza.

Confirmando a afirmação, a cozinheira-chefe dá um gritinho: — Minha sopa não está quente o bastante! Ai, agora está quente demais! — e faz ruídos dramáticos de cuspe enquanto alguns outros começam a gargalhar histericamente.

Não vou negar que ouvir isso é doloroso. Eu testemunhei a ira de Rose sobre os empregados, mas em nenhum momento ela levantou a voz para mim. Aqui, neste lugar de seringas, Governadores tristes e Senhorios sinistros, ela havia sido minha única amiga.

Mas não digo nada. Nosso vínculo era uma coisa particular, e nenhuma dessas pessoas, que riem às custas dela, entenderia de qualquer maneira. Começo a pegar uvas e examiná-las uma de cada vez antes de devolvê-las à tigela. Gabriel me olha de soslaio enquanto trabalha, e por um momento as coisas são assim, com o resto da cozinha matraqueando em voz alta, a um milhão de quilômetros de distância.

— Ela sempre tinha esses doces — eu digo saudosa. — Eles fazem sua língua mudar de cor.

— O nome deles é June Beans — diz Gabriel.

— E tem mais?

— Claro: toneladas — ele diz. — Ela me mandava pedir caixas e caixas. Aqui... — ele me levou a uma despensa entre a geladeira embutida e a parede de fogões. Do lado de dentro há caixotes de madeira transbordando com os papéis de embrulho brilhantes de todas as cores. Dá para sentir o cheiro de açúcar deles, das tinturas artificiais. Ela mandava pedi-los, e aqui eles aguardavam para serem derramados em sua tigela de cristal e saboreados.

Meu desejo deve estar estampado na minha cara, porque Gabriel de repente coloca alguns deles num saco de papel para mim. — Leve todos os que quiser. Senão eles vão estragar mesmo.

— Obrigada — eu digo.

— Ei, você, lourinha — a cozinheira-chefe me chama. Ela é uma primeira-geração com cabelos ensebados amarrados num coque grisalho. — Você não deveria subir antes que seu marido te apanhe aqui?

— Não — respondo. — Ele nem vai saber que eu saí. Ele não repara em mim.

— Ele repara em você — diz Gabriel. Eu olho para ele sem acreditar, mas ele desviou seus olhos azuis de mim.

Um dos cozinheiros abre a porta e joga fora uma panela com água, porque a pia está sendo usada pela cozinheira-chefe resmungona. Uma rajada de ar frio afasta os cabelos do meu rosto. Vejo um lampejo de céu azul e terra verde, e depois tudo some. Não há cartões-chave, nem fechaduras. Então é por isso que as esposas não têm permissão de deixar o andar delas; nem todas as partes da mansão foram feitas para nos manter aprisionadas.

— Você costuma sair? — pergunto baixinho a Gabriel.

Ele me dá um sorriso tristonho. — Só para fazer serviços no quintal e pegar entregas. Nada muito empolgante.

— O que há lá fora?

— A eternidade — ele diz, dando uma pequena gargalhada. — Jardins. Um campo de golfe. Talvez algumas outras coisas. Nunca fui encarregado do trabalho externo, então não sei. Nunca vi o fim dele.

— Um mundo inteiro de trabalho é o que lhe aguarda lá fora, lourinha — diz a cozinheira-chefe. — Seu lugar é lá em cima, naquele seu andar cheio de frufus, deitada em lençóis de cetim e pintando as unhas. Agora vá embora, antes que você arrume encrenca pra todos aqui.

— Vamos — diz Gabriel. — Eu levo você de volta.

De volta ao andar das esposas, a porta de Rose está trancada, e todos os serviçais e domésticas se foram. Cecily está sentada sozinha no corredor, jogando algum tipo de jogo com um fio de lã enroscado ao redor dos dedos. Ela estava cantando para si mesma, mas quando saio do elevador, ela para e fica me observando andar até meu quarto.

— O que é que você estava fazendo com aquele assistente? — ela pergunta assim que Gabriel sai.

Ela não viu o saco de papel com os doces, e eu o enfio dentro da minha mesinha de cabeceira junto com minha folha de hera, que imprensei entre as páginas de um romance que peguei da biblioteca. Há tantos livros lá que acho que ninguém vai sentir falta deste.

Viro-me no instante em que Cecily aparece na minha porta, esperando uma resposta. Somos esposas irmãs agora, e o que quer que isso possa significar em outras mansões, não sinto que possa confiar nela. Também não me agrada o tom de voz exigente que ela usa, sempre impaciente, sempre fazendo perguntas.

— Eu não estava fazendo nada com ele — digo.

Eu me sento na minha cama, e ela ergue as sobrancelhas, talvez esperando que eu a convide a se juntar a mim. Esposas irmãs não podem entrar nos quartos umas das outras sem permissão. E uma das poucas privacidades de que disponho, e não vou abrir mão dela.

Mas não há nada que a impeça de falar. — Lady Rose está morta agora - diz ela. — Linden está livre para nos visitar a qualquer momento.

— Onde ele está? — não consigo me segurar e pergunto.

Cecily examina o fio de lã enroscado em seus dedos, e faz cara de desagrado, com o fio ou com a situação. — Ah, ele está no quarto dela. Fez todo mundo ir embora. Eu bati, mas ele não quer sair.

Vou até a penteadeira e começo a escovar meus cabelos. Estou tentando parecer ocupada para não precisar conversar, e não há muito mais o que fazer neste quarto a não ser ficar olhando para a parede. Cecily fica por um tempo na porta, girando preguiçosa de maneiras que fazem sua saia ondular. — Eu não contei ao nosso marido que você saiu com aquele assistente — ela diz. — Eu poderia ter contado, mas não contei.

E então ela sai dando pulinhos, arrastando uma trilha de fio de lã vermelho-vivo atrás de si.

Naquela noite, Linden vem ao meu quarto.

— Rhine? — ele chama suavemente, apenas uma sombra na minha porta.

Está tarde, e eu estou deitada sozinha no escuro há horas, me (Segurando contra o que eu já sabia desde o começo que seria uma noite longa e terrível. Embora ela tenha morrido, fico procurando ouvir o som de Rose no fim do

corredor, gritando com algum assistente, gritando comigo para que eu vá até lá escovar os cabelos dela e conversar com ela sobre o mundo. O silêncio é enlouquecedor, e talvez seja por isso que, em vez de fingir sono ou negar algo a ele, eu abra os lençóis para Linden.

Ele fecha a porta e sobe na minha cama. Eu sinto seus dedos frios e magros se fecharem sobre minhas bochechas quando ele se acomoda ao meu lado. Ele avança para o que será meu primeiro beijo, mas seus lábios falham. Ele soluça, e eu sinto o calor da pele dele e seu hálito. — Rose — ele diz. E um som sufocado e apavorado. Ele enterra o rosto no meu ombro e se perde em lágrimas.

Eu entendo a tristeza pela perda de alguém a quem se ama. Depois da morte dos meus pais, muitas de minhas noites foram parecidas com esta. Então, só desta vez, eu não vou resistir a ele. Eu permito que ele encontre asilo em minha cama, e deixo que ele se agarre a mim durante o pior da tempestade.

Seus gritos são abafados pela minha camisola. Que sons terríveis. Sinto-os vibrando fundo nos meus ossos. Isso continua pelo que parecem horas, e então sua respiração se torna entrecortada porém regular, suas mãos afrouxam o contato com minha camisola, e sei que ele adormeceu.

Eu própria passo o resto da noite dormindo e acordando a toda hora. Sonho com tiros, casacos cinzas e a boca de Rose mudando de cor. Acabo adormecendo de modo mais substancial, e quando o girar da maçaneta me acorda, já é de manhã. Uma luz suave e os sons dos passarinhos madrugadores preenchem o quarto.

Gabriel entra, segurando minha costureira bandeja de café-da-manhã, e para de caminhar quando vê Linden na minha cama.

Em algum momento durante a noite Linden me deu as costas, e agora ele está ressonando suavemente com o braço pendendo para fora do edredom. Silenciosamente olho para Gabriel e levo um dedo aos meus lábios. Então, com o mesmo dedo, aponto para a minha penteadeira.

É impossível ler a expressão no rosto de Gabriel quando ele coloca meu café onde indiquei; de algum modo ele parece tão magoado quanto no dia em que estava mancando e ferido. Não tenho certeza do que está fazendo com

que ele fique desse jeito até que começo a imaginar o que isso deve estar parecendo para ele. Não faz nem um dia que Rose morreu e eu já a substituí. Mas o que ele tem a ver com isso? Ele mesmo disse que nenhum dos serviços gostava de Rose mesmo.

Pronuncio um *obrigada* mudo pelo café, e ele faz que sim com a cabeça e vai embora. Mais tarde, talvez quando ele me vir na biblioteca, eu explique o que aconteceu. A morte de Rose está começando a me atingir agora, e tenho a sensação de que muito em breve vou precisar de alguém com quem conversar.

Saio da cama com muito cuidado. Melhor deixar Linden dormir. Ele teve uma noite muito agitada, e eu mesma já tive noites melhores. Abro a gaveta da mesinha de cabeceira sem fazer ruído, tiro um dos June Beans do saco de papel e vou até a janela. Ela ainda não abre, mas o alpendre é largo o bastante para eu me sentar nele.

Sento-me e fico vendo o jardim enquanto chupo o doce, que é verde como a grama cortada embaixo da minha janela. Daqui eu tenho uma visão perfeita da piscina, e vejo alguém com uniforme de assistente sulcando a água com uma rede comprida. A água apanha a luz do sol e a quebra em formas de diamante. Penso no oceano que pode ser visto ao longo do cais em Nova York. Há muito tempo havia praias ali, mas agora existem placas de concreto que para onde começa o oceano. Você pode colocar cinco dólares em um telescópio enferrujado e ver até a Estátua da Liberdade ou uma das ilhas de lojas de presentes cheia de lanterninhas, chaveirinhos e cartões postais. Você pode pegar uma barca de dois andares ao longo do cais enquanto um guia de excursão fala sobre todas as mudanças na paisagem da cidade ao longo dos séculos. Você pode se esgueirar sob a amurada, tirar o sapato e enfiar o pé descalço na água lamacenta e salgada demais, e observar peixes que não se pode comer — os pescadores os apanham por esporte, e depois os jogam de volta ao mar.

Eu sempre fui fascinada pelo oceano, por mergulhar uma perna abaixo de sua superfície e saber que estou tocando a eternidade, que ela segue para sempre até começar aqui de novo. Em algum lugar abaixo dela jazem as ruínas do colorido Japão, e a favorita de Rose, a Índia, as nações que não conseguiram sobreviver. Este continente solitário é tudo o que restou, e a

escuridão da água é tão misteriosa, tão sedutora, que acho esta piscina brilhante de água frívola demais. Limpa, reluzente e segura. Me pergunto se Linden algum dia já tocou o oceano. Me pergunto se ele sabe que este paraíso colorido é uma mentira.

Será que Rose algum dia deixou este lugar? Ela falava do mundo como se o tivesse visto, mas até que ponto além dos laranjais ela foi? Espero que agora ela esteja em algum lugar repleto de ilhas e continentes, com muitos idiomas a aprender e elefantes para montar.

— Adeus — eu sussurro, revirando o doce na língua. Tem gosto de hortela. Espero que ela também tenha muitos June Beans.

Ouçoo um som de resfolegar vindo da cama, e Linden se deita de costas, para então se apoiar sobre os cotovelos. Seus cachos estão desalinhados, os olhos inchados e confusos. Por um instante olhamos um para o outro, e posso ver que ele está lutando para focalizar os olhos. Ele parece tão distante que me pergunto se ainda está dormindo. De noite houve momentos em que ele abria bem os olhos e olhava para mim, e depois voltava a dormir, resmungando sobre tesouras de poda e o perigo das abelhas.

Agora seus lábios formam um sorriso fraco. — Rose? — ele murmura com uma voz rouca.

Mas então ele deve ter acordado um pouco mais, porque ficou com uma cara arrasada. Fico olhando para a janela, sem saber ao certo o que fazer comigo. Parte de mim sente pena dele, mas mais forte que minha pena é meu ódio. Deste lugar, dos tiros que assombram meus sonhos. Por que eu deveria consolá-lo, simplesmente porque tenho os cabelos louros de sua esposa morta? Eu também perdi as pessoas que amo. Quem vai me consolar?

Depois de uma longa pausa ele diz: — Sua boca está verde.

Ele se senta na cama. — Onde você conseguiu os June Beans? — ele pergunta.

Não posso dizer a verdade a ele. Não quero correr o risco de encrencar Gabriel novamente. — Rose os deu para mim. No outro dia, da tigela no quarto dela.

— Ela gostava de você — ele diz.

Não quero discutir Rose com ele. A noite acabou, e não serei mais seu

consolo. A noite, quando ambos estávamos vulneráveis, eu estava com mais disposição de perdoar, mas agora, à luz do dia, tudo está claro novamente. Ainda sou sua prisioneira.

Mas não posso ser completamente fria. Não posso deixar meu desprezo transparecer se eu quiser que ele confie em mim algum dia.

— Você sabe nadar? - pergunto.

— Não — ele diz. — Você gosta de água?

Quando eu era criança, sob os olhares atentos de meus pais, eu nadava na piscina interna da academia local, mergulhando para apanhar argolas e tentando superar meu irmão em competições de salto ornamental. Anos se passaram desde a última vez em que fui lá. O mundo se tornou muito perigoso desde então. Depois que o único laboratório de pesquisa da cidade foi bombardeado, destruindo empregos e esperança pelo antídoto de uma tacada só, as coisas se deterioraram rapidamente. Houve um tempo em que a ciência era otimista a respeito de um antídoto. Mas os anos viraram décadas, e novas gerações ainda estão morrendo. E a esperança, assim como todos nós, está morrendo rápido.

— Um pouquinho — respondo.

— Então preciso lhe mostrar a piscina — diz Linden. — Você nunca viu nada parecido como esta aqui.

A piscina não parece muito especial daqui, mas penso nos efeitos que os sabonetes de banho provocaram na minha pele, e no glitter que cercou o vestido de Cecily sem cair, e compreendo que nem tudo no mundo de Linden Ashby é o que parece.

— Eu gostaria disso — digo. Isso é verdade. Eu gostaria muito de estar lá fora onde o assistente está limpando a água. Não é liberdade, mas aposto que é perto o suficiente para que eu consiga fingir.

Ele ainda está me observando, embora eu esteja agindo como se estivesse interessada na piscina.

— Seria pedir demais — ele diz — que você viesse se sentar comigo um pouco?

Sim. Sim, seria demais. Já é demais eu estar aqui. Eu me pergunto se Linden se dá conta do poder injusto que ele tem sobre mim. Se eu expressar

sequer uma fração do meu nojo, jamais deixarei este andar novamente na vida. Não tenho escolha senão obedecer.

Encontro uma opção confortável levando minha bandeja de café para a cama. Coloco-a entre nós dois, e sento-me de pernas cruzadas à frente dele. — O café da manhã chegou quando você estava dormindo — eu digo. — Você deveria tentar comer alguma coisa. — Levanto a tampa que cobre a comida, e o prato tem waffles salpicados com mirtilos frescos, bem mais azuis do que aqueles que existem nos mercados lá em casa. Rowan diria para não confiar em nada tão brilhante. Eu me pergunto se essas frutinhas foram cultivadas em um dos muitos jardins, se este era o aspecto que esta fruta costumava ter antes de começar a ser colhido em solo químico.

Linden pega um waffle em sua mão e o estuda. Eu conheço esse olhar. Quando meus pais morreram, eu olhava para minhas refeições da mesma maneira. Como se a comida fosse uma pasta, como se comê-la não fizesse sentido. Antes que eu consiga evitar, pego um mirtilo e levo-o aos lábios dele. Simplesmente não consigo suportar que ele me lembre daquela tristeza tão grande.

Ele parece surpreso, mas come, e sorri um pouco.

Eu lhe dou mais um mirtilo, e desta vez ele põe a mão no meu pulso. Não o agarra com força, como eu esperava. E um toque suave, e duro apenas o suficiente para que ele engula o mirtilo em sua boca. Então ele dá um pigarro.

Estamos casados há quase um mês, mas esta é a primeira vez desde nosso casamento que consegui olhar realmente para ele. Talvez seja a tristeza, a pele rosada inchada ao redor de seus olhos que o faz parecer indefeso. Até mesmo gentil.

— Pronto. Não doeu, doeu? — pergunto, e pego um mirtilo para mim. Tem um sabor mais doce do que aqueles com os quais estou Tiro o waffle da mão dele e o parto ao meio — um pedaço para cada um.

Ele come, dando mordidas pequenas e engolindo como se doesse. Ficamos assim por algum tempo, com apenas o som dos pássaros lá fora e nós mastigando.

Quando o prato fica vazio, eu dou a ele o copo de suco de laranja. Ele o pega da maneira entorpecida com que pegou o resto da refeição engolindo

metodicamente, os cílios pesados apontando para baixo. 'Todo esse açúcar vai lhe fazer bem, eu penso.

Eu não deveria me importar com os sentimentos dele. Mas será bom para ele.

— Rhine? — batem na minha porta. É Cecily. — Você está acordada? Que palavra é esta aqui? A-M-N-I-O-C-E-N-T-E-S-E.

— Amniocentese — grito de volta, pronunciando-a para ela.

— Ah. Você sabia que é assim que eles testam bebês para saber se eles têm defeitos? — ela diz.

Eu sei. Meus pais trabalhavam em um laboratório que analisava fetos e recém-nascidos.

— Isso é legal — eu digo

— Venha cá pra fora — ela diz. — Tem um ninho de tordo do lado de fora da minha janela. Quero mostrar pra você. Os ovos são tão bonitinhos! — Ela raramente se interessa em me ver, mas reparei que ela não gosta quando as portas estão fechadas para ela.

— Depois que eu me vestir — eu digo, e fico esperando pelo silêncio, que significa que ela foi embora. Pego a bandeja e levo-a até minha penteadeira, imaginando por quanto tempo mais Linden vai ficar. Ocupo-me escovando os cabelos, e prendendo-os para trás com grampos. Abro a boca e vejo que o verde sumiu de minha língua.

Linden se reclina sobre os cotovelos, mexendo em um fio solto na sua manga com ar pensativo. Depois de algum tempo ele se levanta.

— Vou mandar alguém vir buscar a bandeja — ele diz, e vai embora.

Eu tomo um banho morno, imergindo na camada de espuma cor-de-rosa que flutua na água. Já me acostumei com a sensação eletrizante que as bolhas deixam na minha pele. Seco meus cabelos e ponho um jeans e um suéter que só de tocar já é o paraíso. Tudo obra de Deirdre. Estou sempre deslumbrante nas coisas que ela faz para mim. Ando pelo corredor por um tempo esperando que Cecily me encontre e me leve para ver seu ninho de passarinho, mas ela não está em lugar algum.

— O Governador Linden a levou para fora, para um dos jardins — diz Jenna quando a encontro, folheando as fichas catalográficas da biblioteca. Sua

voz parece mais clara hoje, menos fechada. Ela até olha para mim depois de falar, franze os lábios como se estivesse decidindo se vai dizer mais alguma coisa. Então volta a olhar para as fichas.

— Por que você o chama de Governador Linden? — pergunto a ela. Durante nosso jantar de casamento o Senhorio Vaughn nos explicou que ele deveria ser tratado por Senhorio, pois ele era a maior autoridade na casa. Mas era esperado que chamássemos nosso marido pelo nome, como sinal de familiaridade.

— Porque eu o odeio — ela diz.

Não há maldade nas palavras dela, nenhuma explosão dramática, mas algo em seus olhos cinzentos diz que ela fala sério. Olho ao- nosso redor para me certificar de que ninguém a ouviu. O aposento está vazio.

— Eu entendo — digo. — Mas talvez seja mais fácil agradá-lo. Talvez consigamos mais liberdade.

— Não vou fazer isso — ela diz. — Não ligo para liberdade agora. Não me importa se eu morrer aqui.

Ela olha para mim, e eu posso ver o péssimo estado de suas olheiras. Suas faces estão chupadas, afiladas. Algumas semanas atrás, em seu vestido de casamento, ela parecia triste mas estava bonita. Agora ela parece magérrima e anos mais velha. Ela tem cheiro de sabonete de canela e vômito. Mas está usando a aliança de casamento, um símbolo de que somos esposas irmãs, de que compartilhamos este inferno assim como compartilhamos aquele longo pesadelo na van.

Ela pode ter sido uma das garotas que se encolheu ao meu lado na escuridão. Pode ter sido ela a que gritou.

O que quer que estivesse procurando entre aquelas fichas catalográficas, ela encontra. Ela murmura o número do corredor, guardando-o na memória, e fecha a gaveta.

Ela desce devagar por um dos corredores, e eu á sigo enquanto ela percorre as lombadas dos livros com o dedo, dá uma pancadinha num deles e o retira de seu nicho. O livro está empoeirado, a capa toda comida, as páginas amarelas e quebradiças quando ela as folheia. Todos esses livros são do século vinte e um ou de antes, o que não é muito estranho. A televisão também exhibe

filmes antigos, e a maioria dos programas são ambientados no passado. Tornou-se uma forma de escapismo visitar um mundo no qual as pessoas viveram por um longo tempo. O que um dia era real e natural se tornou uma fantasia. — Há muitas histórias de amor aqui - ela diz. — Elas têm final feliz, ou então todo mundo morre. — Ela dá Uma gargalhada, mas o som sai mais como um soluço. — O que mais pode existir, certo?

Ela olha para as páginas abertas, e parece que vai desabar. Os olhos ficam cheio de lágrimas, e eu espero que elas desçam, mas isso não acontece. Ela as prende.

Este corredor tem um cheiro incrivelmente ruim — páginas sujas e mofo, e mais alguma coisa, alguma coisa vagamente familiar. Tem cheiro da terra no quintal na noite em que meu irmão e eu enterramos nossas posses. E eu sei que minha esposa irmã Jenna não é igual a Cecily, que cresceu em um orfanato e agora se sente honrada em ser uma rica esposa de Governador. Não. Ela é como eu, que perdeu algo de precioso, que enterrou coisas suas.

Hesito, sem saber ao certo se posso confiar a ela meu plano de ganhar a confiança de Linden e escapar. Ela parece resignada em apodrecer nesta mansão, mas talvez nunca tenha passado pela cabeça dela que poderia haver uma saída.

Mas se eu estiver errada, o que irá impedi-la de me trair depois?

Ainda estou debatendo isso comigo quando Cecily entra na biblioteca e bufa indignada ao desabar na poltrona em frente a uma das mesas. — Nossa, mas que perda de tempo — ela diz. E depois, caso não a tenhamos ouvido: — Uma completa perda de tempo!

Quando ela diz isso, Gabriel entra no aposento com uma bandeja de chá, com fatias de limão numa pequena tigela de prata.

Eu me sento numa poltrona em frente à de Cecily, que está segurando sua xícara, esperando impaciente que Gabriel a encha. Jenna se junta a nós em silêncio, segurando seu livro aberto em frente ao seu rosto. Sem levantar a cabeça, ela pega uma fatia de limão e começa a chupá-la.

— Linden me convidou para o roseiral — diz Cecily, tomando um gole de seu chá. Ela franze o nariz. — Não tem leite nem açúcar — ela se irrita com Gabriel, que promete voltar imediatamente com os dois. — De qualquer

maneira — ela diz — eu achei que ele ia finalmente começar a agir como um marido, vocês sabem? Já está na hora. Mas tudo o que ele fez foi me mostrar o caramanchão de girassóis que foram importados há cem anos da Europa ou de outro lugar qualquer, e ficou falando e falando sobre a Estrela Polar. Sobre como ela é antiga, como ela ajudava os exploradores a encontrar o caminho de casa. Foi uma total decepção — ele nem me beijou!

Penso no tempo brevíssimo que passei sozinha com Linden no mesmo jardim, ao amanhecer. Ele falou sobre os *nishikigoi* japoneses e a maneira como o mundo costumava ser. Agora me ocorre que ele gosta de se perder em lugares distantes, exatamente como sua esposa morta., Fico me perguntando se era isso o que eles amavam um no outro, ou se crescer dentro das paredes bem cuidadas destes jardins instilaram neles um amor por coisas que eles nunca tiveram a oportunidade de ver.

A mesma coisa está acontecendo comigo, não está? Tudo o que fiz para me consolar neste lugar foi me perder no fantasma de como o mundo costumava ser. Uma pontada de alguma coisa me percorre — o que é? Pena? Simpatia? Compreensão?

Seja o que for, não é bem-vindo. Não tenho razão para me identificar com Linden Ashby. Não tenho razão para sentir nada por ele.

Jenna está chupando a polpa dos limões, colocando as cascas vazias em cima da mesa quando acaba. Vira uma página. Perde-se na ficção. Dessa maneira, suponho que ela e eu estamos ambas perdidas aqui.

— Linden nem me toca — Cecily me diz. — Mas ele beijou você. — E uma acusação.

— Desculpe? — eu digo.

Ela faz que sim com a cabeça, empolgada, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Seus olhos castanhos estão subitamente maiores e mais brilhantes. — Eu vi ele sair do seu quarto hoje de manhã. Eu sei que ele passou a noite com você.

Não sei o que dizer a isto. Não tenho certeza que limites são traçados entre esposas irmãs. — Eu achei que o que acontecia em nossos quartos era particular — consigo dizer.

— Ah, não seja tão puritana — diz Cecily. — Então, vocês consumaram

a relação? - ela se inclina para a frente. — Foi absolutamente mágico? Aposto que foi.

Gabriel retorna e coloca um bule de leite em cima da mesa. Cecily tira o açucareiro da mão dele e joga quase metade do conteúdo dentro de sua xícara. Ela toma mais um gole de chá, e eu posso ouvir os grãos sendo moídos entre os dentes dela. Ela está esperando pela minha resposta, mas o único som é o de Jenna sugando a vida daqueles limões, e Gabriel dando um pigarro ao se virar para ir embora.

Sinto ondas de calor correndo para minhas bochechas. Não consigo saber se são de vergonha ou de raiva. — Isso não é da sua conta — grito.

Jenna tira os olhos do livro, curiosa e quem sabe achando até graça. Cecily está sorrindo, e começa a me fazer toda espécie de perguntas pessoais que não param de girar em minha cabeça até eu não aguentar mais olhar para ela. Não consigo suportar olhar para nenhuma dessas garotas, que não oferecem amizade, nem consolo, e que jamais apreciariam as coisas sobre as quais Linden estava falando, de qualquer maneira. Que interesse elas têm na Estrela Polar? Uma escavou um túmulozinho perfeito para si em volumes de centenas de anos de idade, e a outra está perfeitamente satisfeita em permanecer aprisionada. Eu não sou nem um pouco igual a elas. Minhas pernas não conseguem me levar rápido o bastante quando saio correndo da sala.

Lá fora, no corredor, o cheiro da biblioteca se torna o aroma esfumaçado de madeira e especiarias dos incensos que queimam em pequenos nichos ao longo da parede. Gabriel está acabando de entrar no elevador e as portas estão para se fechar quando digo "Espere!" e corro para dentro do carro com ele. As portas se fecham, e me abaixo, mãos nos joelhos, arquejando como se tivesse acabado de correr um quilômetro. Gabriel aperta um botão, e começamos a descer.

— Sabe, você vai ser apanhada se continuar se esgueirando pra fora do seu andar assim - ele diz, mas não há perigo de verdade na sua voz.

— Eu não consigo fazer isso — digo, tentando recuperar o fôlego. Mas não foi a rápida corrida que me deixou cansada. Meu peito está apertado. Minha visão está começando a ficar borrada na beiradas. — Eu odeio isto aqui. Odeio tudo neste lugar. Eu... — Perco a voz. Reconheço o que está

acontecendo comigo. Meu corpo está fazendo a única coisa que andava desesperado para fazer desde o momento em que fui empurrada para a parte de trás daquela van; só que naquele momento eu estava muito atordoada, e muito zangada quando acordei neste lugar.

Gabriel sente isso também. Porque ele enfia a mão no bolso do peito e me dá um lenço no instante em que o primeiro soluço de choro emerge.

Quando as portas do elevador se abrem, é no corredor alto com os barulhos da cozinha. Tem cheiro de lagosta no vapor e de algo doce e que acabou de sair do forno. Gabriel aperta um botão e as portas se fecham, só que desta vez o carro não sai do lugar. — Quer falar a respeito? — ele pergunta.

— Você não precisa voltar à cozinha? — pergunto, assoando o nariz. Faço o melhor que posso para não parecer chorona e patética, mas é difícil quando o lenço já está molhado e melequento demais para secar o resto das lágrimas que caem.

— Tudo bem — ele diz. — Eles vão pensar que fiquei preso dando atenção a Cecily. — A folgada e exigente Cecily está rapidamente tomando o lugar de Rose entre os serventes como a esposa menos favorita. Gabriel e eu nos sentamos de pernas cruzadas no chão, e ele espera pacientemente que eu pare de soluçar para poder falar.

O elevador é bonito. O carpete está gasto, mas é limpo. As paredes são de cor vermelho-escura, com padrões vitorianos impressos que me fazem pensar no cobertor da cama dos meus pais, de como eu me sentia protegida enfiada dentro dele. Longe, longe, minha mente registra a lembrança daquela segurança que há tanto tempo se foi. Eu estou segura aqui também. Em algum lugar no fundo da minha mente eu me pergunto se estas paredes têm ouvidos — se em algum momento a voz do Senhorio Vaughn se fará ouvir através de um alto-falante sobre nossas cabeças, ameaçando Gabriel por ter me permitido chegar a este ponto. Mas eu espero, e nenhuma voz aparece, e estou tão triste que já nem me importo mais.

— Eu tenho um irmão — digo, começando pelo começo. — Rowan. Quando nossos pais morreram, há quatro anos, precisamos deixar a escola e achar emprego. Para ele foi fácil encontrar um trabalho em uma fábrica que

pagasse bem. Mas eu tinha tão poucas habilidades que era praticamente inútil., Ele não achava que era seguro para mim sair sozinha, então tentamos ficar perto um do outro, e eu sempre acabava com serviços de atendimento telefônico nas fábricas que não pagavam quase nada. Tínhamos o bastante para ir levando, mas não do jeito a que estávamos acostumados, sabe? Eu queria fazer mais.

— Há algumas semanas, vi um anúncio no jornal, oferecendo dinheiro para doadores de medula. Aparentemente eles estavam realizando novas pesquisas para encontrar causas do vírus. — Retorço o lenço nas minhas mãos, estudando-o através de minha visão marejada. Num dos cantos há um bordado carmesim do que parece ser uma flor, mas é diferente de tudo o que eu já vi, com uma abundância de pétalas em forma de lanças reunidas em buquê. A imagem vira uma mancha e se duplica. Balanço a cabeça para clarear a visão.

— Percebi que era uma armadilha no instante em que entrei no laboratório e vi todas aquelas outras garotas — eu digo, meus dedos automaticamente se curvando como garras. — Eu lutei. Arranhei, mordi, chutei. Não fez diferença. Eles conduziram todas nós para dentro de uma van. E não sei por quanto tempo viajamos. Horas. Às vezes parávamos, as portas se abriam, e mais garotas entravam. Foi tão horrível lá dentro.

Eu me lembro daquela escuridão. Não havia paredes, não havia nada em cima nem embaixo. Eu podia estar viva ou morta. Eu escutava as outras garotas respirando ao meu redor, em cima de mim, dentro de mim, e isso era todo o planeta terra. Apenas aqueles soluços aterrorizados de respiração. Pensei que havia ficado louca. E talvez eu esteja louca, porque penso ouvir um dos tiros do Coletor agora, e dou um pulo. Faíscas voam ao meu redor.

Gabriel levanta a mão justo no instante em que as luzes começam a piscar. Ouço outro som alto de explosão, não um tiro mas algo que se parece com um som mecânico. Nosso carro começa a sacudir, e então as portas se abrem, e Gabriel me levanta e corremos para o corredor. Mas não é o corredor dos cozinheiros. Este aqui é mais escuro e tem um cheiro estéril. Luzes de neon lutam para permanecerem acesas no teto, e nos azulejos do piso consigo ver o reflexo fraco dos nossos sapatos antes de cada passo.

— Devemos ter descido um andar — diz Gabriel.

— O quê? Por quê? — pergunto.

— Tempestade — ele diz. — Às vezes os elevadores descem todos para o porão por medida de precaução.

— Tempestade? Estava fazendo sol lá fora há um minuto — eu digo, aliviada ao descobrir que o medo não está presente em minha voz. Os soluços de choro também pararam, deixando apenas os suaves e infrequentes soluços normais que se seguiram depois.

— Aqui na costa nós temos muitas — ele diz. — Às vezes elas vêm do nada. Não se preocupe, se fosse um furacão, teríamos ouvido o alarme. Não é incomum que ventos fortes mexam com a eletricidade e desliguem um dos elevadores.

Furacão. De algum lugar no fundo da minha mente revejo uma imagem de televisão de ventos soprando furiosos, destruindo casas. São sempre as casas que vão, às vezes pedaços de uma cerca ou uma árvore arrancada pelas raízes, uma heroína com vestido de pioneira aos gritos, mas sempre as casas. Imagino um furacão batendo de frente nesta mansão e fazendo-a em pedaços. Me pergunto se eu seria capaz de escapar então.

— Então este é o porão? — eu digo.

— Acho que sim — diz Gabriel. — Quero dizer, nunca estive aqui embaixo. Só estive onde fica o abrigo de tempestade. Ninguém tem permissão de vir sem autorização do Senhorio Vaughn. — Ele parece nervoso, e eu sei que o Senhorio Vaughn é o motivo. Não consigo suportar pensar em Gabriel mancando até meu quarto, melancólico e machucado por causa de minhas transgressões.

— Vamos voltar antes que alguém nos pegue — eu digo.

Ele concorda. Mas as portas do elevador se fecharam, e não abrem quando ele passa seu cartão-chave na fenda do painel. Tenta várias vezes antes de balançar a cabeça. — Não está funcionando — ele diz. — Vai acabar voltando a funcionar, mas, enquanto isso, tem que haver outro elevador que possamos tentar.

Começamos a descer o longo corredor, com uma iluminação nem um pouco confiável que de vez em quando se apagava e sibilava para nós. O

corredor principal se divide em outros corredores mais escuros e portas fechadas, e tenho certeza de que não quero saber para onde eles levam. Nunca mais quero ver este andar. Ele está me trazendo recordações muito ruins, lugares que pertencem aos meus pesadelos, onde moram as garotas assassinadas na van, onde o ladrão Coletor põe a mão em concha sobre a minha boca e pressiona uma faca contra a minha garganta. Alguma coisa no fato de estar aqui faz as palmas das minhas mãos suarem. E então eu percebo. Era aqui que o médico estava, na tarde antes do casamento. Deirdre me trouxe para este corredor, me levou até um quarto onde um homem me enfiou uma agulha e eu apaguei.

Minha pele se arrepia toda quando me lembro disso. Preciso sair daqui.

Ao meu lado, Gabriel continua avançando sem olhar para mim. — Sobre o que você me contou — ele diz baixinho — eu acho que isso é terrível. E o que você disse antes, sobre odiar este lugar? Eu entendo.

Aposto que ele entende.

— Foi o Senhorio Vaughn, não é? — perguntei. — Foi ele quem machucou você? Foi minha culpa, porque eu saí do meu quarto.

— Você não deveria ter sido trancada em um quarto, pra começo de conversa — ele diz.

Percebo imediatamente que quero conhecê-lo. Que comecei a ver seus olhos azuis e cabelos castanhos acobreados como os sinais de um amigo, e que na verdade já faz algum tempo que sinto isso. Gosto que finalmente estejamos conversando sobre coisas mais importantes do que o que temos para o almoço ou o que estou lendo ou se quero limão no meu chá. (Nunca quero.)

Quero saber mais sobre ele, e quero que ele me conte mais a seu respeito. Meu verdadeiro eu, não-casado, meu eu de antes mesmo de eu ter visto o interior desta mansão — quando eu vivia em um lugar perigoso mas tinha minha liberdade e era feliz com ela. Abro a boca, mas ele imediatamente me detém agarrando meu braço e me puxando para um dos corredores do lado escuro. Não tenho a chance de protestar antes de ouvir o som de alguma coisa se aproximando.

Nos esprememos contra a parede. Tentamos ser as sombras que nos

cobrem. Fazemos tudo para que até mesmo os brancos de nossos olhos escureçam.

Vozes se aproximam. — ... a cremação não é possível, claro...

— Que pena destruir essa coitadinha. — um suspiro. Um *tsc tsc*.

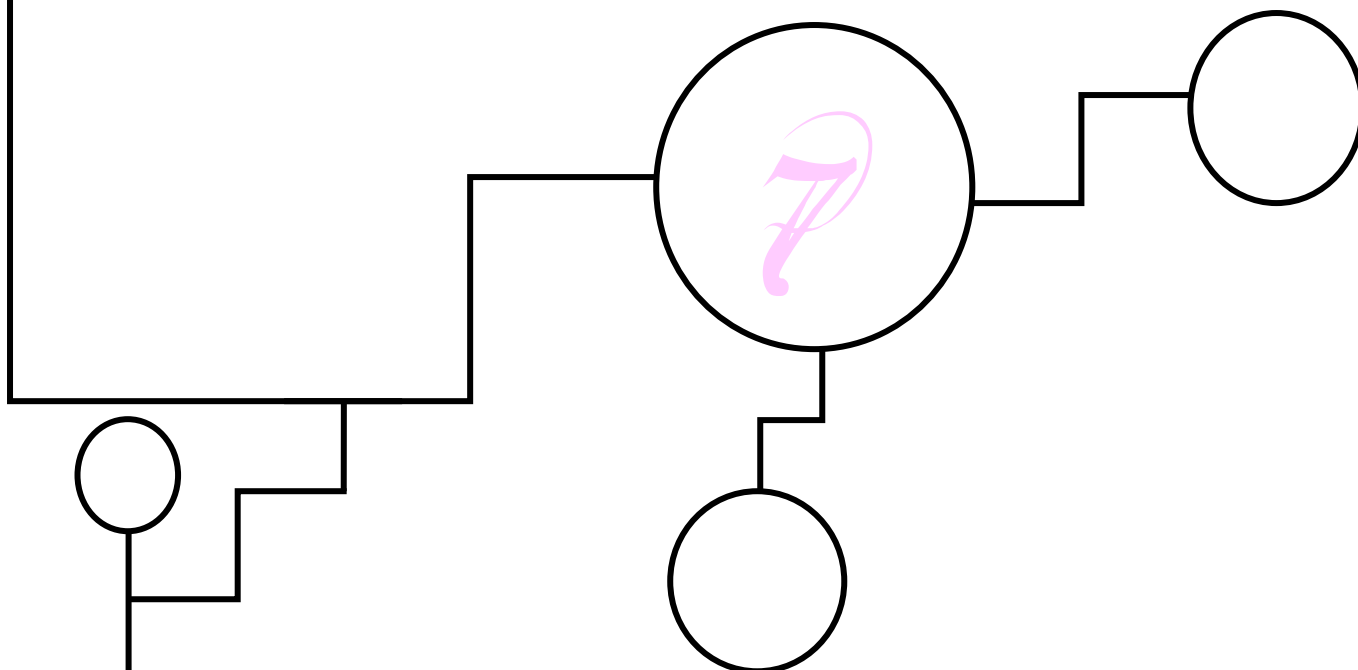
— E para o bem maior, se isso for salvar vidas.

As vozes não são familiares. Se eu passar o resto da minha vida nesta casa, pode ser que eu nunca venha a conhecer todos os seus aposentos, todos os serviçais. Mas, à medida que as vozes se aproximam, posso ver que as pessoas não estão vestidas como serviçais.

Elas estão vestidas de branco, as cabeças protegidas pelos mesmos capuzes brancos que meus pais usavam para trabalhar, com plástico cobrindo seus rostos. Trajes de risco biológico. Eles estão empurrando um carrinho.

Gabriel agarra meu pulso, o aperta, e não entendo por quê. Não entendo o que está acontecendo até o carrinho chegar mais perto de nós e eu ver o que está em cima dele.

Um corpo coberto por um lençol. Os cabelos louros de Rose se derramando pelas bordas. E sua pele branca, fria, com as unhas ainda pintadas de cor-de-rosa.



P

rendo a respiração enquanto eles passam. Eternidade são as passadas secas, as rodas frouxas se afastando cada vez mais. Esperamos em silêncio por um longo tempo só por questão de segurança, e então minhas palavras saem num jorro como se eu estivesse subindo à tona em busca de ar.

— Para onde estão levando ela? — pergunto, sem fôlego.

A expressão triste no olhar de Gabriel se torna evidente na quase escuridão. Ele balança a cabeça. — O Senhorio Vaughn deve estar planejando estudá-la — ele diz. — Ele está procurando um antídoto há anos.

— Mas — eu digo numa voz rouca — É a Rose.

— Eu sei.

— Linden nunca permitiria isso.

— Talvez não — diz Gabriel. — Não podemos contar a ele. Nós nunca vimos isto. Nunca estivemos aqui.

Encontramos o elevador e voltamos ao corredor dos cozinheiros, onde há uma cacofonia de metal contra metal, prato contra prato, a cozinheira-chefe gritando que alguém é um desgraçado preguiçoso. Uma festa de gargalhadas. Eles não fazem ideia de que a esposa que tanto detestavam estava percorrendo um caminho frio por corredores embaixo dos pés deles.

— Ei, a lourinha está aqui! — alguém grita. Está se tornando o apelido oficial da cozinha para mim. Muito embora as noivas não devam deixar o andar das esposas, elas não parecem ligar que eu fique ali no seu espaço de

trabalho. Eu não peço nada delas, o que Gabriel diz que é mais do que a última esposa de Linden e a pequenininha (a moleca, eles a chamam) conseguiram fazer.

— O que aconteceu com seu rosto, lourinha? Você está toda vermelha.

Eu toco a pele frágil sob meus olhos, lembrando de minhas lágrimas. É como se tivessem acontecido há um milhão de anos.

— Sou alérgica a frutos do mar — grito de volta, enfiando o lenço úmido no bolso. — O fedor chegou até o andar das esposas, e fez meus olhos ficarem inchados. Vocês estão tentando me matar ou o quê?

— Ela insistiu em descer aqui pra te dizer isso pessoalmente — Gabriel diz para me ajudar.

Enquanto nos dirigimos até a cozinha, faço o melhor que posso para parecer enojada, quando na verdade o cheiro me lembra de casa, e volta a me dar apetite.

— Nós temos problemas maiores do que suas necessidades alimentares — diz a cozinheira-chefe, tirando uma mecha de cabelo do rosto suado, apontando para a janela com a cabeça. O céu está com um tom bizarro de verde. Relâmpagos abrem clarões por entre as nuvens. Há menos de uma hora havia sol e canto de pássaros.

Alguém me oferece uma caixinha de papelão cheia de morangos. — Chegaram esta manhã, fresquinhos. — Gabriel e eu pegamos cada um um punhado ao irmos até a janela. Assim como os mirtilos, a cor deles é mais vivida do que o que estou acostumada. O suco deles inunda minha boca de tanta doçura, e as sementes ficam presas nos meus molares.

— Já é aquela época do ano? — pergunta Gabriel. — Parece um pouco cedo.

— Podemos ter uma boa tempestade este ano — diz um dos cozinheiros ao se ajoelhar em frente ao forno e franzir a testa ao examinar uma coisa que está cozinhando. — Talvez até um categoria três.

— O que isso quer dizer? — eu pergunto, enfiando o próximo morango na boca.

— Significa que vocês três princesas ficarão trancadas no calabouço — a cozinheira-chefe sibila, e eu estou prestes a acreditar nela quando ela bate uma

mão no meu ombro com força e dá uma gargalhada. — O Governador da Casa toma todas as precauções com suas esposas — ela diz. — Se os ventos ficarem ruins, vocês todas terão de esperar a tempestade passar no abrigo de tempestades. Não se preocupe, lourinha, aposto que lá é bem confortável, e o resto de nós vai ficar bem aqui em cima cozinhando e levando suas refeições para vocês.

— Vocês continuam a trabalhar durante a tempestade? — pergunto.

— Claro, a menos que a energia seja cortada.

— Não se preocupe — diz Gabriel. — A casa não vai explodir. — Sua pequena gargalhada sugere que ele sabe que era isso o que eu estava torcendo que acontecesse. Nós trocamos um olhar, e sua tentativa de sorriso floresce e se transforma no primeiro sorriso de verdade que já o vi dar. Eu me permito retribuir o sorriso.

Mas, alguns minutos depois, uma tensão pende sobre nós, tão sombria quanto as nuvens de tempestade, quando tomamos o elevador de volta ao andar das esposas. Há um carrinho com bandejas de almoço entre nós. Creme de lagosta para as outras e um franguinho caramelado para mim, já que supostamente eu sou alérgica a frutos do mar. Não falamos. Tento não pensar em Rose, mas não consigo ver nada a não ser sua mão sem vida escapando do lençol enquanto ela passa. Uma mão que outro dia mesmo estava trançando meus cabelos. Penso na tristeza nos olhos de Linden; o que ele diria se soubesse que seu amor de infância, a garotinha que dava açúcar para os cavalos comerem no laranjal, está sendo dissecada nesta mesma casa?

Sozinha no meu quarto, não toco no meu almoço. Mergulho numa banheira quente, lavo o lenço de Gabriel nas bolhas e em seguida o seguro na minha frente. Tento imaginar outro lugar, outro tempo, em que flores poderiam ter se parecido com esse bordado. É uma coisa tão poderosa, afiada, perigosa e bela. Ela repousa no que parece ser uma vitória-régia. Guardo a imagem na memória e depois vou pesquisá-la na biblioteca. A imagem que corresponde melhor a ela é a flor de lótus, que existia em países do Oriente e pode ter se originado num país chamado China. Tudo o que tenho para pesquisar é uma fração de uma página em um almanaque de botânica aquática; o almanaque prefere me falar de ninfeia, talvez uma parente próxima, mas não

é a mesma coisa. Não é tão rara. E após horas de pesquisa, ainda não consigo encontrar uma correspondência decente.

Pergunto a Gabriel, e ele responde que os serviçais pegam os guardanapos de um recipiente plástico onde os guardanapos de tecido são guardados. Ele não sabe quem os pediu ou de onde eles vêm, mas posso ficar com ele porque existem dezenas de outros.

Nos dias seguintes, Gabriel começa a trazer o café enquanto as outras esposas ainda estão dormindo. Ele esconde June Beans em guardanapos enrolados ou debaixo do prato ou, uma vez, entre as panquecas. Ele pega as fatias de morango e monta miniaturas da Torre Eiffel com elas, e barcos com mastros em forma de lanças. Ele deixa a bandeja sobre a minha mesinha de cabeceira e, se estou dormindo, sinto sua presença enquanto sonho. Sinto laços quentes se estendendo para dentro do meu subconsciente, e me sinto segura. Abro os olhos para a tampa de prata da bandeja do café, e sei que ele estava por perto. Nas manhãs em que estou acordada, conversamos em voz baixa, e quase não conseguimos ver o rosto um do outro na escuridão. Ele me conta que sempre foi órfão desde que consegue se lembrar, que o Senhorio Vaughn o comprou num leilão aos nove anos. — Não é tão terrível quanto parece - diz Gabriel. — Nos orfanatos eles ensinam a você habilidades como cozinhar, costurar e limpar. Eles mantêm uma espécie de cartão de relatório para cada um, e assim os mais favorecidos podem dar seus lances. Foi assim que conseguimos Deirdre, Elle e Adair também.

— Você não se lembra dos seus pais? — pergunto.

— Não consigo - ele diz. — Praticamente não me lembro de como é o mundo fora deste lugar. — E meu coração afunda. Ninguém, ele me diz, nem mesmo os ajudantes, deixam a propriedade. Eles fazem pedidos de carregamentos de comida, tecidos e qualquer coisa imaginável, mas nunca visitam lojas. Os únicos que saem são os motoristas dos caminhões de entrega, o Senhorio Vaughn, e às vezes Linden, quando tem vontade. Eu já vi Governadores de Casas e suas primeiras esposas na TV em acontecimentos sociais — eleições políticas, cerimônias de inauguração, coisas assim — mas Gabriel me conta que Linden não é do tipo social. Ele é meio recluso. E por que não? Você pode passar um dia inteiro andando e não atravessar este lugar

inteiro de uma ponta a outra. Mas não perdi a esperança. Linden levava Rose a festas o tempo todo, e ela mesma dizia que, se ele fizer de mim sua favorita, vai me levar a qualquer lugar onde eu queira ir.

— Você não sente falta? — pergunto. — De ser livre?

Ele ri. — Eu não era muito mais livre no orfanato, mas acho que sinto falta da praia — ele diz. — Eu podia vê-la da minha janela. Às vezes eles deixavam a gente ir até lá. Eu gostava de ver os barcos partindo. Acho que, se eu pudesse ter feito alguma coisa, teria gostado de trabalhar em um deles. Quem sabe até construir um. Mas eu nunca sequer pesquei um peixe.

— Meu irmão me ensinou a pescar — digo. Nós nos sentávamos na placa de concreto que parava no oceano, os pés pendurados na beirada. Eu me lembro dos puxões fortes da linha de pesca, do carretel girando para fora do meu controle e Rowan o segurando para mim, me mostrando como puxá-lo para minha direção. Eu me lembro do corpo prateado, todo músculos, como uma língua se debatendo no anzol, os olhos arregalados. Eu o soltei do anzol e tentei segurá-lo, mas ele pulou da minha mão. Caiu na água com um barulhão. Desapareceu, foi-se embora para visitar as ruínas da França ou quem sabe da Itália para enviar a elas minhas lembranças.

Tento retransmitir essa experiência a Gabriel, e muito embora eu ache que estou fazendo uma péssima imitação do movimento de puxar a vara de pescar e minhas patéticas tentativas de trazer o peixe, ele está prestando muita atenção. Quando imito o barulho do peixe batendo na água, ele até ri, e eu rio também, baixinho, na escuridão do meu quarto.

— Você comia alguma coisa que ele pegava? — ele pergunta.

— Não. A pesca comestível fica mais distante, e depois os peixes são transportados por barco. Quanto mais perto da terra, mais contaminada a água. Aquilo era só por diversão.

— Parece divertido — ele diz.

— Era meio nojento, na verdade — eu digo, lembrando das escamas frias e escorregadias e olhos avermelhados. Rowan me chamava de pior pescadora de todos os tempos e dizia que era ótimo que aqueles peixes não fossem comestíveis, porque se precisássemos deles para alimentação, passaríamos fome comigo no comando. — Mas é uma das poucas coisas que meu irmão

gosta de fazer que não envolvem trabalho.

A saudade que bate com a lembrança de meu irmão não é tão ruim. Não com Gabriel por companhia e uma bandeja de panquecas e o June Bean que ele escondeu no guardanapo.



Linden nos ignora durante o dia, mas começa a convidar todas as suas três esposas para o jantar todas as noites. Ele nos fala sobre a pesquisa de seu pai, e do otimismo que os cientistas e os médicos têm de encontrar um antídoto. Ele diz que seu pai está frequentando uma convenção em Seattle, onde irá comparar notas com outros pesquisadores. Secretamente eu me pergunto se as anotações do Senhorio são todas sobre Rose. Eu me pergunto se ele a chamou de Cobaia A ou Paciente X. Me pergunto se as unhas dela ainda estão pintadas. Cecily está, como sempre, muito interessada em tudo o que nosso marido diz. Jenna ainda parece enojada ao vê-lo, embora ela tenha começado a comer. Estou melhorando minha habilidade de parecer realmente interessada no que ele tem a dizer. E, durante todo esse tempo, as tempestades fazem a eletricidade piscar, e interrompem com estranhas e infrequentes rajadas de chuva o que de outro modo seriam belas tardes.

E então uma noite, quando Linden está anormalmente bem- -humorado, ele anuncia que, em homenagem aos nossos dois meses de casamento, acha que deveria haver uma comemoração. Das grandes, com lanternas coloridas e uma banda ao vivo. Ele vai até deixar a gente decidir em que jardim realizá-la.

— Que tal o laranjal? — pergunto. Gabriel e os dois outros serviçais que recolhem nossos pratos trocam olhares graves. Eles entendem a magnitude do que acabei de dizer. Eles levaram a Rose muitas refeições e xícaras de chá enquanto ela passava dias sem fim no laranjal. Era o local favorito dela, onde ela e Linden haviam se casado, e onde — ela havia me contado tristonha certa tarde, um June Bean dançando em sua língua — que eles se beijaram pela primeira vez. E foi lá que Linden a encontrou uma semana depois de seu aniversário de vinte anos, inconsciente e pálida à sombra de uma laranjeira,

sem fôlego, os lábios azuis. Esse foi o dia em que ele teve de encarar a tragédia da mortalidade dela. Sua incapacidade de salvá-la. Todas as pílulas e poções do mundo não poderiam comprar mais que alguns poucos meses passageiros.

Uma festa no laranjal. A dor no rosto de Linden é imediata. Eu não me abalo. Ele me custou mais dores do que jamais serei capaz de lhe retribuir.

Cecily, sem se dar conta de nada disso, diz: — Isso! Ah, Linden, a gente nunca nem viu ele!

Linden limpa a boca com um guardanapo, coloca-o em cima da mesa. — Pensei que na piscina seria mais divertido — ele diz baixinho. — O tempo quente está ideal para nadar.

— Mas você disse que nós podíamos escolher — diz Jenna; é talvez a primeira vez que ela diz uma palavra a ele. Todos olham para ela, até mesmo os atendentes. Ela olha rapidamente para mim e depois para Linden. Ela morde refinadamente um pedaço de bife de seu garfo e diz: — Eu voto pelo laranjal.

— Eu também — diz Cecily.

Eu concordo com a cabeça.

— Então é unânime — Linden diz para sua colher. O resto da refeição é muito silencioso. Os pratos do jantar são todos recolhidos. A sobremesa é servida, e depois o chá. Então somos dispensadas, porque Linden está com dor de cabeça e precisa ficar sozinho com seus pensamentos.

— Você é demais — Gabriel sussurra para mim ao nos escoltar para o elevador. Logo antes de as portas se fecharem entre nós, eu sorrio.

Assim que chego ao meu andar, imediatamente me recolho ao meu quarto. Deito na cama, chupando uma June Bean azul e pensando em como o Oceano Atlântico batia sob os meus pés descalços e os de Rowan. Penso na barca ao longo do cais que eu via cortar um caminho em direção ao horizonte, e em como eu me sentia segura no meu cantinho do mundo, que apesar de tudo tinha sorte de estar viva mesmo que apenas por pouco tempo. E lá que quero que meu corpo seja jogado quando eu morrer. Eu quero ser cinzas no oceano. Quero afundar até as ruínas de Atenas e ser levada até a Nigéria, e nadar entre peixes e navios submersos. Vou voltar a Manhattan com frequência, para sentir o cheiro do ar, para ver como vai meu irmão gêmeo.

Meu irmão gêmeo, entretanto, não gosta de discutir o que irá acontecer daqui a quatro anos, quando eu estarei morta e ele ainda terá cinco anos de vida. Eu me pergunto o que ele estará fazendo agora e se ele está bem. Quanto tempo será que levarei para me libertar deste lugar, ou pelo menos deixá-lo saber que ainda estou viva? Mas, em algum lugar em meu coração, que está mais escuro que aquele horrível porão, bate a preocupação de que meu cadáver venha a se tornar parte da pesquisa do Senhorio Vaughn, e que me irmão nunca sequer descubra o que aconteceu comigo.

Por isso, não lamento que Linden Ashby esteja lá fora em algum lugar se sentindo triste por causa de alguma coisa que eu falei no jantar.

Tem sido muito difícil contar a passagem dos dias nesta mansão, quando todos eles se parecem, quando não sou nada além de prisioneira de Linden. Nunca fiquei tanto tempo distante de meu irmão; desde que éramos bebês, nossa mãe colocava minha mão na dele e nos dizia para ficarmos juntos. E ficamos. Ficávamos juntos nas nossas caminhadas até a escola, agarrados um ao outro no caso de perigos que pudessem estar espreitando nas ruínas de um velho edifício, na sombra de um carro abandonado. Ficávamos juntos nas nossas caminhadas para o trabalho, e nossas vozes faziam companhia uma à outra à noite, numa casa escura repleta da presença dos nossos pais. Até agora eu nunca havia estado longe dele um dia sequer em minha vida.

Eu achava que, como gêmeos, sempre seríamos capazes de alcançar um ao outro, que de muito longe eu ainda ouviria sua voz tão claramente quanto eu o ouvia no quarto ao lado de nossa casa. Falaríamos um com o outro enquanto andássemos pelos aposentos — ele na cozinha, eu na saia de estar — para manter à distância o silêncio da morte de nossos pais.

— Rowan — murmuro. Mas o som não viaja além do meu quarto. O cordão que nos unia foi cortado.

— Estou viva. Não desista de mim.

Como se em resposta a isso, ouço batidas suaves na porta. Sei que não é Cecily porque não vem acompanhada de uma pergunta ou de uma exigência. Deirdre não bate, e há essa hora não seria Gabriel. — Quem é?

A porta se abre um centímetro e consigo ver os olhos cinzentos de Jenna. — Posso entrar? — ela pergunta com sua voz fraca.

Sento-me na cama e faço que sim com a cabeça. Ela franze os lábios na forma mais próxima que já vi de um sorriso, e se senta na beirada do meu colchão.

— Eu vi como o Governador Linden te olhou quando você sugeriu o laranjal - ela diz. — Por quê?

Meus instintos me avisam para tomar cuidado com essa noiva sombria, mas eu estou exatamente na fase certa da tristeza para baixar minhas defesas — para abaixar o mastro, suponho que Gabriel diria, e me permitir vagar em águas incertas. E ela parece tão tímida e indefesa em sua camisola branca que é igual à minha, com seus longos cabelos escuros caindo como um véu ao redor dos ombros. Alguma coisa nisso tudo me faz querer vê-la como uma irmã, como uma confidente.

— É por causa de Rose — eu digo. — Ele se apaixonou por ela no laranjal. Aquele era o lugar favorito dela, e ele não consegue mais suportá-lo desde que ela ficou doente.

— É mesmo? — ela pergunta. — Como é que você sabe disso?

— Rose me contou — respondo, e me seguro para não acrescentar que Rose me contou toda espécie de coisas sobre nosso marido. Quero manter algumas de suas fragilidades para mim mesma, como a infecção que quase o matou quando garoto e que fez com que ele perdesse vários dentes, daí os de ouro. Essas coisas podem fazer com que ele pareça menos ameaçador de algum modo. Como alguém que eu possa dominar com força ou inteligência quando chegar a hora certa.

— Então é por isso que ele parecia tão triste — ela diz, tirando um fiapo da bainha da saia.

— Era isso o que eu queria - digo. — Ele não tinha o direito de nos trazer aqui, e acho que ele nunca irá perceber isso. Então eu quis magoá-lo como ele me magoou.

Jenna olha para o próprio colo, e seu lábio estremece no que eu acho que vai ser um sorriso ou uma gargalhada, mas seus olhos se enchem de lágrimas e sua voz falha quando ela diz: — Minhas irmãs estavam naquela van.

Sua pele empalidece, e a minha se arrepia inteira quando os pequenos soluços dela sacodem a cama. O quarto está frio, e o pesadelo está

aumentando muito mais do que achei que poderia. A coisa só fica pior nesta mansão de cheiros doces e jardins extra-brilhantes. Penso nos tiros que têm me assombrado desde que cheguei. Quantos deles foram para as irmãs de Jenna, e quais? O primeiro tiro? O quinto? O sexto?

Estou atordoada demais para falar.

— Quando você falou do laranjal, eu não sabia o que era, mas vi que isso o magoou — ela soluça, e limpa o nariz com o punho. — E eu queria que ele ficasse magoado, então concordei com você. Ele não faz ideia, não é? Do que ele tirou de nós?

— Não — concordo suavemente. Ofereço a ela o lenço de Gabriel, que estava guardando na fronha do meu travesseiro, mas ela balança a cabeça, aparentemente odiando demais este lugar até mesmo para assoar o nariz em seus tecidos.

— Eu só tenho mais dois anos — ela diz. — Não há nada pra mim lá fora agora, e talvez eu esteja presa aqui, mas não vou deixar que ele faça o que quiser comigo. Não me importa se ele me matar, ele não vai me possuir.

Penso no corpo frio e rígido dela sendo empurrado num carrinho para dentro de um laboratório no porão. Penso no Senhorio Vaughn dissecando suas noras uma a uma.

Não sei bem o que dizer, porque entendo a raiva dela. Sou boa mentirosa, mas mentiras não vão me ajudar aqui. Jenna é uma garota que não tem ilusões quanto ao que irá acontecer com ela; ela sabe que as coisas nunca ficarão bem. Sou eu quem está em negação?

— E se você Conseguisse fugir? — pergunto. — Você fugiria?

Ela dá de ombros, funga incrédula por entre as lágrimas. — Para quê? — ela diz. — Não, seria melhor partir com estilo. - Ela estende o pulso, exagerando os babados no punho de sua manga. Então ela limpa o nariz com eles, e parece tão derrotada. Um esqueleto, um fantasma, uma garota muito bonita que já está morta. Ela se vira para mim, e seus olhos ainda têm vestígios de vida. — Você passou mesmo a noite com ele? - ela pergunta, mas seu tom de voz não é invasivo como o de Cecily. Ela não está sendo grossa; ela só quer saber.

— Ele passou a noite aqui quando Rose morreu — eu digo. — Ele

simplesmente dormiu, foi só. Nunca foi mais do que isso.

Ela faz que sim com a cabeça, engole um bolo seco na garganta. Eu ponho a mão no ombro dela, e ela se assusta mas não recua. — Eu lamento muito - digo. — Ele é um homem horrível, e este é um lugar horrível. A única que gosta daqui é Cecily.

— Ela vai aprender — diz Jenna. — Ela lê todos aqueles livros sobre gravidez e coisas do Kama Sutra, mas não faz ideia do que ele vai fazer com ela.

Isso também é verdade. Jenna, que é quieta como uma sombra, tem prestado atenção às suas esposas irmãs todo este tempo. Ela tem pensado muito em nós.

Ela fica sentada ali por um tempo, engolindo os últimos soluços, recuperando a compostura. Ofereço a ela o copo com água que estava em cima da minha mesa de cabeceira, e ela toma alguns goles. — Obrigada — ela diz. — Por dizer o que pensa no jantar. Por mostrar a ele como é estar do lado de cá.

— Obrigada por me apoiar — eu digo. Acho que é um sorriso nos seus lábios quando ela se vira para olhar para mim antes de desaparecer no corredor.

Adormeço e tenho sonhos horríveis com garotas tristes de olhos exóticos, vans cinzas explodindo com borboletas, janelas que não abrem. E garotas por toda parte, despencando de árvores como flores de laranjeira e caindo na terra com sons doentios. Elas racham e se abrem.

Em algum momento da noite minha mente adentra uma dimensão mais profunda dos sonhos. O som desaparece e alguma coisa obscurece minha visão. Há uma brancura, os cheiros de solo em decomposição e luvas cirúrgicas. Então o Senhorio Vaughn vestindo um traje de risco biológico arranca o lençol do meu rosto. Eu tento gritar, mas não posso porque estou morta, os olhos congelados bem abertos. Ele encosta sua faca entre meus seios, pronto para cortar. Estou a um segundo de sentir a dor quando um som invade com violência o meu sonho. "Rhine", diz a voz.

— Rhine.

Abro os olhos, sem fôlego. Meu coração está batendo acelerado no peito,

e subitamente estou explodindo com a vida que eu não tinha no meu pesadelo. Na escuridão do início da manhã mal consigo enxergar os olhos azuis de Gabriel. Digo seu nome tanto para testar a minha voz quanto para me certificar de que ele está realmente lá. Posso ver o brilho prateado da bandeja do café na minha mesinha de cabeceira.

— Você estava se debatendo — ele sussurra. — O que era?

— O porão — sussurro de volta. Encosto a mão na testa, e ela volta molhada de suor. — Eu estava presa; não conseguia sair. — Sento-me na cama e acendo o abajur. A luz é muito forte, o que me faz proteger meus olhos e depois começar a piscar violentamente enquanto Gabriel entra em foco, sentado na beira da minha cama onde poucas horas antes, Jenna se sentou e me contou seu próprio pesadelo.

— Foi uma coisa horrível de se ver — Gabriel concorda.

— Mas você já viu coisa pior — eu digo. Não é uma pergunta.

Ele faz que sim, a expressão em seu rosto ficando mais sombria.

— Como o quê? — pergunto.

— Lady Rose teve um bebê — ele responde. — Foi há mais de um ano. Ele não resistiu. Estrangulado pelo cordão umbilical, eu acho. O Governador da Casa e Lady Rose espalharam as cinzas dele no laranjal, mas eu fico me perguntando sobre aquelas cinzas, se eram realmente do bebê. Quando as pessoas morrem em geral, fico sempre imaginando o que acontece com elas. Nunca vi nenhum tipo de cemitério; ou são cinzas ou eles simplesmente desaparecem.

Rose teve um filho. Eu nunca soube. Ele, ou alguma coisa parecida, está espalhado entre as flores de laranjeira.

— Gabriel? — Há medo de verdade na minha voz. — Quero sair daqui.

— Eu estou aqui há nove anos — ele diz. — Isso é metade da minha vida. Na maior parte dos dias, não consigo nem me lembrar que existe um mundo diferente deste aqui.

— Bom, existe sim — eu digo. — Existe o oceano, e barcos saindo de portos, e pessoas correndo em calçadas, e luzes de postes que se acendem à noite. Esse é o mundo real. Isto aqui não é.

Mas eu entendo de onde ele está vindo. Ultimamente eu mesma quase me

esqueço dessas coisas.



A festa acontece no laranjal, conforme o prometido. Cecily passa a tarde fazendo a coitada da Elle trabalhar até o limite ajustando o vestido e refazendo a maquiagem. Seus cabelos são arrumados, lavados, e arrumados mais uma vez, e mais outra. Ela me chama para ver cada tentativa, e todas elas a fazem ficar bonita porém jovem. Uma criança usando os sapatos de salto alto da mãe, tentando ser uma mulher.

Para mim, Deirdre fez um vestido laranja simples que, segundo ela, vai me fazer deslumbrante na luz da noite. Ela deixa meus cabelos intocados, compridos e ondulados e com muitos tons de louro. Ela não fala, mas eu sei que, ali em pé ao meu lado no espelho, ela está. pensando que eu me pareço com Rose. E, quando Linden me vir, suspeito que ele não estará me vendo, mas verá alguma reencarnação da garota que ele perdeu. Só posso torcer para que isso me conquiste o favoritismo dele.

Chegamos ao laranjal no começo da noite, e mesmo com o palco montado e a banda afinando seus instrumentos e a multidão de pessoas que jamais conhecerei, posso ver que este lugar não é igual ao resto da mansão. É um lugar selvagem, com trechos irregulares de grama de comprimento tão alto quanto meus saltos desconfortáveis ou meus joelhos. Ela se enfia dentro do meu vestido como dedinhos de borracha. Formigas andam pelas bordas de copos de cristal e fazem filas para subir em árvores. Todo o verde zumba e farfalha.

Não reconheço a maioria dos rostos aqui. Alguns são serviçais montando aquecedores para a comida ou terminando de ajeitar as lanternas de papel. Outros estão bem-vestidos, polidos ao ponto de quase serem sebosços, todos primeira-geração. — Eles são colegas do Senhorio Vaughn — Deirdre me sussurra, em pé sobre uma cadeira dobrável e ajustando a alça do meu sutiã para que ele pare de escorregar para o meu braço. — O Governador da Casa não tem amigos. Quando Rose ficou doente, ele parou até mesmo de sair da

propriedade.

— O que ele fazia antes então? — pergunto, sorrindo como se ela tivesse dito algo agradabilíssimo.

— Projetava casas — ela diz, e afofa meus cabelos ao redor dos ombros. — Pronto! Você fica tão bonita assim.

Minhas esposas irmãs e eu começamos a noite tomando chá de cadeira, coisa para a qual nossas domésticas nos treinaram. Ficamos de mãos dadas umas com as outras, dividimos uma xícara de ponche, fizemos caras bonitinhas e aguardamos para ser apresentadas. Um a um, os estranhos, primeiras-gerações, nos tiram para dançar. Eles põem suas mãos em nossos quadris e ombros, chegando perto demais, nos forçando a sentir o cheiro dos seus ternos impecáveis e da loção após-barba. Eu contava os segundos para a chegada do momento em que eles iriam me liberar, quando poderia voltar a respirar sob as laranjeiras. Jenna fica ao meu lado, exausta de tanto dançar. Apesar de seu eterno ressentimento por sua prisão, ela é uma dançarina fantástica. Seja a dança lenta ou rápida, seu corpo se move como uma chama ou como uma bailarina de caixinha de música. Ela sorri para nosso marido enquanto se move, e ele cora, impressionado pela beleza dela. Mas eu sei o que o sorriso dela realmente quer dizer. Eu sei por que ela está gostando desta noite. E porque a esposa morta dele ainda paira por ali, e ele está em agonia, e ela quer que ele saiba que sua dor jamais passará.

Seu sorriso é sua vingança.

Agora ela está em pé ao meu lado e arranca uma laranja de seu galho. Ela a gira nas mãos e diz: — Acho que vamos escapar fácil hoje à noite.

— Como assim? — pergunto.

Ela acena com a cabeça para um ponto à nossa frente, onde Cecily está dançando lentamente nos braços de Linden. Os dentes brancos dela podem ser vistos reluzindo até mesmo daqui. — Ela capturou o coração dele por enquanto — diz Jenna. — Ele não largou dela por um segundo.

— Você tem razão — eu digo. Ele deu todas as suas danças a Cecily. Passou o resto de seu tempo olhando pasmo para Jenna. E não olhou em momento nenhum para mim.

Jenna é apanhada para outra dança, depois de ter conquistado muitos

admiradores com sua versatilidade e sorriso cativante. Sou deixada sozinha e acabo tomando ponche num copo de cristal. Uma brisa fria passa através de meus cabelos, e me pergunto onde foi que Rose caiu doente. Teria sido onde os serviçais estão discutindo por não terem feito frango suficiente para a ocasião? Onde Cecily e Linden saíram de fininho da pista de dança para ficarem de risinhos na grama alta? E onde foi que as cinzas espalhadas caíram? E o que eram aquelas cinzas, o que realmente aconteceu com Linden e o filho morto de Rose?

Com o avanço da noite e a partida dos convidados, Jenna e eu nos sentamos na grama enquanto Adair e Deirdre desembaraçam nossos cabelos. Linden e Cecily sumiram, e não voltamos a encontrá-los nem mesmo quando vamos para nossas camas muito tempo depois.

No dia seguinte, Cecily entra cambaleante na biblioteca depois do meio-dia, com ar pálido e zozinho. Ela tem um sorriso misterioso nos lábios que se recusa a ir embora, e seus cabelos estão uma bagunça. É como um incêndio florestal com mortos e feridos.

Gabriel traz o chá, e Cecily derrama muito açúcar nele como de costume. Ela não fala conosco. Há marcas de travesseiro no rosto dela, e ela faz caretas toda vez que mexe as pernas.

— Está um dia lindo — ela finalmente diz, muito depois de eu ter movido minha poltrona grande demais e Jenna ter começado a caminhar pelos corredores.

Ela não parece bem. Nem um pouco. Sua costureira verve desapareceu, e sua voz está suave como sinos de vento. Ela parece um pássaro selvagem que foi domesticado e está inspecionando sua prisão num torpor tal até que o estado de aprisionamento não pareça tão ruim assim.

— Você está bem? — eu pergunto a ela.

— Ah, sim — ela diz. Ela inclina a cabeça para um lado, depois para o outro, e então a repousa suavemente sobre a mesa. Do outro lado do aposento, Jenna me fuzila com o olhar. Sua boca não se move, mas eu entendo o que ela está me dizendo. Agora que Cecily finalmente conseguiu o que queria do nosso marido, isso significa que Linden já guardou Rose bem segura dentro de suas memórias, e está pronto para visitar as camas de suas

esposas restantes.

Cecily parece tão pequena e indefesa, tão feliz quanto pode ser, que eu digo "Venha" e gentilmente a levanto. Ela não faz objeção, e na verdade até me abraça com seu bracinho enquanto a levo até seu quarto.

Linden é um monstro, eu penso. É um homem vil. — Você não vê que ela ainda é uma menina? — murmuro.

— Hm? — Cecily ergue as sobrancelhas.

— Nada — digo. — Como você está se sentindo?

Ela sobe na cama, que não está arrumada e está com cara de que acabou de ser usada, e quando sua cabeça toca o travesseiro, ela olha para mim com olhos turvos. — Maravilhosa — ela diz.

Eu vou cobri-la, e reparo a manchinha de sangue nos lençóis.

Fico sentada com ela por um tempo enquanto ela volta a dormir. Fico escutando os tordos que fizeram um ninho na árvore embaixo da janela dela. Ela quis mostrá-los para mim antes, apenas uma criança procurando por uma desculpa para falar comigo. Eu não tenho sido muito gentil com ela, nem justa. Ela não pode evitar ser distraída, ser tão jovem. Não pode evitar ter crescido num mundo sem pais, em um orfanato que permitiu que ela fosse levada para ser uma noiva ou um cadáver. Ela não sabe o quanto é frágil, o quanto esteve perto da morte naquela van.

Mas eu sei. Afasto alguns fios de cabelo embaraçados do rosto dela e digo: — Tenha lindos sonhos.

Aqui neste lugar, é a melhor coisa que alguém pode esperar ter.

Estou com tanta raiva de Linden que não consigo nem olhar para ele. Ele vem ao meu quarto esta noite, e sem pedir, ele avança até a minha cama. Não abro os lençóis, e então ele para. Acendo a luz e ajo como se estivesse acabando de acordar, quando na verdade eu o estava esperando.

— Oi — ele diz baixinho.

— Oi — eu digo, e me sento.

Ele toca a beirada do meu colchão mas não se senta. Seria possível que ele estivesse esperando por um convite? Será que Cecily o convidou? Jenna jamais fará isso. Se ele não forçar sua presença sobre nós, então Cecily é a única que permitirá isso.

Ele diz: — Você estava bonita ontem à noite, no laranjal.

— Achei que você não havia reparado em mim — digo. Mesmo agora, ele não olha para mim. Olha para minha janela que não abre. Os ventos começaram a soprar forte novamente, uivando como os mortos. Laranjas e rosas devem estar sendo arrancadas das árvores e sendo destruídas no ar.

— Posso ir para a cama? - ele pergunta.,

— Não — eu respondo, dobrando bem o cobertor sobre meu colo.

Ele olha para mim, ergue uma sobrancelha delicada. — Não?

— Não — eu afirmo. Minha intenção é parecer zangada, mas de algum modo a coisa não sai direito. Há um silêncio duro entre nós, e então eu completo: — Mas obrigada por perguntar.

Ele fica ali parado, rígido, e parece estar tentando se decidir onde por as mãos. Suas calças de pijama não têm bolsos. — Então que tal um passeio? — ele pergunta.

— Agora? - digo. — Parece que a noite está fria. - A Flórida tem provado até agora ter um tempo estranho.

— Vista um casaco — ele diz. — Me encontre no elevador em alguns minutos.

Bem, suponho que não há mal nenhum num passeio. Vou até o meu closet e ponho um casaco de tricô leve por cima da camisola, e um par de meias grossas que torna difícil para mim enfiar os pés nos sapatos.

Quando encontro Linden no elevador, vejo que meu casaco é a versão feminina do dele, e me pergunto se isso é coincidência. Deirdre, romântica incurável que é, pode ter desenhado esse modelo especialmente para combinar. Suponho que ela queira que eu aprenda a amá-lo. Mas ela ainda é jovem. Tem muitos anos para aprender o que é o amor, ou na pior das hipóteses o que ele não é.

O elevador desce e eu sou assombrada por imagens de minha mãe girando em seus vestidos bufantes, meu pai a jogando para um lado e para outro em seus braços, a música preenchendo a sala de estar. *Quer saber o que é amor de verdade?*, meu pai, o geneticista, disse ao meu irmão e a mim enquanto nós os víamos dançar. *Eu vou contar a vocês uma coisa sobre o amor de verdade. Não há ciência por trás dele. Ele é tão natural quanto o céu.*

O amor é natural. Nem mesmo a raça humana pode mais dizer que é natural. Somos coisas falsas e moribundas. Nada mais adequado que eu acabasse nesta farsa de casamento.

Do lado de fora faz muito frio. Sinto um cheiro de folha queimada, que me lembra o outono. Penso em jaquetas impermeáveis, ancinhos para catar folhas e novas meias sete/oitavos para a escola. Coisas que estão a um mundo de distância, mas que ainda permanecem na memória. Meu nariz está congelado; puxo o colarinho do meu casaco até as orelhas.

Linden me dá o braço e começamos a caminhar, não pelo roseiral, mas na direção do laranjal. Todos os vestígios da festa desapareceram, e agora eu posso vê-lo como realmente é: irregular, natural e bonito. Um lugar onde eu gostaria de me deitar sobre um cobertor e ler. Posso ver por que Rose passava tanto tempo aqui, e me pergunto se ela sabia que estava doente no dia em que desmaiou. Me pergunto se ela achava que podia morrer em silêncio, à sombra das pequenas flores brancas, de forma que sua dor não fosse prolongada.

O vento faz tudo crepitar, e sinto a serenidade dela por toda parte. Eu me sinto em paz, e já não tenho tanta raiva.

— Ela está aqui — diz Linden, como se estivesse lendo a minha mente.

— Mm — eu concordo.

Caminhamos por um tempo, ao longo de uma trilha meio indistinta de terra e grama bastante pisada. Não há lagos feitos pelo homem aqui, nenhum banquinho bonitinho para namorados. O vento vem em rajadas tão fortes que, quando abrimos a boca, toda esperança de palavras é sugada de nossas gargantas. Mas sinto que há alguma coisa que Linden quer dizer, e quando está calmo, ele para de falar e pega as minhas mãos. O frio gelou os nós dos meus dedos, mas as palmas das mãos dele têm um toque macio e úmido.

— Me escute — ele diz. Seus olhos são de um verde brilhante à luz do luar. — Eu vou compartilhar este lugar com você. A qualquer lugar que você quiser ir, basta pedir e eu deixarei. Mas este lugar é sagrado, está certo? Não vou deixar você usá-lo como arma contra mim.

Não há nada de ameaçador no tom de voz dele, mas ele aperta minhas mãos e abaixa a cabeça de forma a nivelar nossos olhares. Então ele sabe. Ele sabe que a minha sugestão de festa foi maliciosa, e no entanto ele não

levantou a mão contra mim. Não me castigou por eu tê-lo desafiado como seu pai castigou Gabriel. Por quê? Por que um homem que roubou três garotas de suas casas me mostraria alguma gentileza?

Aperto meus lábios congelados, combatendo o desejo de dizer a ele que, se posso ir a qualquer lugar, quero voltar para Manhattan. Não posso deixar que ele saiba de meus sonhos de fuga, porque aí ele jamais me deixará partir. A verdade não entra na equação do meu plano de fuga.

— Eu não queria magoar você — eu digo. — Acho que eu só estava com ciúmes. Você não tem prestado atenção a mim, e achei que se pudéssemos ter a festa aqui, você se sentiria melhor. Seria como um funeral para Rose. Você poderia comemorar seus novos casamentos e seguir em frente.

Ele parece tão chocado, tão comovido pela minha mentira, que quase me sinto mal por ter mentido. Eu lamento que sua esposa morta esteja sendo dissecada no porão, sua beleza arruinada e estuprada, enquanto uso seu nome contra ele. Uma tarde, enquanto Rose jazia deitada suando, desorientada, à beira da inconsciência, ela me fez jurar que eu cuidaria de Linden, e prometi que o faria. Eu não esperava cumprir essa promessa, mas talvez minha mentira pelo menos faça algum bem a ele nesse meio tempo.

— Eu quis enterrá-la — ele diz — mas meu pai achou que não era boa ideia. Ele diz que não sabemos se o vírus que ela tinha... — ele fica sem voz, e demora um momento. — Se isso afetaria o solo. Então ele me deu as cinzas dela.

Espero que ele mencione a criança que foi espalhada aqui, mas ele não faz isso. Essa é uma privacidade que ele pretende manter. Ou talvez seja apenas doloroso demais.

— Você vai espalhá-la? — pergunto.

— Já espalhei — ele diz. — Ontem à noite, depois da festa. Achei que estava na hora de me despedir.

Depois de seu encontro amoroso com Cecily, suponho. Nem mesmo a adoração de Cecily consegue diminuir a dor que ele tem no peito. Mas eu não digo nada. Agora não é a hora de falar de Cecily. Em vez disso nós nos viramos, de braços dados, marido e mulher, e voltamos para a mansão gigantesca recoberta de hera. Penso na folha de hera que escondi para mim

dentro de um romance que terá um final feliz ou trágico, e durante todo esse tempo eu me pergunto de quem realmente eram as cinzas que foram espalhadas ontem à noite.

Nas noites seguintes, Linden convida nós três para jantar com ele. E na maior parte das noites ele fica na minha cama. Tudo o que fazemos é conversar e dormir. Ele se deita sobre os cobertores e me vê passar loção nas mãos, escovar meus cabelos, fechar as cortinas e tomar meu chá noturno. Não me importo tanto com a presença dele. Eu sei que seria demais para Jenna, e preferia que ele deixasse Cecily em paz, porque ela o deixará fazer qualquer coisa com ela, e sua súbita fragilidade me preocupou naquela manhã depois da festa. Eu sei que ela tem ciúmes porque ele está vindo para mim agora, e acho que não é da conta dela, por isso não respondo nenhuma de suas perguntas. Mas Linden e eu nem sequer nos tocamos, a não ser por alguns momentos em que sinto seus dedos nos meus cabelos enviando ondulações para dentro dos meus sonhos.

Ele fala comigo até eu sucumbir à exaustão. Gabriel começa trazendo meu café ao mesmo tempo que minhas esposas irmãs, e traz comida extra para Linden, que pede coisas imprevisíveis como uma xícara de melado ou uvas, que ele come mantendo o cacho pendurado em cima da boca. Gabriel para de esconder June Beans para mim, e sinto falta deles. Sinto falta de conversar com ele. Não temos muitas chances sequer de olhar um para o outro porque Linden começa a me levar para caminhadas durante o dia.

Em dias quentes ele leva nós três para a piscina. Jenna toma banho de sol; Cecily dá cambalhotas do trampolim com gritinhos de prazer que sugerem uma infância e uma liberdade que ela jamais terá. Eu passo muito do meu tempo embaixo d'água, onde há hologramas de águas-vivas e do chão do oceano. Tubarões vêm nadando rápido em minha direção e passam através de mim, abrindo caminho para cardumes de peixes de um amarelo e um laranja brilhantes, baleias tão grandes quanto a própria piscina. Às vezes eu esqueço que nenhuma dessas coisas é real, e mergulho cada vez mais fundo, à procura de Atlântida, para então encontrar apenas o fundo da piscina.

Dias inteiros se passam assim. E é bom, penso eu. E como ter liberdade. Como ter irmãs. Até Jenna mergulha os dedos na água, me molha um

pouquinho. Uma tarde, Cecily e eu conspiramos para cada uma agarrar um dos tornozelos dela e jogá-la na água. Jenna grita indignada, e se agarra na beirada, e gritando que somos terríveis e que ela nos odeia. Mas ela acaba parando com isso. Ela e eu descemos de mãos dadas; tentamos pegar barrigudinhos holográficos.

Linden não nada, embora às vezes ele nos pergunte se estamos gostando dos hologramas. Ele é pálido e magro em seu calção de banho. Ele lê revistas de arquitetura sentado sobre uma toalha molhada, e acho que isso quer dizer que ele está pronto para voltar a trabalhar. Talvez ele comece a deixar a propriedade. Talvez ele vá a alguma festa. E eu estarei de braços dados com ele. Sei que minha fuga terá de ser cuidadosamente planejada e que não conseguirei simplesmente desaparecer na multidão na minha primeira noite fora. Mas talvez haja um evento televisionado. Talvez Rowan esteja assistindo e veja que estou viva.

Uma tarde, corro para dentro para pegar uma toalha extra no armário perto da porta, e quase dou um encontrão em Gabriel, que está segurando uma bandeja de suco de laranja em taças. — Desculpe — digo.

— Parece que você está se divertindo - ele diz, sem me olhai- nos olhos. — Com licença. — Ele dá a volta ao meu redor.

—Espere — digo. Olho para trás para ter certeza de que nenhum dos outros, deitado e nadando na piscina do outro lado da porta de vidro, esteja observando. Gabriel se vira para me encarar. — Você está zangado comigo por alguma coisa? — pergunto.

— Não. Só não achei que você ainda tivesse tempo para conversar com um serviçal — ele diz. Não estou gostando da escuridão nos seus olhos normalmente gentis. — Agora que você é a esposa de um Governador da Casa.

— Ei, espere um instante — eu digo.

— Não há nada o que explicar, Lady Rhine — ele diz. Isso é tecnicamente como os serviçais deveriam me chamar, mas acho que não levo jeito para isso, porque por toda a casa sempre fui chamada de Rhine. Ou lourinha. Embora Gabriel esteja certo, eu não tenha conseguido falar com ninguém a não ser Linden e minhas esposas irmãs há dias. Sinto falta de me

sentar ao balcão da cozinha e conversar com os cozinheiros, e sinto falta de conversar com Gabriel. Sinto falta dos June Beans, e meu suprimento na gaveta está acabando. Mas dificilmente essas seriam coisas que eu pudesse dizer na presença de Linden ou do Senhorio Vaughn, e nunca mais vejo Gabriel, a menos que um deles esteja por perto.

— O que foi? — pergunto. — O que foi que eu fiz?

— Acho que eu simplesmente não esperava que você se apaixonasse pelo Governador da Casa tão facilmente — ele diz.

É um pensamento tão absurdo que eu começo a rir e me engasgo com as palavras "O quê?"

— Eu vivo na mesma casa, sabia? — ele diz. — Eu levo café para vocês toda manhã.

Ele está errado, tão horivelmente errado. E eu estou tão ofendida que abandono quaisquer intenções de corrigi-lo. — Você não esperava que eu dividisse a cama com meu próprio marido? — digo.

— Acho que não — ele diz. E então ele abre a porta de vidro deslizante e sai para o sol, me deixando ali parada, pingando, batendo os dentes, me perguntando em que diabos este lugar me transformou.

No jantar fico em silêncio. Linden me pergunta se a comida está boa, e espero até Gabriel terminar de servir minha água com gás antes de fazer que sim com a cabeça. Eu realmente quero puxar Gabriel para um canto e conversar com ele. Quero explicar que ele está errado quanto a Linden e eu. Mas o Senhorio Vaughn está sentado à mesa, e sua presença me faz ficar de cabeça baixa.

No elevador após o jantar, Gabriel nos escolta para nosso andar. Tento fazer com que ele olhe para mim, mas ele parece estar me evitando deliberadamente.

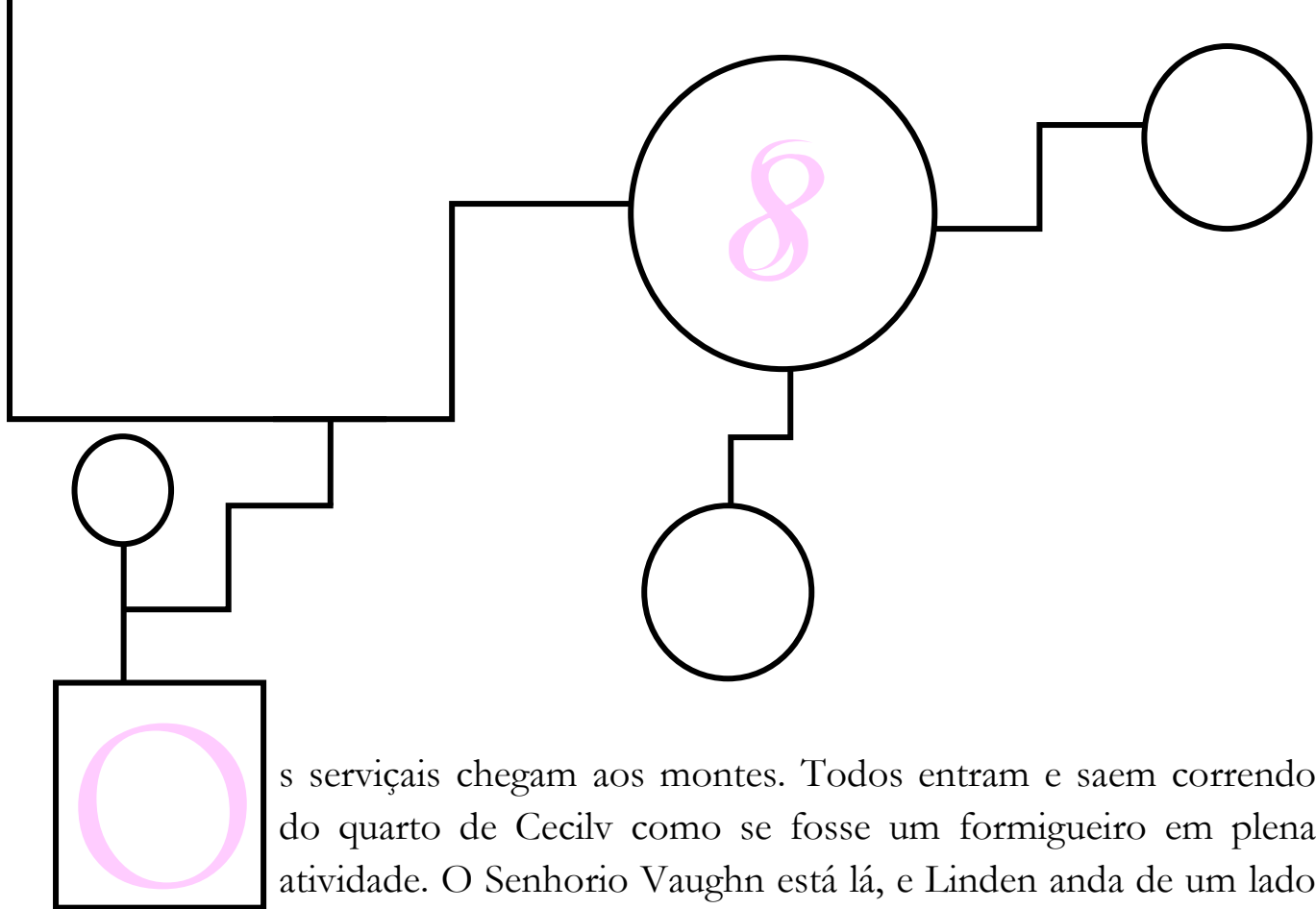
Cecily está em pé ao meu lado e começa a esfregar as têmporas. — Por que as luzes estão brilhando tanto? — ela pergunta.

As portas se abrem, e Jenna e eu saímos no nosso andar, mas Cecily não se mexe.

— O que houve? — pergunto.

E é aí que reparo como ela está pálida. O rosto dela reluz com uma

película de suor. — Não estou passando bem — ela diz. Assim que a frase é dita, ela revira os olhos bem para o alto, e Gabriel mal tem tempo de pegá-la antes que ela desabe sem vida ao chão.



s serviçais chegam aos montes. Todos entram e saem correndo do quarto de Cecilv como se fosse um formigueiro em plena atividade. O Senhorio Vaughn está lá, e Linden anda de um lado para o outro na entrada. Jenna e eu somos conduzidas para nossos quartos, e eu fico sentada na frente da minha penteadeira, atordoada e preocupada demais para tentar dormir.

Será que eu deveria ter contado a Linden como ela parecia péssima na manhã seguinte à festa? Ele teria me escutado. Eu deveria tê-lo lembrado de que ela é apenas uma criança. Ele não percebe essas ? coisas óbvias, e eu deveria ter interferido.

Será que ela está sangrando? Será que ela está morrendo? Ela estava bem hoje mais cedo.

Colo a orelha à porta, tentando ouvir algo além dos murmúrios incompreensíveis que vêm do outro lado do corredor. Quando a porta se abre, eu quase caio. Gabriel está dando uma espiada dentro do quarto. — Desculpe. Não queria assustar você — ele diz baixinho.

Eu saio do caminho para deixá-lo entrar, e ele fecha a porta atrás de si. Não é comum vê-lo no. meu quarto sem uma bandeja nas mãos.

— Eu queria ver se você estava bem — diz ele. Não há amargura em sua voz. Seus olhos têm aquele azul pacífico familiar, sem nada do ressentimento que vi mais cedo ontem. Talvez ele tenha posto toda aquela feiura de lado apenas por enquanto, mas estou tão aliviada pela familiaridade dele que lhe dou um abraço.

No começo ele fica tenso, espantado, e depois ele me envolve em seus braços, e sinto seu queixo repousar no topo da minha cabeça.

— Foi horrível — eu disse.

— Eu sei — ele diz, e sinto os braços dele se deslocarem. Nunca estive tão perto dele assim. Ele é mais alto e mais forte que Linden, que está a alguns quilos de desaparecer. E ele tem o cheiro da cozinha, com todo o som e a energia e as coisas que fervem e cozinham nela.

— Você não sabe — eu digo me afastando apenas o suficiente para olhar para ele. Uma espécie de névoa suave tomou conta de seu rosto; ele parece corado. — Não é só Cecily. Todas nós estamos sofrendo neste casamento. Jenna detesta ele, sabia? E eu sei como Linden olha para mim: como se eu fosse Rose. A única maneira de eu me defender é jogando esse jogo, mas é tão cansativo à noite deixar que ele se deite ao meu lado, murmurando o nome dela no sono. E como se ele estivesse me apagando, um pouco mais a cada dia.

— Ele não conseguiria apagar você — Gabriel me assegura.

— E você — eu digo. — Nunca mais me chame de Lady Rhine. Eu ouvi como isso soou pela primeira vez hoje, e odiei. Não é nem um pouco certo.

— Ok — ele diz. — Desculpe. O que você e o Governador da Casa fazem não é da minha conta.

— Não é nada disso! — eu grito, e ponho minhas mãos com firmeza no ombro dele. Abaixo minha voz, caso possa haver alguém logo ali fora no corredor. — Linden Ashby só vai por as mãos em mim no dia mais frio do inferno, entendeu? — Quase continuo falando. Quase conto a ele sobre meu plano de fugir, mas decido que não. Por ora isso continuará sendo meu segredo. — Você acredita em mim? — pergunto.

— Nunca deixei de acreditar — ele diz. — Mas eu via ele na sua cama e... não sei. Eu ficava passado.

— É, eu também fico. — Dou uma risada, e ele me acompanha. Me afasto um pouco e sento na beirada do meu colchão. — Então, o que está acontecendo com Cecily?

Ele balança a cabeça. — Não sei. O Senhorio Vaughn está lá dentro com alguns dos médicos da casa. — Ele vê meu rosto se entristecer. — Mas ei,

escuta. Tenho certeza de que ela está bem. Se fosse mais sério, eles teriam transferido ela para um hospital na cidade.

Olho para minhas mãos no meu colo e dou um suspiro.

— Posso pegar alguma coisa pra você? — pergunta Gabriel. — Que tal chá? Ou uns morangos? Você quase não comeu no jantar.

Não quero chá nem morangos. Não quero que Gabriel seja meu serviçal neste momento. Quero que ele se sente aqui comigo e seja meu amigo. Quero que ele saiba que não será castigado por isso depois. Quero que nós dois sejamos livres.

Talvez se eu algum dia conseguir bolar um plano de fuga, possa levá-lo comigo. Acho que ele gostaria do porto.

Mas não sei como dizer tudo isso de um jeito que não me faça parecer fraca, então tudo o que sai é: — Me fale de você.

— De mim? — ele parece confuso.

— É — digo, dando palmadinhas no colchão.

— Você sabe tudo o que tem para saber — ele diz, sentando-se ao meu lado.

— Não é verdade — eu digo. — Onde você nasceu? Qual a sua estação favorita do ano? Qualquer coisa.

— Aqui. Flórida — ele diz. — Eu me lembro de uma mulher de vestido vermelho e cabelos castanhos encaracolados. Talvez ela fosse minha mãe, não tenho certeza. E verão. E você? — Ele diz a última parte com um sorriso. Ele sorri tão pouco que considero cada sorriso uma espécie de troféu.

— Minha estação favorita é o outono — eu digo. Ele já sabe sobre Manhattan, e que meus pais morreram quando eu tinha doze anos.

Estou pensando em mais uma rodada de perguntas quando batem à porta. Gabriel se levanta e alisa o edredom onde estava sentado. Eu agarro o copo vazio na minha mesinha de cabeceira caso precise fingir que estava pedindo que ele o reenchesse. — Entre — eu digo.

É Elle, a doméstica de Cecily. Seus olhos estão loucos de empolgação. — Adivinhem o que eu vim contar a vocês — ela diz. — Vocês nunca vão adivinhar. Cecily vai ter um bebê!



Nas semanas que se seguem, Linden dedica tanto tempo a Cecily que eu volto a me tornar a noiva invisível. Sei que essa falta de atenção é ruim para meu plano de fuga, mas não consigo deixar de me sentir um pouco menos assoberbada sem a constante presença dele, pelo menos por ora. Quando Gabriel traz o café da manhã ao meu quarto, ele e eu somos livres para conversar novamente. Ele é o único serviçal que traz refeições ao andar das esposas, por isso me traz café da manhã cedo, enquanto minhas irmãs esposas estão dormindo; embora o padrão de sono de Cecily tenha se tornado mais errático com o avanço de sua gravidez.

Passar tempo com Gabriel não tem nada a ver com o tempo obrigatório passado com meu marido. Com Gabriel eu posso ser honesta. Posso dizer a ele que sinto saudade de Manhattan, que um dia me pareceu a maior cidade do mundo, mas que agora parece distante como uma estrela.

— Antigamente havia mais bairros dividindo a cidade: Brooklyn, eu acho, e Queens, e alguns outros. Mas eles chamaram isso tudo de Manhattan depois de acrescentarem os faróis e portos novos, e deram aos bairros nomes de acordos com suas finalidades. O meu é de fábricas e embarque. A oeste fica o de pesca, e a leste é onde ficam a maioria das residências.

— Por quê? - pergunta Gabriel, mordendo um pedaço de torrada da minha bandeja de café. Ele está sentado na otomana ao lado da janela, e a luz da manhã ilumina o círculo de azul ao redor de suas pupilas.

— Não sei. — Viro de bruços e apoio o queixo nos braços. — Talvez tenha ficado confuso demais tentar organizar todos esses bairros; eles são em sua maior parte industrializados, tirando as residências. Talvez o presidente não quisesse aprender a diferença entre eles.

— Parece sufocante — ele diz.

— Um pouquinho — admito — mas os prédios têm centenas de anos de idade, alguns deles. Quando eu era pequena, costumava fingir que estava saindo pela porta da frente e entrando no passado. Eu costumava fingir... — Minha voz desaparece. Passo o dedo ao longo da costura do meu cobertor.

— O quê? — pergunta Gabriel, inclinando-se na minha direção.

— Eu nunca disse isso em voz alta antes — digo, só percebendo isso agora. — Mas eu costumava fingir que estava saindo para o século vinte e um, e que eu veria gente de todas as idades, e que eu conseguiria crescer e ser igual a elas. — Um longo silêncio, e mantenho meus olhos na costura porque subitamente é difícil olhar para Gabriel. Mas posso senti-lo olhando para mim. E depois de alguns segundos ele vem até a beirada da minha cama; sinto o colchão afundar levemente sob seu peso.

— Esqueça — eu digo, tento dar uma risada. — É bobagem.

— Não — ele diz. — Não é não.

O dedo dele segue o meu ao longo do cobertor, fazendo uma linha reta para cima e para baixo, mas nossas mãos não chegam a se tocar. Uma onda de calor me percorre, criando um sorriso que não consigo evitar. Não haverá vida adulta para mim, eu sei disso, e faz muito tempo desde que a última vez que fingi. Eu jamais conseguiria compartilhar essa fantasia com meus pais; isso os teria entristecido. Nem com meu irmão; ele teria dito que isso não faz sentido. E por isso guardei tudo para mim, forcei-me a superar isso. Mas agora, vendo a mão de Gabriel se mover ao longo da minha própria como se estivéssemos jogando um jogo com ritmo e método, deixo a fantasia retornar. Um dia eu vou sair desta mansão, e existirá o mundo. O mundo saudável e próspero, com um lindo caminho que me levará para o resto de minha longa vida.

— Você devia ver — eu digo. — A cidade, quero dizer.

A voz dele é suave. — Eu gostaria.

Batidas à minha porta fechada, e a voz de Cecily pergunta: — É Linden que está aí com você? Ele ficou de me trazer chocolate quente.

— Não — respondo.

— Mas estou ouvindo vozes — ela diz. — Quem está aí com você?

Gabriel se levanta, e eu aliso os cobertores enquanto ele apanha minha bandeja de café na penteadeira.

— Tente ligar para a cozinha — eu digo a ela. — Talvez alguém lá saiba onde ele está. Ou tente falar com Elle.

Ela hesita e bate de novo. — Posso entrar?

Eu me sento na cama, rapidamente jogo os cobertores sobre o colchão e

aliso tudo, afofo os travesseiros. Não fiz nada de errado, mas agora subitamente me sinto estranha por ela descobrir Gabriel no meu quarto. Atravesso o quarto e abro a porta. — O que você quer? — pergunto.

Ela passa por mim me empurrando, encara Gabriel, medindo-o de alto a baixo com seus olhos castanhos.

— É melhor eu levar esses pratos para a cozinha — ele diz sem graça. Tento lançar a ele um olhar de desculpas por sobre o ombro de Cecily, mas ele não me vê. Ele mal consegue olhar alguma coisa acima de seus sapatos.

— Bom, então me traga um chocolate quente — diz Cecily. — Muito, muito quente, e não ponha marshmallows. Você sempre faz isso, e eles sempre derretem e ficam nojentos porque você demora muito para trazer aqui pra cima. Ponha os marshmallows numa tigela a parte. Não, traga um saco inteiro.

Ele faz que sim, e sai passando por nós. Cecily espia pelo corredor até que as portas do elevador se fecham atrás de Gabriel. Então ela se vira para me encarar. — Por que sua porta estava fechada?

— Não é da sua conta — retruco. Percebo como isso soa suspeito, mas não consigo evitar. Falar com Gabriel é um dos poucos luxos que tenho. Minha esposa irmã não tem direito, e ao mesmo tempo tem todo o direito, de tirá-lo de mim.

Sento-me na otomana e finjo arrumar os acessórios para cabelo na gaveta de cima, irritada.

— Ele é só um serviçal — diz Cecily, percorrendo a extensão do meu quarto e correndo o dedo ao longo da parede. — E ele é burro. Nunca traz leite ou açúcar suficiente junto com o chá, e ele leva tanto tempo para trazer minhas refeições que a comida está sempre fria quando...

— Ele não é burro — interrompo. — Você é que só gosta de reclamar.

— Reclamar? — ela explode. — Reclamar? Não é você que vomita o café toda manhã. Não é você que fica presa na cama o dia inteiro por causa desta gravidez idiota. Eu não acho que esteja pedindo muita coisa quando espero que os serviçais burros façam o trabalho deles, que é me trazer o que eu quiser. — Ela cai sentada em cima do meu colchão e cruza os braços desafiadora. Disse tudo.

Do lugar em que estou posso ver a barriguinha saliente surgindo por baixo da camisola. E sinto o cheiro leve de algo que parece vômito sob qualquer que seja o perfume que ela está usando. Seus cabelos estão desalinhados, a pele pálida. E, por mais que eu odeie admitir, entendo o mau humor dela. Ela está passando por mais coisas do que uma garota da idade dela deveria passar.

— Aqui — digo, enfiando a mão na gaveta e dando a ela um dos doces vermelhos que Deirdre me deu no dia do meu casamento. — Isso vai acalmar um pouco o seu estômago.

Ela o pega e coloca na boca com um gemido de satisfação.

— E dar à luz vai doer, você sabe — ela diz. — Eu posso até morrer.

— Você não vai morrer — eu digo, forçando-me a por de lado o pensamento de que a mãe de Linden morreu no parto.

— Mas eu poderia — diz ela. Toda a postura desafiadora desapareceu de sua voz. Ela quase parece com medo ao olhar o papel de bala na mão. — Então eles deveriam me dar o que eu quisesse.

Eu me sento ao lado dela e a abraço. Ela põe a cabeça no meu ombro. — Ok — concordo. — Você deveria ter o que quisesse. Mas você pode pegar mais moscas com mel do que com vinagre, sabia?

— O que isso quer dizer?

— É uma coisa que minha mãe costumava falar — digo a ela. — Significa que se você for gentil para com as pessoas, elas terão prazer em fazer coisas por você. Talvez até mesmo fazer mais do que você pediu.

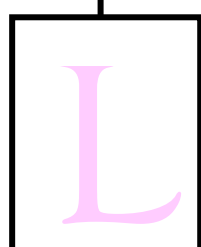
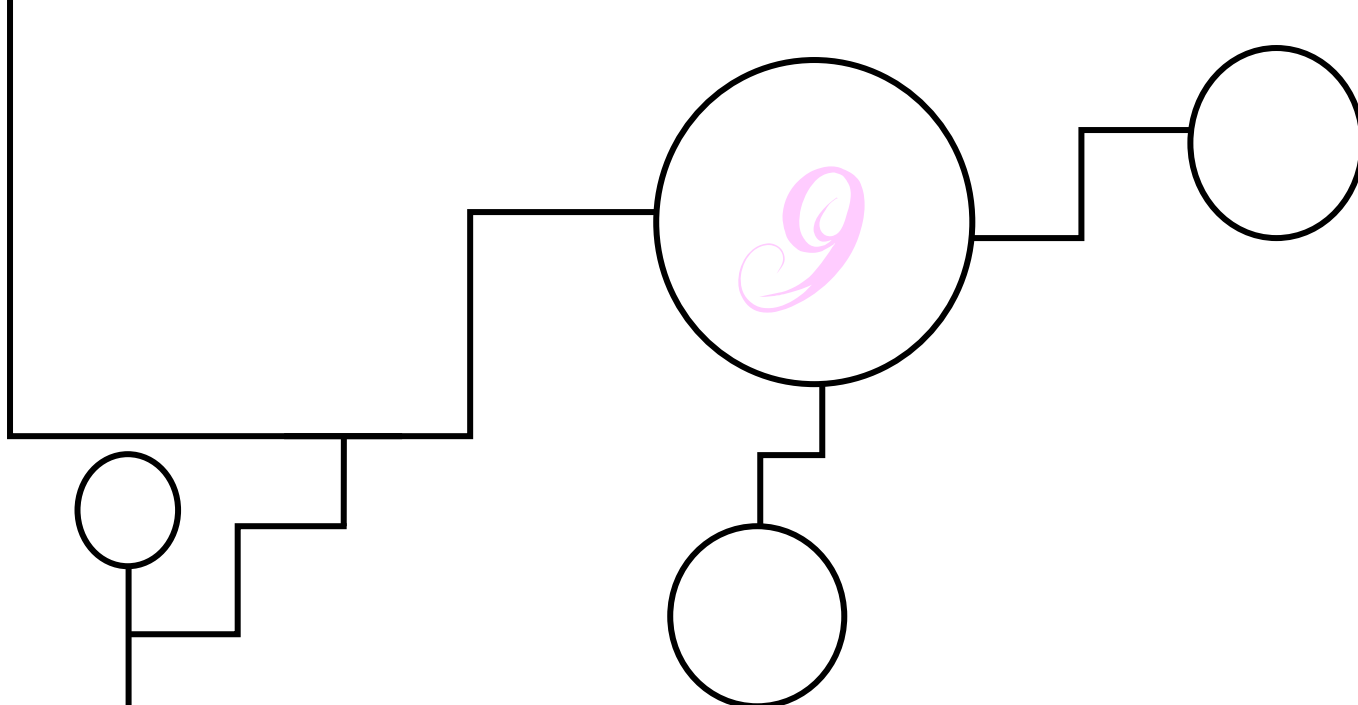
— E por isso que você é tão gentil com ele? — ela pergunta.

— Quem?

— Aquele serviçal. Você está sempre falando com ele.

— Talvez — eu digo. Sinto minhas bochechas começando a queimar. Felizmente Cecily não está olhando para mim. — Eu só estou sendo gentil, eu acho.

— Você não devia ser tão gentil — ela diz. — Isso passa a impressão errada.



inden está tão maravilhado com a gravidez, e o humor da casa está tão bom, que ele oferece a todas nós a liberdade de fazer uma excursão pela casa e pelos jardins. Quando estou só, procuro pela estrada por entre as árvores que vai dar no mundo exterior, mas nunca consigo encontrar sequer uma trilha. O Senhorio Vaughn deixa a propriedade às vezes para trabalhar em seu hospital, mas o gramado deve receber algum tipo de tratamento especial para resistir a marcas de pneus porque nunca vi nenhuma marca saindo da garagem. Gabriel chamou este lugar de eternidade e estou começando a achar que ele tem razão. Não tem começo e não tem fim. E não importa para onde vou, sempre acabo de volta à mansão.

Meu pai costumava me contar histórias de parques de diversões. Ele as chamava de comemorações para quando não havia o que comemorar. Quando ele era criança, podia ir a um parque de diversões e pagar dez dólares para andar por uma casa de espelhos. Ele a descreveu muitas vezes — espelhos distorcidos que o faziam parecer alto demais ou baixo demais; espelhos justapostos de modo a parecerem portais infinitos. Ele dizia que a casa parecia continuar para sempre, quando do lado de fora na verdade era pequena como um barracão de ferramentas. O truque era olhar além da ilusão, porque a saída nunca ficava tão distante quanto parecia.

Eu não tinha entendido o que ele queria dizer até agora. Eu vago pelo roseiral, pelas quadras de tênis, pelo labirinto de arbustos, tentando receber o espírito dele. Imagino-o olhando do alto para mim, vendo meu corpo tão

minúsculo procurando sem direção enquanto a saída está o tempo todo logo ali, perto das pontas dos meus dedos.

— Me ajude a entender isto — digo a ele. — A única resposta é um vento que percorre a grama alta enquanto estou ali em pé no meio do laranjal. Nunca fui boa de resolver quebra-cabeças ou enigmas; foi meu irmão quem resolveu o. Cubo Mágico na primeira tentativa, boi ele quem se interessou pela ciência das coisas, fazendo ao nosso pai perguntas sobre os países destruídos enquanto eu estava ocupada admirando as figuras.

Imagino meu irmão emergindo dentre as árvores. — Você não devia ter respondido àquele anúncio — ele diria. — Você nunca me escuta. O que é que eu vou fazer com você? — Ele me pegaria pela mão. Voltaríamos para casa.

— Rowan... — O nome dele sai de dentro de mim junto com uma onda quente de lágrimas. Nada me responde a não ser a brisa. Ele não vem; não há caminho na terra que pudesse me levar a ele.

Quando minha triste situação fica muito difícil de suportar, faço uma pausa e sucumbo às coisas que tornam minha prisão mais agradável. Mergulho no mar artificial dentro da piscina. Um serviçal me mostra como usar o controle que muda o holograma, e posso nadar por baixo de geleiras no Ártico ou navegar por dentro do Titanic naufragado. Passeio entre golfinhos nariz-de-garrafa. Depois, ainda molhadas e cheirando a cloro, Jenna e eu nos deitamos na grama e tomamos sucos coloridos com fatias de abacaxi espetados nas bordas dos copos. Jogamos minigolfe num campo que suponho que deva ter sido construído para Linden quando ele era criança, ou talvez seu irmão morto antes dele. Não jogamos por pontos, e fazemos um esforço conjunto para derrotar o palhaço giratório no último buraco. Tentamos jogar tênis mas desistimos e inventamos um jogo de jogar bolas de tênis- na .parede, já que é só nisso que parece que somos boas mesmo.

Na cozinha eu posso comer todos os June Beans que quiser. Sento-me ao balcão da cozinha, ajudando Gabriel a descascar batatas, e ouvindo os cozinheiros falarem sobre o tempo e como eles gostariam de servir à noivinha pestinha uma meia suja. Até mesmo Gabriel, tão bem humorado que é, concorda que Cecily tem sido particularmente grosseira ultimamente. Alguém

sugere fritar um rato para o almoço dela, e a cozinheira-chefe diz: — Modere sua língua. Na minha cozinha não existem ratos.

Linden sente que tem abandonado Jenna e eu, e pergunta se gostaríamos de alguma coisa - qualquer coisa mesmo. Eu quase peço um caixote de June Beans, porque ouvi o pessoal da cozinha reclamar de entregas no começo da manhã, e desde então tenho sonhado em fugir num caminhão de entregas. Mas aí penso em todo o progresso que fiz para ganhar a confiança de Linden, e como ela seria facilmente destruída se eu fosse apanhada, o que é altamente possível, considerando-se que Vaughn sabe tudo o que acontece neste lugar.

Jenna diz: — Eu gostaria de uma grande cama elástica. — E, na manhã seguinte, lá está ela, no roseiral. Pulamos até o peito doer, e depois nos deitamos no centro dela e ficamos olhando as nuvens por um tempo.

— Este não é o pior lugar para se morrer - ela confessa. Então ela se apoia no cotovelo, o que faz meu corpo escorregar mais na direção do dela, e ela me pergunta: — Ele tem vindo à sua cama ultimamente?

— Não — respondo, e cruzo os dedos atrás da cabeça. — É bom tê-la só pra mim novamente.

— Rhine? — ela diz. — Quando ele ia para você, não era... para filhos.

— Não — eu digo. — Nunca foi. Ele nunca sequer me beijou.

— Por que será? — ela pergunta, voltando a se deitar.

— Ele foi até você? — pergunto.

— Sim — ela diz. — Algumas vezes, antes de toda a sua atenção começar a ir para Cecily.

Isso me surpreende. Volto a pensar na rotina matinal confiável de Jenna tomando chá na biblioteca e enterrando a cara em romances. Não houve uma única manhã em que ela parecesse desalinhada ou desorientada, especialmente não do jeito que Cecily estava. E mesmo agora, ela parece estar muito calma com toda essa coisa.

— Como foi? — pergunto, e imediatamente um rubor quente se espalha pelo meu rosto. Eu perguntei mesmo isso?

— Não foi terrível — é a resposta indiferente de Jenna. — Ele ficava me perguntando se eu estava bem. Como se ele pensasse que eu ia quebrar ou coisa assim. — Ela ri um pouco ao pensar nisso. — Se eu fosse quebrar, não

seria ele a fazer isso.

Não sei bem como responder a isso. Só de pensar em Linden me beijar me dá um nó no estômago. E no entanto ambas as minhas esposas irmãs já fizeram bem mais do que beijá-lo, e uma delas está até carregando seu filho.

— Achei que você o odiava — eu finalmente digo.

— E claro que odeio - ela diz. Sua voz é um cantarolar suave. Ela cruza o tornozelo sobre o joelho anguloso e balança casualmente o pé. — Eu odiei todos eles. Mas este é o mundo em que vivemos.

— Todos eles? — pergunto.

Ela se senta e olha para mim, o rosto uma mistura de confusão, pena e talvez divertimento. — O que você achava? — ela diz, e pega meu queixo, inspecionando-me. Sua pele é macia, e tem o cheiro das loções que Deirdre deixa para mim na mesinha de cabeceira. — Você é tão bonita, e tem um porte tão belo — ela diz. — Como é que você ganhava dinheiro?

Eu também me sento, quando percebo o que ela está me perguntando. — Você achou que eu fosse uma prostituta? — pergunto.

— Bom, não — ela diz. — Você parecia muito meiga para isso. Mas eu simplesmente supus... de que outra forma garotas como nós conseguem se virar?

Penso em todas as garotas que dançavam no parque nas festas de Ano Novo, em como algumas delas entravam de fininho em um carro com um cara rico da primeira-geração. E em todos os bordéis do distrito escarlata, com janelas pintadas de preto. Às vezes uma porta se abria quando eu passava, e eu ouvia o pulsar da música, via um relance de luzes cor de arco-íris. Penso na habilidade com que Jenna dançou naquela noite no laranjal, e como foi carismática para com aqueles homens que ela desprezava. Sua vida estava em um daqueles lugares escuros e secretos pelos quais eu mal tinha a coragem de passar na calçada.

— Eu achava que o orfanato daria a você o suficiente para se virar — digo. Mas percebo imediatamente que isso não pode ser verdade. Rowan e eu impedimos um grande número de órfãos de roubar de nós. Não teríamos precisado fazer isso se os orfanatos tivessem cuidado deles.

Jenna volta a se deitar, e eu me deito ao lado dela. — Você está falando

sério? — ela pergunta. — Então você nunca...

— Não - respondo, um pouco na defensiva. Em minha mente, Jenna começa a se materializar em uma nova luz. Mas eu não a julgo. Não a culpo. Como ela disse, é o mundo em que vivemos.

— Bom, eu não sei por que ele não procurou você - ela diz. — Eu tenho a sensação de que tudo o que acontece aqui tem um motivo.

— Não estou entendendo — digo. — Se você o odeia tanto, por que não recusou? Linden é tão calmo que não consigo imaginá-lo se impondo a nenhuma de nós, embora eu já tenha me preocupado mais de uma vez com o fato de que Linden não tenha forçado a questão de consumir nosso casamento. Será que ele sentiu minha hesitação e me permitiu o luxo de um tempo a mais? Mas quanto tempo até que a paciência dele se esgote?

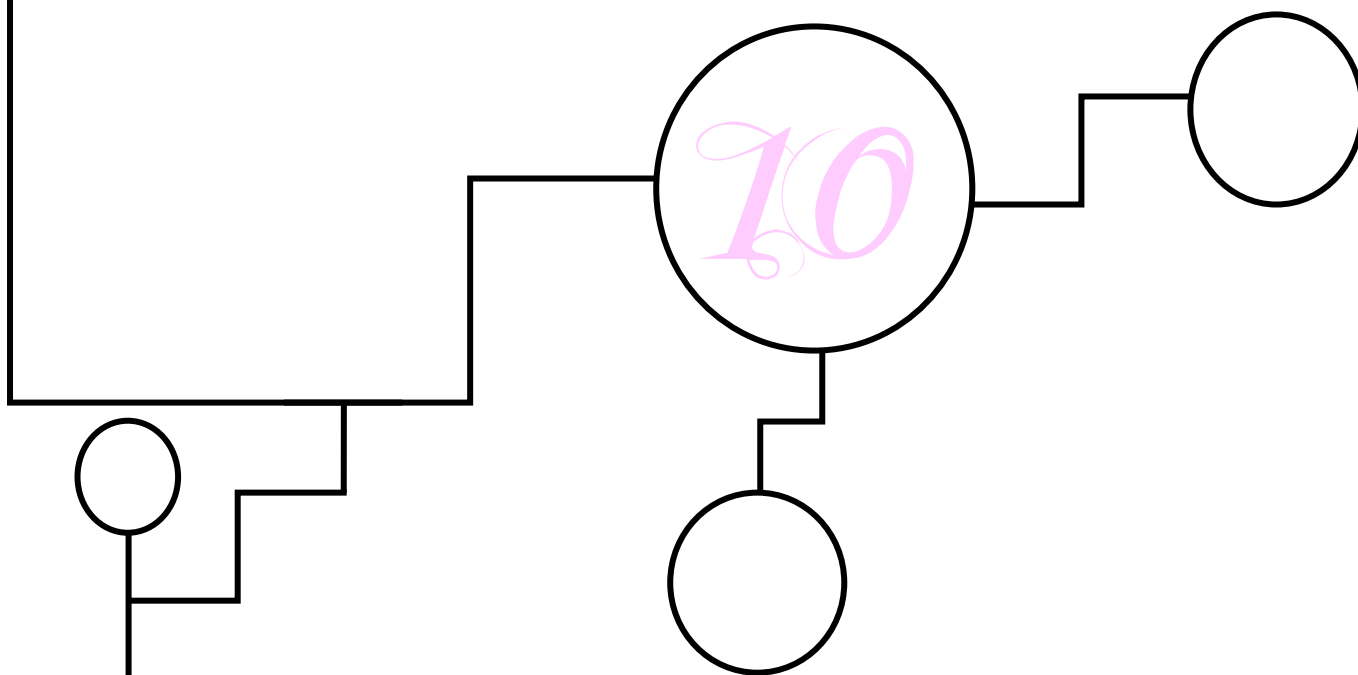
Ela se vira para me encarar, e posso jurar que por um momento vejo medo em seus olhos cinzentos. — Não é com ele que estou preocupada — ela diz.

— Com quem? — meus olhos piscam sem parar. — O Senhorio Vaughn?

Ela faz que sim com a cabeça.

Penso no corpo de Rose no porão. Todos aqueles corredores sombrios que poderiam levar para qualquer lugar. E sinto que Jenna, que é uma observadora tão arguta, encontrou suas próprias razões para ter medo neste lugar. A pergunta permanece na ponta da língua: Jenna, o que foi que o Senhorio Vaughn fez a você?

Mas tenho medo demais da resposta. A imagem da mão de Rose embaixo daquele lençol me dá um arrepio frio na espinha. Existem coisas feias e perigosas espreitando por baixo da beleza desta mansão. E eu gostaria de estar o mais longe daqui antes sequer de saber o que elas são.



Parece que as folhas estão sempre explodindo com novas cores. Estou aqui há seis meses. Evito o Senhorio Vaughn sempre que posso. E, no jantar, quando ele puxa uma conversa animada sobre a refeição ou o tempo, tento sorrir como se sua voz não fizesse baratas subirem e descerem pela minha espinha.

Linden me encontra uma tarde enquanto estou sozinha no laranjal, deitada na grama, e não tenho certeza se ele estava me procurando ou se ele tinha a intenção de ficar aqui sozinho. Sorrio para ele e digo a mim mesmo que estou feliz porque ele está aqui. Agora que a maior parte da atenção dele vai para a minha esposa irmã mais nova, não tive muita oportunidade de fazer nada para merecer seu favor. Estamos sós no lugar favorito de sua esposa morta, e percebo uma oportunidade de criar um vínculo com ele.

Dou palmadinhas no chão ao meu lado à guise de convite, e ele se deita na grama. Ambos ficamos em silêncio enquanto uma brisa sopra sobre nós.

Rose ainda se faz sentir nas árvores; as folhas que farfalham são sua gargalhada etérea. Linden segue meu olhar até o céu.

Por um tempo, não dizemos nada. Fico escutando o ritmo de sua respiração, e ignoro a palpitação quase imperceptível no meu peito provocada pela presença dele. As costas de sua mão roçam a minha bem de leve. Uma flor de laranjeira cai sobre nós em uma diagonal perfeita.

— Estou com medo do outono. É uma estação terrível — ele finalmente

diz. — Tudo fica murcho e morre.

Não sei como responder. O outono sempre foi minha estação favorita. A época em que tudo explode com sua última beleza, como se a natureza tivesse economizado o ano inteiro para o *gran finale*. Nunca pensei em ter medo dele. Meu maior medo é que mais um ano de minha vida se passe enquanto estou tão longe de casa.

Subitamente as nuvens parecem muito acima de nós. Elas estão se movendo em um arco, circulando o planeta. Elas viram oceanos abissais e ilhas assoladas e devastadas. Elas viram como destruímos o mundo. Se eu pudesse ver tudo, como as nuvens, será que eu ficaria girando ao redor deste continente que restou, ainda tão cheio de cor, vida e estações, desejando protegê-lo? Ou simplesmente riria da futilidade disso tudo, e seguiria em frente, descendo a curvatura da atmosfera da terra?

Linden inspira mais uma vez, e reúne a coragem para colocar sua mão sobre a minha. Eu não resisto. Tudo no mundo de Linden Ashby é falso, uma ilusão, mas o céu e as flores de laranjeira são reais. Seu corpo ao meu lado é real.

— O que você está pensando? - ele me pergunta. Durante todo o nosso casamento eu nunca me permiti ser honesta com ele, mas aqui, agora, eu quero lhe dizer o que se passa na minha cabeça.

— Eu estava me perguntando se somos dignos de ser salvos — digo.

— O que você quer dizer?

Balanço a cabeça contra o chão, sinto a parte de trás do crânio rolando ao longo da terra fria e dura. — Não é nada.

— É alguma coisa sim — ele diz. — O que você quis dizer? — A voz dele não é intrusiva. É gentil, curiosa.

— É apenas que todos esses médicos e engenheiros estão procurando um antídoto — eu digo.

— Eles estão nisso há anos. Mas será que realmente vale a pena? Será que podemos ser consertados?

Linden fica quieto por um tempo, e justo quando tenho certeza de que ele vai me condenar pelo que eu disse ou, não sei, defender o trabalho de seu pai louco, ele aperta minha mão. — Eu já me fiz a mesma pergunta — ele diz.

— É mesmo? — Nós nos viramos ao mesmo tempo e olhamos um nos olhos do outro, mas sinto minhas bochechas começarem a queimar, e olho de volta para o céu.

— Eu pensei que ia morrer um dia - ele disse. — Quando eu era novo. Tive uma febre alta. Lembro que meu pai me deu uma injeção que deveria curá-la... algo experimental em que ele estava trabalhando, é claro, mas só agravou as coisas.

Vaughn poderia estar injetando qualquer um de seus experimentos loucos nas veias de seu filho, se bem o conheço, mas não digo isso. Linden continua: — Durante dias eu estive em alguma terra no meio do caminho entre a realidade e o delírio. Tudo parecia tão apavorante, e eu não conseguia acordar. Mas de algum lugar tão bem distante eu conseguia ouvir meu pai e alguns de seus médicos me chamando. — Linden. Linden, volte para nós. Abra seus olhos. — E eu me lembro que hesitei. Não sabia se devia voltar. Não sabia se queria viver num mundo de morte certa. De febres e pesadelos.

Há um longo silêncio, e então eu digo: — Mas você voltou.

— Sim — ele diz. E então, bem baixinho: — Mas não foi minha decisão.

Ele entrelaça seus dedos por entre os meus, e eu deixo, sinto o calor grudento da palma de sua mão contra a minha. Quente. Vivo. E acabo percebendo que estou segurando a mão dele com a mesma força com que ele segura a minha. E aqui estamos: duas coisinhas moribundas, enquanto o mundo ao nosso redor morre como folhas de outono que caem.

A barriguinha de Cecily começa a inchar. Ela começa a passar mais tempo de cama, mas está mais barulhenta do que nunca, de acordo com os serviços.

Estou comendo um sorvete de casquinha e vendo os *nishikigoi* no lago uma tarde quando um serviçal vem correndo para me buscar. Ele para e coloca as mãos nos joelhos, se dobrando todo para recuperar o fôlego. — Venha rápido — ele consegue dizer. — Lady Cecily está pedindo pela senhora. É um tipo de emergência.

— Ela está bem? — eu pergunto. Só de olhar para ele já penso que alguém morreu. Ele balança a cabeça negativamente em resposta.

Ele não sabe. Acho que entrego minha casquinha de sorvete a ele e corro para a porta. Gabriel já está esperando no elevador com seu cartão-chave. No

andar de cima, corro para o quarto dela, achando que tudo o que aconteceu com Rose vai se repetir, achando que vou encontrá-la tossindo sangue ou lutando para respirar.

Ela está sentada na cama, apoiada em travesseiros, os dedos dos pés separados por pedaços de espuma enquanto o esmalte de unha seca. Ela sorri para mim com um canudinho na boca. Está tomando suco de *cranberry*.

— O que aconteceu? — pergunto, ofegante.

— Me conta uma história - ela diz.

— *O quê?*

— Você e Jenna estão se divertindo o tempo todo sem mim. — Ela faz beicinho. Sua barriga flutua na frente dela como uma pequena lua crescente. A gravidez ainda não está muito adiantada — quatro meses — mas o que eu sei e ela não sabe é que Linden não quer correr o risco de perder outro bebê. Ele não vai poupar precauções. Ela pode estar bem o bastante para jogar minigolfe ou até mesmo nadar na piscina, que é aquecida e tratada para repelir folhas e insetos nesta época do ano, mas ela se tornou a maior prisioneira de todas aqui.

— O que vocês ficam fazendo o dia todo? — ela pergunta.

— A gente se diverte muito — eu retruco irritada, porque ela me deixou preocupada à toa. — Comemos algodão-doce e damos cambalhotas em pleno ar na cama elástica. É uma pena que você não possa sair.

— E o que mais? — ela dá palmadinhas no colchão ao seu lado, olhos ansiosos. — Não, espera. Me conta mais sobre outro lugar. Como era seu orfanato?

É claro que ela iria pensar que cresci em um orfanato. Isso é tudo o que sua curta vida lhe mostrou do mundo.

Sento-me de pernas cruzadas em seu colchão e tiro os cabelos dos olhos dela. — Eu não cresci num orfanato — digo. — Cresci numa cidade. Com milhões de pessoas, e prédios tão altos que você ficaria tonta só de tentar ver os topos deles.

Ela está deslumbrada. E então eu lhe falo das barcas e dos peixes tóxicos que são pescados por esporte e devolvidos ao mar. Eu me removo das histórias e ao invés disso conto a ela sobre um casal de gêmeos, irmão e irmã,

que cresceram numa casa onde havia sempre alguém tocando piano. Havia balas de hortelã, pais e histórias antes de dormir. Os cobertores todos tinham cheiro de naftalina e, vagamente, do melhor perfume da mãe deles, de quando ela se curvava sobre eles para lhes dar um beijo de boa noite.

— Eles ainda estão lá? — ela me pergunta. — Eles cresceram?

— Eles cresceram — eu respondi. — Mas um dia chegou um furacão, e cada um deles foi soprado para uma parte diferente do país. E agora eles se separaram.

Ela parece duvidar. — Um furacão soprou eles? Isso é bobagem.

— Juro que é verdade — eu digo.

— E não matou eles?

— Essa parte pode ser uma bênção ou uma maldição — eu digo. — Mas os dois ainda estão vivos, tentando encontrar o caminho de volta um para o outro.

— E a mãe e o pai deles? — ela pergunta.

Pego o copo vazio de suco na mesinha de cabeceira dela. — Vou pegar um suco fresquinho para você — eu digo.

— Não. Não é função sua. — Ela aperta o botão azul sobre a mesa de cabeceira e diz. — Suco de Cranberry. E waffles. Com melado. E um guarda-chuvinha!

— Por favor — eu acrescento, porque sei que todos eles lá embaixo estão revirando os olhos para ela, e de fato é apenas questão de tempo antes que alguém assoe o nariz no guardanapo dela.

— Gostei daquela história — ela diz. — Ela é de verdade mesmo? Você conhece mesmo esses gêmeos?

— Sim — eu digo. — E a casinha deles está esperando que eles retornem. Ela tem uma escada de incêndio quebrada, e costumava ficar coberta de flores. Mas aquela cidade não é igual a este lugar. Os produtos químicos das fábricas dificultavam muito o crescimento de qualquer coisa ali. Só a mãe deles conseguia cultivar lírios, porque ela tinha um toque mágico, e quando ela morreu, todos eles murcharam. E foi isso.

— E foi isso — ela repetiu concordando.

Deixo-a quando chega a hora de sua ultrassonografia. Gabriel pega meu

braço no corredor. — A história era toda verdadeira? — ele pergunta.

— Era — eu respondo.

— Então, quanto tempo você acha que isso vai levar? — ele pergunta. — Antes que o próximo furacão apareça pra te levar pra casa.

— Posso lhe contar qual é meu maior medo? — digo.

— Sim. Me conte.

— Que os próximos quatro anos não tenham vento algum.

Mas não são anos sem vento. No fim de outubro temos padrões de temperatura perigosos. Na cozinha fazem apostas: de que categoria será o primeiro furacão? A mais popular é três. Gabriel aposta em dois, porque é uma época estranha do ano para uma coisa dessas. Eu simplesmente concordo com ele porque não faço ideia do que estou falando. Não temos temperaturas muito drásticas em Manhattan. Sempre que o vento está ruim, eu pergunto: — Isto é um furacão? É? — e todos na cozinha riem de mim. Gabriel me garante que eu saberei.

A água da piscina é empurrada de um lado para o outro, e eu acho que ela pode até ser sugada para o ar. As árvores e os arbustos entram em convulsões. Laranjas rolam como se tivessem sido chutadas por gigantes. Há folhas por toda parte, vermelhas e amarelas com manchas marrons. Quando não há ninguém por perto, recolho as folhas, faço pilhas e me enterro dentro delas. Respiro na umidade-delas. Eu me sinto uma garotinha novamente. Fico escondida até que o vento as leva em fitas espiraladas. — Eu quero ir com vocês — digo.

Uma tarde eu retorno ao meu quarto e descubro que minha janela foi aberta. Um presente que Linden deixou para eu descobrir. Eu a testo: ela abre e fecha. Sento-me no alpendre e cheiro a terra molhada, o vento frio que limpa tudo, e penso em histórias que meus pais me contavam sobre a infância deles. Na virada do novo século, quando o mundo era seguro, eles tinham um feriado chamado Halloween. Eles saíam em grupos de amigos vestidos como coisas horríveis e tocavam campainhas, pedindo doces. O tipo favorito do meu pai, ele dizia, parecia com pequenos cones de trânsito com pontinhas amarelas.

Jenna, cuja janela permanece trancada, vem ao meu quarto, pressiona o

nariz à tela e respire fundo, viajando em suas próprias memórias agradáveis. Ela me conta que em dias como este o orfanato servia chocolate quente. Ela e suas duas irmãs dividiam uma caneca, e todas ficavam com bigodinhos de chocolate.

A janela de Cecily também permaneceu trancada, e quando ela reclama, Linden diz que a corrente de ar será demasiada para ela em seu estado frágil. — Estado frágil - ela resmunga para mim assim que ele vai embora. — Eu vou colocar ele num estado frágil se eu não puder sair desta cama logo. - Mas ela gosta da atenção. Ele dorme ao lado dela na maioria das noites, e a ajuda a melhorar sua leitura e sua escrita. Ele lhe dá bombas de chocolate para comer e faz massagem em seus pés. Quando ela tosse, médicos correm até ela se atropelando uns sobre os outros para verificar seus pulmões.

Mas ela é saudável. Ela é forte. Ela não é Rose. E ela é incansável. Numa tarde em que Linden não está cuidando tanto dela, Jenna e eu fechamos a porta do banheiro de Cecily, e Jenna nos ensina a dançar. Eu não tenho a graça de Jenna, mas isso faz parte da diversão. E nessa diversão, posso me esquecer de como Jenna se tornou uma dançarina tão hábil.

— Oh! — grita Cecily, interrompendo no meio sua pirueta desajeitada. Acho que ela vai desmaiar novamente, ou começar a sangrar, mas ela quica nos calcanhares e diz: — Ele chutou, ele chutou! — Ela agarra nossas mãos e as pressiona na barriga dela, debaixo da camiseta.

Como se em resposta a isso, um terrível alarme enche o quarto com seus uivos. Uma luz vermelha que não sabíamos que existia começa a piscar no teto, e eu olho pela janela e reparo que a árvore com o ninho de tordo caiu.

Nossas domésticas aparecem para nos levar até o porão, com Cecily em lágrimas porque não quer estar numa cadeira de rodas quando suas pernas funcionam muito bem. Linden não está ouvindo o que ela está dizendo, em parte, mas não inteiramente devido aos alarmes, e ele segura a mão dela e diz: — Você está segura comigo, meu amor.

O elevador se abre no porão, e todos saem. Linden, o Senhorio Vaughn, Jenna, Cecily e nossas domésticas. Mas não Gabriel, e ele é o único que sabe o medo que tenho deste lugar. E os alarmes são tão altos. Eu imagino o ruído sacolejante da fria mesa de metal onde jaz o corpo de Rose. Eu a imagino

sendo sacudida de volta à vida, costurada, apodrecendo e com um tom esverdeado doentio, Eu a imagino se arrastando na minha direção, me odiando, sabendo que estou planejando escapar. Ela vai me enterrar viva se isso for necessário para me manter aqui ao lado de Linden, porque ele é o amor da vida dela e ela não vai deixar que ele morra sozinho.

— Você está bem? — pergunta Jenna, e por algum motivo sua voz suave no meu ouvido é mais clara dos que os alarmes. Percebo que ela está segurando minha mão, que está totalmente suada. Faço que sim, zozna.

Assim que as portas do elevador se fecham atrás de nós, o alarme para. O silêncio diz que todos estão a salvo. Bem, todos os que Linden acha que são importantes. O pessoal da cozinha e todos os serviçais, conforme o prometido, ainda estão trabalhando na mansão. Se o pior acontecer e eles forem sugados para o éter, poderão ser substituídos. O Senhorio Vaughn pode conseguir um preço baixo por bons órfãos.

Quando estamos descendo o corredor dos horrores, pergunto: — Quando o jantar será servido?

O que eu estou realmente perguntando é: Onde está Gabriel?

O Senhorio Vaughn dá um risinho. É um som tão feio. Ele diz: — Tudo em que esta aqui consegue pensar é comida. Suponho que, se todos sobrevivermos esta noite, o jantar será às sete como de costume, querida.

Sorrio charmosa, coro como se a provocação dele me fizesse sentir uma nora feliz ideal. Quero que ele seja soprado para longe. Quero que ele fique sozinho na cozinha enquanto facas e panelas girem ao redor nos ventos do furacão e pratos se quebrem aos seus pés. E então quero que o telhado seja arrancado, e que ele seja puxado para o alto, ficando cada vez menor, menor, até não ser mais nada.

Entramos num aposento bem iluminado, com grandes poltronas iguais à da biblioteca, e divãs e camas com dosséis com redes de proteção brancas e lilás, finas como gaze. Um ambiente aconchegante. Janelas com imagens de falsas paisagens tranquilas. O ar entra por passagens de ventilação no teto. Cecily bufa e sai de sua cadeira de rodas, empurrando Linden de lado e indo explorar a mesa de xadrez. — Isto é algum tipo de jogo? — ela pergunta.

— Quer dizer que nunca ensinaram a uma garota inteligente como você

a arte cultural do xadrez? — pergunta o Senhorio Vaughn.

Se Cecily não estava interessada em jogar um instante atrás, agora ela está. Ela quer ser culta tanto quanto quer ser sexy è ler bons livros. Ela quer ser todas as coisas que uma garota muito nova não é. — Me ensina? — ela pergunta ao se sentar.

— Claro que sim, querida.

Jenna, que odeia o Senhorio Vaughn ainda mais do que odeia nosso marido, puxa a rede ao redor de uma cama, se fecha e tira um cochilo. As domésticas conversam sobre vestidos e costuras; não podem fazer muito por nós aqui, mas suponho que o Senhorio Vaughn acha que elas serão úteis se a mansão for destruída e ainda precisarmos de alguém para tricotar nossos cobertores e costurar nossas meias. Linden se senta no divã cercado de papéis e revistas de arquitetura que trouxe consigo para se divertir, com lápis na mão.

Eu me sento ao lado dele, e ele não repara em mim até que pergunto: — O que você está desenhando?

Seus cílios escuros estão voltados para baixo, como se ele estivesse pensando se o que está na página vale o meu tempo. Então ele levanta' a folha para me mostrar, e é um delicado esboço a lápis de uma casa vitoriana florescendo com flores e hera. Mas debaixo disso tudo, existe uma estrutura estável. Vigas sólidas na varanda, janelas de aspecto forte. Posso até ver os esboços dos pisos no interior, e portas com roupas penduradas na maçaneta. Posso ver que uma família vive ali dentro. Há uma torta no alpendre da janela, e as mãos de uma mulher estão colocando-a ali ou a retirando. A casa está em um ângulo, então posso ver duas de suas paredes externas. Um balanço no quintal parece ter sido colocada em movimento agora mesmo; a criança que estava nele pulou para fora da borda da página. Há uma tigela na grama, onde um cachorro irá beber água depois que voltar de um passeio pela vizinhança, ou de um cochilo em cima do jardim florido do vizinho.

— Uau — solto o fôlego, sem ter a intenção.

Ele se anima um pouco, e depois afasta os papéis para que eu possa me sentar mais perto dele. — Foi só uma ideia que tive — ele diz. — Meu pai acha que eu não deveria desenhar famílias dentro das casas. Ele diz que ninguém vai querer comprar um desenho a não ser que ele seja limpo e que os

compradores possam ver somente a si mesmos vivendo ali.

Como sempre, o pai dele está errado.

— Eu viveria ali — digo. Nossos ombros estão se tocando; isto é mais perto do que jamais estivemos um do outro fora de minha cama.

— Desenhar alguém dentro da casa me ajuda — ele diz. — Isso dá a ela uma espécie de, não sei, alma.

Ele me mostra mais de suas casas. Um rancho de um andar só com um gato adormecido na varanda, enormes prédios de escritório com janelas reluzentes que me fazem pensar em casa, garagens e gazebos, e uma única loja que surge de um shopping center de rua com traços indefinidos. E fico atordoada, não apenas com a precisão de suas linhas, mas com a urgência dele ao meu lado, apontando empolgado para coisas e explicando o processo. Eu nunca teria imaginado que ele tem esse tipo de energia. Esse tipo de perícia e talento.

Ele sempre pareceu triste demais para fazer qualquer coisa a não ser chafurdar na miséria. Nem tudo em seu mundo é o que parece. Seus desenhos pedem atenção. São lindos e fortes. São feitos para durar uma vida inteira natural, como a casa onde cresci.

— Eu costumava vender muitos desenhos antes de... — ele diz, sem terminar o pensamento. Ambos sabemos por que ele parou de desenhar. Rose ficou doente. — Eu também costumava supervisionar a construção. Ver os desenhos ganharem vida.

— Por que você não volta a fazer isso? — pergunto.

— Não há tempo.

— Há muito tempo.

Bem, quatro anos. Uma vida tão curta. A expressão nos olhos dele me faz pensar que ele pensou a mesma coisa.

Ele sorri para mim, e não sei dizer o que isso significa. Acho, apenas por um segundo, que ele levantou a cabeça e viu o meu eu heterocromático. Não uma garota morta. Nem sequer um fantasma.

Ele leva sua mão ao meu rosto, e sinto as pontas dos seus dedos roçando meu maxilar, os dedos se desenroscando como uma planta começando a florescer. Ele parece sério e suave. Ele está mais próximo do que estava há um

segundo, e eu me sinto sendo atraída para dentro de sua gravidade, e por algum motivo sinto que desejo confiar nele. Eu estou em suas mãos construtoras de casas, e quero confiar nele. Meu lábio inferior relaxa, esperando que ele o toque.

— Também quero ver os seus desenhos! — diz Cecily, e meus olhos se abrem num instante. Afasto minha mão da dobra do cotovelo de Linden, onde de algum modo ela havia se encaixado. Desvio o olhar dele, e lá está Cecily, grávida e chupando um pedaço de caramelo que enche toda a sua bochecha esquerda. Chego para o lado e deixo que ela se sente entre nós, e Linden lhe mostra pacientemente seus desenhos.

Ela não entende por que a corda do balanço de pneu está quebrada, ou por que há uma coroa de louros de solstício na porta da frente da loja vazia. E num instante ela se aborrece com tudo isso, percebo direitinho, mas ela continua a tentar conversar sobre os desenhos dele porque conquistou sua atenção e não vai abrir mão dela.

Subo no dossel com Jenna, fechando a rede de gaze atrás de mim.

— Você está dormindo? - eu sussurro.

— Não — ela sussurra de volta. — Você percebeu que ele quase te beijou?

Como sempre, ela estava observando. Ela se vira para me encarar, e os olhos me vasculham de alto a baixo. — Não esqueça de como você veio para cá — ela diz. — Não esqueça.

— Não, nunca — eu digo.

Mas ela tem razão.

Por um momento eu quase me esqueci.

Eu adormeço, e as vozes do abrigo para tempestades vão ficando distantes. Sonho com todos que ouço. Cecily é uma pequena joaninha vestindo saia xadrez, e o Senhorio Vaughn é um grilo enorme com olhos de cartum. — Ouça-me bem, querida — ele diz a ela, envolvendo a concha dela com seu braço peludo. — Seu marido tem outras duas esposas. Suas irmãs. Você não deve interrompê-las.

— Mas! — seus olhos de cartum ficam marejados de petulância e tristeza. Ela está chupando um caramelo.

— Pronto, pronto — ele diz. — O ciúme fica tão feio no seu rostinho bonito. Que tal você e seu sogro jogarem um pouco de xadrez?

Ela é o bichinho de estimação dele. Seu bichinho grávido e fiel de estimação.

Bispo para F5. Cavalo para E3.

Do lado de fora, os ventos rugem, e mais uma vez eu ouço as palavras: *no dia mais frio do inferno... no dia mais frio do inferno...*



A casa não é destruída. Tirando algumas árvores quebradas, o mundo volta ao normal.

Gabriel me encontra deitada numa pilha de folhas. Sinto a presença dele em pé ao meu lado e abro os olhos. Ele está segurando uma garrafa térmica. — Eu lhe trouxe um pouco de chocolate quente — ele diz — Seu nariz está todo vermelho.

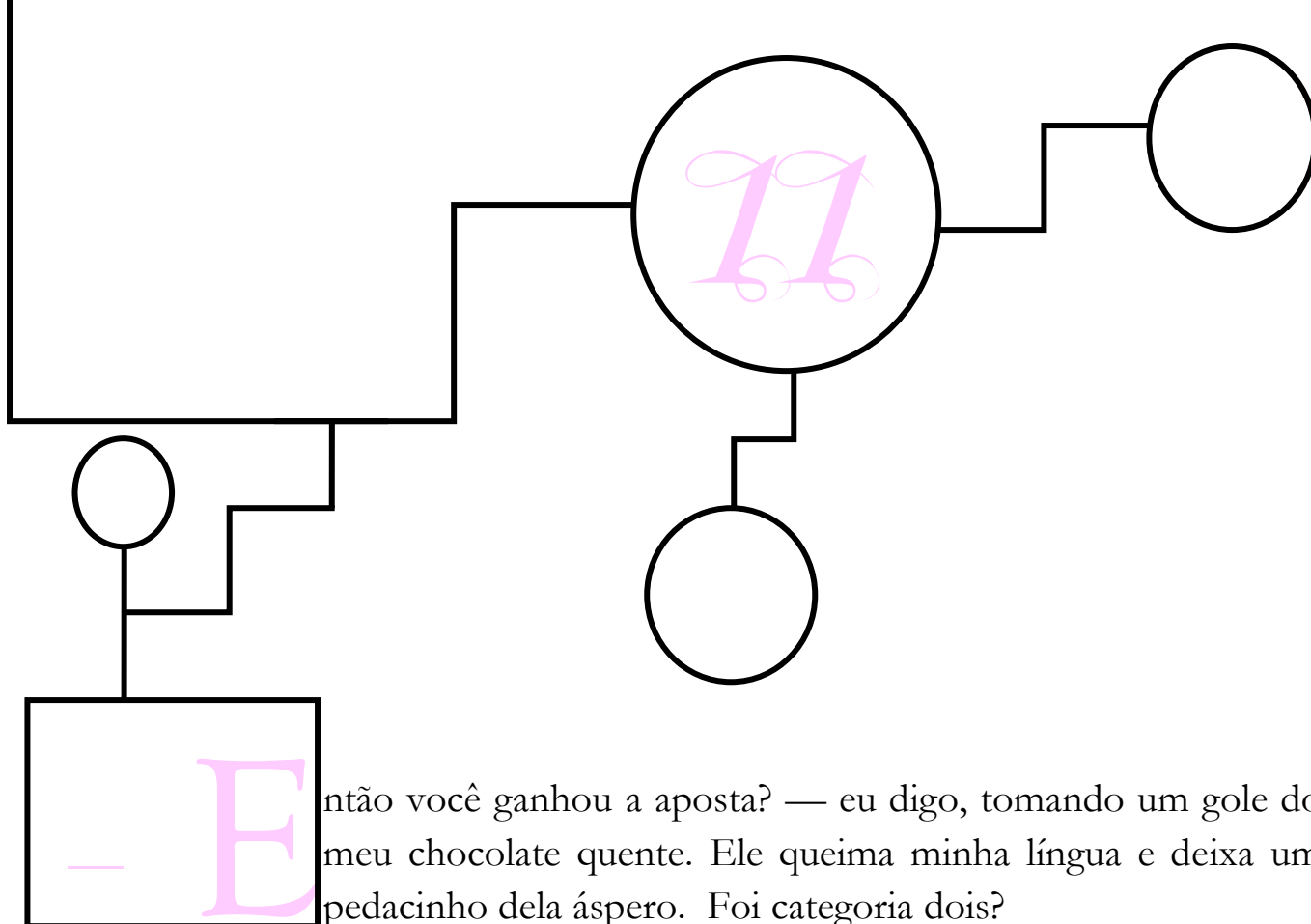
— Seus dedos também — eu digo. Vermelhos como as folhas que caem. A respiração dele sai em nuvens. Em todo este outono, os olhos dele *são muito azuis*.

— É uma virose — ele diz, fazendo um gesto com a cabeça na direção da minha. Olho para onde ele aponta e vejo uma coisinha alada pular e se arrastar pelos meus cabelos louros. Sopro suavemente, e ela se vai.

— Estou feliz que você não tenha sido soprado para longe — eu digo, e, como eu esperava, ele entende isso como uma deixa para se sentar ao meu lado.

— A casa tem tipo uns mil anos de idade — ele diz, abrindo a tampa da garrafa térmica. A tampa se torna uma xícara e ele me serve um pouco de chocolate quente. Sento-me e aceito, inalando o calor adocicado por algum tempo. Ele bebe direto da garrafa, e fico vendo seu pomo-de-Adão se mover sob sua pele. — Ela não vai a lugar algum.

Olho para a mansão de tijolos na distância, e sei que ele está dizendo a verdade.



— Então você ganhou a aposta? — eu digo, tomando um gole do meu chocolate quente. Ele queima minha língua e deixa um pedacinho dela áspero. Foi categoria dois?

— Três — ele diz. Seus lábios estão rachados, assim como os meus, nem um pouco como os de Linden, e eu acho que somos dois prisioneiros acidentais aqui fora, neste jardim morto. Este jardim que adormeceu para o inverno que vem chegando.

— Eu não o amo — digo.

— O quê? — ele pergunta.

— Linden. Eu não o amo. Eu não gosto sequer de estar no mesmo quarto que ele. Eu só queria que você soubesse disso.

Subitamente, ele deixa de olhar para mim. Toma outro gole, e desta vez ele joga a cabeça para trás a fim de conseguir os últimos restinhos do chocolate quente. Um pequeno arco de chocolate fica marcado sobre seu lábio.

— Eu só queria que você soubesse — repito.

— É bom saber — ele diz, e concorda com a cabeça.

Quando nossos olhos se encontram, ambos sorrimos, e depois damos uma gargalhada, de maneira experimental no começo, tipo botar a cabeça para fora de um buraco para ter certeza de que é seguro, e depois com mais confiança. Eu resfolego, e ponho a mão sobre a boca, histérica demais para ficar envergonhada. Não sei qual é a graça ou sequer se tem algo de engraçado.

Só sei que a sensação é muito boa mesmo.

Eu gostaria que pudéssemos passar mais tempo assim, mesmo se tudo o que pudermos fazer seja caminhar e chutar umas folhas mortas no caminho. Mas quando nos levantamos e começamos a andar automaticamente na direção da casa, lembro que ambos somos prisioneiros. Ele só pode conversar comigo se estiver me trazendo alguma coisa, e depois tem que voltar para a cozinha, voltar a lustrar os móveis, voltar a passar o aspirador de pó nos infinitos tapetes. Acho que foi por isso que ele trouxe o chocolate quente.

Quanto mais perto chegamos da casa, mais fraco o gosto doce se torna. A parte áspera da minha língua se espalha. O céu enevoadado suave começa a assumir um aspecto sombrio. As folhas mortas saem em revoada, como se assustadas.

No instante em que Gabriel estende a mão para a maçaneta, a porta se abre. O Senhorio Vaughn nos saúda com um sorriso. A cozinha atrás de dele está silenciosa, além dos sons necessários de coisas sendo preparadas e limpas. Nada do burburinho de costume.

— Pedi que ele me trouxesse chocolate quente — digo.

— É claro, querida — diz o Senhorio Vaughn. — Eu sei disso. — Ele parece um geriátrico gentil quando sorri para nós. Sinto Gabriel ficar tenso ao meu lado, e tenho que lutar contra um estranho impulso de segurar a mão dele, para que ele saiba que eu tenho tanto medo quanto ele, ainda que não demonstre.

— Por que você não volta às suas tarefas, então? — o Senhorio Vaughn diz a Gabriel. Ele não precisa que lhe digam duas vezes; funde-se à cozinha e se torna parte do ruído ambiente.

E fico ali, para enfrentar esse homem sozinho. — Está um dia: tão fresco e bonito. O ar é refrescante para estes meus velhos pulmões — ele diz, batendo no peito. — Você não gostaria de dar uma caminhada com seu sogro? — Não é de fato uma pergunta. Nós nos afastamos da casa e passamos por entre os lagos no roseira! A cama elástica de Jenna está coberta de folhas mortas e moribundas.

Faço o melhor que posso para ignorar este homem que deu o braço ao meu, que tem cheiro de tweed, de loção após-barba e do porão que tanto

temo. Deixo a Flórida por um tempo. Penso nas folhas em Manhattan no outono. Não há tantas árvores assim — as fábricas de produtos químicos tiraram a vida delas. Mas num dia de vento, as poucas folhas se juntam em bandos e caem todas de uma vez, dando a ilusão de que são mais. Essa lembrança me ajuda a atravessar o roseiral sem hiperventilar.

Justo quando estou pensando que vou ser capaz de passar por isso sem ter de falar, chegamos ao campo de minigolfe e o Senhorio Vaughn diz: — Há uma expressão que nós, velhos, usamos: "A menina dos olhos". Já ouviu falar nela?

— Não — respondo. Estou intrigada. Não tenho medo.

Você é uma ótima mentirosa, Khine. Você consegue superar isso.

— Bem, você, querida, é a menina dos olhos de Linden. — Ele aperta meus ombros com carinho. Sinto como se meu coração e meus pulmões estivessem sendo espremidos. — Você é a favorita dele, sabia?

Fico sem graça. — Eu não achava que ele me notasse — digo. — Ele gosta tanto de Cecily. — Embora, para falar a verdade, a atenção de Linden tenha começado a se deslocar na minha direção. Especialmente no porão, quando ele quase me beijou. Ainda não decidi se é minha semelhança com Rose que o interessa, ou se é outra coisa.

— Ele adora Cecily, assim como eu. Ela está ansiosa para agradar. E muito charmoso, isso.

— Cecily é uma garotinha que nunca teve infância, que quer tanto se encaixar nesse papel que fará qualquer coisa que nosso marido pedir.

— Mas ela é jovem. Tem muito que aprender. Você não concorda? — Ele não espera que eu responda. — E a mais velha, Jenna, ela cumpre seus deveres, mas não tem um décimo do seu charme. Ela é meio que um peixe morto, não é? Se fosse por mim, simplesmente a pegaríamos e a jogaríamos de volta ao mar. — Seus dedos flutuam dramaticamente no ar. — Mas Linden insiste em que devemos mantê-la. Ele acha que ela vai cair em si e conceber um filho. Ele sempre teve muita compaixão pelos outros.

Quanta compaixão. Ele matou as irmãs dela.

— Ela é só um pouquinho tímida — eu digo. — Ela se importa com ele. Está com medo de dizer a coisa errada. Ela me diz o tempo todo que não

consegue arrumar coragem de falar com ele. — Nada disso é verdade, mas espero que evite que Vaughn a jogue de volta ao mar. O que quer que ele tenha querido dizer com isso, não sei se é algo que desejo que aconteça com ela.

— E depois temos você — diz Vaughn, que parece não ter me ouvido. — Inteligente. Tão adorável. — Paramos de caminhar, e ele acaricia meu queixo entre seu polegar e seu indicador. — Eu vi como ele fica mais animado quando você está perto dele.

Eu coro, o que não deveria ser parte da atuação.

— Ele está até pensando em voltar a se juntar à raça humana. Anda falando em voltar a trabalhar. — O sorriso do Senhorio Vaughn quase parece sincero. Ele põe seu braço ao meu redor novamente, e caminhamos por entre os obstáculos do golfe. Palhaços sorridentes, casquinhas de sorvete gigantes, moinhos de vento que giram, e um grande farol com uma luz que funciona de verdade e lança seus raios por entre as árvores.

— Eu tive um filho, há muitos anos, antes de Linden. Forte como um touro — essa é outra expressão que nós, primeira-geração, costumávamos usar.

— É mesmo? — digo.

— Foi saudável por todos os dias de sua vida. Isso foi antes que percebêssemos a bomba venenosa dentro dos corpos de nossos filhos. Ele sucumbiu exatamente como o resto deles. Exatamente como você acredita que sucumbirá.

Nós paramos, e eu o acompanho e me sento na jujuba gigante que é o sétimo buraco. — Linden não é o filho mais forte, mas ele é tudo o que tenho. - Seu gentil rosto geriátrico voltou. Se eu não o conhecesse, teria pena dele. Mas quando ponho meu braço ao redor dele para consolá-lo, tenho certeza absoluta de que ele não é confiável.

— Desde o dia do nascimento dele, venho trabalhando incansavelmente em um antídoto. Tenho uma equipe médica em rotação constante trabalhando em um laboratório neste exato instante. Eu vou encontrar um antídoto dentro de quatro anos.

E se não encontrar, o que irá acontecer? Tento lutar contra o pensamento

de que o bebê de Cecily irá se tornar a nova cobaia dele depois que Linden e suas esposas tiverem morrido.

Ele dá palmadinhas na minha mão. — Meu filho vai ter um ciclo de vida saudável. E as esposas dele também. Você terá um ciclo de vida de verdade. Você está tirando Linden da escuridão em que Rose o deixou, não está vendo? Você está devolvendo a vida dele. Ele vai ter sucesso de novo, e você vai estar de braço dado com ele em todas as festas. Você terá tudo com que puder sonhar, por anos e anos.

Eu não sei por que ele está falando essas coisas para mim, mas sua presença está começando a me nausear. Isso é um pai preocupado procurando por seu filho? Ou será que ele de algum modo leu no meu rosto minha intenção de fugir? Ele está olhando bem nos meus olhos e não consigo reconhecê-lo. Ele parece menos ameaçador do que de costume.

— Você entende o que estou dizendo? — ele pergunta.

— Sim — respondo. — Entendo.

Quando nossos pais morreram, nosso porão ficou infestado de ratos de um jeito que não tinha solução. Eles saíam dos esgotos, mastigavam nossa fição e estragavam nossa comida. Eram inteligentes demais para as armadilhas que colocávamos, e então Rowan teve a ideia de envenená-los. Ele misturou farinha, açúcar, água e bicarbonato de sódio e deixou essa mistura em montinhos no chão. Eu achava que não ia funcionar, mas funcionou. Uma noite, quando foi minha vez de montar guarda, vi um rato correr em círculos estranhos e em seguida cair. Eu fiquei ouvindo o rato gemer baixinho, vendo-o estrebuchar aos pouquinhos. Isso continuou pelo que me pareceram horas, até que o bicho morresse. A experiência de Rowan foi um sucesso terrível.

O Senhorio Vaughn está me dando uma opção. Aqui eu posso viver nesta casa onde ele está dissecando a mulher e o filho mortos de Linden em busca de um antídoto que não existe. Aqui eu posso morrer em quatro anos e todos os nossos corpos serão experiências. Mas por quatro breves anos eu serei a estonteante esposa em festas sofisticadas, e essa será minha recompensa. Eu ainda morrerei como o rato, em agonia.

Penso nas palavras de Vaughn pelo resto do dia. Ele sorri para mim do outro lado da mesa de jantar. Eu penso no rato morto.

Mas ao cair da noite forço a voz ameaçadora de Vaughn para fora da minha cabeça. Ultimamente tenho prometido a mim mesma que, quando me deitar, pensarei somente na minha casa — em como voltar a ela, e em como ela é. O que minha vida era antes de eu vir para este lugar.

Não deixo ninguém nesta mansão entrar nesses pensamentos, a não ser quando lembro que Linden, mesmo com seus modos gentis, é o inimigo. Ele me roubou de meu irmão gêmeo, de minha casa, e me guarda para si mesmo.

Então, à noite, quando estou só, eu penso no meu irmão, que desde quando éramos crianças tinha o hábito de ficar parado em pé na minha frente, como se algum perigo terrível tivesse que passar por cima dele antes de me atingir. Penso na cara dele, arma na mão, depois que ele matou aquele Coletor e salvou a minha vida; o terror em seus olhos ao pensar em me perder. Penso em como sempre pertencemos um ao outro, nossa mãe juntando nossas mãozinhas e nos dizendo para segurarmos firme.

Esses pensamentos vão aumentando noite após noite, quando fico na maior parte do tempo sozinha nesta mansão de esposas e servos, e por algumas horas sou capaz de me separar desta vida falsa. Não importa o quanto isso me torne solitária, e não importa como essa solidão é grande e aterradora, pelo menos eu me lembro de quem eu sou.

E então uma noite, enquanto minha mente está se desvanecendo no sono, ouço Linden fechar a porta do meu quarto depois de encontrar. Mas ele está a mil quilômetros de mim. Eu estou com Rowan fazendo a rabiola da pipa. A risada leve de minha mãe preenche a sala, e meu pai está tocando uma sonata de Mozart em Sol maior no piano. Rowan desenrola com tranquilidade a linha que se embaraçou nos meus dedos, e me pergunta se ainda estou viva. Eu tento rir como se o que ele está dizendo fosse loucura, mas o som não sai, e ele não levanta a cabeça para olhar para mim.

Não vou parar de procurar por você, ele diz. Nunca vou parar. Mesmo que eu morra, vou encontrar você.

— Eu estou bem aqui — digo.

— Você está sonhando — ele diz. Mas a voz não pertence ao meu irmão. Linden enterrou seu rosto na curva do meu pescoço. A música desapareceu; meus dedos procuram por linhas que não estão lá. E eu sei a verdade, que se

abrir meus olhos, vou ver o quarto escuro em minha prisão de luxo. Mas não tento libertar minha mente de seu estado nebuloso, porque a decepção é grande demais para aguentar.

Sinto a umidade das lágrimas de Linden na minha pele, seus soluços de estremecer. E sei que ele estava sonhando com Rose; assim como eu, suas noites costumam ser muito solitárias. Ele beija meus cabelos e me envolve com um braço. Eu deixo. Não, eu quero. Preciso. Olhos fechados, deito minha cabeça no peito dele e ouço as batidas fortes de seu coração.

Eu quero ser eu mesma, sim. Rhine Ellery. Irmã, filha. Mas às vezes é doloroso demais.

Meu captor me puxa para si, e eu adormeço envolta no som de sua respiração.



Pela manhã, acordo com a respiração de Linden na minha nuca. Estou de costas para ele, e ele está colado às minhas costas, abraçado a mim. Fico absolutamente parada; não quero acordá-lo, fico envergonhada comigo mesma por minha vulnerabilidade ontem à noite.

Em que ponto esta atuação de boa esposa deixa de ser uma atuação? Quanto tempo vai levar até ele dizer que me ama, e que espera que eu tenha um filho dele? E, o que é pior, quanto tempo vai levar até que eu concorde?

Não. Isso nunca vai acontecer.

Eu tento lutar contra isso, mas a voz de Vaughn inunda meu cérebro.

Você terá tudo com que puder sonhar por anos e anos.

Eu posso ter isso. Eu posso ser a noiva de Linden, na mansão de Linden. Ou posso fugir, o mais rápido e para o mais longe que puder. E posso ter uma chance de morrer com minha liberdade.

Três dias depois, quando o próximo alarme de furacão começa a gritar, arrebento a tela da janela do meu quarto.

Consigo por muito pouco me agarrar na árvore perto do alpendre da minha janela, e isso me dá a alavancagem para cair em cima de um arbusto a pouco mais de um metro de altura. Dói, mas não quebro nada. Eu me desembaraço e corro, com a casa gritando atrás de mim, e o vento um

estranho tom de cinza. Folhas e cabelo estão nos meus olhos. Não quero nem saber. Saio correndo. As nuvens latejam. O céu pisca com relâmpagos brancos doentios.

Meu senso de direção sumiu. Tudo o que consigo ver é o ar escuro e zangado. E há tanto ruído, e o ruído não diminui, não importa a rapidez ou a distância com que eu me mova. Terra e pedaços de grama se levantam e voam caoticamente como se estivessem encantados.

Não sei quanto tempo passa, mas ouço meu nome sendo gritado, uma e depois várias vezes, como tiros. E isso é bem na hora em que dou de cara numa casquinha de sorvete gigante. O campo de golfe. Ok. Consigo navegar melhor agora que sei onde estou.

Não sei a que distância fica a saída. Já estive em cada jardim, no campo de golfe, nas quadras de tênis, na piscina. Já passei até pelos estábulos dos cavalos, que foram abandonados desde a doença de Rose. Mas nunca vi saída alguma.

Pressiono o corpo contra a casquinha de chocolate gigante enquanto os galhos passam por mim voando. As árvores balançam e uivam. As árvores! Se eu pudesse subir em uma delas, seria mais fácil ver mais longe. Deve haver uma cerca ou pelo menos um arbusto que nunca vi antes. Uma porta oculta. Alguma coisa.

Um passo, e sou empurrada de volta contra a casquinha. O ar é sugado dos meus pulmões. Caio no chão e tento dar as costas ao vento para conseguir respirar, mas o vento está em toda parte. Está em toda parte e eu provavelmente vou morrer bem aqui.

Eu me viro, sem fôlego, para a tempestade. Não vou sequer conseguir ver o mundo uma última vez antes de morrer. Só vou ver a estranha utopia de Linden. Os moinhos de vento girando. A estranha luz que pisca.

Luz. Penso que meus olhos estão pregando peças em mim, mas a luz persiste. Ela gira, disparando na minha direção e depois continuando em sua trajetória circular. O farol. Meu obstáculo favorito porque me lembra dos faróis do porto de Manhattan, a luz que traz os barcos de pesca para casa. Ele ainda funciona mesmo nesta tempestade, lançando sua luz por entre as árvores, e se eu não puder escapar, pelo menos quero morrer ao lado dela,

porque é o mais próximo que posso chegar de casa neste lugar tão terrível.

Caminhar agora é impossível. Há muitas coisas voando, e eu chego a pensar que posso ser soprada para longe. Então me arrasto, enfiando os cotovelos e os dedos dos pés na grama artificial do campo de golfe para ganhar tração. Vou me afastando de onde chamam meu nome, vou para longe daquela sirene que não para de tocar, longe de uma súbita dor lancinante que me atinge em algum lugar. Não procuro olhar para descobrir onde está esse ferimento, mas sei que há sangue. Sinto o gosto dele. Sinto-o pingando e se acumulando em poças. Minha única preocupação é não ficar paralisada. Posso continuar me movendo, e é o que eu faço, até tocar o farol.

A pintura está descascando; a madeira, lascada. Muito embora eu tenha atingido meu objetivo, há alguma coisa nesta maravilhosa estrutura minúscula que está me dizendo que não estou pronta para morrer. Que eu preciso seguir em frente. Mas não tenho para onde ir. Minhas mãos procuram uma saída, o caminho que me conduza até a luz.

Estou me agarrando a uma escada. Não do tipo que sirva para ser subida de verdade. Ela é obviamente para decoração, frágil e pregada na lateral do farol. Mas pode ser subida, e meu corpo é capaz de fazer isso, e por isso eu vou. Para cima, para cima, para cima.

Agora minhas mãos também estão sangrando. Alguma coisa pinga no meu olho e arde. O ar está sendo sugado para fora de mim novamente. Para cima, para cima, para cima.

Sinto como se estivesse subindo para sempre. A noite toda. A minha vida toda. Mas consigo chegar ao alto, e a luz me saúda queimando meus olhos. Desvio o rosto.

Eu quase caio.

Estou mais alta que todas as árvores.

E eu a vejo, longe, muito longe. Como um sussurro. Como uma pequena, tímida sugestão. A flor cheia de pontas do lenço de Gabriel, montada num portão de ferro.

É a saída, a quilômetros de onde estou.

É o fim do mundo.

E percebo o que o farol estava tentando me dizer. Que hoje não é meu

dia de morrer. Eu devo seguir o caminho que ele está iluminando para mim — assim como Colombo com Santa Maria, Pinta e Nina — até o fim do mundo.

O portão distante é a coisa mais linda que já vi na minha vida.

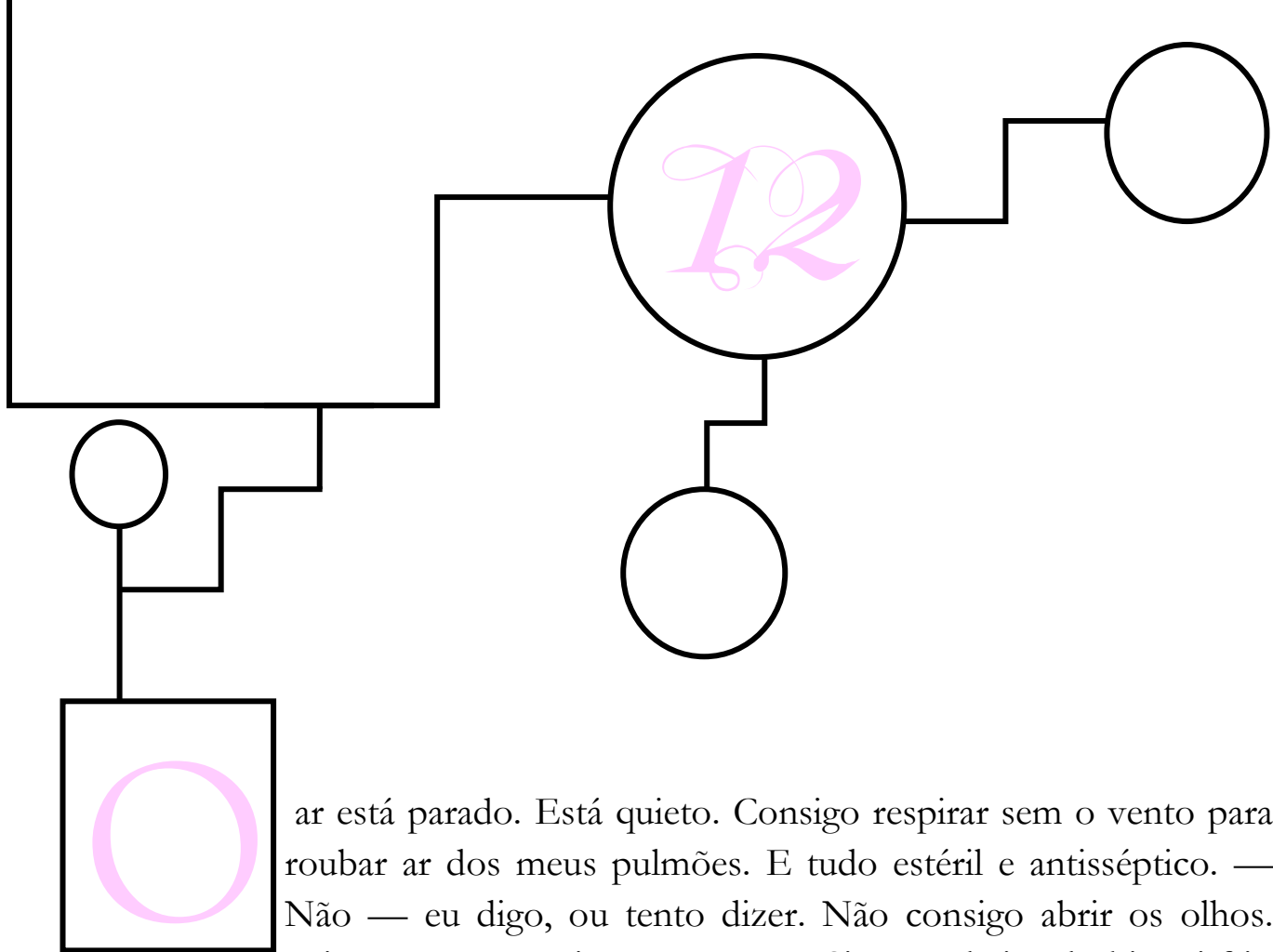
Estou justamente começando a descer quando ouço meu nome novamente. Alto e próximo demais para ignorar desta vez.

— Rhine!

Os olhos azuis de Gabriel e seus cabelos castanhos brilhantes, e seus braços que são tão mais fortes que os de Linden, estão vindo na minha direção. Não ele todo, não um corpo inteiro, mas pedaços dele, desaparecendo e tremeluzindo no vento. Vejo o vermelho feroz e zangado de sua boca aberta.

— Estou saindo! — eu grito. — Vem comigo! Fuja comigo!

Mas tudo o que ele diz é "Rhine! Rhine!" com um desespero cada vez maior, e acho que ele não consegue ouvir o que estou dizendo. Ele abre os braços, e eu não entendo por quê. Não entendo o que ele está gritando para mim até que uma incrível dor atinge a parte de trás da minha cabeça, e eu caio bem em cima de seus braços abertos.



ar está parado. Está quieto. Consigo respirar sem o vento para roubar ar dos meus pulmões. E tudo estéril e antisséptico. — Não — eu digo, ou tento dizer. Não consigo abrir os olhos. Vaughn está aqui. Eu posso sentir sua presença. Sinto o cheiro do bisturi frio de metal dele. Ele vai me abrir com ele.

Uma coisa quente percorre meu sangue. Sinto meu coração batendo com bips altos e intrusivos.



Ele pergunta se consigo abrir os olhos.

Mas é o cheiro, de chá que realmente me desperta. Apesar de alguma coisa me dizendo que não está certo, acho que Rowan está aqui, e ele está me acordando para meu turno com uma xícara de Earl Grey. Em vez disso vejo os olhos verdes ansiosos de Linden. Seus lábios parecem mais vermelhos, cortados, ensanguentados. Estranhas manchas púrpuras fazem círculos que vão se espalhando em seu rosto e garganta. Minha mão está em ambas as dele, e quando ele aperta, dói.

— Ainda bem — ele diz, e esconde o rosto no meu ombro, com um soluço convulsivo. — Você está acordada.

Eu vomito, e ainda estou vomitando quando o mundo fica escuro novamente.

Abro os olhos muitos, muitos anos depois. O vento ainda uiva como os mortos. Ele bate na janela do meu quarto, tentando invadir, tentando me roubar. Eu procuro o brilho do farol, mas não consigo encontrá-lo.

Linden está dormindo ao meu lado, sua cabeça no mesmo travesseiro que eu. Sua respiração contra meu ouvido, eu percebo, é o vento que tem uivado nos meus sonhos. Com um leve sibilar.

Deitada ali, voltando a mim mesma, percebo que não se passou nenhum ano. O rosto dele ainda está macio e jovem, embora um tanto machucado, e eu ainda estou usando a aliança de casamento dele, e ainda estou nesta mansão velha de séculos que jamais será destruída.

Mas também há coisas novas e estranhas a observar. Há uma agulha espetada no meu antebraço, e ela leva até um saco de fluido pendurado num *rack* de metal. Há um monitor que transmite constantemente o ritmo da minha pulsação. Calmo, metódico. Eu tento me sentar e sinto dor em cada uma das minhas costelas, uma por uma, como um xilofone quebrando à medida que é tocado. Uma das minhas pernas está elevada numa espécie de tipoia.

Linden sente eu me mexer ao seu lado, e resmunga de leve ao acordar. Eu fecho os olhos e finjo estar dormindo. Não quero vê-lo. Já é ruim o bastante eu ter de vê-lo todos os dias pelo resto da minha vida.

Porque não importa para onde eu vá ou o quanto eu me esforce, sempre vou acabar de volta para cá.



Quando não posso mais permanecer comatosa, um fluxo constante de visitantes começa a invadir meu quarto. Linden está sempre ao meu lado, afofando meu travesseiro, trabalhando em seus desenhos e lendo livros da biblioteca para mim. Descubro que *Frankenstein* é incomodamente irônico. Deirdre, Jenna e Cecily mal conseguem mais do que alguns segundos comigo antes que Linden lhes diga que preciso de descanso. O Senhorio Vaughn, o médico, o sogro preocupado, me desfia um repertório do que quebrei, torci ou fraturei. — Você realmente conseguiu um feito e tanto, querida, mas está nas

melhores mãos possíveis — ele diz. Em meu delírio medicado ele se transformou numa espécie de serpente falante. Ele me diz que não serei capaz de apoiar meu peso no tornozelo esquerdo por no mínimo duas semanas, e vai doer para respirar por um tempo. Não ligo. Não importa. Tenho o resto da minha vida para ficar deitada neste quarto miserável e me recuperar.

O tempo perdeu todo o sentido; não sei há quanto tempo estou deitada nesta cama. Minha consciência vem e vai, e alguma coisa diferente me espera cada vez que abro os olhos. Linden lê para mim. Minhas esposas irmãs todas reunidas na entrada do quarto, testas franzidas, preocupadas com minha situação; eu fico olhando para elas até que as rugas derretem de seus rostos e seus olhos escurecem. Sinto dor em toda parte, e um grande entorpecimento por cima disso tudo.

— Devo admitir, um furacão é mais radical do que uma saída de ventilação - a voz de Vaughn flutua sobre mim. Eu luto para abrir meus olhos, mas tudo o que consigo ver é um borrão colorido. Seus cabelos escuros molhados e penteados para trás. Uma coisa quente percorre as minhas veias, e estremeço de alívio quando a dor nas minhas costelas desaparece. — Você sabia que foi assim que sua falecida esposa irmã tentou? As saídas de ventilação! E ela chegou até o corredor naquele duto de ar antes de ser descoberta. Era uma garota tão esperta, e só tinha onze anos na época.

Rose... A palavra não chega aos meus lábios.

Sinto as mãos de papel de Vaughn roçando minha testa, mas não consigo mais abrir meus olhos. Seu hálito quente penetra em espirais no meu ouvido com o eco de suas palavras. — Claro, quem poderia culpar a garota? Foi o jeito como ela foi criada. Os pais dela eram colegas meus, cirurgiões muito respeitados, na verdade. Mas aí eles perderam a cabeça. Começaram a viajar de um estado a outro espalhando uma conspiração maluca de que, se não conseguíssemos encontrar um antídoto, devia existir algum país sobrevivente lá fora naquela vastidão de água que pudesse nos ajudar. Eles ensinaram tudo a ela sobre os países destruídos, como se alguma coisa a esse respeito fizesse diferença.

Mais uma onda de calor percorre meu sangue. Mais entorpecimento medicamentoso. O que é que ele está injetando em mim? Canalizo toda a

minha força em minhas pálpebras, e consigo levantá-las. O quarto se duplica, e em seguida se materializa apenas o suficiente para que eu veja que Linden não está ao meu lado, e minhas esposas irmãs não estão mais em pé na entrada.

— Shh, está tudo bem — diz Vaughn, e abaixa minhas pálpebras com o polegar e o indicador. — Ouça minha história de ninar. Infelizmente ela não tem um final muito feliz. Eles arrastavam aquela garota com eles para onde quer que fossem, para alardear aquelas bobagens. E sabe o que aconteceu com eles? Um carro-bomba na garagem de estacionamento. E ela ficou órfã de repente. O mundo é um lugar perigoso, não é mesmo?

Uma bomba. Eu já as ouvi em Manhattan, um *bum* distante me dizendo que pessoas acabaram de morrer. A lembrança não é uma coisa que eu goste de reviver, e tento me mexer instintivamente, mas o que quer que esteja passando pelas minhas veias tornou isso impossível.

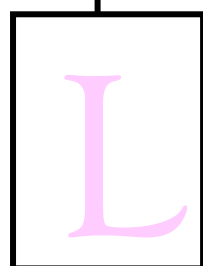
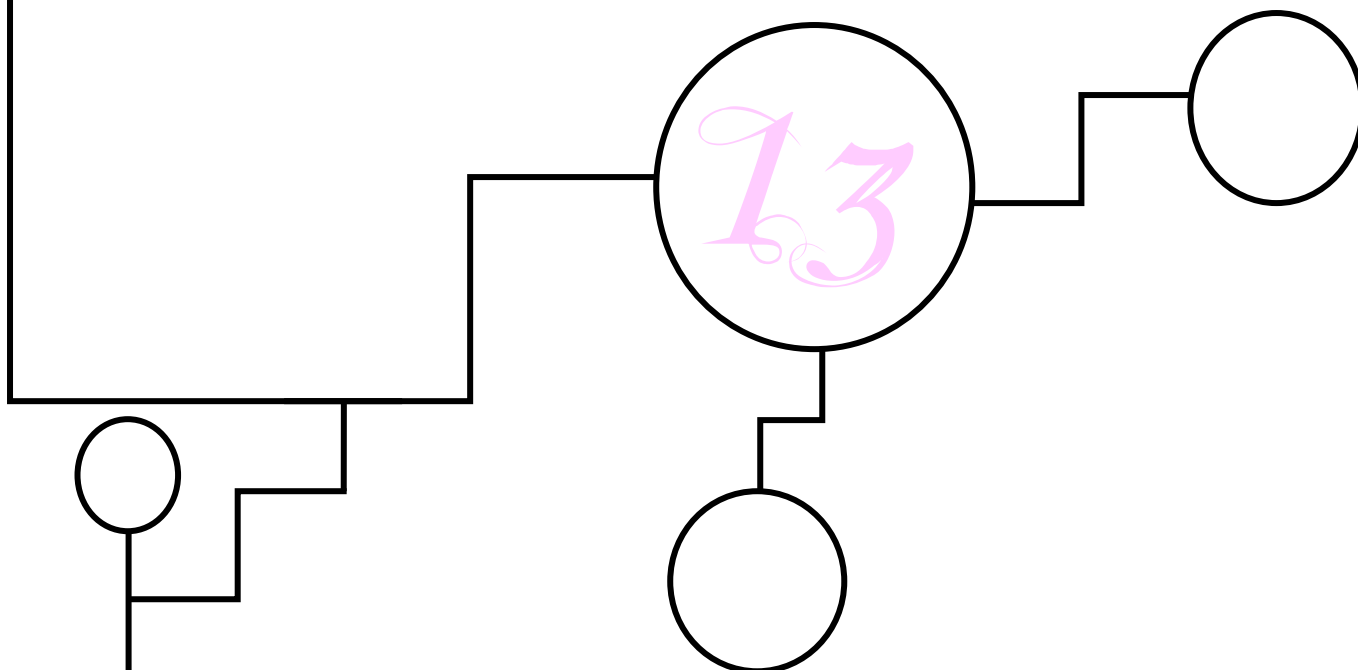
— Há pessoas no mundo lá fora que não querem um antídoto. Pessoas que acham que o mundo está acabando e que é melhor deixar a raça humana morrer. E elas vão matar aquelas que tentam nos salvar.

Eu sei! Eu sei disso. Meus pais receberam tantas ameaças de morte por seu trabalho de laboratório. Existem duas facções em guerra: a pró-ciência, que é a favor da pesquisa genética e da busca de um antídoto; e a pró-naturalista, que acredita que é tarde demais, e que gerar novos filhos e submetê-los a experiências é antiético. Resumindo, os pró-naturalistas creem que é natural deixar a raça humana acabar.

— Mas você tem sorte — diz Vaughn. — Aqui dentro você está aquecida e salva. E você não iria querer colocar em risco as coisas boas que têm aqui. Você é mais especial do que percebe; se Linden perdesse você, isso poderia destruir seu espírito. Você não quer isso.

E subitamente começa a fazer sentido que Rose tivesse tentado me impedir de escapar. Não era simplesmente porque ela queria que Linden tivesse uma companheira depois que ela morresse. Ela estava tentando me avisar, para me poupar de seja qual for o castigo que ela tenha sofrido por sua própria tentativa de fuga. E a voz dela, não a de Vaughn, que sussurra as últimas palavras no meu ouvido.

— Se você dá valor à sua vida, não vai fugir novamente.



Linden parece não fazer ideia de que eu sofri esses ferimentos tentando fugir dele.

— Eu disse a ele que você estava no jardim quando veio a tempestade — Jenna me sussurra uma tarde, enquanto Linden dorme com os braços protetores envoltos ao redor do meu cotovelo. — Eu vi você sair pela janela. O que estava fazendo?

— Não sei — eu digo. — O que quer que tenha sido, eu fracassei.

Ela parece que quer me abraçar, mas não pode porque já dói demais para mim só ficar lá deitada sendo observada. — Ele acreditou em você? — pergunto.

— O Governador Linden acreditou, apesar da janela quebrada, Não sei quanto ao Senhorio Vaughn. Todo mundo na cozinha disse que viu você no jardim antes da tempestade, e que você estava tentando voltar para dentro quando ouviu o alarme. Acho que isso pode ter convencido ele.

— Eles fizeram isso? — pergunto.

Ela dá um sorrisinho, ajeita meu cabelo para trás da orelha. — Eles devem gostar de você. Especialmente Gabriel.

Gabriel! Seus olhos azuis abrindo caminho a força por entre o frenesi. Seus braços se abrindo. Eu me lembro de cair em cima dele. Eu me lembro de me sentir a salvo, antes que o mundo desaparecesse no nada.

— Ele foi atrás de mim — digo.

— Metade da casa foi atrás de você - ela diz. — Até o Governador

Linden. Ele levou umas pancadas de uns galhos voadores.

Linden. Machucado e dormindo ao meu lado. Um pouco de sangue escorre do canto de seus lábios. Limpo-o com o dedo.

— Pensei que você tivesse morrido — ela diz. Gabriel levou você pra dentro da cozinha e parecia que todos os ossos do seu corpo haviam quebrado.

— Chegou perto — eu digo.

— Cecily gritava sem parar, e foram necessários três serviçais para arrastá-la até o quarto dela. O Senhorio disse a ela que ela ia perder a criança se não se acalmasse. Mas ela está bem, claro. Você sabe como ela fica.

— O que aconteceu com Gabriel? — pergunto. Não o vejo desde que acordei. Ainda não sei quanto tempo se passou.

Linden resmunga algo dormindo, e me assusta. Ele esfrega o rosto no meu ombro, e espero que ele abra os olhos, mas sua respiração permanece profunda e constante com o sono.

Jenna, cujos olhos subitamente ficam sérios, se inclina para perto de mim. Embora já estejamos sussurrando, ela quer ter ainda mais certeza de que ninguém vai nos ouvir. — Não sei o que está acontecendo entre vocês dois, mas tome cuidado. Ok? Acho que o Senhorio Vaughn suspeita de alguma coisa.

Vaughn. A simples menção do nome dele faz meu sangue gelar. Não contei a ninguém o que ele disse a respeito de Rose, em parte porque a recordação é tão vaga que não consigo separar fato de sonho, mas também porque tenho medo do que ele fará. Forço esse homem para fora de minha mente.

Não sei como responder a Jenna, porque não sei o que está acontecendo entre mim e Gabriel. E agora tudo em que posso pensar é no medo que faz Gabriel ficar rígido quando Vaughn está por perto. É porque ele foi ameaçado? Eu engulo e sinto dor. — Ele está bem?

— Ele está bem. Só um pouco arranhado. Ele esteve por aqui algumas vezes, mas você estava dormindo.

Sempre posso confiar em Jenna para saber o que está acontecendo nesta casa. Ela é quieta, um móvel de fundo, mas não deixa escapar nada. Penso no

que Vaughn disse sobre jogá-la de volta à água. Penso em suas irmãs sendo fuziladas naquela van, e meus olhos estão se enchendo de lágrimas e não consigo evitar os soluços, e ela diz — *Shh, shh* — e beija minha testa. — Está tudo bem — ela sussurra. — Eu vou cuidar dele. Está tudo bem.

— Não está tudo bem - eu digo, quase sufocando. Mas não consigo falar mais do que isso, porque o Senhorio Vaughn poderia ouvir. Ele já sabe de tudo. Ele já está em toda parte, este homem terrível que nos controla a todos. E ele tem razão. Eu vou morrer aqui, então é melhor eu ficar confortável. Estou começando a achar que ele é meu verdadeiro captor, e que este homem dormindo ao meu lado é tão prisioneiro quanto suas próprias noivas.

Jenna fica comigo até eu ficar exausta e a dor nas minhas costelas, pernas e cabeça se tornar demasiada para eu permanecer consciente.

De manhã eu acordo com Cecily em pé na entrada, sem graça. Ela está visivelmente mais grávida. Ela está ficando com braços e pernas magricelos e uma barriga de lua cheia. — Oi — ela diz. E uma voz de criança.

— Oi. — Minha Voz parece vidro quebrado, mas eu sei que dar um pigarro para limpar a garganta vai doer. Penso no que Jenna disse, sobre Cecily ter gritado sem parar quando viu meu corpo.

— Como você está se sentindo? — ela pergunta. E, antes que eu possa responder, ela tira as mãos das costas e me mostra um vaso de flores brancas em forma de estrela. — Lírios, que nem na sua história — ela diz.

E eles são iguais aos lírios da minha mãe, com listras rosadas e vermelhas escorrendo a partir dos estames como tinta derramada. Cecily as coloca na minha mesinha de cabeceira e em seguida põe a mão na minha testa. — Você está com um pouquinho de febre — ela diz.

Ela é uma menininha brincando de mãe. Brincando de casinha. E talvez sejam todos os analgésicos no meu organismo, mas eu simplesmente a adoro. — Venha cá — digo, e abro meu braço com a intravenosa para ela, e ela não hesita. Ela toma cuidado com minhas costelas quando me abraça, mas agarra minha camisola, e meu pescoço fica úmido com as lágrimas dela.

— Fiquei tão apavorada — ela diz. Esta mansão é a casa dos sonhos perfeita dela. Ninguém deveria se ferir. Tudo é felizes-para-sempre aqui.

— Eu também — eu digo. Ainda estou.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? — ela pergunta, depois de ter chorado um pouco e começar a secar as bochechas.

Faço um gesto de cabeça para onde Linden está dormindo ao meu lado. — Tire ele daqui por um tempinho — eu digo. — Não faz bem a ele ficar entocado aqui, preocupado comigo o dia todo. Veja se você consegue fazer com que ele jogue um jogo ou alguma coisa divertida.

Ela se empolga e faz que sim com a cabeça. Ela é boa para levantar o astral do nosso marido, e sabe que pode fazer isso para mim, além do mais, ela agarra qualquer oportunidade para ter a atenção de Linden só para si.

No fim da manhã ela já convenceu Linden de que ela está faminta de atenção e que se ele não ajudá-la a praticar xadrez ela vai chorar. Ele não quer que ela chore, porque acha que ela vai perder a criança.

E eu ganho minha liberdade limitada.

Desfruto do silêncio por um tempo, entrando e saindo de sonhos de verão. Tudo é calor e luz. As mãos de minha mãe. Meu pai tocando piano. A menininha do vizinho cochichando num copinho de papel nas minhas mãos.

E então outra voz, e meus olhos se abrem tão rápido que o quarto começa a girar.

— Rhine?

A voz de Gabriel consegue me alcançar em qualquer lugar. Até em um furacão.

Ele está em pé na porta agora, todo cheio de arranhões e escoriações, segurando uma coisa que não consigo ver direito o que é. Faço um esforço para me sentar, mas não estou conseguindo, e ele entra e se senta ao meu lado. Ele abre a boca para falar, mas eu sou mais rápida.

— Eu lamento tanto — eu digo.

Ele coloca em cima da cama o que quer que estava segurando, e pega minha mão nas suas, e a segurança que sinto é exatamente igual ao do momento em que desabei nos braços dele.

— Você está bem? — ele pergunta.

E uma pergunta simples. E para ele, porque ele salvou a minha vida, e se isso tem alguma importância, eu lhe digo a verdade. — Não.

Ele olha por um tempo para meu rosto, e não consigo imaginar como eu

devo parecer patética, mas ele não parece sequer estar me vendo. Minha visão o está levando para algum lugar bem distante.

— O que houve? — pergunto. — O que você está pensando?

Ele não me responde por um tempo. Depois diz: — Você quase se foi. — Ele não se referia ao fato de que eu quase havia escapado.

Eu abro a minha boca para, não sei, talvez pedir desculpas mais uma vez. Mas ele pega meu rosto em suas mãos e pressiona sua testa na minha. E ele está tão perto que posso sentir suas pequenas respirações quentes, e tudo o que sei é que, quando ele puxa o ar em seguida, eu quero ser sugada.

Nossos lábios se tocam, embora seja algo tão suave que é quase como se eles não se tocassem. Então eles se pressionam mais perto um do outro, se afastam sem saber ao certo o que estão fazendo, voltam a se tocar. Uma onda de calor atravessa meu corpo quebrado onde devia haver dor, e eu ponho meus braços ao redor da nuca dele e me apoio nele. Me apoio porque neste lugar você nunca sabe quando algo de bom será tirado de você.

É um ruído no corredor que nos afasta rapidamente. Gabriel se levanta e vai olhar o corredor. E depois pela janela. Estamos sós, mas abalados. Tão abalados que ficamos cuidadosos.

Meu coração martela nos meus ouvidos, e é uma coisa eufórica, não é a dor ou um vento zangado, que dificulta a minha respiração. Gabriel pigarreja. Suas bochechas estão bem rosadas e seus olhos têm agora um aspecto adormecido. E difícil para nós olharmos um para o outro. — Eu lhe trouxe uma coisa — ele diz, desviando os olhos. Estende a coisa que estava carregando há um momento atrás. É um livro preto pesado com uma terra vermelha gravada na capa.

— Você me trouxe o Atlas de Linden? — pergunto sem acreditar.

— Sim, mas olhe. — Ele abre o livro numa página toda cheia de mapas beges e marrons com linhas azuis. O texto em cima diz Rios da Europa. Há uma caixa na lateral que lista acidentes geográficos e rios. Gabriel me aponta o terceiro de cima para baixo. Reno. Khine, em inglês. Ele percorre com o dedo a extensão de uma linha azul. — Rhine é um rio — ele diz.

Bem, era um rio, antes de tudo ser destruído. Mas eu nunca fiquei sabendo disso. Meus pais devem ter sabido. Eles adoravam tanto ser cientistas

misteriosos, e há tantas coisas que eles nunca tiveram a chance de contar a meu irmão ou a mim.

Meu dedo percorre a mesma trajetória que o de Gabriel, ao longo da veia de um rio que não existe mais. Mas eu ainda acho que ele está lá. Acho que ele transbordou e se libertou no oceano, foi para algum lugar além da flor de pontas no portão de ferro e alcançou a liberdade.

— Eu não fazia ideia — digo. — Eu não achava que meu nome significasse alguma coisa.

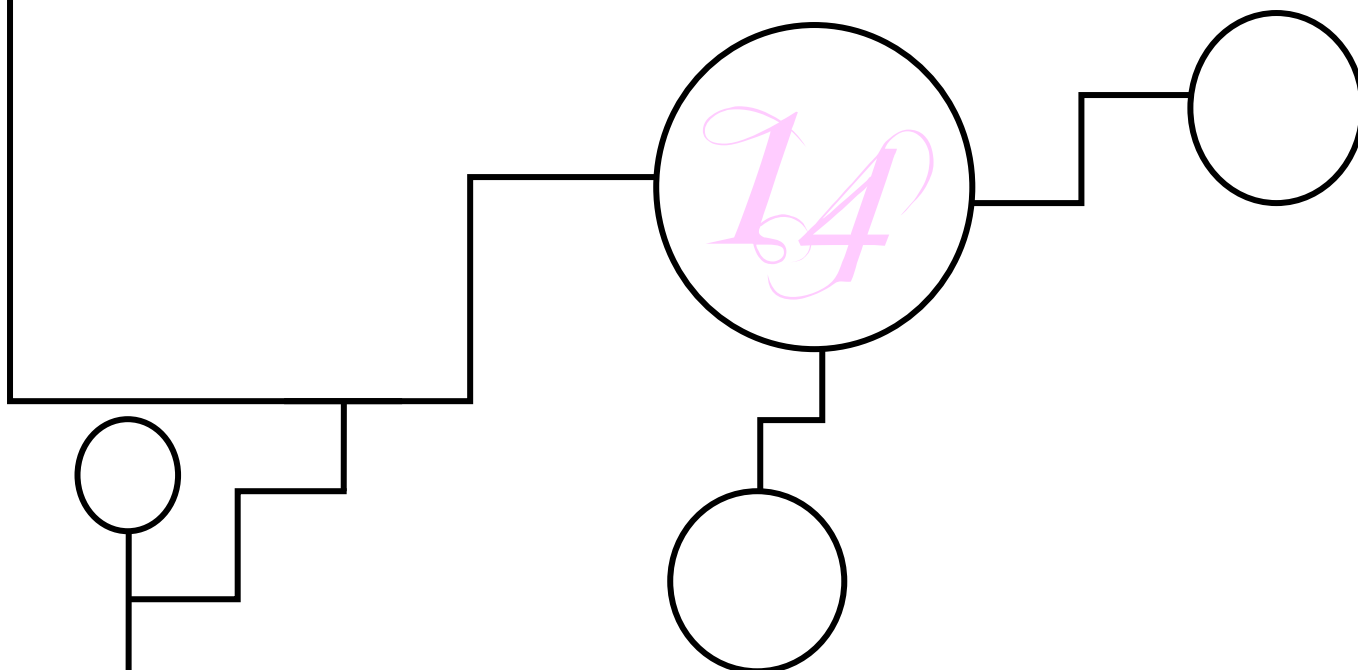
Era isso o que Rose queria dizer, quando eu disse a ela meu nome e ela disse que era um lindo lugar?

— Diz aqui que era um rio de transporte de carga — diz Gabriel. — Não tem nenhuma outra informação sobre ele. — Ele parece decepcionado.

— Tudo bem!

Eu rio um pouco, e coloco o braço atrás do pescoço dele para aproximá-lo, e beijo seu rosto com gratidão. Ele fica muito vermelho, e eu também.

Ele não faz ideia do que isso significa para mim, mas, pela expressão no olhar dele posso dizer que deve ser uma coisa boa. Ele afasta os cabelos da minha testa e olha para mim. Rhine. Reno. O rio que, em algum lugar lá fora, se libertou.



— noite toda eu sonho com rios, e embaixo da água, flores brilhantes de folhas afiadas.

— Você estava sorrindo enquanto dormia — Linden diz quando abro os olhos. Ele está sentado no alpendre da janela com lápis na mão e um desenho no colo; folhas de papel estão empilhadas ao seu lado, e posso dizer que ele já está trabalhando há algum tempo. Penso no que Vaughn disse sobre como eu fiz Linden voltar a desenhar. Ainda não entendo as intenções de Vaughn ao me contar isso, mas é verdade. Linden tem trabalhado muito ultimamente, e pode ser que seja eu a sua inspiração.

— Eu sonhei que nós vivíamos naquela casa que você desenhou, com a torta na janela e o balanço no quintal — digo, inventando tudo menos essa sensação luxuriante de felicidade que transparece na minha voz. A vista da janela me mostra um lindo dia.

Linden sorri para mim, aliviado, mas inseguro. Ele não está acostumado a me ver assim, e poderia pensar que a culpa é dos analgésicos. Tento me mexer e descubro que não é mais tão desesperador quanto antes. Sou capaz de me sentar ereta e me inclinar contra os travesseiros para me apoiar.

— Eu soube que você foi atrás de mim, na tempestade — eu digo.

Ele coloca seu trabalho de lado e se junta a mim na cama. O corte no lábio está ficando curado. Ele parece um garotinho imaculado que entrou numa briga no pátio da escola. Tento visualizar seu corpo frágil e magro enfrentando o furacão, mas não consigo vê-lo indo muito longe. Só consigo vê-lo sendo levado pelo vento, ou resgatado, ou morto.

— Achei que havia perdido você — ele diz, e não sei dizer se isso nos lábios dele é um sorriso ou uma careta de preocupação.

— Eu me perdi quando o vento aumentou de velocidade — eu digo. — Não consegui encontrar meu caminho de volta. Tentei tanto.

— Eu sei que tentou, — Ele dá palmadinhas na minha mão, e há tanta tristeza em seus olhos que eu me odeio por mentir. Linden parece provocar esse efeito em mim.

Ele diz: — Quero lhe mostrar uma coisa.

Ele me diz que eu fiquei praticamente inconsciente por uma semana. A coisa que atingiu a parte de trás da minha cabeça foi a pá de um dos moinhos. Os diversos outros ferimentos foram provocados por destroços que se estendem das quadras de tênis até os estábulos, mas ele não quer que eu me preocupe, porque seu pai contratou gente para limpar tudo, e eles estão fazendo um serviço fantástico. Ele diz que o verdadeiro estrago aconteceu comigo. Ele me conta que, entre longos períodos de silêncio, eu resmungava sobre ratos, navios afundando e explosões, sempre explosões, e tentava estancar o sangramento.

Felizmente não me lembro de nenhum desses pesadelos.

Mas ele ouviu tudo. Ele ficou ao meu lado, e como não podia me alcançar, tentou desenhar o que eu estava vendo. Ele hesita um instante antes de me mostrar o primeiro papel, como se fosse uma foto de cena de crime ou algo assim.

E então ele me mostra. Ele desenhou casas muito escuras e inclinadas para o lado, ou explodindo com galhos de uma árvore que invadiu o interior da construção. Há janelas pingando sangue, um quintal repleto de ratos mortos de barriga para cima. Estou casada com este homem há quase nove meses, e achava que ele não sabia nada a meu respeito, mas ele capturou meus temores. Ali só falta Rowan, e mesmo assim eu penso que ele poderia estar sob a lua cheia num dos desenhos. Ele está naquela casa que sangra, olhando para a lua, e eu estou aqui nesta mansão toda cheia de frufus, olhando para a mesma lua. E ambos estamos nos perguntando se nosso irmão gêmeo está bem.

Eu me sinto tonta e enjoada, como se meus sonhos tivessem sido

vomitados nas minhas mãos. O último desenho é o gazebo onde nos casamos, tomado por teias de aranha e cheio de impressões digitais manchadas de sangue, e o que parece ser um pedaço do moinho de vento enterrado no teto. — Isto aqui não foi seu — ele diz. — Isto foi como me senti enquanto você estava desacordada. Quando eu não tinha certeza se você iria acordar.

Eu estou olhando para um casamento em ruínas nos destroços daquele gazebo. A maior tragédia de Linden foi perder sua primeira esposa. Na noite antes da minha fuga, ele subiu na minha cama, e eu pude sentir o calor de sua tristeza por Rose enquanto ele chorava na minha camisola. Muito embora tenha sido meu objetivo conquistar a sua confiança e me tornar a primeira esposa, eu não fazia ideia de que era tão preciosa para ele quanto minha esposa irmã falecida. Por quê? E porque eu me pareço com ela?

Não digo nada por um tempo, folheando os mesmos desenhos sem parar, olhando cada um com calma. Sua costumeira atenção aos detalhes é muito realista. Eu posso ver dentro dessas casas. Um quarto está repleto de June Beans; outro parece estar cheio de mapas de estradas.

— Você ficou zangada? — pergunta Linden. — Talvez eu não devesse ter mostrado isso a você. - Ele estende a mão para pegar os papéis de volta, e eu os seguro com força.

— Não — eu digo, olhando para uma casa cheia de peixes. Ela é uma réplica exata do meu holograma favorito da piscina, mas os tubarões estão nadando com membros em suas bocas: braços e pernas sangrando. — Estes aqui são... assustadores. Eu não fazia ideia de que você podia ver as coisas desse jeito.

— Eu... Eu não deveria. — Linden fica pálido e desvia o olhar de mim. — Meu pai diz que eu deveria desenhar coisas mais...

— Esqueça o que seu pai diz, ele está errado — eu digo. Linden olha para mim com a mesma surpresa que eu sinto. Eu não tinha a intenção de dizer isso em voz alta, mas agora que consegui sua atenção, não me custa ir até o fim. — Você não devia guardar essas coisas para si. Você tem talento. Ok, talvez ninguém queira viver numa casa cheia de árvores, tubarões ou sangue, mas nas outras sim.

— Eu não quis dizer que alguém iria querer viver nestas casas — ele diz,

indicando a pilha de pesadelos na minha mão.

— Obviamente — eu digo.

— É isso o que eu quero dizer. Talvez alguém tivesse vivido nessas casas um dia. — Ele aponta para o detalhe cuidadoso ao redor do umbral da casa dos tubarões, como existe até mesmo uma aldraba e persianas decrepitas que um dia foram novas e limpas. E a casa com ratos no quintal tem um caramanchão com rosas mortas que um dia floresceram. — Mas alguma coisa deu errado. Elas apodreceram.

Eu posso ver isso. Eu posso ver a linda casa onde minha mãe nasceu, numa linda cidade que mais tarde sucumbiu a todos os produtos químicos, até que nem mesmo as flores conseguiam crescer. Posso ver um mundo inteiro que costumava ser cheio de países. Linden está procurando meu rosto em busca de compreensão, e seus olhos estão um pouco marejados, e eu faço que sim com a cabeça porque não entendo. Eu entendo o que esses desenhos querem dizer, e entendo por que ele teria vontade de chorar por causa delas.

— Eu sei — digo. — Eu sei exatamente o que você quer dizer.

As casas apodreceram assim como o mundo apodreceu.

Linden começa a desenhar mais. Ele desenha mais casas viáveis e pede minha opinião. Ele diz que vai começar a tentar vendê-los em breve. Fico surpresa que um garoto que passou a vida inteira vivendo em um só lugar, e quase nunca se aventura mundo afora, possa criar lugares tão convincentes para se viver.

Na parte da tarde, Cecily vem tirá-lo de minhas mãos. Eu aprecio isso porque quero um tempo para mim. Mas também acho que é bom para Linden deixar minha cabeceira. As vezes é como se o incapacitado fosse ele.

E então, uma tarde, Cecily vem procurar Linden, e eu digo: — Pensei que ele estivesse com você.

Nem Gabriel nem Jenna sabem onde ele está, e nem tampouco nenhuma das nossas domésticas. O Senhorio Vaughn também não é encontrado em parte alguma, e, algum tempo depois do almoço, Cecily está impossível. Ela sobe na cama comigo, estendendo um livro enorme de capa dura com uma imagem de ultrassom na capa. — Que palavra é esta? G-E-S-T-A-Ç-Ã-O.

Eu a pronuncio para ela, e ela me diz o que isso quer dizer, embora eu já

saiba. Durante algum tempo ela me mostra diagramas e descreve o que seu bebê está fazendo neste exato instante, como ele está grande o bastante para chupar o polegar, como fetos podem soluçar. Por duas vezes ela pega minha mão e aperta sua barriga com ela, e eu sinto o bebê chutar. Ele me lembra de que tudo isto é real, como se eu tivesse conseguido esquecer. Eu me preocupo que Cecily entrando em trabalho de parto. Eu me preocupo com o bebê nascer morto, como o primeiro filho de Linden. Eu me preocupo com a possibilidade de que, vivo ou morto, esse bebê acabe num carrinho no porão de Vaughn.

Cecily está no meio da descrição de como a placenta é retirada no parto quando Linden aparece na porta. Ele está vestindo um terno, e seus cabelos encaracolados foram molhados e penteados para trás numa réplica menos ameaçadora do estilo de Vaughn.

— Onde você esteve? — Cecily perguntou, franzindo a testa.

— Com um empreiteiro interessado nos meus desenhos — ele diz, olhando para mim. Seus olhos brilham. — Tem uma empresa que quer que eu trabalhe com eles para projetar um novo shopping center de rua que está abrindo.

— Que ótimo! — eu digo, e falo sério. Linden se senta na minha cama, Cecily entre nós. Ele até mesmo cheira como se tivesse estado no mundo real. Fumaça de escapamento de carros e piso de mármore polido. — Eu estava pensando que, daqui a um ou dois meses, quando você estiver se sentindo melhor, poderíamos ir a uma feira de exposição de arquitetura. Essas feiras são um pouco chatas, mas é uma ótima oportunidade de mostrar meus desenhos. E minha linda esposa, é claro. — Ele afasta os cabelos do meu rosto, e por alguma razão eu descubro que estou lisonjeada. E excitada. Vou sair desta mansão!

— Que coisa idiota — interrompe Cecily. — Quem é que liga pra compras? De onde eu venho não existem shoppings.

— Eles não são shoppings no sentido tradicional — Linden explica pacientemente. — São mais tipo armazéns de atacadistas, que não são abertos ao público, mas para empresas que precisam deles. Em sua maior parte eles vendem equipamento médico, máquinas de costura... coisas desse tipo.

Eu sei exatamente o que ele quer dizer. Já atendi muitos pedidos para atacadistas e fiz companhia ao meu irmão em várias de suas entregas.

— Eles exibem as feiras na TV? — pergunto.

— Essas não. Elas não são tão animadas quanto as cerimônias de inauguração ou uma festa de batizado.

— O que é uma festa de batizado? — pergunta Cecily, voltando a garantir sua presença entre nós.

Linden explica que, com o estado do mundo (ele quer dizer que estamos todos morrendo), a construção de um novo edifício é motivo de comemoração. Como um hospital ou até mesmo uma revenda de carros. Isso é um sinal de que as pessoas ainda estão contribuindo para a sociedade e que não abrimos mão da esperança de que as coisas vão melhorar. Por isso acontecem as festas de batizado, normalmente realizadas pela pessoa ou pela empresa que construiu o edifício, onde todos os envolvidos em sua construção podem celebrar. — É igual a uma festa de Ano Novo — diz Linden. — Mas o que é novo é o prédio.

— Eu não posso ir a uma festa de batizado? — pergunta Cecily.

Linden põe a mão na barriga dela e diz: — Mas seu trabalho está aqui, meu amor. E você não vê o quanto ele é importante?

— Depois que o bebê nascer? — ela diz.

Ele sorri e a beija. Ela deixa, e fica claro que eles já tem essa familiaridade há um tempo. — Aí você terá que cuidar do bebê — ele diz.

— Elle pode cuidar do bebê de vez em quando. — Ela está começando a ficar aborrecida, e Linden diz que eles podem discutir isso em particular mais tarde, e ela retruca: — Não, agora. — Ela está com lágrimas nos olhos, e já esqueceu tudo sobre o livro de gravidez que deixou no meu colo.

— Cecily... — eu digo.

— Não é justo! — ela se volta para mim. — Eu dei tudo pra ele, e eu mereço ir a uma festa se eu quiser. O que foi que você fez? Do que foi que você abriu mão?

De tantas coisas, Cecily. Mais do que você imagina.

Uma raiva começa a queimar dentro de mim, fazendo meus ossos doerem. Ela está me provocando, e eu estou me esforçando tanto para ficar

quieta. Eu preciso. Eu preciso, porque se eu disser a verdade agora, então serei prisioneira para sempre. E não vou dar a ela nem esta festa nem nenhuma outra das festas que vierem depois, porque elas são minhas. Minhas únicas chances de mostrar ao meu irmão que estou viva, de achar um caminho para fora a deste lugar. Eu mereço isso. Ela não.

Os olhos dela estão enormes e cheios de lágrimas. Ela dá soluços molhados e doídos, e Linden a pega — seu corpinho pequeno e inchado em seus braços — e a leva para fora. — Posso ouvi-la gemendo do outro lado do corredor.

Fico sentada na cama, irritada, olhando para os lírios que ela me trouxe alguns dias atrás. Eles estão começando a se desfazer. Pétalas caíram ao redor do vaso e murcharam, se transformando em pedaços de lenços de papel. E como olhar para os olhos abertos de um belo cadáver.

As boas intenções de Cecily nunca duram muito tempo.



Gabriel e eu temos tomado muito cuidado com a forma como interagimos. Eu poderia passar uma manhã inteira pensando sobre o nosso único beijo, e quando ele aparece para me trazer o almoço, tudo o que fazemos é falar sobre o tempo. Ele me diz que está ficando mais frio, e acha que haverá neve.

— Você já levou o almoço de Cecily? — pergunto a ele enquanto ele encaixa a bandeja no meu colo. Estar confinada à minha cama torna difícil com que nos vejamos. Não posso segui-lo enquanto ele trabalha nem lhe roubar um momento em um dos jardins.

— Sim — ele grunhe. — Ela jogou uma molheira em cima de mim.

Eu rio sem querer. — Ela não fez isso.

— Porque ela queria uma batata cozida duas vezes, não cozida uma vez só. Pontaria surpreendentemente boa para uma garota nas condições dela. — Ele diz essa última parte com sarcasmo. Todos nós sabemos que Cecily não é nem de longe tão delicada quanto Linden ou Vaughn pensam. — Ela está num humor maravilhoso.

— Isso pode ser culpa minha — eu digo. — Ontem à noite Linden me falou que está pensando em me levar a um tipo de festa para seus desenhos de

prédios, e ela teve um ataque porque ele não a convidou ao invés de mim.

Ele faz uma careta, e se senta na beira da minha cama. — Você está interessada numa festa de batizado?

— Gabriel — eu digo baixinho. — Pode ser minha única maneira de escapar.

Ele olha para mim por um tempo, o rosto impossível de decifrar, e então olha para o colo. — Acho que não é o pior plano de fuga que você já teve, não é?

— Difícil de discordar. Estou sentada aqui com quatro gessos diferentes.

— A coisa é realmente tão ruim aqui? — ele pergunta. Então o pânico toma conta dos seus olhos. — O Governador da Casa está forçando você a fazer alguma coisa... você sabe... na cama? — O rosto dele está pegando fogo.

— Não! — exclamo. Estendo minha mão e a coloco sobre a dele. — Não é nada disso. Gabriel, não posso ficar aqui pelo resto da minha vida.

— Por que não? — ele pergunta. — O que o mundo livre tem que você não possa conseguir aqui?

— Meu irmão, pra começo de conversa — eu digo. — Minha casa. — Aperto a mão dele; ele olha fixamente para ela, sem compreender. — Qual é o problema?

— Acho que é perigoso — ele diz. — Acho que você deveria ficar.

Não reconheço essa expressão no rosto dele. Não é fria nem zangada como aquele dia à beira da piscina. Ele não está amargo. É outra coisa. — E se eu pedisse que você viesse comigo?

— O quê?

— Naquela noite, no furacão. Eu estava no farol, e vi você vindo na minha direção, e eu disse 'Foge comigo', mas você não me ouviu. Eu vi a cerca. Eu estava tentando chegar até lá.

— Logo antes de um pedaço gigante de moinho derrubar você — ele diz sem humor na voz. — Rhine, é perigoso. Eu sei que você não está falando de sair correndo no meio de outro furacão, mas o que você espera fazer? Você acha que ele vai te levar a uma festa e você vai simplesmente sair andando porta afora?

— Na verdade, sim, talvez — eu digo. Na minha cabeça isso soou bem

melhor.

Gabriel retira a bandeja do meio de nós dois, pega as minhas mãos e se inclina para perto de mim. E um risco enorme, com minha porta escancarada e todo mundo em casa, mas naquele momento isso não parece importar. — Seja um furacão ou uma festa, é a mesma coisa — ele diz. — E perigoso. O Governador da Casa não vai deixar você simplesmente ir embora, e nem o Senhorio da Casa. Meses se passaram até ele deixar você abrir sua janela ou sair da mansão, e adivinhe só? O Senhorio Vaughn está pensando em revogar esses privilégios.

— Como você sabe disso? — pergunto.

— Ele disse a todos os serviçais que se você, Cecily ou Jenna quiserem usar nossos cartões-chave para o elevador, temos que contar a ele.

— Quando foi isso?

— Enquanto você estava ligada a cinco máquinas diferentes lutando por sua vida — ele diz.

— Eu não estava lutando por minha vida — digo, apertando as mãos dele. — Se fosse do jeito que eu queria, eu teria morrido ali mesmo e nada mais teria importado. Mas sabe o que me mantém seguindo em frente todos os dias? Aquele rio. Reno. Acho que meus pais me deram esse nome por um motivo. Acho que significa que o meu destino é ir para algum lugar. Esta sou eu lutando por minha vida.

— Ir para onde?

— Eu não sei! - É tão frustrante ele ficar jogando raciocínio lógico em cima de mim agora. Está fazendo todos os meus planos parecerem tão sem esperança. — Mas não aqui. Qualquer lugar menos aqui. Agora, você vem comigo ou não?

Ele ergue uma sobrancelha. — Você partiria sem mim?

— Não — digo. — Eu arrastaria você nem que fosse aos socos e pontapés. — Estou sorrindo, e ele acaba cedendo e me dando um de seus raros sorrisos.

— Você é maluca, sabia? — ele diz.

— É a única coisa que me mantém viva — eu digo. Ele se inclina na minha direção, e eu sinto aquela empolgação repentina me avisando que

vamos nos beijar. Meus olhos estão começando a se fechar, e a mão dele roça o meu rosto, quando uma batida na moldura da porta nos interrompe.

— Desculpe a invasão — diz Deirdre, indicando a bandeja em suas mãos.
— O Senhorio Vaughn me mandou trazer aspirina para a senhora.

Gabriel recua, mas posso ver nos olhos dele que ele quer me tocar. Tudo o que ele diz é: — Vejo você mais tarde.

— Até mais tarde.

Assim que ele sai, Deirdre me dá duas pílulas e um copo com água.

— Você não estava invadindo — eu digo, depois de engolir as pílulas.

— Não estava acontecendo nada entre Gabriel e eu... quero dizer....

Minhas bochechas queimam enquanto procuro as palavras certas, mas Deirdre apenas sorri. — Está tudo bem — ela diz. — O Senhorio Vaughn não está nem aqui. Depois que ele me pediu para trazer a aspirina para a senhora, ele foi chamado para o hospital. — Ela vai até minha penteadeira e retorna com um tubo de protetor labial, que passa nos meus lábios rachados. Então ela começa a afogar meu travesseiro.

— Está um dia lindo. A senhora quer que eu abra a janela?

— Eu estou bem — digo. Ela para de mexer nas minhas coisas tempo suficiente para que eu veja a preocupação em seus olhos. Minha doméstica fiel. — Sério, eu estou bem.

— O que foi que o Senhorio disse à Senhora? — ela sussurra, me assustando.

— O quê?

— Enquanto a senhora estava dormindo — pelo menos eu pensei que a senhora estava dormindo. Eu vim lhe trazer um travesseiro novo, mas o Senhorio Vaughn estava aqui dentro e me mandou sair.

— Ela olha culpada para os próprios pés. — Eu fiquei no corredor. Tentei escutar, desculpe; eu sei que não devia ter tentado. E só que...

Seus olhos se enchem de lágrimas. Isso é tão incomum para ela que no começo penso que minha febre voltou e estou tendo alucinações. — E só que eu achei que ele ia machucar a senhora.

Pego a mão dela, que está tremendo. — Por que você achou isso?

— Ah, Rhine — ela soluça. — Se você estava tentando fugir, não vai

poder tentar de novo. Você nunca vai escapar, e ele vai tornar a vida aqui um inferno para você.

— Eu não estava tentando fugir — digo.

Ela balança a cabeça. — Mas se ele achar que sim, isso é o que importa. Você não entende. Você não entende como ele fica quando não consegue o que quer.

— Deirdre. — Puxo-a gentilmente na minha direção. — O que você está tentando me dizer?

As lágrimas descem livremente pelo rosto dela. Ela soluça sem parar. — Lady Rose nunca quis um bebê — ela nunca quis. Ela e o Senhorio Vaughn costumavam discutir o tempo todo. Ela não acreditava que ele fosse encontrar o antídoto, e não queria que outra criança nascesse só para morrer. Ele a chamava de pró-naturalista.

Eu podia ouvir os dois gritando um com o outro. Um dia, eu precisei me esconder dentro do closet enquanto estava separando as roupas dela para lavar, de tanto medo que tive de ficar no meio da briga.

Ela se senta na beira da minha cama, enxuga as lágrimas dos olhos, mas outras começam logo a cair. — E quando ela engravidou, muito embora não tivesse planejado, ficou empolgada. Ela me pediu para ensiná-la a tricotar, e fez um cobertor para o berço. — A lembrança a faz sorrir, mas o sorriso some rapidamente. — Quando Lady Rose entrou em trabalho de parto, Linden estava numa feira. E as dores dela foram tamanhas que o Senhorio Vaughn a manteve fortemente sedada. Quando ela acordou algumas horas depois, e ele disse a ela que a menininha não resistiu, ela não acreditou nele. Ela disse que tinha ouvido o bebê chorar. Ele disse que ela tinha delirado, que o bebê havia nascido morto.

O quarto subitamente parece mais escuro, mais frio. Deirdre diz:

— Mas eu estava trocando o incenso no corredor, e eu também ouvi o bebê chorar. O Senhorio Vaughn disse para Lady Rose: — Você quer que a raça humana morra, e parece que conseguiu realizar seu desejo.

Posso ouvir a voz de Vaughn dizendo essas palavras, e meu coração se parte em pedaços como se elas tivessem sido ditas para mim. Posso ver Rose, viva e desesperada, tocando a barriga onde horas antes sua filha se movia

dentro dela. Gostaria que ela própria tivesse me contado esta história quando estava viva, porque agora sinto uma necessidade avassaladora de abraçá-la e lhe dizer como eu lamento que tudo isso tenha acontecido. Sinto que a raiva que ela sentia de Vaughn era tão grande quanto a minha. Talvez o único motivo pelo qual ela o suportou tenha sido seu amor por Linden. E talvez ela estivesse esperando que eu aprendesse a amar nosso marido para que eu também aprendesse a suportar Vaughn.

— Ah, isso simplesmente acabou com ela — continua Deirdre. — Ela nunca mais foi a mesma depois disso. Ela tinha sua própria doméstica, Lydia. Mas era demais para Lady Rose ter uma jovem por perto lembrando-a da filha que ela teria tido. No fim das contas ela acabou convencendo o Governador Linden a vendê-la. Ela não conseguia sequer olhar para Elle e eu.

— Alguém mais sabe disso? — pergunto.

— Não. Todos acreditam que o bebê nasceu morto. Ou, se não acreditam, guardam isso pra eles mesmos. Por favor, não conte.

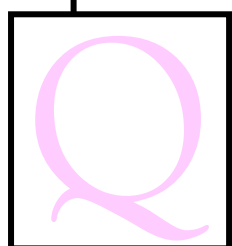
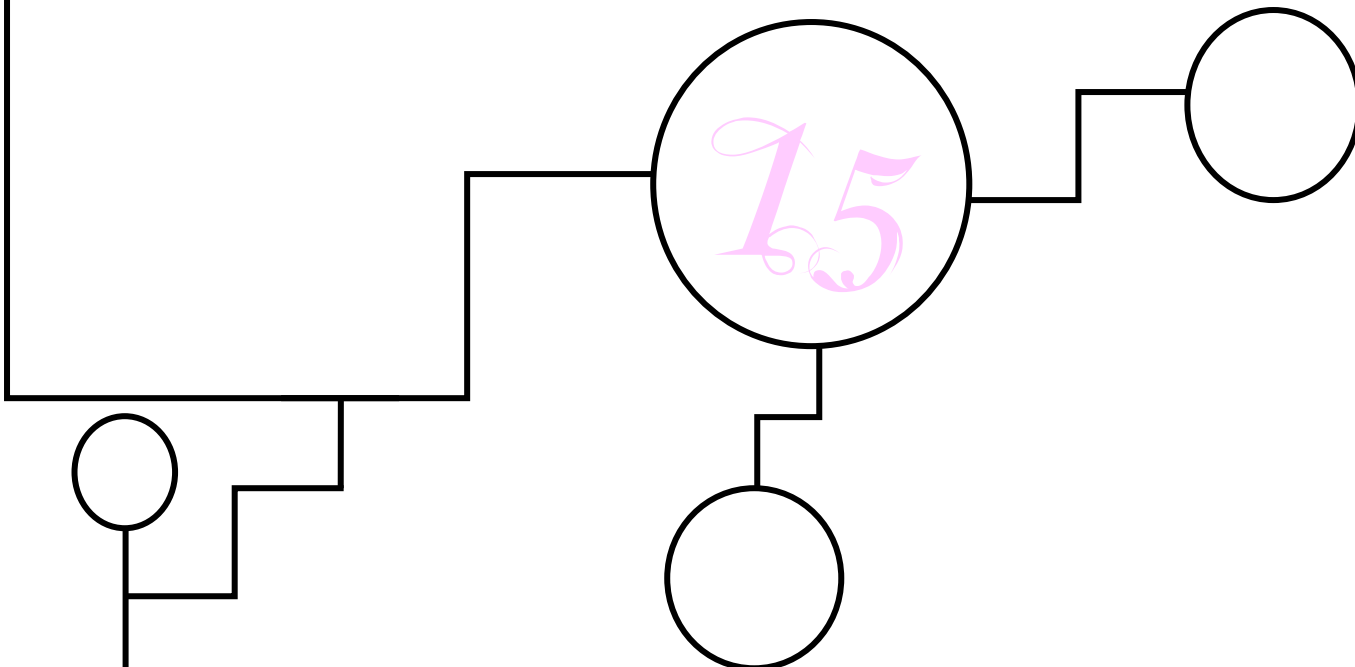
— Não — eu digo, entregando a ela um lenço de papel da minha mesinha de cabeceira. — Não, isto fica entre você e eu.

Ela limpa o nariz, dobra o lenço de papel e o enfia no bolso da saia. — Eu nunca disse isso a ninguém antes.

Mesmo por entre as lágrimas, posso ver que um pouco do peso foi levantado de sobre os ombros dela. E um segredo terrível para uma garota tão nova. Neste lugar — não, neste mundo — é impossível para uma criança ser apenas isso. Ponho meu braço ao redor dela, e ela se concede um momento incomum de fraqueza e desaba sobre meu peito, me abraçando.

— Ele sempre tem a palavra final. Então, seja o que quer que ele pedir de você, por favor, para seu próprio bem, escute ele.

— Ok — eu digo. Mas é mentira. Se esta história provocou alguma coisa em mim., foi uma necessidade ainda maior de fugir, de ser como o rio no Atlas de Linden. Porque as coisas aqui são mais assustadoras do que até mesmo eu jamais poderia ter imaginado. A vida é muito diferente dos dias em que havia lírios no jardim de minha mãe, e todos os meus segredos cabiam num copinho de papel.



Quando Cecily termina de tocar sua música, e a ilusão se recolhe de volta ao teclado, ela estica os braços sobre a cabeça e estala os dedos.

— Que lindo, meu amor — diz Linden. Ele está sentado no sofá com o braço ao meu redor. Jenna está enroscada no braço do móvel, e a outra mão de Linden traça distraídos padrões na coxa dela.

— Temos uma pequena concertista — concorda Jenna, enrolando um dos cachos de Linden ao redor do dedo.

— Talvez não uma concertista — diz Cecily, cobrindo as teclas.

— Não — concordo. — Uma sala de concertos é estéril demais. — Você não me contou que escreveu essa canção enquanto estava lá fora no roseiral?

— O labirinto de cercas vivas, na verdade — Jenna diz.

— Vocês duas estão erradas — diz Cecily, sentando no colo de Linden. — Eu a escrevi no laranjal.

— Você escreveu essa música sozinha? — pergunta Linden, surpreso. Jenna ainda está brincando com os cabelos dele, e Linden inclina distraído a cabeça na direção dela.

— Sim. Na minha cabeça. Eu guardo elas para depois. Embora... — A voz dela some. Ela olha para o lado, suspira com tristeza.

— O que foi, meu amor? — pergunta Linden.

— Bom. É meio que uma canção antiga — explica Cecily. — Eu não saio há tanto tempo.

— Nenhum de nós tem saído, Cecily - eu digo. — O tempo tem estado perigoso demais por causa dos furacões. Você viu como eu fiquei machucada. Só agora estou voltando a ficar de pé.

— Mas não temos nenhum furacão há semanas — diz Jenna. — O tempo tem estado bem agradável. Você não concorda? — ela está olhando para Linden, cujas bochechas ficaram coradas. A adoração de três esposas ao mesmo tempo é mais do que ele consegue dar conta.

— Eu... Eu acho que sim.

— Mas o Senhorio Vaughn só está tentando nos manter em segurança — eu digo. — E por isso que ele nos escolta lá para fora.

— Ele escolta vocês para toda parte? — pergunta Linden.

— É uma coisa meio deprimente — admite Jenna. — Nós adoramos nosso sogro, é claro. Você sabe disso. Mas às vezes uma garota precisa de um tempo sozinha.

— Para dar vazão à sua criatividade — diz Cecily.

— Para pensar — eu acrescento.

— E para conversar sobre coisas de mulheres — diz Jenna. — E Rhine e eu não temos podido jogar uma partida de tênis nem pular na cama elástica. Os jogos virtuais são legais, mas nós não fazemos nenhum exercício, na verdade.

— Eu não ia dizer isso — diz Cecily — mas as duas estão ganhando peso.

Jenna estreita os olhos. — Olhe só quem está falando.

Linden já está ficando com as bochechas vermelhas, mas quando Cecily pega o rosto dele, o beija e pergunta se ele acha que a gravidez fez com que ela deixasse de ser atraente, ele não consegue mais aguentar. — V-você está linda — ele diz. — Vocês todas estão. Mas se vocês acham que um tempo do lado de fora vai elevar seus ânimos, vou falar com meu pai. Eu não fazia ideia de que vocês estavam se sentindo tão... hã... sufocadas.

— É mesmo? — grita Cecily.

— Você está falando sério? — pergunto, me aconchegando do lado dele.

— Você é tão bom — diz Jenna, beijando o alto da cabeça dele. Ele se arrepia e gentilmente tira Cecily do colo, se espreme para sair do meio de

Jenna e eu. — Vou falar com ele assim que ele voltar do hospital hoje à noite.

Minhas esposas irmãs e eu ficamos escutando até ouvir as portas do elevador se fecharem atrás dele. Há um momento de silêncio, e então caímos uma por cima da outra no sofá, às gargalhadas.

— Isso foi fantástico — diz Jenna.

— Até melhor do que o planejado — eu digo.

— Fiz tudo direito? — pergunta Cecily.

— Esqueça a música — diz Jenna, despenteando os cabelos de Cecily. — Você devia ser atriz.

Abraçamos uma à outra comemorando nossa pequena vitória. E não posso deixar de desfrutar desse sentimento de camaradagem. É o mais próximo que eu jamais conseguirei chegar de sentir que estou em um casamento.



Na noite em que deveríamos ir à feira, Cecily começa a ter contrações.

— São só contrações de Braxton Hicks — o Senhorio Vaughn assegura a ela. — Não são as de verdade.

Mas a dor que ela sente é verdadeira. Ela está ajoelhada à beira da cama, agarrada ao colchão, e posso ver o terror em seus olhos, e sei que ela não está fazendo isso por despeito.

— Devíamos ficar em casa — digo a Linden. Já estou em pé há mais de uma semana, que foi o tempo que Deirdre levou para desenhar e costurar o lindo vestido vermelho que estou usando. E depois de suportar uma hora sendo esfoliada, encerada e polida por um grupo excessivamente ansioso de serviçais, eu estava determinada a fazer a noite de hoje valer a pena. Linden está em pé ao meu lado na entrada do quarto de Cecily, sua boca fechada numa linha rígida de preocupação.

O Senhorio Vaughn e Elle estão ajudando Cecily a se deitar na cama. — Podem ir — diz Vaughn. — Ela ainda tem mais dois meses antes de o bebê nascer.

Não confio nele. Imagino Cecily sendo levada para o porão numa maca, gritando de agonia enquanto o bebê nasce morto, e Vaughn vai dissecá-lo em

busca de um antídoto. Ele é um animal impiedoso; não há humanidade em seus olhos enquanto ele abre a criança.

Cecily geme, e Elle refresca seu rosto com um pano úmido. Cecily abre a boca, e eu acho que ela está tentando formar a palavra "fique", mas Vaughn segura a mão dela e diz: — Querida, se seu marido conseguir algum comprador hoje, isso quer dizer que um dos desenhos dele irá se tornar uma nova casa. Ou talvez uma loja. E você não gostaria de visitá-la? Isso não seria bom?

Ela hesita. Ela e Vaughn têm alguma espécie de vínculo bizarro que não consigo entender. E como se ela fosse a favorita dele, ou como se ela pensasse nele como o pai que nunca teve. E ela vai fazer tudo o que ele disser.

— Vocês deviam ir à feira — ela diz. — Eu vou ficar bem aqui. Afinal, este é o meu trabalho. Fico feliz em colaborar. — Estranhamente, não há maldade na maneira como ela diz isso.

— Boa menina — diz Vaughn.

Não quero deixá-la sozinha com ele. Mas quando terei outra chance de provar a Linden que sou material digno de uma primeira esposa, a que deveria estar ao seu lado nas festas?

Enquanto Linden está se despedindo de Cecily, prometendo que vai voltar logo, encontro Jenna na biblioteca e peço a ela que fique de olho. — Não confio no Senhorio Vaughn com ela — eu digo.

— Nem eu — diz ela. — Eles têm todos os tipos de segredos juntos. Não sei o que ele diz a ela. Me deixa nervosa.

— Não quero que ele fique sozinho com ela.

— Não — ela diz. — É claro que não. — Ela já está um passo à minha frente. Encontrou um tabuleiro de xadrez no salão, e ela vai pedir a Cecily que lhe ensine a jogar.

— Só tente se; divertir, ok? — Jenna me pede. — Diz pra liberdade que eu mandei um abraço.

— Se por acaso eu encontrar com ela, direi sim — eu digo.

De todas as coisas, Linden me leva à mesma limusine que me trouxe aqui em primeiro lugar. Ele abre a porta para mim e não entende a minha hesitação. — Podemos abrir as janelas? — peço.

— Está nevando — ele diz. Sempre achei que a Flórida fosse um estado de temperaturas moderadas, mas até agora isso provou ser algo esporádico.

— O ar frio é bom para os nossos pulmões. — Ouvi isso de Vaughn, então pode não ser verdade, mas Linden simplesmente dá de ombros.

— Se é o que você quer — ele diz.

Entro na parte de trás da limusine, e apesar da garrafa de champanhe que nos espera num balde de gelo, e dos assentos de couro aquecidos, fico esperando que algo terrível aconteça. Abro minha janela na hora, e respiro o ar gelado, e não ligo quando Linden põe seu casaco nos meus ombros. Ainda não começamos a andar, e já estou convencida de que isto não é seguro. Conhecendo Vaughn, ele provavelmente providenciou que eu fosse nocauteada só para que não encontrasse o caminho até o portão.

Há uma janela no teto. Mas os vidros são escurecidos, e não consigo enxergar o céu noturno através deles. — Esta aqui abre? — pergunto.

Linden ri e esfrega meus braços para gerar calor. — Você está tentando se transformar num picolé? E claro que o teto solar abre.

Depois que ela abre, eu fico em pé, e quase perco o equilíbrio porque começamos a nos mover. Linden agarra minha cintura para evitar que eu caia, e não me importo nem um pouco porque estou com o teto solar aberto, e descanso os braços no teto do carro. A neve cai nos meus cabelos, e ela parece derreter ao atingir os faróis da limusine. Vejo as árvores passarem, o campo de golfe consertado, o laranjal, a cama elástica de Jenna. Fico vendo enquanto todas essas coisas que têm sido todo o meu mundo nestes últimos meses ficam cada vez menores quando o carro se afasta. Elas parecem estar se despedindo de mim. Tchau, aproveite a noite. Eu sorrio, e olho para a frente, para ver o que vem a seguir.

Nada a não ser árvores por um tempo. Nunca vim tão longe antes. Eu nem sabia que existia uma estrada por aqui. Andamos pelo que parece uma eternidade. Começo a ver as estrelas por entre as árvores, e a lua crescente que corre para me alcançar.

Então chegamos ao portão, com a flor pontuda que se parte ao meio quando o portão se abre para nos deixar passar. Sem mais nem menos. E então estamos fora da propriedade. Há mais árvores, e então subitamente uma

cidade. Luzes brilhantes e borrões de gente rindo e falando. É um lugar mais rico do que aquele do qual eu vim, pelo visto, e o dinheiro deu a essas pessoas a ilusão do tempo. Talvez elas estejam esperando por um antídoto que as salve, ou quem sabe elas só estejam felizes por ter um lar confortável para o qual voltar. Não há sinais de desespero, não há órfãos mendigando. Em vez disso, vejo uma mulher num vestido rosa se dobrando de tanto rir na frente de um cinema que está exibindo os títulos de seus filmes em uma marquise gigante iluminada. Posso sentir o cheiro de *fastfood*, do concreto fresco e o fedor de um cano de irrigação em algum lugar distante.

É um choque. É como pousar em Marte, mas também como voltar para casa.

Passamos por um porto, e ele não é exatamente igual ao de Manhattan. Há uma praia com areia que vai se dissolvendo para dentro da água, e muitas docas onde veleiros estão amarrados para a noite, balançando ao ritmo do mar.

Linden está me guiando de volta para dentro, dizendo que eu vou pegar pneumonia. Por um segundo eu não dou a mínima, mas então eu penso que, se pegar pneumonia, ele nunca mais vai me deixar sair da casa novamente. Já tenho sorte de ter saído agora, se levarmos em conta como ele estava preocupado enquanto meus ossos quebrados se recuperavam. Vaughn teve de convencê-lo de que eu sou forte como um touro (como seu filho morto, pensei ao ouvir a comparação) até Linden pensar em me levar esta noite.

Recosto-me no assento aquecido e deixo Linden fechar as janelas, e vejo a cidade através do vidro escurecido. Não é tão ruim. Linden me serve uma taça de champanhe e fazemos um brinde. Eu já tinha tomado álcool uma vez antes, alguns anos atrás quando caí do telhado enquanto Rowan e eu estávamos tentando consertar um vazamento. Desloquei o ombro e Rowan me deu uma garrafa em- poeirada de vodca do porão para me ajudar com a dor enquanto ele colocava meu ombro no lugar.

Mas isto aqui é diferente, leve e cheio de bolhas. Aquece meu estômago, onde a vodca o havia queimado.

Deixo Linden por o braço ao meu redor. É algo que uma primeira esposa faria. Ele fica rígido por um tempo, e depois parece relaxar um pouquinho.

Ele pega um dos meus cachos — todo superlaqueado, condicionado e tratado para durar a noite inteira — e enrosca o dedo nele. Me pergunto como Rose usava seus cabelos quando ele a levava para sair.

Terminamos o resto do nosso champanhe, e ele pega o copo vazio da minha mão e me diz que haverá mais na feira. Ele me diz que farão muitos brindes lá e vários serviçais estarão carregando bandejas com taças de vinho. - Depois que o álcool começava a passar do limite, Rose apenas fingia tomar golinhos. Eu acho que ela conseguia que um serviçal lhe servisse taças vazias para manter a ilusão. — Ele desvia o olhar para o tráfego do lado de fora, como se tivesse se arrependido do que acabou de dizer.

Ponho minha mão em seu joelho e digo gentilmente: — Isso é ótimo. O que mais ela fazia?

Ele franze os lábios, arrisca um olhar para mim. — Ela ria de tudo o que qualquer um dissesse, e olhava nos olhos deles quando eles falavam. E estava sempre sorrindo. No fim da noite, quando ficávamos sozinhos, ela dizia que as bochechas estavam doendo de tanto sorrir.

Sorrir. Parecer interessada. Fingir beber. *E brilhar como uma estrela*, acrescento à lista, porque também parece uma coisa que Rose teria feito. Ao nos aproximarmos do nosso destino, sinto que estou entrando no mundo dela. Sinto que sou sua substituta, o que ela havia me dito no dia em que nos conhecemos, e eu não quis acreditar então. Mas agora, com o calor dos bancos de couro e o cheiro da loção pós-barba de Linden, ser a substituta dela não parece tão ruim. Embora isso seja apenas temporário, é claro.

Levo um instante para me lembrar de que a cidade vibrante lá fora não é a minha cidade, que estas pessoas são estranhas. Que meu irmão não está aqui. Ele está sozinho em algum lugar, esperando por mim. Enquanto estou sumida, não há ninguém para montar guarda enquanto ele dorme. E o pensamento traz uma onda amarga de ansiedade batendo no champanhe no meu estômago, mas eu me forço a me acalmar antes de vomitar. A única maneira de retornar para ele é conseguir fazer isto, por mais que demore.

Chegamos a um prédio branco alto com um grande arco de veludo sobre as portas duplas. Ao sairmos da limusine, vejo os mesmos arcos de veludo nos postes de luz e nas fachadas das lojas. Há um homem vestido de Papai Noel

tocando um sino enquanto as pessoas jogam dinheiro num balde vermelho aos seus pés.

— Eles estão se preparando para o solstício de inverno cedo este ano — Linden diz de modo casual.

Não comemoro um solstício desde os doze anos. Rowan achava que gastar dinheiro em presentes e perder tempo fazendo uma decoração não era prático. Quando éramos crianças, nossos pais decoravam a casa com arcos vermelhos e bonecos de neve de cartolina, e durante todo o mês de dezembro sempre havia o cheiro de alguma coisa maravilhosa e doce sendo preparada na cozinha. Meu pai tocava partituras de um livro de séculos de idade intitulado *Clássicos de Natal*, muito embora ninguém mais chame essa época de Natal desde antes do tempo dele. E, no solstício, o dia mais curto do ano, nossos pais nos davam presentes. Na maioria das vezes coisas que eles haviam feito - minha mãe era uma excelente costureira e meu pai conseguia fazer qualquer coisa com madeira.

Sem eles, nossa pequena tradição morreu. O inverno para meu irmão e eu não era nada mais do que a pior estação para os mendigos em Manhattan. A esta altura já teríamos colocado tábuas nas janelas para não incentivar qualquer órfão que pudesse tentar encontrar alívio do frio terrível. O frio lá é brutal e violento. A neve se acumulava até a altura da nossa maçaneta, e às vezes acordávamos de madrugada para cavar nosso caminho para a liberdade e conseguirmos ir trabalhar. Arrastávamos a cama de campanha mais para perto da fornalha e ainda conseguíamos ver nossa respiração na frente dos nossos rostos.

— Não fique aborrecida se todos quiserem beijar a sua mão — Linden sussurra no meu ouvido ao pegar meu braço e subir comigo as escadas.

Depois que Linden disse que essas feiras eram chatas, eu não esperava muito delas. Mas do lado de dentro há uma multidão grande e bem-vestida. Ao redor do salão existem hologramas suspensos, com imagens de casas que rotacionam horizontal e verticalmente. Janelas se abrem, e você é levado para dentro, para uma estonteante excursão dos quartos. Arquitetos encontram-se ao lado de seus hologramas e os explicam ansiosamente a qualquer um que queira ouvir. Até mesmo as paredes e o teto da sala de exposição são uma

ilusão de um céu azul com nuvens passageiras. O chão parece grama que balança suavemente ao vento, cheia de flores do campo, e não consigo deixar de me curvar para tocar o piso para me certificar de que a grama não é real. Sinto a cerâmica do piso, embora pareça que minhas mãos estejam se enterrando no solo. Linden ri quando volto ao seu lado. - Eles sempre tentam apresentar uma atmosfera na qual uma casa poderia ser construída — ele diz. — É melhor do que a última feira em que compareci: ela parecia mais um deserto. Tudo o que ela fez foi deixar todo mundo com sede. E o ano em que fizeram uma calçada vazia para incentivar as empresas foi simplesmente deprimente. Parecia pós-apocalíptico.

A mesa de sobremesas foi montada como a paisagem de uma cidade. Há um bolo em forma de biocúpula que já foi cortado. Há uma piscina de gelatina com piso de concreto de *chocolate chips*, uma fonte de chocolate. Flores de glacê foram cortadas, mutiladas, e é como a Oz de Dorothy depois de alguém ter dado uma mordida nela.

Mal damos alguns passos antes que alguém agarre minha mão e a beije. Os pelos da minha nuca se arrepiam. Dou um sorriso de orelha a orelha. - E quem é esta coisinha adorável? — pergunta um homem. Sequer chamá-lo de homem parece errado, porque ele é provavelmente mais novo que eu, embora esteja vestindo um terno que custaria mais de um mês de eletricidade na mansão.

Linden me apresenta orgulhosamente como sua esposa, e seguro meu sorriso, mas tomo a taça inteira de vinho que passa pelo meu caminho, e a seguinte também, porque descubro que isso torna mais fácil suportar todos esses beijos e cumprimentos. Há outras esposas, mas todas elas parecem felizes com seus maridos. Elas elogiam meus braceletes, perguntam quanto tempo levou para fazer meu cabelo, e reclamam de como seus próprios serviços e domésticas são incompetentes com zíperes, pérolas ou seja lá o que for. Depois de um tempo tudo se transforma em ruído branco e eu simplesmente fico fazendo que sim com a cabeça, sorrio e bebo. Uma está grávida, e ela dá um grande espetáculo gritando para um serviçal que lhe oferece uma taça de vinho. Elas me chamam de coração e docinho e me perguntam quando vamos ter o nosso próprio bebê. Eu respondo: —

Estamos tentando.

Nenhuma das esposas menciona os guardas de segurança na porta, que provavelmente vão nos derrubar no chão se tentarmos sair sem nossos maridos.

Mas eu gosto dos hologramas rotativos das casas, e quando Linden instala seu próprio holograma, fico hipnotizada por seu desenho que foi colorido e ganhou vida. Não é exatamente algo que eu tenha visto antes; é mais como uma colaboração de muitos desenhos. É uma casa vitoriana com tentáculos de hera que crescem pelas paredes, se retraem e voltam a crescer. Do lado de dentro, posso ver, os contornos de pessoas se movendo, mas quando a imagem entra pela janela, as pessoas recuam, me mostrando os pisos de madeira e cortinas soprando ao vento, e tenho a impressão de que consigo até sentir o cheiro do *potpourri* de Rose. Um dos quartos está repleto de vasos de lírios. Há uma biblioteca que não contém nada a não ser atlas, com um jogo inacabado de xadrez no meio do salão.

A excursão alucinante me deixa zozza. Me agarro no braço de Linden, e ele me segura firme, dá um beijinho na minha têmpora. E depois de todos os estranhos me segurando e me beijando, sinto-me aliviado que ela seja o único que esteja me tocando agora.

— O que você acha? — ele pergunta.

— Se ninguém quiser viver aqui, eles são todos loucos — eu digo. Sorrimos um para o outro, e tomamos goles sincronizados de vinho.

Ao fim da noite, minha boca está cheia de álcool e muito açúcar de confeitiro, o que de algum modo faz o mundo parecer mais doce. Meus cachos não murcharam, muito embora o suor esteja se acumulando em poças na minha nuca. Estou vendo tudo meio enevoado, sempre sorridente, gargalhando, pondo a mão nos ombros de homens estranhos, e dizendo "Ah, pare" quando eles elogiam meus olhos sem parar. Metade deles pergunta se eles são de verdade, e eu respondo:

— É claro. O que mais seriam?

Um homem pergunta: — Onde você conseguiu olhos tão incríveis?

Eu respondo: — Dos meus pais.

E Linden parece assustado, como se o fato de eu ter tido pais nunca

tivesse lhe ocorrido, muito menos que eu pudesse tê-los conhecido.

— Bem, você certamente é linda — o homem persiste, bêbado demais para ver a preocupação no rosto de Linden. — Melhor manter esta aqui bem perto de você. Não sei de onde ela vem, mas aposto que outra igual não existe.

Linden responde baixinho, atordoadado: — Não, não existe...

E mais, acho que sua surpresa é genuína. — Vamos, meu coração — eu digo, procurando um termo afetivo que não pertença a Vaughn nem a Cecily. Puxo o braço dele. — Quero dar uma olhada naquela casa logo ali. — Sorrio para o homem, que está rindo, perdido em sua embriaguez. — Com licença.

Ficamos mais um pouco. Lisonjeamos arquitetos. Deixo Linden por um momento porque ele começou a falar de vendas com um deles.

Ele me encontra alguns minutos mais tarde enquanto estou mordiscando um morango e tentando me recuperar da comoção.

— Pronta para ir? — ele pergunta. Dou o braço a ele, e conseguimos fugir sem sermos notados.

Uma vez lá fora, vejo que a neve desapareceu. Percebo que a tarde ensolarada do lado de dentro do edifício não era de verdade. O ar frio me atinge com força. Nós seguimos na direção da limusine, e eu acho que poderia fugir. Os guardas de segurança estão do lado de dentro, não do lado de fora. Só há Linden aqui para derrubar, e ele é tão frágil que eu poderia simplesmente empurrá-lo e ele sairia do meu caminho. Eu poderia fazer isso. Eu poderia fugir. Eu jamais veria o interior daquele portão de ferro novamente.

Mas quando Linden abre a porta, entro na limusine, onde existe calor e luz. Ela está se oferecendo para me levar de volta para casa. De volta para casa, eu penso, e isso é estranho mas não tão estranho. Desabo cansada e começo a desafivelar meus sapatos de salto alto que doem tanto. E mais difícil do que eu me lembrava. A limusine começa a andar, e eu caio para a frente, e Linden me pega, e por algum motivo eu dou uma gargalhada.

Ele tira meus sapatos para mim, e eu dou um suspiro de gratidão. — Como me saí? — pergunto.

— Você estava linda — ele diz. Seu nariz e suas bochechas estão vermelhas. Ele percorre minha bochecha com o dedo.

Eu sorrio. É o primeiro sorriso que não forço desde que a feira começou.

Quando voltamos à mansão já é tarde. A cozinha e todos os corredores estão vazios. Linden vai dar uma conferida em Cecily, cuja luz ainda está acesa. Ela vai estar esperando por ele. Me pergunto se ela vai notar que ele está um pouquinho bêbado, o que, eu acho, é culpa minha, porque ele estava seguindo minha dica. Me pergunto se Rose costumava tirar as taças da mão dele e lhe dizer quando ele já tinha bebido demais. Me pergunto como ela suportava essas coisas com sua própria sobriedade em xeque.

Recolho-me ao meu quarto e descolo o vestido vermelho suado do meu corpo. Visto a camisola e penteio meus cabelos — ainda duravelmente cacheados — num rabo-de-cavalo desajeitado, abro a janela e engulo o ar frio às golfadas. A janela ainda está aberta quando vou para a cama e começo a cair no sono, minhas pálpebras cheias de casas giratórias, barrigas grávidas e taças de vinho sobre bandejas flutuando em minha direção.

Às vezes de noite o ar fica mais quente. Ouço o som da janela sendo fechada, e passos bem silenciosos no tapete macio, e a voz de Linden dizendo: — Dormindo, meu coração?

Ele se lembra de como eu o chamei na feira. Coração. Soa bonitinho. Suave. Eu deixo.

— Mm-hm — respondo. A escuridão estava nadando com peixes brilhantes e hera que se espalha. O quarto também está girando um pouquinho.

Acho que ele pergunta se pode entrar na cama comigo. Acho que eu murmuro que sim. Sinto seu peso leve ao meu lado, e eu sou um planeta em órbita e ele é o sol quente. Posso sentir o cheiro do vinho e da festa nele. Ele chega mais perto de mim, e minha cabeça rola bem na direção da dele.

Está quieto, escuro e quentinho. Sinto os tentáculos de hera me levando para um sonho gostoso, e então Linden diz: — Por favor, não vá.

— Mm? — eu pergunto.

Ele está respirando na minha nuca, dando beijinhos ali. — Por favor, não fuja de mim.

Eu volto do meu sonho, mas não muito. Ele inclina meu queixo com seu dedo, e eu abro os olhos. Posso ver um estranho brilho no seu olhar, e uma

gotícula atinge meu rosto. Ele acabou de dizer alguma coisa, alguma coisa importante, mas estou tão cansada que não consigo me lembrar. Não consigo me lembrar de nada, e ele está esperando pela minha resposta, então pergunto: — O que foi? O que aconteceu?

E ele me beija. Não é um beijo forçado. É suave, seu lábio inferior se juntando ao meu com um movimento suave de lambida. Seu gosto preenche minha boca, e por um momento não é tão ruim. Como tudo o mais nesta noite, não foi tão ruim. De um modo bêbado, alucinógeno. Um pequeno ruído foge da minha garganta, como um bebê gorgolejando na mamadeira. Ele recua e olha para mim. Eu estou piscando furiosamente.

— Linden . . .

— Sim, sim, eu estou aqui — ele diz, e tenta me beijar novamente, mas eu recuo.

Coloco as mãos nos ombros dele para afastá-lo, mas posso ver a estranha dor em seus olhos que me faz pensar que ele estava sonhando com Rose um minuto antes que eu me materializasse de novo em Rhine.

— Eu não sou ela — digo. — Linden, ela se foi, ela morreu.

— Eu sei — ele diz. Ele não avança mais, então eu solto seus ombros e ele se deita ao meu lado. — E só que, às vezes, você...

— Mas eu não sou ela — digo. — E nós dois estamos um pouquinho bêbados.

— Eu sei que você não é ela — ele diz. — Mas eu não sei quem você é. Não sei de onde você veio.

— Você não mandou pedir aquela van cheia de garotas? — pergunto.

— Foi meu pai — ele diz. — Mas antes disso, o que fez você querer ser uma noiva?

Eu me engasgo, perco a respiração. O que me fez querer ser uma noiva? E então eu penso na surpresa em seus olhos esta noite quando aquele homem perguntou onde eu havia conseguido meus olhos.

Ele realmente não sabe.

E eu sei quem sabe. Vaughn. O que foi que ele contou ao seu filho? Que existem escolas de noivas onde mulheres ansiosas dedicam suas infâncias a aprender como satisfazer um homem? Que ele está nos salvando de um

orfanato pobre? Isso pode até ser verdade para Cecily, mas até mesmo ela está tão perigosamente despreparada para o que vai acontecer quando este bebê nascer.

Eu poderia contar tudo a ele agora mesmo. Eu poderia contar a ele que as irmãs de Jenna foram executadas naquela van, e que a última coisa que eu queria na vida era ser uma noiva. Mas será que ele acreditaria em mim?

E, se acreditasse, ele me deixaria partir?

Pergunto: — O que você acha que aconteceu com as garotas que não escolheu? As outras.

— Suponho que elas voltaram aos seus orfanatos e lares — ele diz.

Eu olho para o teto, atordoada, um pouco nauseada. Linden põe a mão no meu ombro. — O que foi? Você está passando mal? — Eu balanço a cabeça em negativa.

Vaughn é mais poderoso do que eu pensava. Ele mantém o filho em sua mansão, distante do mundo, e cria uma realidade para ele. Ele dá a Linden cinzas para espalhar enquanto vai guardando os corpos no porão. E claro que eu ia querer fugir. Qualquer um que já foi livre pode entender o que é querer ser livre novamente. Mas Linden nunca foi livre. Ele sequer sabe que a liberdade existe, então como poderia querê-la?

E Gabriel tem sido prisioneiro há tanto tempo que até mesmo ele está começando a se esquecer de como é melhor lá fora do que aqui dentro.

E melhor lá fora, não é? Fico deitada quieta por um tempo, comparando o porto de Nova York com o oceano volumoso dentro da piscina. Comparo um parque da cidade com esses infinitos campos de golfe e quadras de tênis. Comparo meu farol de Manhattan com o que está no nono buraco, no meio de jujubas gigantes. Comparo meu irmão de sangue, Rowan, com Jenna e Cecily, que se tornaram minhas irmãs. E neste estado borrado, um tanto ébrio, quase consigo entender o que Gabriel quis dizer quando perguntou: *O que é que o mundo livre tem que você não pode conseguir aqui?*

Quase.

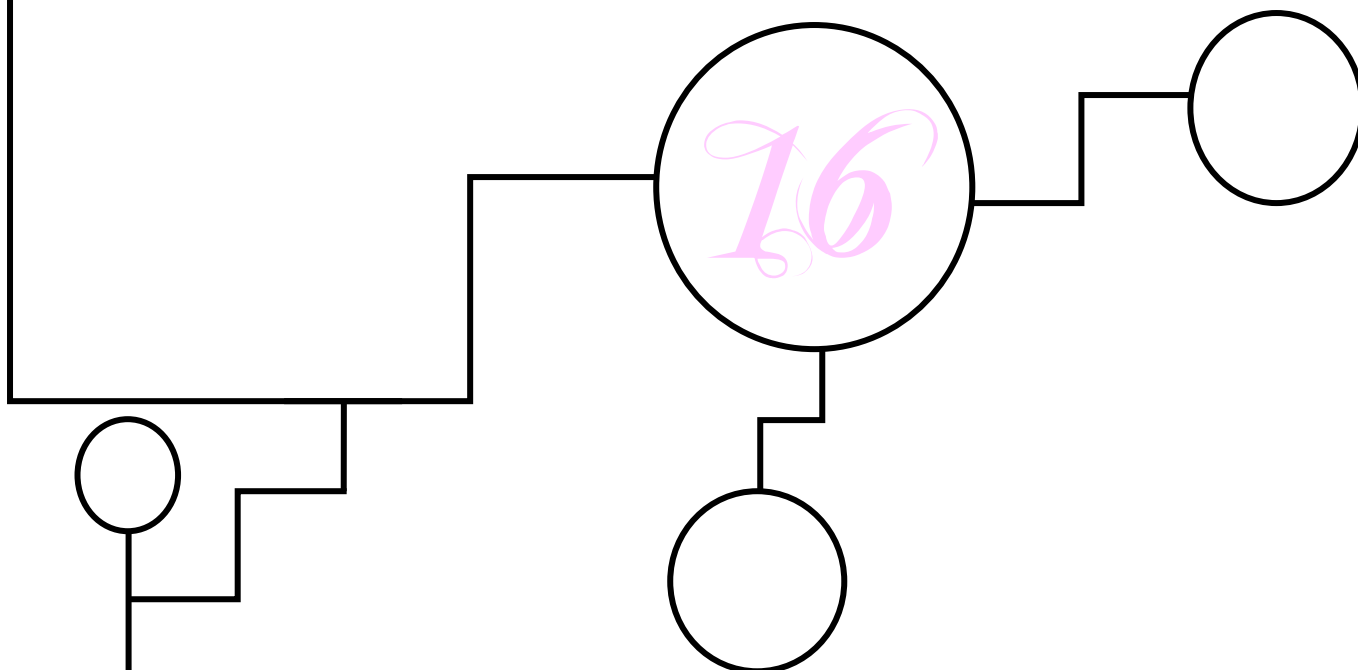
Dou um beijinho em Linden, meus lábios bem fechados até eu me afastar. — Andei pensando, coração — eu digo. — Eu não tenho sido uma esposa muito boa, não é? Vou tentar melhorar.

— Então você não estava fugindo de mim naquela noite, com o furacão?

— Não seja bobo — eu digo. — É claro que não.

Ele suspira feliz, e põe o braço na minha cintura e logo adormece.

Liberdade, Gabriel. É isto o que não se pode conseguir aqui.



Não vejo Gabriel no dia seguinte. Meu café da manhã está esperando por mim quando acordo, muito embora já passe do meio-dia, mas não há June Beans, nenhuma evidência de que ele esteve ali. Ligo para os serviços solicitando permissão para usar os elevadores, e Gabriel não está dentro do elevador para me escoltar quando as portas se abrem.

Vaughn está.

— Boa tarde, querida — ele diz, e sorri. — Você está parecendo um pouco desalinhada, mas adorável como sempre. Foi dormir tarde ontem à noite?

Coloco meu sorriso cativante, e Rose tem razão, faz mesmo as minhas bochechas doerem. Linden nunca vai convencer seu pai a nos dar mais liberdade. Vaughn dá a palavra final por aqui, mesmo que deixe seu filho fingir o contrário. — Foi incrível — eu digo. — Não vejo como Linden pode chamar essas feiras de chatas.

Entro no elevador ao lado dele, e as portas se fecham, e tento não engasgar. Ele tem o cheiro do porão, e me pergunto quem será que ele estava dissecando esta manhã.

— Então, onde você gostaria de ir hoje? — ele pergunta. Estou vestindo meu casaco porque, embora a neve nem grude no chão, eu me lembro de como estava frio ontem à noite. E não posso me dar ao luxo de pegar uma

pneumonia agora. — Parece um bom dia para caminhar — digo.

— Você já viu os consertos que fizeram no campo de minigolfe? — pergunta Vaughn, apertando o botão que nos leva para baixo. — Pois devia. O pessoal fez um trabalho maravilhoso.

Ele faz palavras como "maravilhoso" soarem sombrias. Mas eu sorrio. Sou charmosa. Sou destemida. Eu sou a primeira esposa de Linden Ashby, aquela que ele leva para a noite, aquela que ele quer ao seu lado nas festas. E eu adoro o meu sogro.

— Não vi — digo. — Ainda estou me recuperando do acidente. Receio não estar muito atualizada.

— Ora, então. — Vaughn engancha o braço no meu, e isso é tão mais invasivo do que o jeito como Linden faz. — Que tal uma partida, então?

— Eu não sou muito boa — digo. Sou tímida, modesta.

— Uma garota inteligente como você? Não acredito nem um pouco.

E, pela primeira vez, acho que ele está dizendo a verdade. Jogamos no campo inteiro, e Vaughn conta os pontos. Ele elogia meu estilo quando consigo jogar a bola num buraco de uma tacada só, e pacientemente me ajuda quando erro outra. Odeio sentir suas mãos de papel sobre as minhas quando ele guia meu taco de golfe. Odeio seu hálito quente na minha nuca.

E odeio que ele esteja ao meu lado quando chegamos ao farol — o último buraco do campo — que ainda está lançando raios para a liberdade. Enquanto Vaughn fala sem parar sobre a linda grama artificial nova, eu procuro o caminho que leva para o portão de ferro. Tenho certeza de que a limusine passou por um caminho nas árvores em algum lugar por aqui.

Logo depois da minha tacada, Vaughn diz: — Então me diga o que você achou da cidade ontem à noite.

— Eu fiquei muito impressionada com os desenhos. Há um grande talento...

— Eu não estou falando dos desenhos, querida. — Ele está perto demais de mim. — A cidade, o que achou de sua primeira visão da cidade?

— Não dei uma olhada muito boa — digo um pouco desconfortável. Aonde ele quer chegar?

— Mas vai olhar. — Ele dá seu sorriso geriátrico e dá uma pancadinha

com seu dedo no meu nariz. — Linden já está falando nas próximas festas. Você realmente está conseguindo, querida.

Eu sopro calor nas minhas mãos, e o vejo lançar uma bola perfeita no buraco em uma tacada só. — O que eu fiz exatamente?

— Trouxe meu filho de volta dos mortos. — Ele põe seu braço ao meu redor, beija minha têmpora bem onde Linden me beijou ontem à noite. Mas enquanto os lábios de Linden tinham sido quentes, e seu gesto de consolo, os lábios de Vaughn fizeram milhões de insetos rastejarem ao longo de minha espinha. Este pai e filho são tão assustadoramente parecidos, e no entanto, não consigo imaginar duas pessoas mais diferentes.

Mas eu sou uma boa esposa, uma boa nora, e eu coto. — Eu só quero que ele seja feliz — digo.

— Isso mesmo — diz Vaughn. — Faça aquele garoto feliz, e ele lhe dará o mundo numa bandeja.

"Numa bandeja" sendo as palavras-chave.

Vaughn ganha o jogo, mas minha pontuação não fica muito atrás da dele. Eu não o deixei ganhar. Ele fez isso sozinho. — Você é uma jogadora muito melhor do que acredita ser — ele ri enquanto caminhamos de volta para a mansão. — Não é boa o bastante para me vencer. Mas é boa.

Procuro em todo lugar pelo caminho que a limusine tomou, mas não o vejo em lugar algum.

Está muito claro que não será permitida minha saída a menos que eu seja acompanhada por Vaughn. Pelo menos não hoje. Então encontro Jenna, que está enroscada na minha poltrona favorita, o nariz enfiado num livro com jovens amantes seminus na capa; o homem está salvando a mulher de morrer afogada. — Não tenho visto Gabriel — ela me diz antes sequer de eu abrir a boca.

— Você não acha isso estranho? — pergunto, me sentando na cadeira ao lado dela.

Ela franze os lábios e olha para mim por cima do livro. Concorde com a cabeça por simpatia. Ela nunca foi de adoçar as coisas.

Eu pergunto: — O almoço já chegou?

— Não . . .

— Talvez então a gente o veja. — Gabriel é o único que traz refeições para o nosso andar, a menos que Cecily dê um escândalo que exija mais de um serviçal para atendê-la.

Mas nós não o vemos. Um serviçal que nunca tínhamos visto — um primeira-geração — nos traz nosso almoço, e ele nem sequer sabe como nos achar na biblioteca. Ele tem que perguntar a Cecily onde estamos, e ela está num humor tão ruim por ter sido acordada de seu cochilo que podemos ouvi-la gritando com o coitado do outro lado do corredor.

— Quer se acalmar? — eu digo quando Jenna e eu paramos na entrada de seu quarto. O serviçal parece aterrorizado com essa garotinha grávida impossível. Mas quando olho para ela, só consigo ver as bolsinhas embaixo dos olhos dela, os tornozelos roxos e inchados apoiados sobre travesseiros. — Você vai machucar o bebê se ficar se debatendo tanto.

— Não me chame a atenção — ela ruge, gesticulando loucamente para o serviçal. — Chame a atenção dele por ser incompetente!

— Cecily ... — eu começo.

— Não, ela tem razão — diz Jenna. Ela levantou a tampa de um dos pratos, e está fazendo uma careta. — Isto aqui está nojento. O que é isto, lavagem pra porco?

Olho para ela, chocada, e ela olha direto nos meus olhos. — Eu acho que você deveria descer até a cozinha e reclamar.

Ah.

— Desculpe, Lady Jenna — começa o serviçal.

— Não se desculpe — eu digo. — Não é culpa sua. É a cozinheira-chefe que deveria supervisionar essas coisas, e ela sabe que nós todas detestamos purê de batata. — Levanto mais uma tampa e torço o nariz. — E carne de porco. Só esse cheiro vai fazer Jenna passar mal. E melhor eu descer e resolver isso logo.

— Sim, é claro — diz o serviçal, e acho que ele está tremendo um pouco ao começar a empurrar o carrinho com as bandejas do almoço de volta para o elevador, comigo a tiracolo.

— Não ligue para elas — eu digo, e lhe dou um sorriso reconfortante depois que entramos no elevador e as portas se fecharam. - Não é nada

peçoal. Mesmo.

Ele sorri de volta, olhando nervoso de relance para mim e depois voltando o olhar para os sapatos. — Eles disseram que a senhora era a gentil — ele diz.

A cozinha está na sua azáfama de costume, o que significa que Vaughn não está por perto. — Com licença — diz o serviçal — mas Lady Rhine está aqui com uma reclamação.

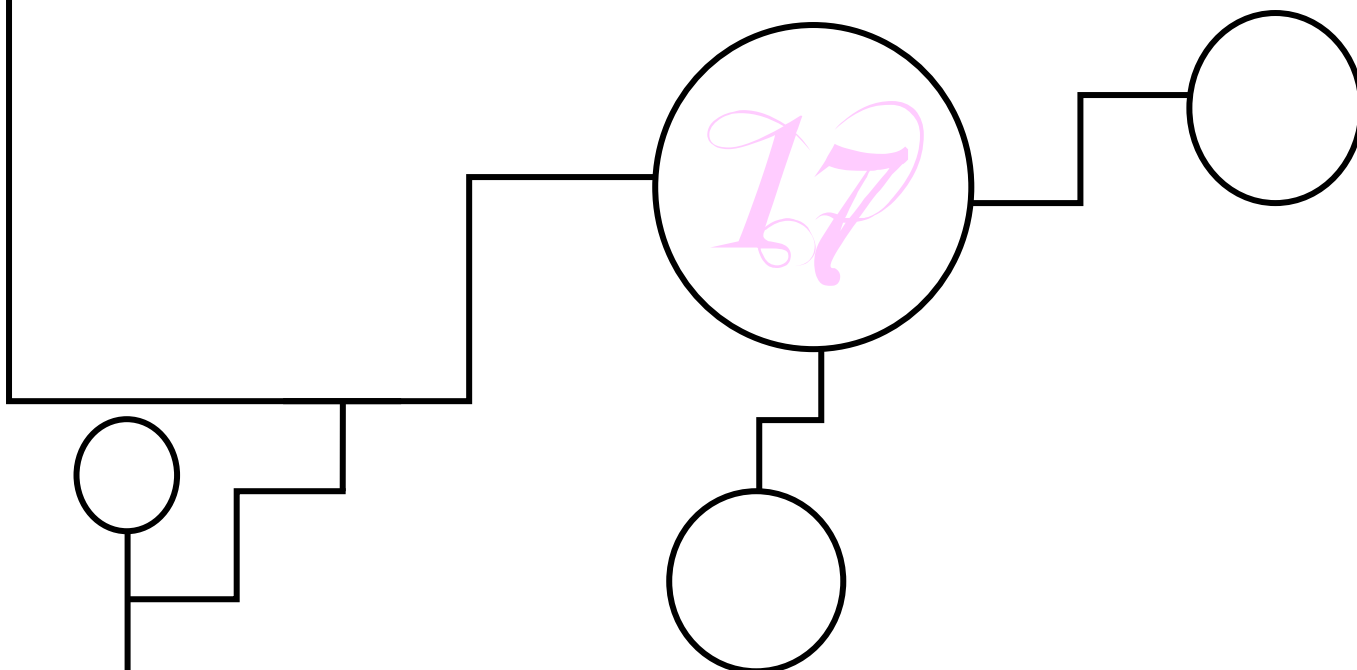
Todos se viram para olhar para mim em pé na porta, e a cozinheira-chefe funga sem perder o reboado, e diz: — Essa aí não reclama.

Agradeço ao serviçal por me trazer aqui para baixo, e alguém leva as bandejas, e fico triste por ver uma comida perfeitamente boa ser desperdiçada, mas vim aqui por um motivo mais importante. Abro caminho através do vapor e do burburinho, e me inclino sobre o balcão onde a cozinheira-chefe está cuidando de seu panelão gigante. Com toda essa comoção, eu sei que ela será a única que vai me ouvir perguntar: — O que aconteceu com Gabriel?

— Você não devia estar aqui perguntando por ele — diz ela. — Só vai provocar mais problemas para aquele garoto. O Senhorio está de olho nele desde a sua fuga que deu errado.

Um frio de doer corre pela minha espinha. — Ele está bem?

—Não tenho visto ele — ela diz. E ela olha para mim com uma expressão tão triste. — Não desde esta manhã, quando o Senhorio o chamou até o porão.



Passo mal pelo resto da tarde. Jenna segura meu cabelo para trás enquanto vomito na privada, mas não sai nada.

— Você deve ter bebido um pouquinho demais — ela diz gentilmente.

Mas não é isso. Eu sei que não é isso. Recuo da privada e sento no chão, minhas mãos caindo cansadas sobre o colo. Meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu não as solto. Não vou dar essa satisfação a Vaughn. — Preciso falar com você — digo.

Eu conto tudo a ela. Sobre o corpo de Rose no porão, e sobre o beijo com Gabriel, e sobre o fato de que Linden não faz a menor ideia de onde nós viemos, e o controle absoluto que Vaughn exerce sobre nossas vidas. Eu até conto a ela sobre a filha morta de Rose e Linden.

Jenna se ajoelha ao meu lado, molhando minha testa e a minha nuca com um pano úmido. A sensação é boa, apesar de tudo, e descanso a cabeça no ombro dela e fecho os olhos. — Este lugar é um pesadelo — eu digo. — Justo quando penso que poderia não ser tão ruim assim, fica pior. Fica pior e eu não consigo acordar. O Senhorio Vaughn é um monstro.

— Eu não acho que o Senhorio fosse matar o neto — diz Jenna. — Se o que você diz é verdade e ele está usando o corpo de Rose para encontrar um antídoto, ele não iria querer que o neto vivesse?

Mantenho minha promessa e não conto a ela o que descobri com Deirdre — que o natimorto não tinha nada de natimorto. Mas o pensamento me

assombra. Eu quero achar que Jenna tem razão. Que motivo Vaughn poderia ter para matar sua neta? É verdade que ele só teve filhos — talvez ele os prefira — mas uma neta pelo menos lhe seria útil para engravidar. As filhas de famílias ricas às vezes podem até escolher com quem se casar, e têm prioridade sobre suas esposas irmãs. E Vaughn é totalmente a favor de encontrar uma utilidade para coisas, gente, corpos — nada é desperdiçado.

Mas eu sei, de algum modo, que Deirdre e Rose tinham razão quando ouviram aquele bebê chorar. E não acho que tenha sido coincidência que Linden estivesse fora quando aconteceu. O pensamento provoca uma nova onda de náusea. E a voz de Jenna parece tão distante quando ela pergunta se estou bem e diz que estou terrivelmente pálida.

— Se algo de ruim acontecer a Cecily ou a esse bebê, eu vou enlouquecer — eu digo.

Jenna esfrega meu braço, para me reconfortar. — Não vai acontecer nada — ela diz. Depois disso as coisas ficam calmas, e penso em todas as coisas horríveis que poderiam estar acontecendo a Gabriel no porão. Penso nele sendo esbofeteado, espancado, sedado. Não posso me permitir pensar que ele já esteja morto. Penso naquele som que ouvimos no corredor quando nos beijamos, e como fomos irresponsáveis por deixar a porta aberta, e no atlas que ele roubou da biblioteca que ainda está em cima da minha mesinha de cabeceira. E eu sei que tudo isso é minha culpa. Eu fiz com que isso acontecesse com ele. Antes de eu vir para cá, ele era um serviçal feliz e ignorante que havia esquecido do mundo. E uma maneira horrível de se viver, mas é melhor do que não viver. E é melhor do que o porão dos horrores de Vaughn.

Penso no livro que Linden leu para mim enquanto eu estava me recuperando *Frankenstein*. Era sobre um louco que construiu um humano a partir de pedaços de cadáveres. Penso na mão fria de Rose com seu esmalte de unha cor-de-rosa, e nos olhos azuis de Gabriel, e no coração minúsculo de pedra de um bebê morto, e antes que eu perceba que me movi, já estou vomitando, e Jenna está segurando meus cabelos para trás, e o mundo está girando descontrolado. Mas não o mundo real. O mundo de Vaughn.

Cecily aparece na entrada, pálida e de olhos sonolentos. — O que há de

errado? — ela pergunta. — Você está doente?

— Ela vai ficar bem - diz Jenna, alisando meus cabelos. — Ela bebeu demais.

Isso nem de longe é tudo, mas eu não digo nada. Dou descarga, e Cecily enche um copo com água e me entrega. Eu aceito. Ela se senta na borda da banheira, soltando um grunhido ao dobrar os joelhos. — Parece que a festa foi divertida — ela diz.

— Não chegou a ser uma festa — eu digo, bochecho a água na minha boca e cuspo. — Foi só um bando de arquitetos exibindo seus desenhos.

— Me conta tudo — diz Cecily, uma fagulha de empolgação preenchendo seu olhar.

— Não há nada para contar, sério — eu digo. Não quero falar para ela dos hologramas estonteantes nem da suculenta seleção de sobremesas ou da cidade cheia de pessoas para onde pensei em fugir. É melhor se ela não souber o que está perdendo.

— Vocês duas nunca mais falaram comigo — ela diz, e parece que vai ficar toda estressada novamente. É como se ela ficasse mais emotiva a cada trimestre. — Não é justo. Eu fico presa naquela cama o dia inteiro.

— Foi muito chato, sério - eu insisto. — Havia uma série de primeira-gerações me mostrando seus esboços, e eu tinha que fingir que estava interessada. E havia um arquiteto que deu uma longa palestra sobre a importância dos *shopping centers*, e tivemos que nos sentar em cadeiras dobráveis desconfortáveis por mais de uma hora. Fiquei bêbada só pra ter o que fazer.

Cecily parece não acreditar por um momento, mas então ela deve decidir que estou dizendo a verdade, porque sua infelicidade parece se desvanecer, e ela diz: — Ah, tá. Mas você não pode me contar uma história, então? E aqueles gêmeos que você conhecia?

Jenna ergue uma sobrancelha. Eu nunca contei a ela sobre meu irmão gêmeo, mas ela é mais intuitiva do que Cecily e provavelmente está percebendo tudo agora.

Eu conto a história do dia em que os gêmeos estavam voltando da escola para casa e houve uma explosão tão alta que sacudiu o chão debaixo dos pés

deles. Uma instalação de pesquisas genéticas havia sido bombardeada por primeira-gerações em protestos contra experiências que estavam sendo realizadas para prolongar a vida de novas crianças. Gritos de "Basta!" e "A raça humana não pode ser salva!" enchiam as ruas. Dezenas de cientistas e engenheiros foram mortos.

Esse foi o dia em que os gêmeos ficaram órfãos.



Desperto ao som de uma bandeja de jantar sendo colocada sobre minha mesinha de cabeceira. Cecily está curvada ao meu lado, roncando daquela maneira anasalada que ela adotou em seu terceiro trimestre. Meus olhos voam esperançosos até o serviçal que trouxe a bandeja, mas é apenas o novo e nervoso serviçal desta manhã. A decepção no meu rosto deve ser evidente, porque ele tenta sorrir quando está se virando para sair.

— Obrigada — digo, mas mesmo isso soa triste.

— Olhe no guardanapo — ele diz, e vai embora.

Sento-me devagar para não perturbar Cecily. Ela resmunga num lagunho de baba no travesseiro e suspira.

Desenrolo o guardanapo de tecido que envolve os talheres, e um June Bean azul cai na minha mão.



Não vejo Gabriel no dia seguinte, nem no dia depois desse.

Do lado de fora, a neve começa a aderir ao chão, e eu fico fazendo companhia a Cecily enquanto ela reclama de não ter tido permissão para ir lá fora e fazer bonecos de neve. O orfanato também nunca a deixava sair na neve. Seria fácil demais para as crianças adoecerem no frio, e os membros da equipe não estavam preparados para lidar com uma epidemia.

Mas ela só fica de mau humor por um tempinho, antes de apagar em um de seus cochilos. Mal posso esperar para essa gravidez acabar. Meu medo pelo que vai acontecer quando o bebê nascer é suplantado pelo meu medo do que

está acontecendo com ela agora. Ela está sempre sem fôlego, ou chorando, e seu dedo está inchado ao redor da aliança de casamento.

Enquanto ela dorme, eu fico sentada no alpendre da janela dela, folheando o atlas que Gabriel me trouxe. Descubro que, enquanto meu nome é o rio da Europa, Rowan é um tipo de fruta vermelha minúscula que cresce no Himalaia e na Ásia². Não tenho certeza do que isso significa ou se isso significa alguma coisa. Mas a última coisa de que preciso é outro enigma para tentar solucionar, e depois de algum tempo eu fico simplesmente vendo a neve cair do lado de fora. A vista da janela de Cecily é bonita. São árvores em sua maior parte, e acho que poderia ser simplesmente um bosque normal lá fora, no mundo real. Poderia ser qualquer lugar.

Mas então, naturalmente, eu vejo a limusine preta percorrendo um caminho através da neve, e me lembro de onde estou. Fico observando-a dar a volta em um arbusto e depois dirigir direto para as árvores.

Direto para as árvores! Não há impacto. A limusine simplesmente passa direto por elas como se não estivessem nem lá.

E aí eu me dou conta. Essas árvores não estão mesmo lá. Foi por isso que não consegui encontrar meu caminho até o portão a partir de nenhum dos jardins ou do laranjal. O caminho verdadeiro está escondido por alguma espécie de ilusão. Um holograma, como as casas na feira. E claro. E tão simples. Por que não pensei nisso antes? Faz sentido que eu perceba isso agora, quando Vaughn tornou quase impossível que eu saia desacompanhada.

Durante o resto do dia, tento bolar um plano para sair de modo a poder inspecionar o holograma das árvores, mas todos os caminhos na minha mente me conduzem de volta a Gabriel. Se eu descobrisse uma maneira de escapar, não poderia fugir sem ele. Eu lhe disse que não sairia sem ele, mas ele foi contra a ideia em primeiro lugar. Se ele está em apuros por minha causa, será que ele vai abandonar completamente a ideia de escapar?

Só preciso saber que ele está bem. Não consigo sequer pensar em ir embora até saber pelo menos isso.

O jantar chega, e eu não como. Fico sentada a uma mesa na biblioteca com a mão no bolso, revirando o June Bean sem parar. Jenna tenta me distrair

² A palavra Rowan não tem equivalente em português. A planta em sua variedade europeia (*sorbus aucuparia*) é conhecida em Portugal como *Tramazeira*, e seus frutos são as bagas dessa planta. (N.T.)

com fatos interessantes que leu nos livros da biblioteca, e eu sei que isso é para meu benefício, porque normalmente tudo o que ela lê são romances, mas eu simplesmente não consigo prestar atenção. Ela me força a tentar um pouco do pudim caseiro de chocolate, mas é como se fosse uma pasta na minha boca.

Nessa noite eu tenho muita dificuldade para pegar no sono. Deirdre prepara um banho para mim com sais de banho de camomila que deixam uma camada verde espumante na água. A água ensaboada me dá a sensação de uma massagem profunda, e tem um cheiro divino, mas não consigo relaxar. Ela trança meus cabelos enquanto estou imersa ali, e me fala dos novos tecidos que ela mandou pedir em Los Angeles, e de como eles vão dar maravilhosas saias de babados para o verão. E só me faz sentir pior ao pensar que ainda estarei aqui no próximo verão para vesti-las. E quanto menos reajo ao que ela diz, mais desesperada a voz dela parece se tornar. Ela não consegue compreender a causa da minha infelicidade. Eu. A noiva mimada de um Governador de fala mansa que vai me dar o mundo de bandeja. Ela é a minha eterna otimista, sempre perguntando como eu estou ou Se eu preciso de alguma coisa e tentando tornar o meu dia melhor. Mas agora me ocorre que ela nunca fala de si mesma.

— Deirdre? — digo enquanto ela está repondo os sais e acrescentando mais água quente à banheira. — Você disse que seu pai era pintor. O que ele pintava?

Ela faz uma pausa com a mão na torneira, e sorri de maneira triste e saudosa. — Retratos, na maior parte — ela diz.

— Você sente saudade dele? — pergunto.

Dá para ver que esse assunto é motivo de grande tristeza para ela, mas ela tem uma força e uma tranquilidade que me faz lembrar de Rose, e eu sei que ela não vai ter um colapso e chorar.

— Todo dia — ela diz. Então ela junta as mãos numa mistura de aplauso e prece. — Mas agora estou aqui, e faço o que gosto, e tenho muita sorte.

— Se você pudesse fugir, para onde iria?

— Fugir? — ela diz. Agora ela está no armário, vasculhando entre os vidros de óleos perfumados. — Por que eu ia querer fazer isso?

— É só uma pergunta. Se você pudesse estar em qualquer lugar no país

inteiro, para onde iria?

Ela ri um pouco, deixando cair um pouquinho de óleo de baunilha na água. A espuma cintila e estoura. — Mas eu sou feliz aqui — ela diz. Então: — Bom, tem um quadro que meu pai pintou... de uma praia. Havia estrelas do mar na areia. Nunca segurei uma estrela do mar de verdade. Eu teria gostado de ir àquela praia, ou uma igual àquela. — Ela parece perdida na memória, olhando através dos azulejos do banheiro. Então ela desperta e pergunta: — Como está a água? Quase pronta para sair?

— Sim — eu digo. Coloco uma camisola, e Deirdre esfrega um pouco de loção nos meus pés e panturrilhas, e confesso que isso me faz relaxar um pouquinho. Ela acende algumas velas e me diz que o cheiro vai me ajudar a adormecer. As velas, ela diz têm cheiro de lavanda e uma coisa chamada sândalo, mas, quando estou quase dormindo, elas me levam para uma praia quente e ensolarada, e um quadro recém-pintado.

Levanto na manhã seguinte antes do amanhecer. Tive um sonho em que Gabriel entrava no meu quarto com um atlas na bandeja do café. Em termos de pesadelo, até que não foi terrível, mas a solidão que sinto quando acordo é devastadora.

Aventuro-me a sair no corredor, que quase não está iluminado. Os bastões de incenso pararam de queimar, e sinto um cheiro distante como se fosse perfume queimado. Eu sei que Jenna e Cecily estarão dormindo a esta hora — especialmente Cecily, que tem costumado dormir até o meio-dia na maioria das manhãs em seu terceiro trimestre, mas tenho certeza de que uma delas vai me deixar entrar em sua cama. Talvez funcione melhor do que dormir sozinha.

Quando bato à porta de Jenna, ouço seus risinhos baixinhos vindos de algum lugar do aposento. Há um som de roçar de lençóis, e então ela diz: — Quem é?

— Sou eu — digo.

Outro risinho. — Entre — ela diz.

Abro a porta e vejo um quarto todo iluminado com a luz de velas. Jenna está sentada na cama, penteando os cabelos bagunçados com os dedos, e Linden está amarrando os cordões da sua calça de pijama. Seu peito nu é

pálido; suas bochechas estão coradas. Ele veste a camisa apressado, e ela ainda está desabotoada quando ele se levanta e se dirige até a porta. — Bom dia, meu coração — ele me diz, sem me olhar direito nos olhos.

Não há nada de errado nisso. É perfeitamente normal. Jenna é sua esposa. Ele é nosso marido. Eu devia estar acostumada com a ideia. Era inevitável que um dia eu vislumbrasse o que acontece atrás dessas portas. Mas não consigo evitar o rubor dolorido que cobre meu rosto, e sei que Linden também está envergonhado.

— Bom dia — eu digo, surpresa por não ter gaguejado.

— Está cedo; você devia tentar voltar a dormir — ele diz, planta um beijo rápido nos meus lábios e sai apressado pelo corredor.

Quando volto minha atenção para Jenna, ela está caminhando ao redor do quarto, apagando as velas. Seu corpo reluz numa camada de suor; os cabelos que estavam colados ao seu rosto estão molhados; os botões de sua camisola não estão alinhados. Nunca a vi deste jeito, tão selvagem e bela; Linden deve ser o único que normalmente a vê assim. Afasto de mim uma onda de ciúmes, o que é, claro, absurdo. Eu não tenho motivo para ter ciúmes. Quando muito, ela está me fazendo um favor mantendo as afeições de Linden distantes de mim.

Ela diz: — Essas coisas não têm um cheiro horroroso? Cheiram igual ao interior de uma bolsa de couro. O Governador Linden acha que elas criam um clima.

— Há quanto tempo ele estava aqui? — pergunto num tom calculado.

— Bleargh, a noite toda — ela diz, e desaba na cama. — Achei que ele nunca iria embora. Ele pensa que se a gente fizer de várias maneiras diferentes, ele vai me engravidar.

Estou lutando para não corar. O livro do Kama Sutra, um dos favoritos de Cecily, está aberto no chão, voltado para baixo.

— É isso o que você quer? — pergunto.

Ela funga. — Inchar igual a um baiacu, feito a Cecily? Dificilmente. Mas o que eu posso fazer? E, de qualquer maneira, não sei como ele não consegue me engravidar. Acho que eu tenho sorte. — Ela dá umas palmadinhas no colchão ao lado dela, me convidando para sentar. — Então, quais as

novidades?

Sem a luz das velas o quarto está muito mais escuro. Mal consigo ver o rosto dela. Será que eu tinha realmente vindo para cá alguns momentos atrás esperando dormir? Isso parece ser uma impossibilidade agora.

— Estou preocupada com Gabriel — digo. Sento-me na beira da cama, onde Linden estava ajustando a calça momentos atrás, e de algum modo não consigo me enfiar debaixo das cobertas.

Jenna se senta e me abraça. — Ele vai ficar bem — ela promete.

Eu olho desanimada para meu colo.

— Ok, já chega, levanta — ela diz, me empurrando para me levantar e se levantando junto. — Eu sei do que você precisa.

Alguns minutos mais tarde estamos embotadas debaixo de um cobertor num sofá na sala de estar, dividindo uma caixa de sorvete de baunilha que ela mandou vir da cozinha, e estamos assistindo a reprise matinal da novela da tarde. Junto com os romances, esse é outro dos prazeres culpados dela. Os atores são todos adolescentes maquiados de modo a parecerem muito mais velhos. Jenna me conta que eles estão constantemente mudando de atores, já que, claro, o programa existe há mais de uma década e os atores originais já morreram. Os únicos atores que permanecem são os da primeira-geração E, enquanto ela está me explicando quem está em coma e quem, se saber, se casou com o gêmeo do mal, nós duas banhadas pelo brilho da televisão, eu começo a relaxar um pouquinho.

— Vocês duas são tão barulhentas. — Cecily está na porta, esfregando os olhos. Sua barriga parece um balão cheio demais. Ela nem se incomoda em tentar abotoar os últimos botões da camisola, e a pele ao redor da barriga está tão esticada que chega a brilhar. — O que é que vocês estão fazendo a esta hora?

— A novella se chama *Este Mundo Enlouquecido* — diz Jenna, dando lugar no sofá. Cecily se mete entre nós e pega a colher que eu enfiei na montanha de sorvete. — Sabe, esse cara aqui, Matt, ele está apaixonado pela enfermeira, então ele quebrou o braço de propósito. Mas ela vai dizer agora para ele que o raio-X está mostrando que ele tem um tumor.

— O que é um tumor? — Cecily lambe a colher e a mergulha de volta na

caixa para pegar mais.

— Era o que costumava provocar câncer — diz Jenna. — Isso se passa no século vinte.

— Eles vão fazer sexo naquela mesa de cirurgia? — Cecily pergunta, incrédula.

— Nojento — eu digo.

— Eu acho gostoso — Jenna solta.

— E perigoso — Cecily faz um gesto alucinado com a colher. — Tem uma bandeja cheia de agulhas, tipo assim, logo ali.

— Ele acabou de receber uma sentença de morte — diz Jenna. — Que momento melhor para abordar o amor da vida dele?

O casal da tela começa, de fato, a fazer sexo em cima da mesa cirúrgica. O sexo é censurado por objetos de cena estrategicamente posicionados e close-ups dos rostos dos atores, mas mesmo assim eu viro o rosto. Enfio uma colher no sorvete e espero que a música romântica pare.

Cecily me pega no flagra e diz: — Você é tão recatada.

— Não sou não — retruco.

— Você nem consumou o ato com Linden — diz ela. — Está esperando o quê, nossas bodas de ouro? — Cecily é a única que acredita que Vaughn vai encontrar seu antídoto miraculoso, e que vamos todas viver até a velhice.

— O que acontece no meu quarto não é da sua conta, Cecily — eu digo.

— É só sexo — diz ela. — Não é nada demais. Linden e eu fazemos praticamente todo dia. As vezes duas vezes.

— Ah, não fazem não — diz Jenna. — Por favor. Ele acha que você vai perder o bebê até se olhar esquisito pra você.

Cecily parece sentida. — Bom, nós vamos, assim que esta gravidez idiota acabar. E se vocês acham que só eu é que vou ter todos os bebês, vocês estão malucas. — Ela balança a colher entre Jenna e eu. — Uma de vocês vai ser a próxima. Você não tem desculpa, Jenna. Eu já vi a frequência com que vocês dois fecham a porta. — Cecily pode não ser a mais observadora de nós, mas ela sempre parece saber o que se passa em nossos quartos — ou, no meu caso, o que não se passa.

Jenna parece pouco à vontade, subitamente, e enfia uma colher de

sorvete na boca. — Nós tentamos. Só não aconteceu ainda.

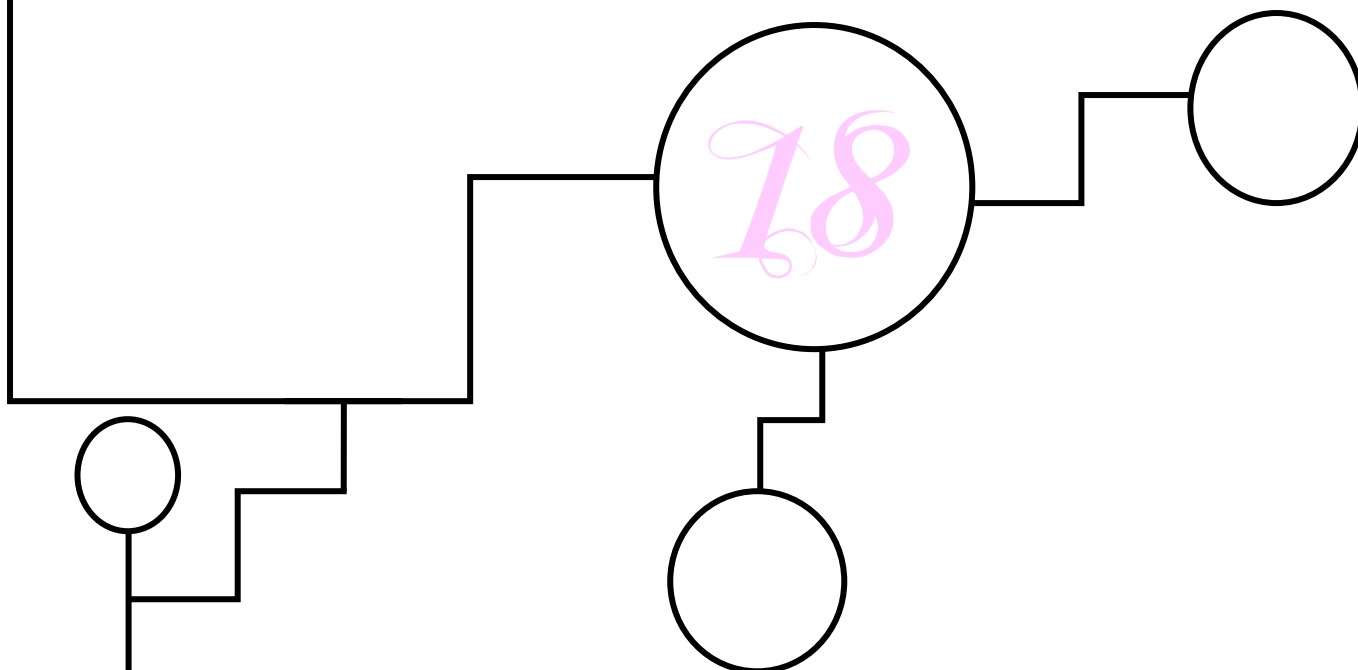
— Tenta com mais vontade, ora.

— Quer parar?

Elas continuam a bater boca, mas eu volto minha atenção para a televisão, onde acontece uma cena muito mais segura de duas pessoas conversando em um jardim. Eu não quero tomar parte dessa conversa. Eu sou mais esposa irmã de Cecily e Jenna do que esposa de Linden. E não consigo pensar nele da maneira como elas estão discutindo. Não consigo pensar em ninguém dessa maneira.

Gabriel penetra mais uma vez na minha mente. Nosso beijo após o furacão, o calor ansioso que preencheu meu corpo, suavizando a minha dor. Se um dia conseguirmos fugir desta mansão, será que nossa ligação irá se transformar em algo mais? Não sei, mas a beleza de fugir com Gabriel é que eu vou ter a liberdade de decidir por mim mesma.

Uma onda de calor sobe entre as minhas coxas. O sorvete na minha boca é duas vezes mais gostoso. E, sem motivo algum, eu suspiro.



Linden diz: — Você e Jenna se dão bem, não?

Ele e eu estamos andando de mãos dadas pelo sonolento país das maravilhas invernal em que o laranjal se tornou. Tudo ao nosso redor é branco ou mais branco, e uma trilha foi escavada para nós através de montes de neve da altura da minha cabeça. Eu não sabia que o inverno podia ser tão radical aqui tão ao sul.

— Ela é minha irmã — eu digo, fazendo que sim, a cabeça mergulhada numa nuvem formada pela minha própria respiração. Linden olha para nossas mãos dadas, a minha nas luvas tricotadas de Deirdre. Ele leva minha mão aos lábios para um beijo, e enquanto avançamos, eu pergunto: — Ela não fala muito com você, fala? — Nos dez meses em que estamos aqui, Jenna tem se apegado a seu ressentimento por seu aprisionamento e o assassinato de suas irmãs. Não posso culpá-la. E se Cecily reparou a tensão entre nossa esposa irmã e nosso marido, provavelmente está aliviada por não ter essa concorrência. Se Jenna quisesse, poderia facilmente se tornar minha rival como primeira esposa de Linden. Ela é bela e graciosa, e tem muita compaixão e lealdade quando você não é responsável pelo assassinato da família dela.

— Normalmente não — ele diz. — Ontem a noite ela me chamou para subir ao quarto dela, e passamos um tempo juntos, como você sabe. — Ele cora um pouco. — E conversamos.

Franzo a testa.

— Conversaram? Sobre o que?

— Você — ele diz. — Ela está preocupada com você. Com o estresse do bebê chegando e tudo.

— Linden — eu digo. — O bebê nem é meu.

— Não — ele concorda — mas Jenna diz que meu pai tem mantido vocês três bem trancadas, e que tem sido especialmente difícil para você tentar cuidar de Cecily do jeito que ela é, sem ser capaz de ter alguns momentos para você mesma.

— De fato fica um. pouco apertado com três esposas em um andar só o dia inteiro — eu concordo, mas estou confusa. O que Jenna estava tentando fazer?

Linden sorri para mim. Ele parece um garotinho, nariz e bochechas bem vermelhos, os cachos escuros saindo embaraçados de sua touca de tricô. Ele é a criança na fotografia de Rose. —Acho que devíamos mudar isso então — ele diz. —Falei com meu pai, e... bem, aqui. — Paramos de caminhar e ele enfia a mão no bolso do seu casaco de lã e retira uma caixinha com um embrulho bem colorido. — Ainda falta uma semana para o solstício, mas acho que você merece isto agora.

Retiro minhas luvas para poder desamarrar o lindo laço, e trabalho rápido porque meus dedos já estão ficando dormentes. Há uma pequena caixa embaixo de todo o papel, e eu levanto a tampa, esperando alguma coisa que não seja prática como diamantes ou ouro, mas é outra coisa. Um cartão de plástico pendurado em um colar de prata. Eu já os vi nos pescoços dos serviçais.

É um cartão-chave para usar os elevadores.

Está acontecendo. Eu estou me tornando a primeira esposa! E estou recebendo a confiança que vem com isso. Não consigo evitar o gritinho que escapa da minha garganta. Cubro minha boca, e a empolgação simplesmente toma conta dos meus olhos. Liberdade Sendo simplesmente dada a mim numa caixinha. — Linden! — exclamo.

— Agora, ele não vai levar você a todos os andares. Ele vai permitir que você acesse o térreo para poder sair, e... — eu me jogo nos braços dele, e ele para de falar, respira fundo nos meus cabelos.

— Obrigada — eu digo, muito embora ele não faça ideia do que isso

significa, e jamais possa vir a ter.

— Gostou? — ele sussurra, um pouco atordoado.

— É claro — eu digo, e recuo. Ele sorri para mim com aquele jeito de menininho que o torna tão diferente do pai. O frio torna seus lábios especialmente vermelhos, e acho que ele é exatamente o tipo de retrato que o pai de Deirdre teria pintado. Tão suave, o adorável. Ele pega meu rosto em suas mãos, e pela segunda vez e nosso casamento de dez meses, nos beijamos. E pela primeira eu não me afasto.

Quando volto ao andar das esposas, desço apressada o corredor chamando o nome de Jenna, o cartão-chave balançando no pescoço. O gosto suave de Linden ainda está na ponta da minha língua, e ele entra em conflito com o cheiro de incenso do corredor, invadindo os meus sentidos, como se eu estivesse voltando para casa depois de uma viagem ao espaço exterior.

Não consigo achar Jenna, e Cecily está dormindo. Posso ouvi-la roncando através da porta fechada do quarto. Ligo para Deirdre, que me diz que Adair também não sabe de Jenna, mas não me preocupo, ela não pode ter ido longe. E é verdade, ela não pode. Então espero na biblioteca, procurando mais informações sobre o Rio Reno ou bagas da tramazeira, mas não há nada, é claro. Em vez disso, leio sobre ciclo de vida dos beija-flores até Linden me chamar para o jantar.

Cecily, pesada e carregando o fardo do seu oitavo mês, se encosta em mim no elevador, reclamando de dor nas costas. O serviçal se oferece para lhe trazer uma bandeja de jantar na cama, mas ela diz: — Não seja idiota. Eu vou jantar com meu marido como todo mundo.

Quando entramos na sala de jantar, vejo que Jenna já está sentada à mesa com Vaughn. Ela parece pálida, e mal levanta a cabeça quando Cecily e eu tomamos nossos lugares ao lado dela, de acordo com a idade. Jenna fez dezenove anos silenciosamente mês passado. Ela me contou. Um ano a menos. E pedi a ela que fugisse comigo quando eu formulasse um plano, mas ela declinou. Mesmo que seu corpo se torne uma das experiências de Vaughn, ela não liga. Ela estará longe daqui a essa altura, muito longe, com a família que perdeu.

Agora eu me sento ao lado dela, me perguntando de quem serão as cinzas

que Linden receberá para espalhar quando Jenna se for. Eu já jurei a mim mesma que não estarei aqui para esse funeral.

Linden se junta a nós, e a refeição é feita praticamente em silêncio. Cecily não está se sentindo bem, e ela deve estar fora de si, porque sequer reclamou por eu ter um cartão-chave no pescoço. Em vez disso ela fica se mexendo desconfortável até mandarem um dos serviçais trazer um travesseiro para as costas dela, e ela nem sequer grita para ele quando ele o ajeita atrás dela.

Fico esperando ver Gabriel a todo instante, mas ele não está entre os serviçais que nos trazem o jantar. Eu ainda trago o June Bean no meu bolso, e guardo o lenço dele na fronha do meu travesseiro, torcendo para que ele esteja bem, torcendo para saber notícias dele logo. Minha preocupação deve ser óbvia, porque Vaughn me pergunta: — Está tudo bem, querida? — e digo que estou apenas um pouco cansada, e Cecily diz que está disposta a apostar que ela está mais cansada ainda, e Jenna não diz nada, o que só me faz ficar ainda mais preocupada.

Mas tento manter uma conversa agradável com Linden, porque isso é o mínimo que posso fazer. E Cecily entra na conversa de vez em quando, e Jenna joga as cenouras cozidas de um lado para o outro com o garfo. Vaughn diz a ela para comer alguma coisa, e a voz dele é tão apavorante apesar de seu sorriso que ela come.

Depois da sobremesa, somos escoltadas de volta para nosso próprio andar. Cecily vai para a cama, e, sem falar, Jenna e eu recuamos para um corredor remoto da biblioteca. — Você tem um cartão-chave — ela diz.

— Graças a você — eu digo, voltando a pensar em hoje cedo quando dei de cara com ela e Linden. — Como foi que você o convenceu?

— Não precisei convencê-lo — ela diz, passando distraída o dedo pelas lombadas de alguns livros. — Ele já parecia querer isso. Acho que ele só precisava de um empurrãozinho. É óbvio que eu não quero ser a primeira esposa dele, e eu vou morrer em um ano de qualquer maneira — ela diz isso de modo tão casual que parte meu coração — e é provável que Cecily sobreviva a nós todas, mas ela jamais conseguiria lidar com essa responsabilidade. E aí sobra você, que foi o que eu disse a ele. Rhine, tem que ser você. Você já deixou ele convencido de que o adora. Você faz um trabalho

tão bom que eu mesma quase me convenci.

O carinho que eu sinto por Linden não é totalmente falso, mas não sei como explicar meus sentimentos por ele quando eu mesma não os entendo, então apenas digo: — Obrigada.

— Mas escute, cuidado — ela diz, inclinando-se para perto de mim daquele jeito planejado dela. — Esta tarde, enquanto você estava fora, convenci um dos serviçais a me dizer onde Gabriel está.

— O quê? — digo. — Onde está ele? Ele está bem? Você falou com ele?

— Eu tentei — ela diz. — Quando o serviçal trouxe o almoço, eu reclamei de novo, e enquanto estávamos no elevador, apertei o botão de pânico, aquele que leva você até o porão.

— O porão? — digo, engolindo um bolo na garganta. — Por que você iria até lá?

— É para lá que Gabriel foi transferido indefinidamente — ela diz, e imediatamente seus olhos se enchem de pena. — Desculpe. Eu tentei encontrar ele. Mas assim que entrei no corredor, dei um encontrão direto no Senhorio Vaughn.

Senti como se tivesse levado um chute no peito. Tenho que me curvar para recuperar o fôlego, e acabo caindo sentada no chão. — Ele está preso lá por minha causa — eu digo.

— Não é verdade — Jenna se ajoelha ao meu lado. — E há muitos quartos lá embaixo. Há o abrigo de tempestades, uma enfermaria de emergência, e armários de suprimentos cheios de trajes de risco biológico, suprimentos médicos, tecidos para as domésticas. Talvez não signifique nada de ruim. O Senhorio está sempre reorganizando a equipe aqui.

— Não — eu digo. — Eu sei que isso é culpa minha. — Fui descuidada demais. A porta estava escancarada quando ele me beijou. Escancarada! Como eu podia ter sido tão idiota? Aquele barulho que ouvimos provavelmente era Vaughn, que depois se esgueirou para longe como a serpente que é antes que pudesse ser visto.

Jenna pega minha mão depois que dei um soco no chão. — Escute — ela diz. — Eu disse ao Senhorio que eu estava perdida, mas acho que ele não acreditou em mim. Provavelmente não vou mais ter permissão de sair.

— Desculpe, Jenna...

— Mas vou tentar distraí-lo pra você. Eu vou... eu não sei. Vou dar um escândalo, ou então a Cecily vai dar, e isso vai criar uma cena. E será sua chance de descer lá e encontrá-lo. Ok? — Ela afasta os cabelos da minha testa. — Você vai encontrá-lo, e vai ver que ele está bem.

— Você faria isso? — pergunto.

Ela sorri, e pela primeira vez ela se parece incrivelmente com Rose sorrindo em seu leito de morte. — Claro — ela diz. — O que eu tenho a perder?

Ficamos sentadas ao lado uma da outra em silêncio por um tempo, enquanto a pergunta dela ecoa na minha cabeça. O que ela tem a perder? E onde ela estava toda a tarde depois de esbarrar em Vaughn no corredor? Naquele dia, na cama elástica, ela deu a entender que estava com medo, mas eu não tive coragem suficiente para perguntar a ela o que ela queria dizer com aquilo.

— Jenna — digo — o que foi que ele fez com você?

— Quem?

— Você sabe quem. O Senhorio Vaughn.

— Nada — ela responde, um pouco rápido demais. — Foi apenas o que eu disse. Ele me pegou no porão, e me mandou de volta para cima.

— Você sumiu a tarde inteira - eu digo. Ela está olhando para o chão, e levanto o queixo dela com meu dedo. — Jenna. — Ela olha nos meus olhos por um segundo. Um horrível segundo, e eu posso ver a dor nos olhos dela. Posso ver que alguma coisa se quebrou. E então ela recua e se levanta.

— E como você sabe o que há no porão? — eu digo, acompanhando-a até a porta. — Você só esteve no abrigo de tempestades. Como sabe a respeito dos trajes de risco biológico e da enfermaria de emergência?

Jenna e eu temos um acordo implícito para manter Cecily fora das coisas. Mantemos um olho protetor sobre ela, mas por causa de sua proximidade para com Linden e Vaughn, não contamos nada a ela. Nunca me ocorreu que Jenna guardasse algum segredo de mim também. Mas agora acho que ela tem guardado segredos há algum tempo. Ela para de andar na direção da porta, olha para os pés, morde o lábio inferior. Ouço a voz do meu irmão na minha

cabeça. *O seu problema é que você é muito emotiva.*

Mas como é que eu posso não ser emotiva, Rowan? Como posso não me importar?

— Por favor — eu digo.

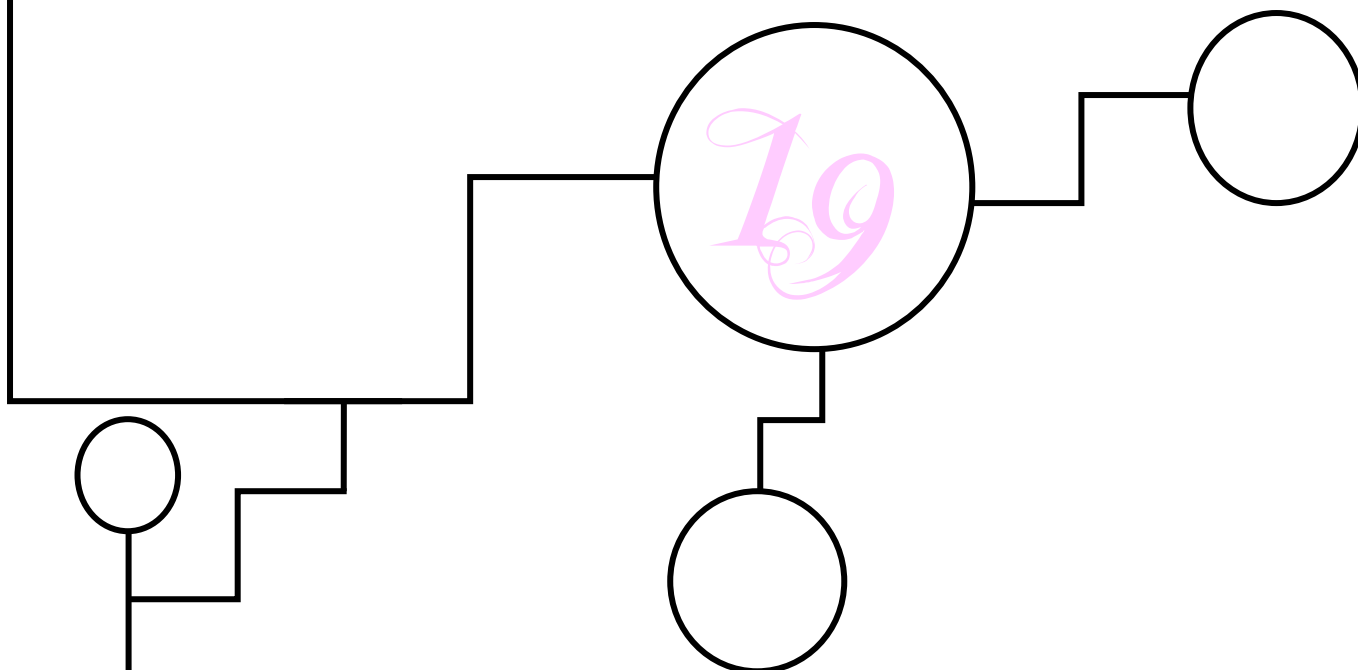
— Não importa — ela diz baixinho.

— Me diga o que ele fez — eu grito, esquecendo a voz baixa com que estava falando. — O que foi que ele fez com você?

— Nada! — ela grita também. — É o que ele vai fazer com você. Ele sabe que você tentou fugir uma vez, e ele espera que eu convença você a ficar, mas estou tentando ajudar você, então cale a boca e me deixe fazer isso!

Fico tão atordoada que não a acompanho quando ela sai enfurecida da biblioteca e bate a porta.

O holograma na lareira pisca.



F

ico preocupada pelo resto da noite. Deirdre massagear meus ombros, mas ela parece arrasada ao perceber que seus esforços não estão me consolando em nada. — Não há nada que eu possa fazer? — ela pergunta.

Eu penso por um momento, e depois digo: - Será que você pode mandar alguém subir para fazer minhas unhas? E talvez depilar as sobrancelhas também? Quem sabe eu me sinta melhor se puder fazer algo a respeito da minha aparência.

Deirdre me garante que eu sou linda, mas me obedece com prazer, e alguns minutos depois estou imersa num banho morno enquanto as primeira-gerações faladeiras massageiam meus cabelos com condicionador e arrancam pelos e uma camada de pele da minha linha de sobrancelha. São as mesmas mulheres que me prepararam no dia do meu casamento, e é um alívio que elas estejam tão absortas em suas próprias fofocas que não notem meu estresse. Isso torna o que estou para fazer muito mais fácil.

— No dia em que nos conhecemos, vocês me perguntaram se meus olhos eram naturais — eu digo. — Pode-se tingir as pupilas? — parece uma coisa dolorosa e absurda, mas já vi coisas mais estranhas neste tempo aqui.

As mulheres riem. — É claro que não! — uma delas diz. — Só , cabelos podem ser tingidos. Você muda a cor dos olhos com lentes de contato.

— Pedacinhos de plástico que você coloca bem em cima do olho — diz a outra.

Eu acho que isso parece tão absurdo quanto tingir, mas pergunto: — E

dói?

— Ah, não!

— Nem um pouco!

— Nós temos alguma lente de contato? — pergunto. — Eu realmente adoraria ver como ficaria com olhos verdes. Ou quem sabe um belo castanho escuro.

As serviçais ficam mais do que felizes em atender a essa solicitação. Uma delas some e retorna com caixinhas redondas que abrigam lentes de contato. Elas parecem perturbadoras, como íris arrancadas de globos oculares, e meu jantar ameaça reaparecer. Mas eu aguento firme, porque se eu sobrevivi àquela van cheia de garotas, também vou conseguir sobreviver a isso.

São necessárias diversas tentativas para colocar as lentes nos meus olhos. Eu fico piscando sem parar, ou meus olhos lacrimejam e isso as expulsa. Uma das serviçais até desiste e diz: — Seus olhos são tão bonitos, querida, que tenho certeza que seu marido não ia querer que você mudasse eles. — Mas a outra está mais determinada, e juntas vamos trabalhando, até que finalmente encaro meus novos olhos verdes no espelho.

Tenho que dizer que é algo impressionante.

As serviçais comemoram o próprio sucesso. Antes de irem embora, elas deixam comigo um vidrinho de solução e algumas lentes azuis e castanhas para praticar. Elas me avisam para não dormir com elas nos olhos porque vão ficar coladas na íris e terei dificuldade para retirá-las depois.

Assim que elas saem, começo a praticar a colocação e a retirada das lentes verdes. Penso no que Rose disse naquela tarde quando me pegou tentando fugir pelo elevador. Ela disse que, pelos meus olhos, Vaughn provavelmente pagou muito mais. E no começo desta tarde Jenna disse que estava preocupada com o que ele havia feito comigo. Não com ela, não com Cecily. Comigo. Será que as duas coisas estão ligadas? E, se estiverem, o que isso significa — que ele irá arrancar meus olhos da cabeça e fazer alguma experiência com heterocromia? Heterocromia para o antídoto? Já estou até vendo a festa que ele vai fazer; Linden poderia desenhar o layout.

Deixo que as lentes descansem imersas na solução, e adormeço profundamente, sem sonhar.

Pela manhã, Jenna e eu conspiramos ao café. Ficamos sentadas na minha cama, falando baixo, e finalmente achamos que temos um plano para distrair Vaughn e fazer com que eu chegue ao porão, quando ouvimos Cecily gritar. Corremos até o quarto dela e a encontramos ajoelhada no chão numa poça de sangue agitado, com o rosto pressionado contra o colchão. Suas costas se convulsionam em suspiros e soluços.

Meu coração vai até a garganta, e Jenna e eu lutamos para ajudá-la a se levantar. Só colocá-la na cama já é difícil, porque o corpo dela está tão travado, tão bizarramente pesado, e ela tão histérica de dor.

— Está acontecendo — ela grita. — Está acontecendo e é cedo demais. Não consegui evitar.

Acabamos conseguindo deitá-la na cama. Ela está ofegante e branca. Dos lençóis entre suas pernas começam a brotar vermelhos de sangue.

— Vou chamar o Governador Linden — diz Jenna, e eu faço menção de ir atrás, mas Cecily agarra meu braço, e crava as unhas na minha pele, dizendo: — Fica! Não me deixa.

O estado dela se agrava rapidamente. Murmuro coisas para acalmá-la, mas ela não parece ouvir. Os olhos dela reviram loucamente para trás de seu crânio, e gemidos horríveis saem de sua boca.

— Cecily. — Sacudo seus ombros para trazê-la de volta para mim.

Não sei o que mais posso fazer; era ela quem lia aqueles livros todos sobre parto. A especialista é ela, e eu agora sou inútil. Inútil e apavorada.

Ela tem razão. É cedo demais. Ela devia ter mais um mês, e não deveria haver tanto sangue assim. As pernas dela se contorcem de dor, e o sangue se espalha para todo lado. A camisola. As meias brancas rendadas.

— Cecily. — Eu seguro o rosto dela. Seus olhos me encaram sem compreender nada. Suas pupilas estão arregaladas, de um tamanho irreal. — Cecily, você tem que ficar acordada.

Ela estende a mãozinha fria, toca meu rosto com ela e diz: — Você não pode me deixar.

Há algo de estranho na maneira como ela diz isso, um significado mais profundo provocado pelo delírio ou alguma coisa mais urgente. Há um medo nos olhos castanhos dela que eu nunca vi.

Vaughn entra correndo no quarto com uma equipe de serviços e um Linden sem fôlego a tiracolo, e eles assumem o comando da situação. Eu me afasto do caminho para que Linden possa assumir seu lugar de direito ao lado dela, segurando sua mão. Os serviços trouxeram carrinhos com equipamento médico, e Vaughn a ajuda a se sentar. — Boa menina — ele fala com carinho, e enfia uma agulha enorme na espinha dela. Fico zozza só de ver, mas por algum motivo uma calma assustadora inunda o rosto de Cecily enquanto o fluido é injetado. Eu recuo e recuo até chegar à porta.

— Agora é sua chance — sussurra Jenna. Ela tem razão. Nesse frenesi eu provavelmente poderia colocar fogo na casa e ninguém notaria. E o momento perfeito para ir até o porão e encontrar Gabriel.

Mas Cecily está tão pequena em um mar de sangue, tubos e luvas de borracha. Ela está gemendo e respirando com dificuldade, e de repente tenho medo que ela morra.

— Não posso — eu digo.

— Eu tomo conta dela — diz Jenna. — Eu vou garantir que nada aconteça.

Eu sei que ela faria isso. Confio nela. Mas ela não sabe a história do bebê de Rose, de como Rose deu à luz sem ninguém exceto Vaughn para tomar conta dela, e a coisa horrível que ele fez quando ela estava sedada demais para impedi-lo. Ele fez alguma coisa semelhante comigo, depois do furacão. Ele é mais perigoso quando as esposas de Linden são incapazes de revidar. E eu não vou deixar este quarto enquanto suas mãos enluvadas estiverem levantando a camisola de Cecily.

Outra coisa me mantém paralisada naquele ponto também. Cecily se tornou uma irmã para mim, e sinto que é meu dever protegê-la assim como, meu irmão e eu protegemos um ao outro.

A coisa toda parece demorar horas para mim. Em alguns momentos Cecily está gritando e batendo as pernas, e em outros tira rápidos cochilos, ou mastiga lascas de gelo que Elle lhe serve de um copinho de papel. Uma vez ela pediu para me contar uma história sobre os gêmeos. Eu preferia não compartilhar minhas histórias de vida com um quarto cheio de serviços além de Linden e Vaughn, então eu lhe conto uma das histórias de minha mãe em

vez disso, invento para compensar os detalhes que não sei. Conto a ela sobre um bairro onde todo mundo empinava pipas. Eles também tinham asas- -delta, que eram pipas gigantes nas quais as pessoas podiam cavalgar. Os cavaleiros iam para um lugar alto, como uma ponte ou o topo de um edifício muito alto. Então eles saltavam, e o vento apanhava a asa-delta. Eles voavam. Cecily suspira sonhadora e diz: — Parece mágica.

— E era — eu digo. E agora, além de tudo o mais, fico com saudades da minha mãe. Ela saberia o que fazer; tanto bebês nasciam no turno dela. Jovens mães ainda grávidas doavam seus filhos para laboratórios de pesquisa; em troca, elas recebiam tratamento pré-natal, alguns confortáveis meses longe das ruas. E minha mãe sempre tão cuidadosa com os recém-nascidos. Tudo o que ela queria era encontrar um antídoto para que as novas gerações fossem capazes de viver vidas completas e normais. Quando eu era pequena, acreditava que ela e meu pai conseguiriam, mas quando eles foram mortos naquela explosão, Rowan disse que não havia porquê. Ele disse que não havia como salvar este mundo miserável afinal de contas, e eu acreditei nele.

E agora estou para testemunhar o nascimento de uma nova geração em primeira mão, e não sei no que acreditar. Só sei que quero que o bebê esteja vivo.

O corpo de Cecily é tomado por outra contração, e suas costas saltam para fora do colchão num arco. Eu estou segurando uma das mãos dela e Linden a outra, e por um estranho momento sinto quase como se ela fosse nossa filha. Ao longo da minha história das pipas, notei que ele olhava para mim com gratidão. Agora ela faz um som horrível, um gemido agudo que vai subindo de intensidade até se tornar um grito. Seu lábio treme. Linden tenta acalmá-la, mas ela afasta bruscamente o rosto dos beijos dele, gorgoleja e grita em resposta às nossas vozes carinhosas. Sinto lágrimas transbordando nos meus próprios olhos quando vejo as lágrimas correrem pelo rosto dela, e finalmente grito irritada com Vaughn: — Você não pode dar mais alguma coisa para a dor dela? — Afinal, ele é um gênio, especialista na forma humana, aspirante a inventor do antídoto que salvará o mundo.

Ele me encara com neutralidade. — Não é necessário.

Os serviçais estão colocando as pernas de Cecily em um par de estranhas

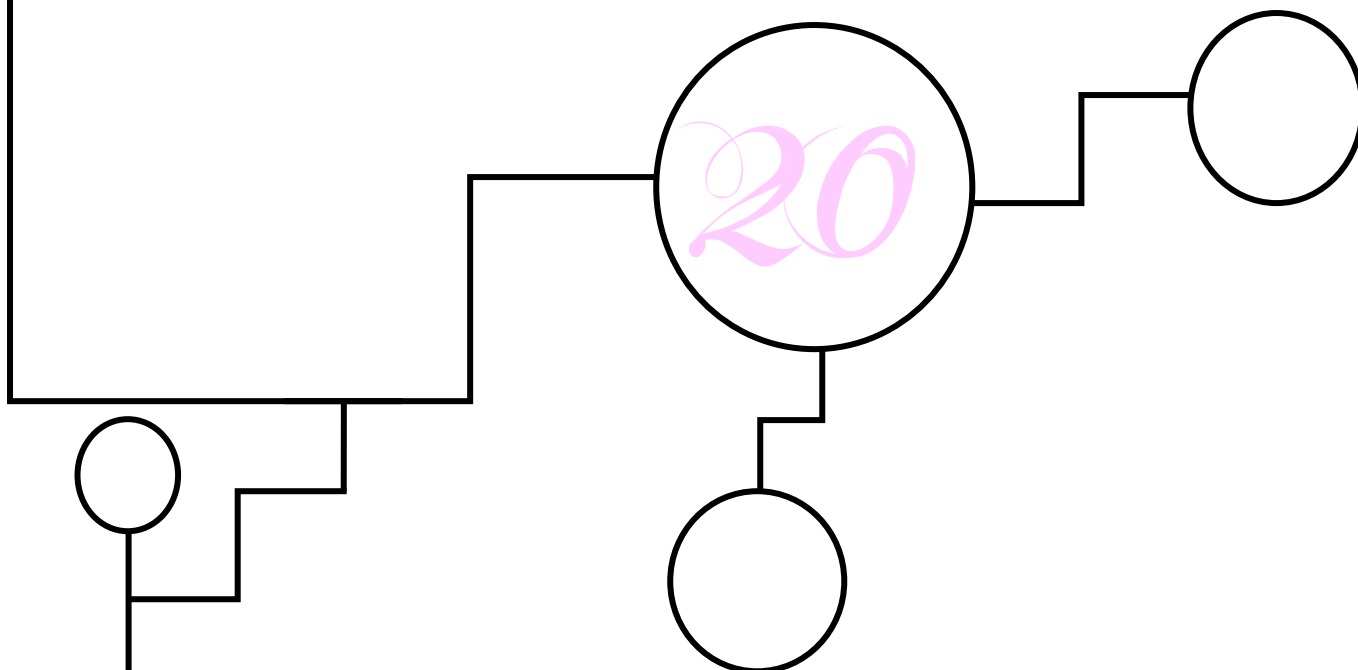
plataformas que parecem pedais de bicicleta. Acho que eles os chamam de estribos. Vaughn se inclina para perto, beija a testa suada de Cecily e diz: — Está quase no fim, querida. Você está indo maravilhosamente bem. — Ela sorri cansada.

Jenna se senta no divã que há no canto, pálida. Há pouco ela estava pegando os cabelos suados de Cecily e fazendo uma trança, mas não falou muito desde então. Quero ir até ali e me sentar com ela, reconfortá-la e ser reconfortada por ela, mas Cecily não me larga; sua mão me agarra como se ela fosse morrer. E em pouco tempo — cedo demais — Vaughn manda que ela faça força.

Para lhe dar o devido crédito, ela parou de reclamar da dor. Conseguiu se sentar ereta, encostou-se na cabeceira, e seu rosto se enche de uma nova determinação. Ela está pronta. Ela vai assumir o controle.

Quando ela faz força, as veias de seu pescoço saltam. A pele ganhou um tom vermelhinho queimado de sol. Ela trinca os dentes e esmaga a mão de Linden e a minha. Um gemido longo e dolorido fica preso em sua garganta, e escapa como um suspiro molhado. Isso acontece uma, duas, três vezes, com alguns segundos de intervalo que permitem que ela respire. Ela está ficando frustrada, e Vaughn lhe diz que a próxima vez será a última.

E ele está certo. Ela faz força, e ouvimos um horrível som ensanguentado quando o bebê sai de dentro dela. Mas pior do que isso é o silêncio que vem em seguida.



Nós esperamos, e esperamos. Eu quero desviar o olhar, e acho que Linden também, enquanto este bebê branco, coberto de sangue e silencioso, é colocado nos braços por um dos serviçais, mas estamos paralisados. Todos nós estamos paralisados. Jenna no divã. Cecily agarrando nossas mãos. Os serviçais estão iguais a bois e vacas dormindo no pasto.

Mal tive tempo de formular o pensamento de que Vaughn vai deixar este bebê morrer como sua última neta, antes que ele entre em ação. Ele pega seu novo neto e enfia na boca dele uma seringa de plástico, parecida com aquelas usadas para injetar molho em perus, e num segundo o quarto se enche com um gritinho agudo, e os braços e pernas do bebê começam a se debater. Cecily murcha.

— Parabéns — diz Vaughn, segurando a criança que se contorce em suas mãos enluvadas. — Você tem um filho.

Imediatamente o quarto se enche de agitação e barulho. O bebê, ainda chorando, é levado para ser limpo e examinado. Linden segura o rosto de Cecily perto do seu, e começam a conversar um com o outro em vozes apressadas e abafadas e se beijando entre as palavras.

Eu caio ao lado de Jenna no divã, e colocamos um braço sobre o ombro da outra. Eu sussurro: — Ainda bem que acabou.

— Talvez não — diz Jenna.

Observamos enquanto os serviçais cuidam de Cecily, que expeliu a

placenta, que ainda sangra, que ainda está pálida demais para receber qualquer consolo. Ela é transferida para uma maca, e eu vou imediatamente para seu lado. Desta vez sou eu quem fico agarrando sua mão, e digo: — Eu vou com ela.

— Vai? — Vaughn ri. — Não, ela não vai a parte alguma. Nós só precisamos limpar esta sujeira.

E serviçais já estão arrancando os lençóis da cama. Vaughn supervisiona isso e diz: — Não, só isso não adianta. O colchão inteiro está arruinado.

— Cadê meu bebê? — murmura Cecily. Seus olhos estão vidrados e distantes. Lágrimas e suor correm pelo seu rosto. Seu peito ofega com a respiração difícil.

— Nós vamos vê-lo daqui a pouco, meu amor — diz Linden, e a beija. Neste momento ela não parece nem um pouco com uma criança. Se eu não conhecesse nenhum dos dois, eu quase acreditaria que eles eram um pai e mãe normais em um hospital normal sob circunstâncias normais.

Mas, claro, não existe mais nada que possa ser chamado de normal. Qualquer chance de normalidade foi destruída há muito tempo, como um laboratório de pesquisas com meus pais dentro.

Cecily parece tão fraca e exaurida, seu rosto sem nenhuma cor, e outras preocupações começam a vir à minha cabeça. E se ela perder sangue demais? E se ela tiver uma infecção? E se dar à luz foi traumático demais para sua estrutura pequena e acontecerem complicações? Gostaria que Vaughn a levasse para um hospital, mesmo que fosse o hospital que ele possui na cidade. Algum lugar bem iluminado, e cheio de outros médicos.

Não digo nada disso em voz alta. Sei que isso seria inútil. Vaughn nunca nos deixa sair, e sugerir isso poderia até assustar Cecily. Afasto os cabelos de seu rosto suado, e em vez disso falo: — Você deveria descansar agora; você realmente fez por merecer.

— Você fez por merecer, meu amor — repete Linden, beijando sua mão e apertando-a de encontro ao seu rosto. Seus lábios quase formam um sorriso enquanto ela aos poucos vai adormecendo.

Naquela noite Cecily dorme profundamente e sem roncar. Pensando no meu encontro com Vaughn após o furacão, quando eu estava cansada demais

para me defender, periodicamente vou conferir como ela está. Ela quase não se mexe, e fico aliviada ao ver que Linden está fielmente ao seu lado.

Jenna vai para a cama mesmo antes de servirem o jantar. Mas Vaughn está constantemente aparecendo no nosso andar com desculpas para ver como está a mãe de seu novo neto. E está muito claro que eu não vou conseguir ir até o porão por algum tempo. E arriscado demais, e acabei de ganhar este cartão-chave. Eu não quero que ele seja confiscado. Tento me consolar com pensamentos de que Gabriel está bem. Afinal, ele foi capaz de me conseguir aquele June Bean. Talvez Vaughn não saiba nada a respeito daquele beijo. Talvez Gabriel só tenha sido transferido para limpar equipamento médico ou para lavar o chão. Mas pensar nele sozinho naquele porão sem janelas ainda faz meu estômago dar saltos mortais. E, ainda por cima, não vi o bebê desde que ele foi levado. E toda vez que ouço a voz insípida de Vaughn do lado de fora do meu quarto, acho que ele vai dizer que o bebê não sobreviveu.

Gabriel, por favor, cuide do bebê se você o vir aí embaixo, ok?

Em algum momento após a meia-noite, enquanto estou observando a neve e tomando uma xícara de chá Earl Grey, Linden entra no meu quarto. Seus olhos e bochechas estão todos iluminados, e ele está sorrindo de orelha a orelha. — Acabei de vê-lo — ele diz. — Meu Filho. Ele é lindo. Ele é forte e saudável.

— Estou tão feliz por você, Linden — eu digo. E estou falando sério.

— Como você está? — ele pergunta, puxando a otomana para perto de mim e se sentando. — Você comeu? Precisa de alguma coisa... Qualquer coisa?

Ele está no sétimo céu neste momento, e confesso que isso me faz sentir um pouco melhor. Como se tudo fosse realmente ficar bem.

Sorrio e balanço a cabeça, olhando pela janela — Lua cheia — digo.

— Deve ser um sinal de boa sorte. — Ele estende a mão e toca um cacho do meu cabelo. Então ele se senta no alpendre ao meu lado, e eu trago meus joelhos de encontro ao peito para dar lugar a ele. Ele sorri para mim, e sinto que ele está avançando. Ele gentilmente tira minhas pernas do meio de nós dois, e meus pés pousam no chão; ele levanta meu queixo e me beija.

Eu deixo, porque eu sou a primeira esposa — o cartão-chave torna isso o

mais oficial possível — e porque eu prometi a ele que seria uma esposa melhor, e ele suspeitaria se eu o afastasse. E porque, para falar a verdade, não é a pior coisa do mundo beijar Linden Ashby.

O beijo dura um tempo, e então sinto seus dedos começarem a desabotoar minha camisola; recuo.

— O que foi? — ele pergunta, a voz tão pesada quanto seus olhos.

— Linden — eu digo, corando, abotoando o único botão que ele havia conseguido abrir. Não consigo pensar numa explicação adequada, então olho para a lua.

— É porque a porta está aberta? — ele pergunta. — Eu fecho.

— Não — respondo. — Não é a porta.

— Então o que é? — ele volta a inclinar meu queixo, e olho para ele com hesitação. — Eu te amo — ele diz. — Quero ter um bebê com você.

— Agora? — pergunto.

— Um dia. Em breve. Vamos ter tão pouco tempo juntos — ele diz.

Menos do que você pensa, Linden. Mas eu só digo: — Há muitas outras coisas que eu quero fazer com você. Quero ir a lugares. Quero ver suas casas serem construídas. Eu quero... quero ir a uma festa de solstício de inverno. Deve haver alguma acontecendo em breve.

O romance está desaparecendo de seu rosto, substituído por confusão ou decepção - não sei dizer qual das duas. — Bom, provavelmente vai ter alguma acontecendo mesmo. O solstício é na semana que vem...

— Não podemos ir? — pergunto. — Deirdre tem tantos tecidos bonitos, e quase nunca tem chance de me fazer um vestido novo.

— Se é isso o que vai fazer você feliz.

— É isso — eu digo, e o beijo. — Você vai ver. Sair da casa vai fazer bem para nós dois.

Mas ele parece triste, então cedo, sento-me perto dele e deixo que ele ponha o braço ao meu redor. Ele me ama, é o que ele diz, mas como pode me amar quando sabemos tão pouco um sobre o outro? Confesso que é fácil sucumbir à ilusão. Confesso que me sentar aqui, em frente a essa lua tão bela, envolta pelo calor dele, até parece amor. Um pouquinho. Talvez.

— Você está apenas excitado demais — garanto a ele. — Você tem um

filho novo lindo, e ele será o bastante para fazer você feliz. Você vai ver.

Ele beija meus cabelos. — Talvez você tenha razão — ele diz.

Mas muito embora ele esteja tentando concordar comigo, eu sei que estou errada. Eu sei que é apenas questão de tempo antes que eu seja incapaz de resistir aos seus avanços incansáveis sem que ele suspeite de mim. Seja qual for o meu plano de fuga, ela terá que acontecer logo.



Na ausência de Gabriel, o serviçal nervoso da primeira-geração traz todas as nossas refeições. Jenna e eu almoçamos ao mesmo tempo na biblioteca, mas ela é praticamente invisível se comparada à atenção que eu recebo.

— Espero que goste do seu almoço — o serviçal me diz, tirando a tampa da bandeja. — Salada César picadinha com frango grelhado. Se não gostar, a cozinheira-chefe fará qualquer coisa que a senhora desejar.

— Parece uma delícia — eu asseguro a ele. — Eu não sou de muito luxo.

— Eu não quis dar a entender isso, Lady Rhine. Nem um pouco. Tenha um bom almoço.

Jenna sorri para seu prato. Depois que o serviçal foi embora, pergunto: — Você viu isso? E é só uma pequena parte. Hoje cedo uma serviçal apareceu e me perguntou se eu não queria que ela escovasse meus cabelos. Tem algo de estranho acontecendo.

— Não é estranho. — Jenna mordisca uma garfada de alface. — Para uma primeira esposa.

— Eles podem dizer isso só pelo cartão-chave? — pergunto.

— Isso — ela diz — e outras coisas. — Ela levanta o copo e o bate de encontro ao meu. — Parabéns, esposa irmã.

Respondo sem muita empolgação um "obrigada".

Enquanto todos os serviçais estão ocupados atendendo todas as minhas necessidades, eu fico me preocupando com o que este cartão-chave significa. No começo pensei que significaria mais liberdade, mas agora me pergunto se Vaughn planejou um estratagema mais diabólico que esse, porque com toda

essa atenção extra está se tornando difícil eu encontrar um minuto para mim mesma. Tenho a permissão de sair sempre que quiser, mas sou frequentemente interrompida por serviçais me trazendo canecas de chocolate quente ou chá. Eles aparecem no meu quarto duas, três, quatro vezes por noite perguntando se preciso de travesseiros extras, se minha janela tem alguma corrente de ar.

Não consigo deixar de pensar que Vaughn me deixou ter o cartão-chave para que sua equipe pudesse me sufocar de gentilezas. Talvez ele tenha até mesmo escondido Gabriel só para brincar comigo.

E eu posso ir a muitos lugares, mas nenhum deles leva a Gabriel. Eu sei que deveria ter procurado por ele quando aconteceu a distração do trabalho de parto de Cecily. Jenna já me disse isso. Mas não consegui deixá-la.

Ainda estou preocupada com ela. Ela e seu filho sobreviveram ao parto, mas ela tem estado muito fraca desde então. Seu quarto é mantido escuro e aquecido, tem cheiro de medicamentos e, levemente, do porão de Vaughn. Durante o sono ela murmura sobre música, pipas e furacões. Ela perdeu sangue demais. É o diagnóstico de Vaughn, e eu concordo, mas continuo incomodada mesmo depois que ela recebeu a transfusão. Deito-me ao lado dela enquanto ela se recupera, enquanto a cor retorna lentamente às suas bochechas, e me pergunto de quem é o sangue que corre pelas veias dela. Talvez o de Rose. Ou de algum serviçal, contra a sua vontade. Fico imaginando se Vaughn, que acredito ser capaz de tamanha escuridão e destruição, realmente usa suas habilidades para curar. Mas, com o passar dos dias, Cecily começa a melhorar.

Quando o bebê chora, Linden o leva até a cama de Cecily. So- nolenta, ela desabotoa a camisola e leva o filho ao seio. Do corredor olho para dentro de seu quarto e vejo Linden ajudando-a a permanecer acordada. Ele fala suavemente com ela, afastando os cabelos ruivos revoltos de seu rosto, e as palavras dele a fazem sorrir. Eles são perfeitos um para o outro, eu penso, tão deslumbrados e protegidos, tão contentes com a vidinha que construíram um com o outro. Talvez eu deva parar de contar minhas histórias com os gêmeos; talvez seja melhor para ambos esquecer que existem coisas melhores além desta mansão. Coisas que não dissolvem, coisas mais tangíveis do que os

tubarões e golfinhos na piscina, ou as casas giratórias das feiras que Linden frequenta. E é melhor que o filho deles nunca saiba que existe um mundo lá fora, porque ele nunca chegará a vê-lo.

Cecily se vira e me vê em pé à porta. Ela acena para que eu entre, mas recuo e desapareço no corredor, fingindo que estão precisando de mim em outro lugar. Não quero me intrometer no casamento deles. Dividir um marido com duas outras esposas não é complicado; estar casado com Linden significa uma coisa diferente para cada uma de nós. Para Jenna, a mansão de Linden não é nada a não ser um lugar luxuoso para morrer. Para Cecily, seu casamento é uma espécie de parceria feita de "Eu te amos" e filhos. Para mim, é uma mentira. E enquanto eu puder separar os três casamentos e me ater ao meu plano, será mais fácil partir. Mais fácil dizer a mim mesma que elas vão ficar bem depois que eu me for.

Fico feliz quando Cecily melhora o suficiente para sair da cama. Eu a sigo até a sala de estar e vejo enquanto ela coloca um slide no teclado e começa a tocar. Sua música aciona o holograma, como uma tela de televisão flutuante. Um campo verde salpicado de papoulas, e um céu azul quadriculado com nuvens brancas em movimento. Tenho certeza de que esta é uma réplica de um quadro que vi num dos livros da biblioteca, alguma coisa impressionística enquanto o artista inicia o lento mergulho na loucura. O bebê está deitado no chão, olhando para cima, as luzes da ilusão tremeluzindo sobre seu rosto. Os ventos fustigam a grama, as papoulas e os arbustos distantes para um lado e para o outro, até que todas as cores se misturam, com um tom acinzentado por cima de tudo. Um delírio. Manchas de tinta fresca.

Cecily se perdeu. Seus olhos estão fechados. A música escorre de seus dedos. Eu me concentro em seu rosto jovem, sua boca pequena ligeiramente aberta, seus cílios finos. As cores de sua canção não a alcançam onde ela está sentada em frente às teclas, e não acho que a ilusão faça diferença para ela. Ela é a coisa mais real nesta sala.

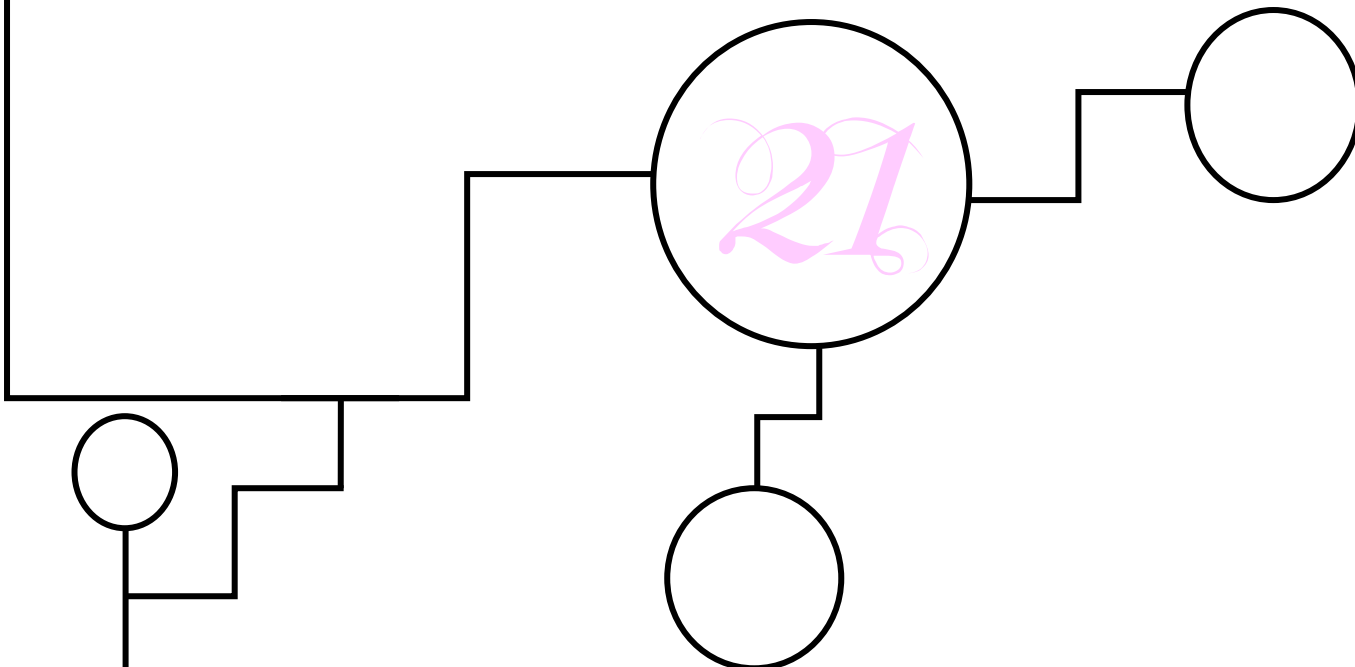
Seu filho faz caras inseguras e se remexe todo onde está, sem saber o que fazer com todo aquele esplendor. A medida que crescer, ele verá muitas ilusões. Ele verá quadros ganharem vida com música sendo tocada para ele, e verá as casas de seu pai girarem, e irá mergulhar em cardumes de peixinhos

tropicais e tubarões brancos na piscina. Mas não acho que ele verá algum dia o mar batendo em seus pés, nem lançará uma linha de pesca, nem terá uma casa só sua.

A música se desvanece; os ventos se acalmam; a ilusão se dobra sobre si mesma e morre.

Cecily diz: — Eu queria que a gente tivesse um piano real. Até aquele orfanato nojento tinha um piano real.

Jenna, em pé à porta com a boca e a mão cheias de pistaches com casca, diz: — Nesta casa, "Real" é um palavrão.



Na manhã do solstício de inverno, Jenna consegue roubar o isqueiro de um serviçal depois de acender o incenso no corredor. Ela finge flertar com ele, e quando deixa cair no chão sua pilha de romances ousados que carrega, ele fica ansioso para apanhá-los, e ela consegue apanhar o isqueiro direto da mão dele. Ele está tão enamorado do sorriso dela que nem percebe que o isqueiro sumiu.

—Tchau, tchau — ela sorri quando ele vai embora, e ele quase prende a gravata nas portas do elevador quando elas se fecham. No segundo em que ele desaparece, a sedução deixa seus olhos cinzentos e ela se torna apenas uma garota novamente. A minha porta eu aplaudo, e ela faz uma medida com a saia.

Ela está suando um pouquinho, como se o esforço a tivesse exaurido. Mas segura o isqueiro como se fosse um troféu.

— O que você vai fazer com isso? — pergunto.

— Me dê uma das suas velas. Vou tocar fogo na sala de estar — ela diz com tranquilidade.

— Como é?

— Quando o Governador Linden, o Senhorio da Casa e os serviços ouvirem o alarme, virão correndo para saber o porquê do barulho. E é aí que você vai para o porão.

Não é o plano mais louco que se poderia imaginar, conforme Jenna ressalta, lembrando meu breve encontro com a morte no campo de minigolfe.

Mas faço com que ela espere até eu colocar as lentes de contato verdes nos olhos. — Talvez então eu não seja reconhecida — digo. Até mesmo os serviçais que nunca me viram já ouviram falar de mim. Rhine. A boazinha que nunca reclama, a dos olhos diferentes.

Jenna fica impressionada com a minha astúcia. — Procure um traje de risco biológico — ela diz. — Aí ninguém vai te reconhecer mesmo. Eles devem estar em um dos laboratórios. — Não digo a ela que só a ideia de pensar em me aventurar em um daqueles quartos escuros me aterroriza. Simplesmente concordo com a cabeça e dou a ela uma das velas de lavanda que deveriam me ajudar a adormecer à noite. — Você fique aqui — ela diz. — E quando o alarme disparar tente ficar invisível. — Ela sorri para mim, e então desaparece, quase dando pulinhos de alegria. Acho que ela queria incendiar este lugar há muito tempo.

Alguns segundos depois o alarme de incêndio está soando. As luzes do teto estão piscando. No quarto em frente, o bebê começa a berrar, e Cecily sai para o corredor tampando os ouvidos com as mãos. O elevador se abre, e serviçais saem correndo de dentro dele, mas Linden e Vaughn não aparecem até que o carro retorna pela segunda vez, e a esta altura já é possível ver a fumaça saindo da sala de estar. Não há escadas dando para o andar das esposas, e sempre me perguntei o que aconteceria caso acontecesse um incêndio, mas, conhecendo Vaughn, ele deixaria as esposas de Linden morrerem e nos substituiria depois.

Para mim é fácil escapar. O cartão-chave, naturalmente, não me dará acesso ao porão, e por isso preciso apertar o botão de pânico. Mas, no meio de toda a comoção, e com todos esses alarmes tocando, não faz diferença. As portas se abrem e eu estou no porão sem janelas.

É assustadoramente calmo aqui em baixo. Não há nenhuma indicação de sirenes, e as luzes do teto piscam preguiçosas.

De olhos verdes e anônima, vou andando devagar colada à parede, sussurrando o nome de Gabriel e procurando um traje de risco biológico. Encontro um armário cheio deles e rapidamente ajusto um por cima das minhas roupas. Sinto um cheiro muito forte de plástico dentro, algo que me dá a sensação de sufocar lentamente. Respiro fundo várias vezes, e meu hálito

cobre o visor. É como estar em um pesadelo. É como ser enterrada viva.

— Gabriell! — Meus sussurros estão se tornando cada Vez mais desesperados. Estou torcendo para que ele simplesmente dê um encontrão em mim, ou que eu dobre uma esquina e ele esteja lá, lavando o chão ou organizando suprimentos para o abrigo de tempestades. E, enquanto torço para que não tenha que abrir uma porta, não tenha que abrir uma porta, não tenha que abrir uma porta, ouço a voz dele. Pelo menos eu acho que é a voz dele. E tão difícil ouvir dentro deste negócio, e minha própria respiração é amplificada no espaço confinado.

Algo toca meu ombro, e eu me viro. — Rhine? — Ele me vira, e lá está ele. Gabriel. Inteirinho. Não anestesiado em cima de uma mesa. Não machucado. Não morto. Morto. A palavra grita pela minha cabeça como os alarmes de incêndio e de furacão, e percebo que era isso o que eu temia por debaixo de todas as outras coisas. Abraço-o forte, e é estranho, com o capacete no caminho, mas não ligo. Sinto os braços fortes dele ao meu redor, e não ligo mais para nada.

Ele tira o capacete da minha cabeça, e os sons do mundo exterior além da minha própria respiração chegam aos meus ouvidos. Ele está rindo um pouquinho. O capacete cai. Ele me aperta e diz: — O que é que você está fazendo?

— Pensei que você estava morto — digo para sua camisa. — Pensei que você estava morto, pensei que você estava morto.

É bom dizer essas palavras. Me aliviar delas. Saber que elas não são verdade. Ele pode ouvir o medo saindo de mim. E a mão dele sobe pelas minhas costas, percorre minha espinha, e para subitamente nos meus cabelos e segura a base do meu crânio. Me segura firme. E ficamos assim por um tempo.

Quando nos separamos, ele afasta os cabelos dos meus olhos e me olha nos meus olhos. — O que aconteceu com você? — ele pergunta,

— O que foi? Eu estou bem.

— Seus olhos.

— Lentes de contato. Eu não queria ser reconhecida, caso eu desse de cara com alguém, e... Mas e você? — eu grito, lembrando da situação. — Eu

não te vejo há dias!

Ele pressiona meus lábios com o dedo para me silenciar, e em seguida me leva para dentro de um dos assustadores quartos escuros. Um dos lugares que mais temo. Mas ele está comigo, e sei que tudo vai ficar bem. Ele não acende luz nenhuma, e eu posso sentir o cheiro do metal frio, água quente pingando numa superfície dura. Na escuridão perfeita seguro suas duas mãos e tento decifrar os seus contornos.

— Escute — ele sussurra. — Você não pode ficar aqui embaixo. O Senhorio sabe de tudo. Ele sabe sobre o beijo. Ele sabe que você tentou fugir. Se ele nos pegar juntos, eu estou fora daqui.

— Ele vai por você pra fora?

— Não sei. Mas tenho a sensação de que um saco para corpos vai estar envolvido.

E claro. Como eu sou imbecil. Ninguém sai daqui vivo. Na verdade, eu não estou sequer convencida de que alguém deixe este lugar nem depois de morto. Mais corpos para Vaughn dissecar. Era isso o que Jenna estava tentando me avisar? Imagino meus olhos em uma jarra numa das salas médicas de Vaughn, e aperto meus lábios para conter uma onda de náusea. Há uma boa chance de que isto tudo seja uma das armadilhas de Vaughn — o cartão-chave, colocar Gabriel no porão onde ele sabia que eu iria procurar por ele. Ele poderia estar espreitando num canto, esperando para me prender num desses quartos. Pensar nisso faz com que minha pulsação martele contra minhas têmporas, mas a presença de Gabriel faz com que eu vença meu medo. Eu nunca teria sido capaz de viver comigo mesma se não tivesse tentado encontrá-lo.

— Como? — pergunto. — Como ele sabe?

— Eu não sei, mas ele não pode nos ver juntos. Rhine, não é seguro.

— Fuja comigo — eu digo.

— Rhine, escute, não podemos...

— Eu descobri uma maneira de escapar — digo, agarrando sua mão e levando-a até o cartão-chave que pende do meu pescoço. — Linden me deu permissão de usar o elevador. E eu encontrei uma saída. Existe uma falha entre as árvores que margeiam a propriedade. Algumas delas não são reais. São

um holograma.

Ele fica quieto, e na escuridão isso é o mesmo que desaparecer, por isso agarro sua camisa. — Você ainda está aqui?

— Estou — ele diz. Volta a ficar em silêncio, e fico escutando sua respiração. Ouço seus lábios se partirem, e ele pronuncia uma fração de uma sílaba, e eu sei, apenas sei, que ele vai usar a lógica contra mim, e que isso nunca vai dar certo se eu quiser sair deste lugar antes de morrer, então eu o beijo.

A porta já está fechada, e nessa escuridão isolada é quase como se não estivéssemos no porão. Estamos no oceano infinito sem continentes à vista, e não há ninguém para nos resgatar. Estamos livres. As mãos dele estão nos meus cabelos, atrás da minha cabeça, passeando pela extensão do meu corpo. O traje de risco biológico estala, fazendo um registro bem audível dos movimentos dele.

De vez em quando ele tenta se libertar, dizendo um "Mas..." ou "Me escute..." ou "Rhine...", mas a cada uma das vezes eu o de-tenho, e ele desiste, e eu desejo que este momento dure para sempre. Desejo que a aliança de casamento saia do meu dedo. Desejo que nós dois sejamos livres.

Até um momento em que nos separamos e sinto a testa dele contra a minha, e ele diz: — Rhine. É perigoso demais. O Senhorio vai fazer qualquer coisa para proteger seu filho. Se ele pegar você fugindo, vai matar você e fazer parecer um acidente.

— Isso é demais até mesmo para ele — eu digo.

— Eu não descartaria isso em se tratando dele — ele diz. — O filho é tudo o que ele tem. Ele mandou trazer você e suas esposas irmãs para cá só para consolá-lo enquanto Lady Rose estava morrendo. Não pense que ele não vá destruir você antes de deixar que você o magoe novamente.

Se dá valor à sua vida, não vai fugir novamente. Foi isso o que Vaughn me disse depois da minha fracassada tentativa de fuga. Mas ele também disse que eu era mais especial do que imaginava, que o espírito de Linden ficaria arrasado se ele me perdesse. E apesar de todas as coisas horríveis que penso de Vaughn, acredito mesmo que ele se importe com seu filho. Não há acidente que ele pudesse forjar que fizesse Linden aceitar minha morte. Linden nunca

perdoaria seu pai se alguma coisa acontecesse a mim sob a vigilância de Vaughn.

Uma pontada de culpa me percorre, e com um pouco de esforço eu me livro dela. Eu não pertenço a Linden. Não quero feri-lo, mas é simplesmente assim que tem que ser.

— Vai dar tudo certo — eu digo. — Não vamos ser apanhados. E pronto.

Ele ri, mas seu riso não é de quem acredita. — Ah, pronto. Só isso.

— Eu disse que levaria você nem que fosse à força, e é o que eu vou fazer — eu digo. — Não está vendo o que aconteceu? Você está preso há tanto tempo que nem sequer percebe mais que deseja a liberdade. E não diga que não é tão ruim aqui. Não pergunte o que o mundo tem que este lugar não tenha, porque a resposta é algo que eu só posso mostrar para você. Você precisa confiar em mim. Por favor. Você precisa.

Posso ouvi-lo hesitando. Ele enrosca um cacho do meu cabelo no dedo. — Pensei que nunca mais fosse te ver — ele diz depois de um tempo.

— Você não pode me ver agora — eu digo, e nos permitimos rir baixinho.

— Você é louca — ele diz.

— Foi o que me disseram. Então, isso quer dizer que você vai pelo menos tentar meu plano — pergunto.

— E se não funcionar? — ele pergunta.

— Acho que ambos morremos — respondo. Com muita seriedade.

Uma longa pausa. As mãos dele encontram minhas bochechas.

Então ouço sua voz, suave e cristalina: — Tudo bem.

Nós acertamos os detalhes baixinho, bem apertados um contra o outro na escuridão. Na última sexta-feira de cada mês, por volta de dez da noite, ele leva o lixo biológico até a saída dos fundos, para o caminhão de lixo que o Senhorio Vaughn manda vir. Ele vai ver o caminhão partir, depois vai seguir o caminho que ele fizer por entre as árvores holográficas e vai esperar por mim. Acho que é um bom plano, mas Gabriel não para de me perguntar como vamos passar pelo portão, e o que vamos fazer se houver segurança, e eu dispenso seu pensamento. — Vamos dar um jeito - eu digo.

Hoje à noite Linden vai me levar a uma festa de solstício na cidade. — Quando estivermos fora, vou gravar as estradas na memória. Vou procurar um lugar para onde possamos ir assim que sairmos.

— Estamos na última semana de dezembro — ele me diz quando estamos nos despedindo. — Então acho que só vejo você ano que vem.

Nos beijamos uma última vez, e então as portas do elevador se fecham entre nós.

No andar das esposas, o fogo foi apagado com sucesso, embora tenhamos tido que nos despedir dos restos queimados das cortinas cor-de-rosa mais feias que já vi na vida. Entro na sala de estar assim que Jenna está falando com o Senhorio Vaughn: — ... e eu vi que a chama da vela pegou na cortina, e tentei apagá-la, mas simplesmente fugiu do controle.

Linden dá uma palmadinha tranquilizadora no ombro dela. — Não é culpa sua — ele diz.

— Vamos comprar cortinas novas para você — diz Vaughn. — Mas talvez não devêssemos deixar velas acesas sem ninguém por perto. — Por algum motivo Vaughn olha bem para mim.

Cecily, segurando a criança que se debate contra seu ombro, pergunta: — O que aconteceu com seus olhos?

— Meu olhos? — digo.

Jenna aponta para seu próprio olho, e percebo o que ela está tentando me dizer. Ainda estou com as lentes de contato verdes.

— Eu... pensei em experimentar uma coisa diferente — digo. — Devia ser uma surpresa. Pra festa esta noite, Linden. Eu estava experimentando elas, e aí o alarme disparou e acho que esqueci.

Não sei dizer se minha história convenceu Vaughn, mas felizmente o bebê começa a chorar e isso distrai a todos. Quando Cecily não consegue acalmá-lo, Vaughn o tira de seus braços. — Pronto, pronto, Bowen, meu menino — ele diz, e isso suaviza o choro. Cecily permanece em pé à sombra de Vaughn, com cara de quem quer dizer alguma coisa, a mão estendida na direção do filho, mas por algum motivo ela não se mexe.

— Acho que ele está com fome — diz Vaughn.

— Eu posso alimentá-lo — diz Cecily.

— Ora, querida, não se dê ao trabalho. — Ele dá pancadinhas no nariz dela, como se ela fosse uma menininha. — É para isso que servem as amas de leite. — Ele sai do quarto, o bebê Bowen nos braços, antes que Cecily possa dizer mais uma palavra. Seus peitos pequenos e inchados vazam pelo tecido da camisa.



As serviçais levam uma hora para me aprontarem para a festa do solstício. Estou tão aliviada por ter encontrado Gabriel, e tão empolgada com nosso plano de fuga, que não me importo que elas puxem meus cabelos e os borrifem até que eu me engasgue com a nuvem perfumada. Elas não incentivam o uso das lentes de contato, e eu finjo que estou triste por tirá-las. — Seus olhos vão ser a alma da festa, confie em mim — diz uma delas.

— Especialmente se houver câmara — outra diz sonhadora.

Câmeras. Perfeito. Não sei quais são as chances de meu irmão assistir a um festival de solstício televisionado. E provavelmente há dezenas deles passando nas redes de notícias esta noite. Ele normalmente não ligaria para essas coisas, mas será que ele tem procurado por mim? Ainda haverá uma chance depois de todo esse tempo? Só preciso de um mês, e então serei capaz de encontrar meu caminho para casa. No fundo, tenho medo de estar voltando para uma casa vazia, tenho medo de que ele tenha partido para procurar por mim, ou que, motivado a extremos pela tristeza, ele tenha se mudado, entristecido demais pelas memórias para ficar. Já vimos isso acontecer. Famílias inteiras se mudarem depois que suas irmãs e filhas foram levadas. E Rowan nunca foi de ficar parado.

Espere por mim, tento lançar meus pensamentos a ele, de gêmeo para gêmeo. Em breve estarei em casa.

Como sempre, não há resposta.

Não gostei muito quando Deirdre me disse que meu vestido seria cor-de-rosa, mas quando ela o abre na minha frente, fico, como sempre, espantada com a habilidade dela. O vestido é de um rosa suave e tremeluzente com uma

barra feita para simular neve caindo. O xale brilha com pérolas. Ela faz minha maquiagem de modo a combinar. — Aposto que a maioria das outras esposas vai vestir azul ou branco — ela diz. — Por causa do inverno. Achei que você ia querer se destacar um pouquinho.

— É incrível — digo. E ela abre um sorriso enorme, leva um lenço de papel aos meus lábios e me manda tirar o excesso.

Linden está feliz porque decidi não usar as lentes de contato verdes.

— Elas pareciam meio bizarras — Cecily diz, em pé de braços cruzados na porta. Seus cabelos estão despenteados, e ela tem bolsas levemente arroxeadas sob os olhos. Sua pele está pálida e cheia de veias. — Pensei que você tinha tido algum tipo de isquemia. Não volte a usar elas, tá? — ela estremece ao se lembrar disso e recua para dentro do quarto.

Depois que ela sai, fico preocupada. Ela não é mais a noivinha alegre e saltitante que era há menos de um ano. Comemorou seu aniversário de quatorze anos pouco antes de o bebê nascer, e ao contrário de Jenna, que envelhecia silenciosamente, fez questão de fazer muito barulho. Ela teve um bolo de várias camadas coberto de unicórnios saltitantes em marzipã, e os serviçais tiveram de cantar para ela, e Linden lhe comprou um maravilhoso colar de diamantes que ela nunca teve motivos para usar. Ela o usou durante um tempo pela casa, mas não o vejo desde que ela deu a luz a Bowen.

— Ela parece tão cansada — digo para Linden. — Você tem ajudado ela com o bebê?

— Sempre que posso — ele responde, um pouco preocupado também. Ambos baixamos nossas vozes. — Nem sempre é fácil separá-lo de meu pai. Ele está tão empolgado por finalmente ter um neto. — Ele olha para mim, e por um momento penso que ele vai me dizer o que eu já sei, que ele teve um bebê que não sobreviveu. Um pedacinho de Rose que ele deveria ter sido capaz de guardar. Mas tudo o que ele diz é: — Você está estonteante — e me pega pelo braço.

Está gelado lá fora, mas o xale de Deirdre mantém meus ombros aquecidos. Linden faz alguma brincadeira sobre se deveríamos abrir o teto solar, mas eu simplesmente me aconchego junto a ele e digo para deixarmos fechado. Devido ao vidro escurecido e à escuridão da noite, não consigo ver

exatamente onde está o holograma de árvores. Mas assim que saímos da cidade, presto atenção às ruas. Eu colo o rosto ao vidro e procuro marcos que orientem Gabriel e eu quando conseguirmos escapar.

Linden sorri de orelha a orelha.

— O que foi? — pergunto.

— Você. Você está tão animada. — Ele ajeita um cacho com excesso de laquê atrás de minha orelha. — É bonitinho.

O comentário dele me pega de surpresa. Eis aqui ele agora me admirando enquanto penso em nada a não ser como fugir dele sem olhar para trás. Sinto-me tão culpada que, quando ele beija meu rosto, eu o recompenso com um sorriso. E continuo a ficar de olho.

O cinema vai ser a primeira coisa a procurar. Deve ser fácil de localizar a partir de qualquer lugar — o letreiro é tão brilhante, e o sinal de néon na porta anuncia que ele fica aberto vinte e quatro horas por dia. Depois vem o que parece algum tipo de restaurante de frutos do mar, com mesas de um vermelho-vivo e lanternas de papel. E aí me lembro de que estamos perto do oceano. Dou uma boa olhada nele quando estamos virando uma curva, e vejo iates longe no mar, bem iluminados. Posso ouvir a música que vem deles mesmo com as janelas fechadas. — Eles fazem festas na água? — pergunto.

— Acho que os iate clubes fazem — diz Linden, olhando por sobre meu ombro.

— Você já esteve no mar? — pergunto para ele.

— Uma vez, quando eu era pequeno — ele diz. — Mas eu era muito pequeno para lembrar. Meu pai me disse que fiquei enjoado durante dias. Um tipo de doença, ele diz. Tenho evitado a água desde então.

— Então é por isso que você nunca entra na piscina nem aprendeu a nadar - digo. Ele faz que sim. Eu tento esconder meu horror. Vaughn controla seu filho tão cuidadosamente que não pode nem permitir que ele desfrute da ilusão de um oceano de verdade na piscina. Tenho minhas dúvidas de que a história do enjoo seja sequer verdade. Na verdade, a doença de infância de Linden e sua suposta fragilidade parecem coisas que Vaughn tramou para evitar que seu filho se aventure para muito longe. Ponho a mão no joelho de Linden e digo: — Quando esquentar novamente, vou ensinar você a nadar. É

fácil. Depois que você aprender, não vai conseguir afundar nem se tentar.

Ele diz: — Eu gostaria de aprender.

E aí eu me lembro. Quando o tempo estiver quente, eu já estarei longe deste lugar. Dou uma última olhada no oceano antes que ele desapareça por trás de alguns edifícios. As ondas passam pelos iates e pelas luzes, seguindo na direção da noite, seguindo para o infinito. É o único lugar para onde Linden jamais poderá me seguir. E Gabriel diz que adora barcos. Será que ele conhece o suficiente a respeito deles para nos levar daqui num deles?

A festa acontece no décimo-quinto andar de um enorme arranha-céu. Há uma pista de dança na qual as marcas dos sapatos se destacam em luzes de néon por alguns segundos antes de se desvanecer. Estalactites de gelo estão suspensas no ar, refletindo as luzes coloridas. O chão é um holograma de neve, e Deirdre tinha razão, todas as esposas estão vestindo azul ou branco.

Paramos na porta e Linden parece pouco à vontade — Você conhece alguém aqui? — pergunto.

— Alguns colegas do meu pai — ele diz.

As luzes estroboscópicas fazem sua sombra saltar em luzes com as cores do arco-íris. Penso no que Rose disse, sobre ele tomar chá de cadeira nas festas, sobre ele ser um excelente dançarino.

Neste momento ele parece um pouco enjoado. E eu decido esperar uma música lenta antes de pedir a ele para dançar, para facilitar as coisas.

Paramos ao lado da mesa do bufê e provamos um pouco de filé mignon, sopas e a maior variedade de salgadinhos que já vi desde a padaria pela qual eu costumava passar no caminho para o trabalho em Manhattan. Digo a ele que temos que levar para casa algumas das bombinhas para Cecily, que tem um fraco por qualquer coisa com cobertura de chocolate.

Quando começa a tocar uma música lenta, arrasto Linden para a pista de dança, e embora no começo ele fique surpreso, não demora muito para que ele esqueça de todos ao nosso redor. Nunca dancei na vida, mas ele me guia impecavelmente, mesmo com estes saltos impossíveis. E enquanto estamos girando, flutuando, e logo depois que paramos de dançar e começo a recuperar o fôlego, uma câmera passa nos filmando. Tento deixar que ela pegue a melhor tomada possível dos meus olhos.

Nos juntamos à festa um pouco, e menos homens aqui querem beijar minha mão, porque todos estão com as esposas. Elas também são mais fáceis de suportar. Aqui há esposas de primeira geração conversando com esposas mais jovens, e eu começo a participar de uma conversa sobre pássaros raros no leste da Califórnia. Não tenho muito para contribuir, mas é uma mudança bem-vinda com relação às esposas que ficavam me perguntando quando eu deixaria meu marido me engravidar.

Vejo Linden entrando numa roda de conversa com um grupo de homens do outro lado do salão, encontrando meu olhar de vez em quando e erguendo discretamente a mão para acenar. Acho que ele está seguindo os meus passos.

— Você é casada com Linden Ashby, não é? — pergunta uma das jovens esposas, inclinando-se para perto de mim.

— Sim — eu digo. De algum modo me parece mais natural admitir isso agora.

— Fiquei tão triste quando soube que Rose morreu. — Ela aperta a mão aberta sobre o coração. — Ela era amiga minha.

— Minha também — digo. Do outro lado do salão, acho que Linden está realmente rindo de alguma coisa que ouviu.

— Mas parece que ele está bem — diz a jovem esposa, e seu sorriso jovial me faz pensar em Cecily antes do bebê nascer. — Fico feliz por ele estar se abrindo novamente. Nós todos... meu marido trabalha com o pai de Linden no hospital... nós ficamos sabendo quando ela adoeceu, e não vimos Linden em nenhuma das festas.

— Tem sido difícil, mas ele está indo muito melhor — eu digo.

— Você deve ter um toque mágico — ela diz.

Linden me pega pelo braço, e, ainda rindo de alguma piada secreta, começa a me apresentar aos amigos de seu pai, e suas esposas, e até mesmo a algumas pessoas que acabou de conhecer. Eu nunca o tinha visto assim. Tão feliz. Tão... livre.

Voltamos para casa nas primeiras horas do dia. Ele bebeu algumas taças de vinho e se aconchega contra mim enquanto pegamos o elevador até o andar das esposas para ele ver como está Bowen, cujo bercinho está no quarto de Cecily. Falou-se em construir um berçário em outro andar, e isso se tornou

uma grande fonte de tensão entre Cecily e Vaughn. Ela se recusa a se separar de seu filho, e Vaughn acha que é uma vergonha desperdiçar todos esses quartos infinitos. A porta do quarto de Rose está fechada no fim do corredor, e nem mesmo Cecily foi tão ousada a ponto de sugerir a sua conversão em um berçário.

Entrego a Linden a caixa de bombinhas de chocolate que eu trouxe para Cecily. Ele me encara por um longo tempo e diz: — Você pensa em tudo — e me dá um beijo rápido ao se virar para entrar no quarto dela.

No meu quarto, limpo a maquiagem, lavo os cabelos na pia e visto a camisola, mas logo percebo que não consigo dormir. Meus ossos ainda querem dançar, e minha mente está toda cheia de luzes, música e pensamentos do oceano. Se eu fosse realmente uma órfã como Linden acredita, se eu tivesse realmente passado a infância numa escola para noivas, acho que esta seria uma boa vida para se levar. Dá pra ver como uma garota poderia se perder nela.

Penso em chamar Deirdre para massagear meus tornozelos enrijecidos, ou me preparar um banho de camomila (cuja exata ciência não consigo recriar sozinha), mas lembro como já é tarde e decido não fazer isso. Em vez disso, bato à porta de Jenna. Ela estava começando a pegar no sono, e pergunto se posso subir na cama com ela. No escuro, mal consigo vê-la fazer que sim com a cabeça.

— Você disse alô à liberdade pra mim? — ela pergunta enquanto abraço um travesseiro e ela me cobre.

Conto a ela sobre as estalactites de gelo, e o holograma de neve, e a comida. — Os morangos mergulhados em chocolate eram de morrer — eu digo. — Eles tinham uma fonte enorme que jorrava chocolate borbulhante. Queria que você tivesse estado lá.

— Parece bonito — ela diz. Sua voz está um pouco tensa, e ela tosse. Ela estava tossindo mais cedo hoje também, e há alguns dias ela tem apresentado um aspecto um pouco pálido. Chego mais perto dela e levo a mão à sua testa, mas Linden não foi o único que bebeu um pouquinho demais, e não sei dizer se ela está quente.

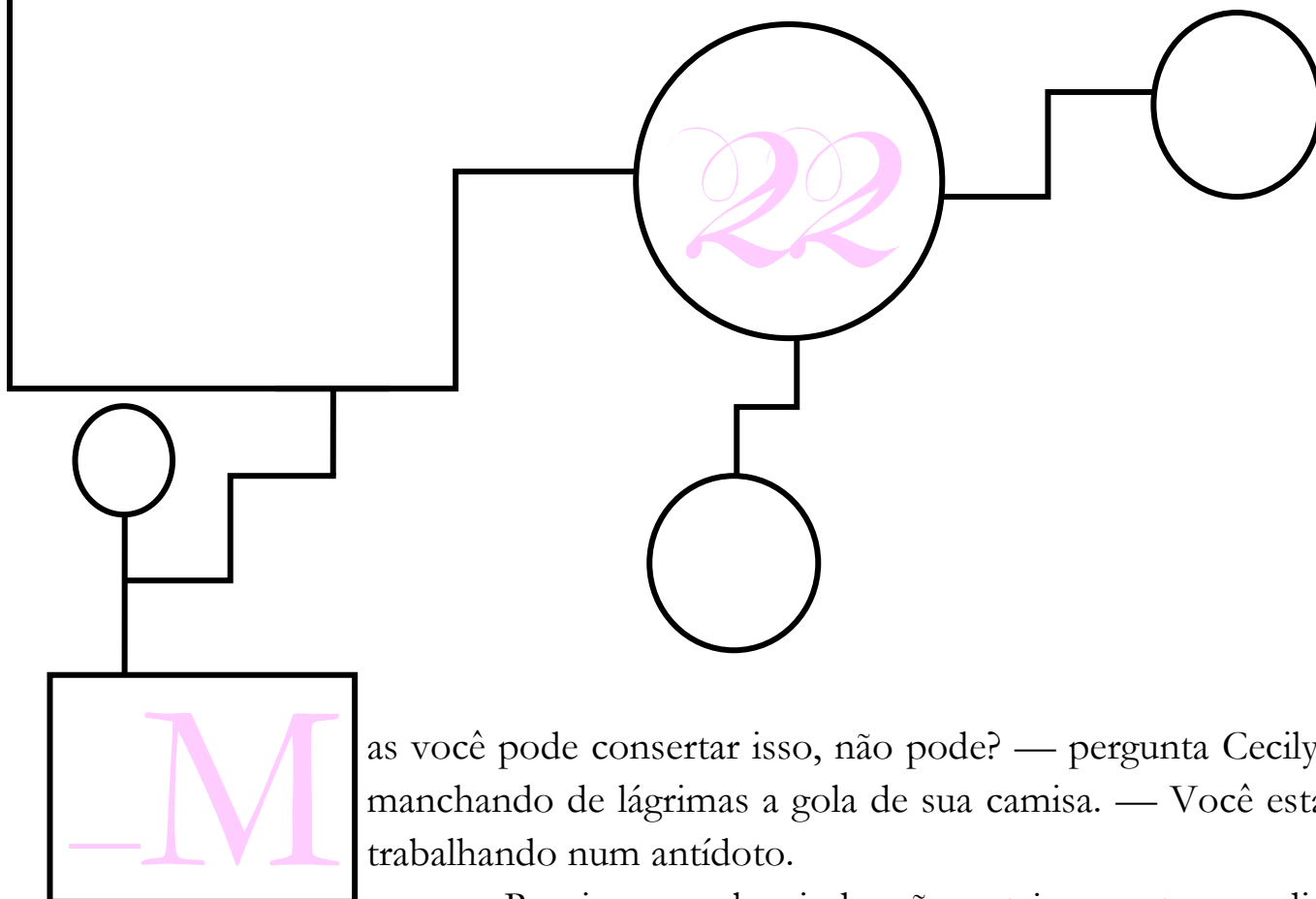
— Você está se sentindo bem? - pergunto.

— Só estou cansada. E um pouco congestionada. É o tempo.

— Ela tosse novamente, e sinto alguma coisa quente pousar no meu rosto. Meu sangue gela. —Jenna? — chamo.

— O que foi?

Quero ficar ali, no escuro, e não fazer um só movimento na direção desse novo medo. Quero adormecer e acordar de manhã para descobrir que tudo está bem. Mas não faço isso. Estico a mão e acendo a luz. Jenna volta a tossir, e vejo a mancha de sangue em seus lábios.



— Mas você pode consertar isso, não pode? — pergunta Cecily, manchando de lágrimas a gola de sua camisa. — Você está trabalhando num antídoto.

— Receio que ele ainda não esteja pronto — diz Vaughn. — Mas talvez possamos prolongar a vida dela até lá. — Ele dá uma pancadinha no nariz de Cecily, mas ela não acha mais o favoritismo dele uma gracinha, e eu a vejo dar um passo para trás. Ela balança a cabeça.

— Em que diabos você tem trabalhado então? — ela pergunta.

— Todo esse tempo. Todo esse tempo que você passou lá embaixo?

— O lábio dela treme, e sua respiração agora sai molhada, gorgolejante. Ela acredita que Vaughn passa todas aquelas longas horas trabalhando em um antídoto no porão, e que em breve ele nos salvará a todos. Gostaria de poder acreditar nisso também.

— Ora, querida...

— Não. Não, você vai fazer alguma coisa e vai fazer agora mesmo.

Eles começam a discutir baixinho. Suas vozes parecem girar e girar, e os soluços dela quebram ao meu redor como ondas do mar, e não consigo suportar. Quero que os dois desapareçam. Vaughn e seu bichinho de estimação. Eu subo na cama com Jenna e limpo um pouco de sangue de seus lábios. Ela já começou a perder a consciência. — Por favor — sussurro no seu ouvido. Não sei o que estou pedindo. Não sei o que espero que ela faça.

Felizmente, Vaughn vai embora, e Cecily sobe na cama conosco. Seu choro dramático faz o colchão tremer, e eu brigo com ela: - Ela está

dormindo. Não acorde ela.

— Desculpe — ela murmura, e repousa a cabeça no meu ombro. Ela não faz um som sequer depois disso.

Jenna dorme profundamente, enquanto Cecily e eu cochilamos e acordamos a toda hora, em sonos repletos de pesadelos. Ouço Cecily resmungando e se remexendo ao meu lado, mas não consigo estender a mão para nenhuma das minhas esposas irmãs. Corro sem parar por entre as árvores sem portão de ferro à vista. As vezes estou me afogando. As ondas me giram de um lado para o outro até eu não saber onde fica o lado de cima e onde fica o de baixo.

Acordo sem ar. A umidade no meu pescoço é de Cecily, apertada contra mim, suando, chorando e babando. Seus lábios se movem, tentando formar palavras. Suas sobranceiras estão coladas uma na outra.

Na outra ponta do corredor, o bebê chora sem parar, e a camisa de Cecily está manchada de leite, mas nunca a deixam dar de mamar a seu filho. Vaughn o leva dali. Ele contratou uma ama de leite, e ele diz que será mais saudável para Cecily assim, mas ela sempre parece que está sentindo dor. Minhas esposas irmãs estão murchando como os lírios da minha mãe, e não sei como revivê-las. Eu não sei o que fazer.

Jenna abre os olhos e olha para mim. - Você está com uma cara péssima - ela diz com a voz rouca. — Que cheiro é esse?

— Leite de peito — eu digo.

Ao ouvir minha voz, Cecily começa a se remexer inquieta. Ela está sufocando com a própria baba e reclamando que não gosta da música. Então abre os olhos e recupera a consciência, e se senta. — O que está acontecendo? Você está se sentindo melhor?

O bebê ainda está chorando, e Cecily olha para a porta. — Preciso alimentá-lo — ela diz, tropeçando e acertando a moldura da porta ao sair.

— Tem alguma coisa errada com ela — diz Jenna.

— Você só notou agora? — eu digo, e nós duas rimos um pouco.

Jenna consegue se sentar, e faço com que ela beba um pouco de água. Acho que ela só está bebendo para não me deixar triste. Ela está pálida, e seus lábios têm um leve tom arroxado. Tento compará-la com Rose, que ainda era

capaz de fingir saúde num dia bom. Penso em como os June Beans tingiam sua boca naquelas cores tão ridículas, e me pergunto se isso era parte de seu disfarce. E como seu rosto estava sempre corado de maquiagem. Penso em como ela odiava os remédios, como ela implorava para que a deixassem morrer.

— Você está sentindo muita dor? — pergunto.

— Não consigo sentir meus braços ou minhas pernas — diz Jenna. Ela dá um risinho. — Então acho que vou sair daqui antes de você, afinal.

— Por favor, não diga isso. — Afasto os cabelos de sua testa. — Sonhei que eu estava na van com minhas irmãs — ela diz. — Mas aí alguém abriu a porta, e eu olhei para elas e vi você e Cecily nos lugares delas. Rhine, acho que comecei a esquecer os rostos delas. As vozes delas.

— Eu esqueço a voz do meu irmão às vezes. — Só me dou conta do que falei quando as palavras saem.

— Mas você não se esquece do rosto dele. Porque vocês são gêmeos.

— Você descobriu, hein?

— Suas histórias de gêmeos eram vividas demais para serem ficção — diz ela.

— Mas não somos gêmeos idênticos — eu digo. — Meninos e meninas não podem ser gêmeos idênticos, você sabe disso. E eu me esqueço um pouco de como ele era.

— Você vai voltar a vê-lo novamente — ela diz, com certeza em sua voz. — Você nunca me disse se conseguiu ir até o porão.

Faço que sim com a cabeça, fungo e tento disfarçar esse som como uma tosse. — Conseguimos traçar um plano. Estamos partindo mês que vem. Mas talvez eu possa ficar um pouco mais.

— Eu não incendiei aquelas cortinas a toa. Você vai sair daqui, e vai ser fantástico.

— Venha conosco — eu digo.

— Rhine . . .

— Você detesta isso aqui. Você realmente quer passar o que restou de sua vida nesta cama? — Não sei o que estou achando que a liberdade pode fazer para ela. Que ela chegará a ver o oceano. Que vamos ver o nascer do sol como

seres livres. Que vamos enterrá-la no mar.

— Rhine, eu já terei partido antes de você ir embora.

— Não diga isso!

Descanso minha testa no ombro dela, e ela roça os dedos pelos meus cabelos. Lágrimas ameaçam cair dos meus olhos, mas forço-as a não descenderem. O esforço faz meu lábio tremer. Estou tentando ficar forte por causa dela, mas ela percebe claramente meu desconforto. — Tudo bem — ela diz. — Está tudo bem.

— Você é louca de dizer isso.

— Não — ela diz, recuando para eu poder levantar a cabeça e olhar para ela. — Pense em como você está tão perto de finalmente ter o que deseja.

— Mas e você? — pergunto, a voz mais alta do que eu gostaria. O tremor se espalhou para as minhas mãos, e agarro o cobertor.

Ela sorri. É um sorriso tranquilo, lindo. — Eu também vou ter o que desejo — ela diz.



Nos dias seguintes, Linden começa a passar algum tempo com Jenna. Mas não é como o tempo que ele passou comigo depois de minha tentativa de fuga, ou com Cecily enquanto ela estava em trabalho de parto. Jenna nunca se estabeleceu como sua esposa em nenhum nível emocional. Ele se senta em uma cadeira ou no divã, e nunca na cama com ela. Ele não a toca. Não sei sobre o que eles conversam, esse casal estranho que nunca teve muita intimidade pra começo de conversa, mas não consigo deixar de pensar que suas conversas são as discussões terminais obrigatórias que se esperaria encontrar em um hospital. Como se ele estivesse garantindo a ela seus últimos desejos. Como se estivesse tentando resolver as pendências antes que ela se vá.

— Você sabia que Jenna tinha irmãs? — ele me pergunta enquanto estamos jantando. Somos só nós dois. Cecily está tentando recuperar o máximo de sono que puder, e Vaughn está supostamente no porão trabalhando em seu antídoto milagroso.

— Sabia — eu digo.

— Mas ela me disse que elas morreram — diz ele. — Um tipo de acidente.

Tento comer, mas o ato de mastigar se torna difícil. A comida desce pela garganta e cai num poço vazio. Nem sinto o gosto. Fico me perguntando por que, com todo o seu ressentimento, Jenna não contou a Linden a verdade sobre suas irmãs. Talvez não valha a pena a energia despendida. Talvez não contar essa informação a ele seja sua manifestação definitiva de desprezo. Ela vai morrer, e ele jamais a terá conhecido de verdade.

— Eu nunca cheguei a entender mesmo aquela ali — diz Linden, limpando a boca com um guardanapo. — Mas eu sei o quanto você gostava dela.

— "Gostava"? — digo. — Eu ainda gosto. Ela ainda está aqui.

— É claro. Desculpe.

Ficamos em silêncio durante o resto da refeição, mas até mesmo o som dos talheres dele tocando o prato me irrita. A falta de noção dele dói em mim. Quando eu fugir, aposto que Vaughn dirá a ele que morri, e lhe dará umas cinzas falsas para espalhar. E ele ficará sozinho com Cecily, que queria esta vida desde o começo, que provavelmente terá mais uma dúzia de bebês para preencher os espaços vazios em ambas as suas vidas. E então eles dois morrerão, e Vaughn os substituirá facilmente, pois ele é um primeira-geração, e quem sabe quanto tempo ele viverá? Nossos quartos serão preenchidos por novas garotas depois que tivermos morrido.

Linden e Cecily. Ambos vivem tão isolados que nem sequer sabem o que estão perdendo. E é melhor assim. Eles vão dizer adeus a Jenna e a mim, nos enterrar em algum lugar escuro em seus corações, e continuar vivendo o resto de suas vidas curtas. Eles vão encontrar a felicidade em hologramas e ilusões.

Em outro tempo, em outro lugar, eu me pergunto o que eles poderiam ter sido.

Os serviçais aparecem para pegar nossos pratos, e Linden franze a testa ao ver como comi pouco. — Você vai ficar doente — ele diz.

— Só estou cansada - digo. — Acho que vou pra cama

No andar de cima, a porta do quarto de Cecily está aberta, e posso ouvir

Bowen gorgolejando baixinho, respirando daquele jeito cadenciado, rouquinho dos recém-nascidos. A luz está apagada, e talvez ele esteja acordado em seu berço enquanto Cecily dorme. Eu conheço essa rotina. Se ninguém estiver ali para cuidar dele quando acordar de um cochilo, ele inevitavelmente vai começar a chorar. E quando chora, não para.

Meu plano era tentar dormir um pouquinho, mas é melhor tirar Bowen de seu berço antes que ele acorde minhas esposas irmãs. Mas quando entro no banheiro, encontro Jenna sentada na beira da cama, iluminada por uma faixa de luz vinda do corredor. Seus cabelos longos caem em cascatas sobre um dos ombros, e seu rosto está inclinado na direção do bebê que está em seus braços. Cecily está dormindo debaixo das cobertas atrás dela, em silêncio.

— Jenna? — murmuro. Ela sorri sem levantar a cabeça.

— Ele parece com nosso marido — ela diz baixinho. — Mas dá pra dizer pelo temperamento que ele vai ser igual a Cecily. Pena que nenhuma de nós vai chegar a ver isso.

Ela está tão bonita. A escuridão oculta sua palidez e seus lábios roxos. Sua camisola tem camadas e mais camadas de renda, seus cabelos fazem uma cortina escura perfeita. E me dou conta, com muita dor, de que ela transmite a sensação de que podia ser mãe de alguém. A protetora, cuidadosa e gentil, com dedos longos e competentes traçando os contornos em forma de meia-lua no rosto de Bowen.

Fico me perguntando se ela cuidou das irmãs assim antes que elas fossem assassinadas, do jeito que ela cuidou de Cecily. Do jeito que ela cuidou de mim.

Juro que vi uma lágrima cair do canto do olho dela, mas ela a enxuga antes que ela vá longe demais.

— Como você está se sentindo? — pergunto.

— Estou bem - ela diz. Eu me forço a acreditar nela. Ela parece tão forte agora, tão jovem. — Aqui, pegue ele por um minuto, ok? — ela se levanta, e quando vem na minha direção, vejo que seus joelhos tremem. Ela se aproxima, e a luz do corredor me mostra as gotas de suor em seu rosto, as sombras azuladas sob os olhos dela.

Deixo que ela coloque com suavidade o bebê nos meus braços, e ela

passa por mim com toda a presença de um fantasma, correndo pelo lugar onde havia flertado com o serviçal surpreso, onde centenas de vezes ela caminhara na direção do quarto com o nariz enfiado em um romance.

Sua mão percorre a parede enquanto ela segue até o quarto e fecha a porta. Instantes depois eu já consigo ouvir os sons abafados de sua tosse.

Bowen, inabalado pela ausência dela, adormeceu. Tenho inveja da tranquilidade dele. Tenho inveja dos vinte e cinco anos que lhe restam.

Mais tarde, fecho a porta do meu quarto. Apago as luzes. Enterro a cara no travesseiro e grito, grito até ficar tão entorpecida que não consigo sentir nem os braços nem as pernas, igualzinho a Jenna. E o silêncio pulsa. Rowan, meus pais, Rose, o porto de Manhattan. Coisas de que sinto saudades. Coisas que amo. Coisas que deixei para trás, ou que caíram por entre meus dedos. Quero que minha mãe venha me beijar e me dar boa-noite. Quero que meu pai me vigie enquanto durmo, me dê um gole de vodka quando a dor for grande demais. Sinto falta dele. Há muito tempo não tenho me permitido sentir realmente saudades dele, mas agora não posso mais evitar. Uma comporta se abriu. E estou tão cansada e tão perdida, e não sei se algum dia serei realmente capaz de escapar. Não sei como poderei abrir o portão de ferro com sua flor pontuda. Enxugo minhas lágrimas no lenço de Gabriel, que tenho mantido escondido na fronha do meu travesseiro todo esse tempo. Na escuridão sinto o bordado, e soluço até sentir a garganta arder, e posso apenas torcer, torcer, torcer para conseguir voltar para casa.

Sonho que estou sendo jogada ao mar. Sonho que estou me afogando, mas desta vez não me debato nem luto. Eu sucumbo. E depois de algum tempo, no silêncio do fundo do mar, posso ouvir a música do meu pai, e isso não é tão ruim.



De manhã, Cecily me acorda às lágrimas. — Jenna não quer abrir os olhos — ela diz. — Ela está queimando de febre.

Cecily tende a ser dramática, mas quando corro, meio cambaleando, ainda meio sonolenta, até o quarto de Jenna posso ver que a coisa é ainda pior do que ela descreveu. A pele da nossa esposa irmã ficou pálida e assumiu um tom

amarelado cruel. A garganta e os braços estão cheios de manchas roxas. Não, não são manchas roxas; parecem mais feridas purulentas. Ponho a mão na testa dela, e ela faz um som rouco de dar dó.

— Jenna? — sussurro.

Cecily anda de um lado para o outro, abrindo e fechando os punhos. — Vou chamar o Senhorio Vaughn — ela diz.

— Não. — Subo no colchão e trago a cabeça de Jenna de volta ao meu colo. — Vá ao banheiro e pegue uma toalha molhada.

— Mas...

— Não há nada que ele possa fazer por ela que nós não possamos fazer aqui — eu digo, forçando um tom de voz calmo.

Cecily obedece, e eu a ouço soluçar enquanto ela abre a torneira, mas ao voltar com a toalha molhada ela já se recompôs. Puxa os cobertores e abre os botões de cima da camisola de Jenna para ajudar a esfriar a febre, e durante esse tempo todo posso vê-la lutando para conter o pânico que toma conta de seus olhos. Será que meus olhos passam a mesma sensação? Estou sentada aqui, passando calmamente os dedos pelos cabelos de Jenna, mas meu coração bate descompassado, meu estômago dá voltas. Isto é muito pior do que o que vi Rose passar. Muito, muito pior.

As horas passam, e penso que este vai ser o fim de minha esposa irmã. Ela nunca mais vai abrir os olhos novamente. Nem mesmo eu havia esperado que as coisas acontecessem tão rápido.

Cecily me abraça e enterra o rosto no meu pescoço. Mas não tenho palavras de consolo para ela. E preciso todo o meu esforço só para respirar.

— Deveríamos chamar o Senhorio Vaughn — ela diz, pela terceira ou quarta vez.

Eu balanço a cabeça. — Ela o odeia — eu digo.

E aí Jenna ri. — É — ela diz. É um som fraco e distorcido, mas Cecily e eu imediatamente prestamos atenção, e vemos o sorriso nos lábios roxos de Jenna. Seus cílios tremelicam e ela abre os olhos. Eles não são mais as coisas tão cheias de vida que já foram um dia. São distantes e assustadores. Mas ainda há vida neles. Ela ainda está conosco.

— Oi — Cecily diz baixinho, ajoelhando-se à cabeceira e pegando a mão

de Jenna nas suas. — Como você está se sentindo?

— Ótima — diz Jenna, e seus olhos reviram quando ela os fecha.

— Podemos trazer alguma coisa pra você? — pergunto.

— Um túnel de luz — ela diz, e acho que ela está tentando dar um sorrisinho irônico.

— Não diga coisas assim — diz Cecily. — Por favor, não diga isso. Eu posso ler pra você se você quiser. Melhorei muito.

Jenna abre os olhos por tempo suficiente para ver Cecily folhear um dos muitos livros empilhados em cima da mesinha de cabeceira, e então ela volta a rir, e isso é mais doloroso de ouvir do que antes. - Esse aí não é exatamente apropriado para leito de morte, Cecily.

Não consigo suportar isso. Olho para Jenna e tudo o que consigo ver é essa coisa que a está matando. Essa voz nem sequer soa como a dela.

— Não me interessa — diz Cecily. — Vou ler assim mesmo. Tem um marcador no meio, então vou começar a partir daí. Você devia pelo menos saber como termina.

— Pule para a última página, então — diz Jenna. — Não tenho muito tempo. — E então seu peito se convulsiona, e ela começa a por sangue e vômito pela boca. Viro-a de lado e esfrego suas costas enquanto ela luta para por tudo para fora. Cecily range os dentes, e seus olhos se enchem de lágrimas. Não sei como Cecily tem a energia para chorar tanto. Mal consigo reunir energias para me mover. Só estar viva é uma sensação tão difícil que tudo o que quero fazer é me enfiar debaixo das cobertas e dormir. Parece impossível que eu tivesse tido a força sequer para caminhar.

Depois que meus pais morreram, eu dormi por dias. Semanas. Até que meu irmão não conseguiu mais suportar. *Levante-se, ele disse. Eles estão mortos. Nós estamos vivos. Temos coisas a fazer.*

Jenna tosse e respira com dificuldade, sem fôlego. Posso ver os caroços na espinha dela através do vestido. Quando foi que ela ficou tão magra? Ela quase não tem mais vida quando acaba de tossir e vomitar. Ela deita de costas, olhos fechados, sem fazer um só movimento a não ser pela respiração entrecortada. Ela sequer se move quando Cecily e eu puxamos os lençóis arruinados debaixo dela.

Ela dorme a manhã inteira, e mal murmura quando Cecily e eu trocamos sua camisola suja e a limpamos com panos úmidos. Sua pele tem manchas por toda parte, e está tão translúcida e marcada de veias que hesito em tocá-la. Algumas das manchas começaram a sangrar. E como se o corpo dela estivesse apodrecendo de dentro para fora. Seus cabelos ficaram finos; cachos caem inteiros de uma vez. Eu os tiro do caminho. Cecily lê em voz alta o romance, que é todo sobre amantes jovens e saudáveis e beijos de verão. Ela para às vezes para tossir e disfarçar os soluços que ficam presos na garganta.

Nós dispensamos os serviçais que aparecem com remédios, depois que Jenna mostra estar fraca demais para engolir pílulas, e não consegue manter no estômago nada do que eles tentam dar a ela. A coisa fica tão ruim que Jenna, zozza e quase incapaz de falar, começa a esconder o rosto na minha camisola ou na de Cecily ao ouvir passos se aproximando. Eu sei o que ela está tentando nos dizer. É a mesma coisa que Rose implorava. Ela não quer prolongar esse sofrimento.

Mas ela não luta com Adair, e então nós o deixamos entrar. O doméstico tem o passo leve e o toque discreto. Ele esfrega uma pomada no peito dela que tira o chiado da sua respiração. E não fica mais tempo do que o necessário. Ele sempre falou maravilhas da beleza de Jenna, e compreende que ela não quer que ninguém testemunhe sua morte de maneira tão pavorosa.

No final da tarde, Linden está preocupado o bastante para ir verificar como estamos. Seu rosto muda imediatamente quando ele atravessa o limiar. Ele pode sentir o cheiro: o fedor intenso de decomposição, suor e sangue. Posso ver nos olhos dele que isso é familiar. Ele passou os últimos dias ao lado de Rose. Mas ele não se aproximou de sua esposa. Eu sei que Jenna sempre manteve uma distância emocional de Linden, que o casamento dos dois era puramente sexual, mas eu me pergunto se Linden era parcialmente culpado por isso também. Depois de perder Rose, ele não queria amar outra mulher a qual fosse sobreviver. Eu tenho tantos anos quanto ele, e Cecily vai sobreviver a nós dois. Mas Jenna. . .

Linden parece tão patético e sem graça, ali parado. Suas três esposas estão abraçadas juntas no colchão nu, uma delas morrendo; quando estamos juntas, formamos uma aliança que ele não pode tocar. Ele tem medo até mesmo de

tentar.

— Eu esqueci de alimentar Bowen, não foi? — pergunta Cecily ao ver seu filho nos braços de Linden.

— Está tudo bem, amor — diz Linden. — Para isso serve a ama de leite. Estou mais preocupado é com você.

Não consigo imaginar por que Linden traria seu filho para cá, a menos que ele esteja se sentindo sozinho e esperasse com isso atrair Cecily para passar um tempo com ele. Não funciona. Cecily enterra o rosto no braço de Jenna e fecha os olhos. Eu também fecho meus olhos. Estamos na van dos Coletores novamente, recuando para dentro da escuridão, loucos para desaparecer na segurança uma da outra.

— Os serviçais disseram que você os tem dispensado — diz Linden. — Pelo menos me deixe mandar alguém subir com lençóis novos.

— Não — murmura Cecily. — Não mande ninguém. Diga a todos que deixem ela em paz.

— Não posso fazer nada? — pergunta ele.

— Não — digo.

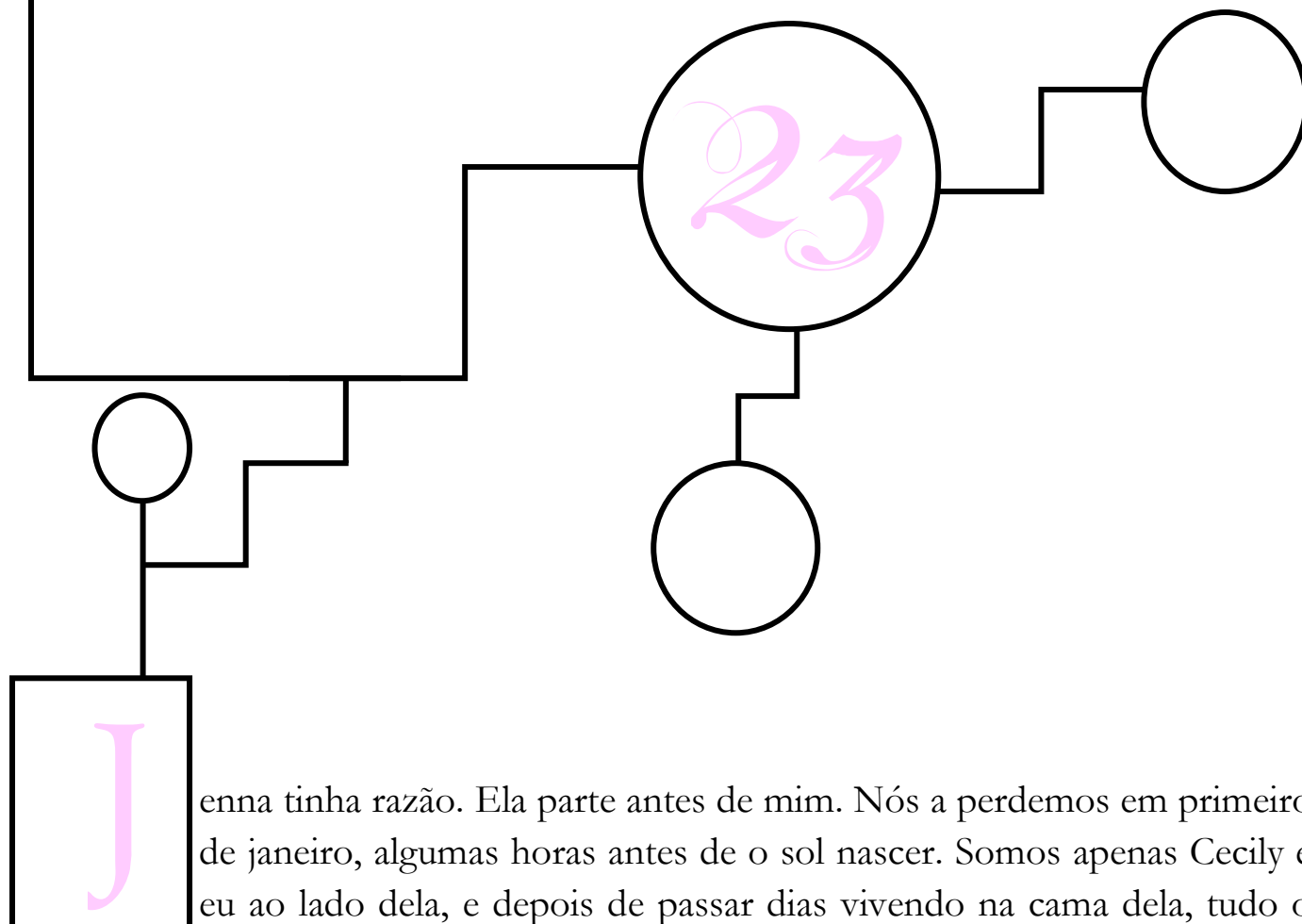
— Não — repete Cecily.

Posso sentir nosso marido parado em pé à porta. A proximidade de suas esposas o assusta, como se uma esposa moribunda pudesse significar a morte de todas as três.

Ele acaba indo embora sem dizer mais uma palavra.

Jenna resmunga uma palavra que não consigo compreender. Eu acho que é um nome. Acho que ela está procurando por suas irmãs.

— Não é seguro para vocês lá fora — ela diz. Não sei se ela está falando com suas irmãs, ou conosco.



Jenna tinha razão. Ela parte antes de mim. Nós a perdemos em primeiro de janeiro, algumas horas antes de o sol nascer. Somos apenas Cecily e eu ao lado dela, e depois de passar dias vivendo na cama dela, tudo o que restou para nós foi falar com ela por um momento enquanto seus olhos se abriam e fechavam tão rapidamente. Nós queríamos que ela soubesse que não estava sozinha. Por todos os nossos meses juntas como esposas irmãs, eu deveria ter tido algo de significativo para dizer a ela, mas no final só consegui falar sobre o tempo enquanto a via morrer.

E agora ela se foi. Seus olhos ainda estão abertos, mas eles ganharam um tom de cinza mais escuro. Oco. Como uma máquina que foi desligada. Abaixo suas pálpebras com meus dedos, e beijo sua testa. Ela ainda está quente. Seu corpo ainda tem o aspecto de que vai respirar a qualquer momento.

Cecily se levanta e começa a andar de um lado para o outro. Ela toca a testa, o peito. — Eu não entendo — ela diz. — Tudo aconteceu tão rápido.

Penso em como ela estava feliz quando Rose morreu, como ela imediatamente garantiu sua posição como aquela capaz de ter o filho de Linden. Eles já falaram em ter mais.

— O Senhorio Vaughn deveria ter sido capaz de prolongar...

— Não mencione o nome dele — digo feroz, mas não sei por que estou me irritando com ela. Não tenho conseguido suportar vê-la desde que Jenna ficou doente, e não sei direito por quê. Mas agora não é hora de ficar

pensando sobre isso.

Enfio os cabelos compridos de Jenna atrás de suas orelhas e tento compreender sua imobilidade. Ela é como uma figura de cera, quando há apenas um minuto ela era um ser humano. Cecily sobe na cama com ela e enterra o rosto no pescoço de Jenna e diz seu nome. *Jenna, Jenna, Jenna*. Sem parar, como se isso fosse fazer alguma diferença.

Não demora muito para que Vaughn apareça para verificar os sinais vitais de Jenna. Ele sequer precisou chegar perto da cama. Pode ver nas lágrimas de Cecily, no meu olhar distante para a janela, que nossa esposa irmã se foi. Ele diz que é uma pena, mas quando veio checá-la ontem à noite, já sabia que ela não ficaria muito mais tempo nesta terra.

Quando os serviçais, chegam com a maca para buscar o corpo de Jenna, Cecily ainda a está segurando. Mas ela está desorientada demais para protestar quando a mão de Jenna é puxada da dela. — Seja corajosa — é tudo o que Cecily diz.

Ouço-a pouco tempo depois. Ela está na sala de estar, tocando um Bach zangado em Ré Menor. As teclas são como os degraus da morte descendo o corredor. Fico ouvindo a música ali, deitada no chão do meu quarto, arrasada demais até mesmo para levantar e ir para a cama. Fico imaginando essa grande música se derramando para fora do corpo pequeno de Cecily, notas fluando sobre ela em vermelho e preto, como um gênio maligno desperto de seu sono.

Espero que sua música pare. Espero que ela apareça à minha porta, com os olhos transbordando de lágrimas, perguntando se pode deitar ao meu lado um pouquinho do jeito que ela sempre faz quando está chateada, Mas ela não vem. Em vez disso, minha porta está repleta de sua música zangada e destemida.

Seja corajosa, ela parece dizer.

Quero estar longe daqui. Quero fugir agora. Não suporto estar nesta mansão, com Vaughn fazendo quem sabe o quê com o corpo de minha esposa irmã enquanto se espera que o resto de nós coma o jantar e beba o chá. Cecily leva Bowen para um lado e para o outro como se ele fosse um bonequinho, e os dois estão vermelhos de tanto chorar. Ele é o bebê mais infeliz do planeta. Provavelmente isso significa que ele é intuitivo.

Em poucas horas Vaughn nos dá as cinzas para espalharmos, e Cecily se agarra à urna. Ela pergunta se estaria tudo bem para ela guardar as cinzas de Jenna numa prateleira do quarto dela. Ela vai se sentir melhor assim. Eu digo que por mim tudo bem, e lamento em silêncio a ignorância dela. Na cama, naquela noite, ouço uma batida suave à porta, mas não atendo. Em parte porque não quero ver ninguém, mas principalmente porque estou a um milhão de quilômetros da terra. Estou deitada no escuro há uma eternidade, ouvindo os soluços distantes de uma garota que possuiu meu corpo. Estou flutuando no espaço.

Quando volto aos meus sentidos, os sons de gemidos que chegam aos meus ouvidos são terríveis e inumanos.

A porta se abre, preenchendo meu quarto de luz, eu me encolho para fugir dela, exatamente como fiz na van. Imediatamente sinto como meu corpo está pesado, como minha garganta está rouca de tanto gritar. Minha visão está toda borrada e molhada.

— Rhine? — chama Linden. Sua voz é ligeiramente familiar. Eu não quero vê-lo, e tento dizer a ele para ir embora, mas quando abro a boca, só saem sons ininteligíveis. Ele se senta na beira da cama e esfrega minhas costas. Eu tento afastá-lo, mas não tenho forças.

— Coração, você está me assustando. Eu nunca vi você assim.

É isso mesmo. Eu sou Rhine, a órfã que treinou para ser sua noiva, que está feliz por estar ali. Talvez, na cabeça dele, eu deveria até mesmo estar feliz porque uma esposa irmã morta significa que ele pode dedicar mais de seu tempo para mim. Mas eu sempre fui mais uma esposa irmã que uma verdadeira esposa. Não consigo imaginar estar nesse casamento sozinha com ele.

— O que eu posso fazer por você? — ele se ajoelha à beira da cama, afasta os cabelos do meu rosto. Eu o encaro por um rio de lágrimas. *Me liberte*, eu penso. *Me mande de volta para o ano passado. Devolva as irmãs de Jenna para ela.*

Eu simplesmente balanço a cabeça. Cubro o rosto com os punhos, mas ele os afasta, e não quero brigar com ele.

— É ano novo agora — ele diz suavemente. — Há uma festa amanhã à noite. Você gostaria de ir?

— Não — digo com a voz embargada.

— Gostaria sim — ele diz. — Deirdre já está trabalhando duro em seu vestido, e até Adair está ajudando ela.

Adair. O que irá acontecer com ele agora que Jenna se foi? Ele trabalhava para ela, e só para ela. Embora não houvesse muito o que fazer — Jenna era tão autossuficiente, e ela raramente tinha algum motivo para vestir roupas novas. Talvez ele se sinta útil ajudando com meus vestidos. Não posso simplesmente jogar tudo na cara de Adair. Engulo em seco e faço que sim com a cabeça.

— Pronto, assim é melhor — diz Linden. Mas posso ver em seus olhos que ele sabe que estou sentindo dor. Talvez tanta dor quanto a que ele sentiu quando perdeu Rose. Quando ela morreu, ele jogou coisas e gritou para todos nós irmos embora. Então ele não entende que eu também quero ficar só?

Mas ele não quer saber. — Chegue para o lado — ele diz baixinho; levantando as cobertas e subindo na cama comigo. Quando me puxa para seu peito, não sei se isso é para consolar a mim ou a ele mesmo. Mas eu desabo em seus braços e sucumbo mais uma vez rapidamente às lágrimas. Eu tento flutuar para o espaço exterior, desaparecer deste mundo miserável por um tempo, mas durante toda a noite sou mantida firmemente no mesmo lugar pelos ossos frágeis dele. Cochilo e acordo inquieta, e continuo sentindo ele ali, me segurando com mais força do que eu pensava que ele tinha.

Como eu esperava, Deirdre e Adair entram no meu quarto na tarde seguinte com um vestido estonteante. Em Manhattan não há muitas ocasiões para se ir a uma comemoração de Ano Novo. E uma ocasião reservada em grande parte para primeira-gerações que têm riqueza e longevidade para comemorar. Também é uma oportunidade para órfãos invadirem casas não vigiadas em áreas mais bem de vida. Rowan e eu passávamos as primeiras noites do ano novo aumentando a segurança e garantindo que a arma estivesse carregada. Também é uma época liberada para os Coletores. Todas aquelas garotas lindas, bêbadas, sem mãe que dançam e vendem fogos de artifício no parque. Rowan nem sequer me deixava sair de casa para ir ao trabalho, de tão perigoso que era.

Rowan. Estou preocupada com ele. Como será que ele está indo, sozinho

naquela casa com apenas os ratos para o ajudarem a montar guarda?

As serviçais de primeira geração me penteiam e depilam até eu brilhar, e em seguida Deirdre começa a trabalhar na minha maquiagem enquanto Adair enrola meus cabelos com um *baby-liss*. Sempre os cachos. — Eles destacam seus olhos — Adair diz sonhador. Deirdre cobre meus lábios de vermelho e me diz para limpar o excesso.

Cecily entra por um tempo e se senta no divã para ver. Vaughn levou. Bowen para algum lugar para tirar seu sangue ou analisar seu DNA, ou seja lá o que ele estiver fazendo com aquela pobre criança em nome de um antídoto, e Cecily parece perdida sem o bebê para tomar conta. No decorrer de vários meses, eu a vi passar de uma noivinha adolescente risonha a um estômago dilatado, e eu jamais poderia ter imaginado que ela seria uma mãe, de qualquer espécie. E agora, subitamente, parece que ela não sabe ser outra coisa além disso.

— Faça a maquiagem dela — digo a Adair, que está ocupado inspecionando meu vestido, que já está perfeito. — Você não acha que ela fica ótima de roxo? — Não faço ideia do que estou falando. Só não posso suportar ver Cecily com uma carinha tão triste.

— Tons de terra — grita Deirdre ao pregar mosquitinhos ao meu grampo de cabelo. — Com esse cabelo e esses olhos? Você precisa de marrons e verdes, com certeza. — Ela pisca para mim no espelho.

Dou lugar para Cecily na otomana, e nos sentamos de costas uma para outra enquanto as domésticas nos fazem brilhar. Cecily ameaça machucar Adair se ele a espetar no olho com o bastão de rimei, mas relaxa um pouquinho quando percebe que ele sabe o que está fazendo.

E depois até fica legal. Como se fôssemos realmente irmãs, e como se a promessa de uma morte precoce não pairasse sobre nós.

— Como você acha que vai ser a festa? — Cecily me pergunta, limpando o excesso de batom com um lenço de papel que Adair entrega para ela.

— Nada demais — eu digo, ainda sem querer atirá-la com algo que ela não chegará a ver. Talvez depois que eu me for, Linden a leve. Ela iria adorar as fontes de chocolate, e algo me diz que ela gostaria da atenção dos Governadores da Casa e dos arquitetos beijando sua mão e lhe dizendo como

é bonita. — É só um bando de bêbados ricos todos engalanados, falando de negócios.

— Você me traz umas bombinhas de chocolate? — ela pergunta.

— Se eles tiverem lá, claro.

Ela pega minha mão, e ela é pequena e quente. Mão de criança. Ela estava tão ansiosa para abandonar sua juventude, neste mundo que roubou o luxo do tempo, e me pergunto quem ela teria sido se pudesse ter tido mais anos para viver. Quando eu me for, ela assumirá o posto de primeira esposa? Ela irá abraçar completamente sua feminilidade? Sinto como se tivesse fracassado com ela de algum modo. Já foi tão difícil ver Jenna morrer, e aqui estou eu, planejando deixar a esposa irmã que restou. Fico pensando como ela irá se virar quando me perder,

Mas, se não agora, seria mais tarde. Em menos de quatro anos ela estaria à minha cabeceira, me vendo morrer.

Eu aperto a mão dela. — Tudo bem aí? — pergunto.

— Sim. — Posso ouvir o sorriso na voz dela. — Obrigada.

Meu vestido é um tomara-que-caia curto, de cor ciano tremeluzente com pérolas pretas costuradas em formas de fogos vagamente florais num dos lados. Uma gargantilha de pérolas pretas envolve minha garganta, e *leggings* e luvas pretas me manterão aquecida contra o frio cortante de janeiro. Deirdre coroa isso tudo com uma fita preta para os meus cabelos, para ir por cima dos mosquitinhos, e uma leve camada de *glitter* que me lembra do vestido de casamento de Cecily. Cecily parecia tão feliz então, quase flutuando à minha frente até o gazebo.

Agora ela dá um passo para trás e admira meu conjunto completo. Subitamente ela parece tão crescida com seu rosto artisticamente colorido em tons de terra. Seus cabelos são cacheados como os meus, e ela é linda até mesmo com sua camisola amarrotada. — Você está linda — ela diz. — Você vai arrasasr hoje à noite.

Eu não digo a ela que, com ou sem vestido, não tenho a menor vontade de ir a essa festa. Eu preferia ir para a cama, puxar as cobertas até a cara e chorar. Mas não é isso o que uma primeira esposa faz. E Deirdre, Adair e Cecily estão me observando, então sorrio do jeito que minha mãe reservava

para meu pai.

Fico assustada com a facilidade com a qual finjo estar apaixonada por esta vida, e o marido que vem junto com ela.

Linden aparece vestindo um smoking preto simples — traje padrão para todos os Governadores da Casa, pelo que reparei, mas suas lapelas têm o mesmo tom ciano do meu vestido. Vislumbro nosso reflexo nas portas metálicas do elevador, de braços dados, um casal perfeito. As portas se abrem: Entramos.

— Divirtam-se! — diz Cecily.

Quando as portas se fecham, Linden pergunta: — Ela não tem agido de maneira um pouco estranha ultimamente?

Não sei bem como responder, porque eu reparei sim numa mudança em Cecily. Desde a morte de Jenna, ela tem andando estranhamente desolada. Mas acho que isso pode ter algo a ver com o fato de que Vaughn tem tirado Bowen constantemente dela. E quem sabe o que ele está fazendo? E de conhecimento comum que novos bebês são cobaias de Casas ricas que buscam o antídoto milagroso, mas Vaughn tem andado com muitos segredos e Bowen não parece ter sofrido nada. Eu também não consigo encontrar uma maneira agradável de dizer a Linden que acho que ele foi egoísta e estava errado ao engravidar uma garota tão nova em primeiro lugar. E talvez eu esteja preocupada que ele comece a me pressionar para ter filhos novamente. Aos dezesseis anos eu sou praticamente uma velha solteirona.

— Ela só está cansada — respondo. — Você deveria ajudá-la mais com o bebê.

— Eu adoraria — diz Linden. — Entre Cecily e meu pai, tenho sorte de lembrar o rosto do meu próprio filho.

— Linden — arrisco com cuidado — O que você acha que seu pai está fazendo com o bebê o tempo todo?

— Monitorando seu ritmo cardíaco, tirando seu sangue para ter certeza de que ele é saudável, eu suponho. — Ele dá de ombros.

— E isso parece normal para você? — pergunto.

— O que é normal? — pergunta ele. — As primeiras gerações nem sequer perceberam que seus filhos estavam morrendo até vinte anos depois,

quando a coisa começou a acontecer. Quem sabe o que acontecerá aos nossos filhos?

O que ele diz faz sentido. Olho para meus saltos altos brilhosos. Aqui estou eu, metida num lindo vestido, enquanto o mundo desmorona. Consigo ouvir a voz de Jenna dizendo, *Não se esqueça de como você chegou aqui. Não se esqueça.*

Linden agarra minha mão. Em momentos como esse eu acho que ele está tão assustado quanto eu. Dou um sorrisinho a ele, e ele bate o ombro contra o meu. O sorriso aumenta.-- Assim é melhor — ele diz.

Na limusine ele serve uma taça de champanhe para cada um, mas não termino a minha e impeço que ele termine a dele também.

— Haverá muito mais na festa — eu digo.

— Falou como uma verdadeira primeira esposa. — Ele ri e beija minha têmpora. Coro sem querer. É a primeira vez que ele diz essas palavras em voz alta. Primeira esposa. E só por mais alguns dias, mas posso fingir, para o bem dele, que não.

— Você acha que haverá câmeras? — pergunto.

— Toneladas — ele responde. E parece um pouco preocupado.

— Talvez eu devesse ter pedido a você para usar aquelas lentes de contato verdes — ele diz. — Não quero que o mundo todo fique sabendo como você é extraordinária.

Ajeito a gravata dele. — São os meus olhos que me tornam especial para você?

— Não — responde ele. Sua voz se tornou suave e sonhadora. Ele afasta os cachos do meu rosto. — Eles são apenas a ondulação na superfície.

Eu sorrio. Por um momento penso que era isso que meu pai sentia pela minha mãe, e eu quase poderia jurar que este casamento era real. Um estranho que passasse acharia que estamos juntos há anos, que planejamos viver o resto de nossas vidas juntos. Eu sempre soube que era uma excelente mentirosa; só não sabia que era tão boa a ponto de enganar a mim mesma.

Entramos na festa de braços dados, e com a música tocando num volume ensurdecador é fácil para nós passarmos despercebidos. A festa está acontecendo num bar elevado com plataformas em uma escada em espiral. As

duas plataformas superiores são feitas de alguma espécie de vidro espelhado de um lado só, de forma que podemos ver as pessoas abaixo de nós, mas elas não podem nos ver. Fico aliviada, porque isso significa que ninguém pode olhar para cima e ver embaixo de meu vestido. E algo me diz que alguns desses Governadores da Casa tentariam.

Leva aproximadamente dois minutos para que um dos colegas de Vaughn se aproxime de nós, com duas morenas risonhas em seus braços carregando copos de néon. Elas não parecem muito mais velhas que Cecily. Estão usando vestidos fúcsia combinando que parecem embalagem plástica enrolada ao redor de seus corpos angulosos. Ele as apresenta como suas esposas — gêmeas, as duas grávidas — e quando ele beija minha mão, ambas me olham com desprezo.

— Elas têm inveja da sua beleza — Linden sussurra quando elas passam. — Você está deslumbrante, aliás. Fique perto de mim pra ninguém sequestrar você.

Certo. Ser sequestrada uma vez já basta por uma vida inteira.

Mas eu fico mesmo perto dele, porque não confio em nenhum desses homens, e porque a maioria das outras mulheres da minha idade parece já estar bêbada. Esta é uma festa pós-Ano-Novo, e Linden explica que à meia-noite eles vão repetir a contagem regressiva para o ano novo. Quando pergunto a ele por quê, ele diz: — Quem sabe? Mas temos tão poucos anos novos na vida. Que mal faz acrescentar mais alguns?

— Faz sentido — eu digo, e ele me puxa para a pista de dança.

Eu me dou melhor com música lenta, que mal envolve qualquer tipo de movimentação, mas uma olhada nas luzes estroboscópicas me diz que não haverá música lenta esta noite. Tento manter o compasso com Linden, que pacientemente vai me guiando, e tudo em que consigo pensar é em Jenna. Como ela ensinou a Cecily e eu seus passos de dança naquela tarde antes do furacão. Ela iria adorar esta festa, mesmo que não gostasse de Linden. Ela estaria destroçando corações e os fazendo em pedacinhos debaixo dos seus saltos ao girar pela plataforma. Sinto uma necessidade louca de contar tudo sobre a festa para ela assim que chegar em casa, e então me lembro de que ela se foi.

Linden me joga sobre seu braço. Ele está num excelente humor, ainda mais se levarmos em conta o quão pouco ele bebeu. Quando volto a por os pés no chão, ele me dá um beijo rápido nos lábios.

— Se importam se eu interromper? — pergunta um homem. E talvez "homem" não seja sequer a palavra certa. Ele dificilmente pode ser mais velho que eu. É baixinho e gordinho, e seus cabelos cor de cenoura refletem o arco-íris de luzes. Sua pele pálida é tão translúcida que mal consigo distinguir seus traços. Ele está de braço dado com uma loura alta de vestido vermelho-vivo que combina com seus lábios. Ela parece sóbria ao medir Linden de alto a baixo.

Linden hesita e olha para mim.

— Qual é! — diz o homem. — Só por uma dança. Vamos trocar de esposas.

— Tudo bem — diz Linden, pegando a de vestido vermelho pela mão e me passando para o ruivo. — Mas eu gosto muito da minha Rhine. Não vá ficar muito apegado.

Sinto náuseas. O homem tem cheiro de uma mistura infeliz de todas as carnes da bandeja de frios, e bebeu demais. Ele pisa nos meus sapatos pretos mais de uma vez, sujando-os com suas pegadas. Ele é tão baixo que dá pra ver por cima de sua cabeça, e fico vendo Linden dançar com a esposa deste homem, e ela parece estar se divertindo. Ela provavelmente está aliviado por estar com um marido que sabe o que está fazendo. Mas ele não é o marido dela! É meu.

Esse pensamento me faz parar na hora. O cenourinha gordo cai de cara nos meus seios e dá uma gargalhada. — Você é sem jeito mesmo, hein, garota? — ele diz. Mas eu mal ouço o que ele diz. Meu? Não. Linden não é meu. Isso é tudo uma encenação. Essas festas, o cartão-chave, essa história de primeira esposa — isso não é de verdade. Daqui a mais alguns dias, eu e Gabriel vamos fugir, e toda esta vida será uma lembrança distante. O que é que eu estava pensando?

Forço-me a desviar o olhar de Linden e da loura, que está claramente adorando dançar com um homem de sua própria altura. E quando a dança termina, eu desapareço até a mesa de doces e roubo algumas bombinhas de

chocolate e bolinhos para Cecily antes que os melhores sejam apanhados. Um dos serviçais se oferece para colocá-los na geladeira para mim até eu ir embora.

Eu me encosto num canto e fico vendo os corpos dançarem sob as luzes caóticas. Vermelha, verde, azul, branca, laranja. Imagens de estrelas coloridas giram ao redor das paredes. Eu estou flutuando sobre esta placa de vidro. Abaixo de mim, mais corpos, mais luzes, mais música sacudindo o piso. E, enquanto os observo, mais aprecio o senso de moda de Deirdre. A maioria dessas outras esposas parecem estar vestindo papel-alumínio. Montes de prata, rosa-metálico, verde e azul-bebê. Sapatos plataforma com saltos de quinze centímetros e colares de pérolas exagerados que parecem pesar uma tonelada. A maioria das mulheres usam tanta maquiagem que as luzes as fazem parecer radioativas. Seus dentes brilham.

Algumas das esposas me puxam para seu círculo de dança, e eu deixo. É uma boa oportunidade para que as câmeras me filmem. E é melhor do que dançar com os maridos delas, pelo menos, e na verdade até que é divertido. A maioria delas, assim como eu, não faz a menor ideia de como dançar. Suas joias ficam batendo umas nas outras, e estremecemos como se estivéssemos tendo ataques, e nos damos as mãos, e nossos risos somem na música. Sempre tive motivos para temer as comemorações de Ano Novo por causa dos Coletores; sempre tive de me preocupar sobre quem estaria invadindo minha casa. Mas aqui estou segura, e posso desfrutar da comida, deste vestido e da música, e posso rir dos meus passos de dança desajeitados. Serviçais carregam bandejas de bebidas em taças de neon pulsantes, e, ainda me movendo, pego uma e engulo seu conteúdo em segundos. O álcool espalha calor às minhas extremidades. E tenho de admitir que a festa está fazendo eu me sentir melhor.

Há um certo conforto na repetição destas festas. Seja uma comemoração de Ano Novo falso ou uma festa de batismo, o tema é o mesmo: vida. Curta enquanto ela dura.

Então as luzes param de piscar e a música abaixa de volume, e uma voz anuncia pelos altofalantes que falta um minuto para a meia-noite. Todas as esposas correm para encontrar seus maridos, e fico sozinha por alguns

segundos até Linden agarrar meu pulso e eu sentir seu peito familiar pressionar as minhas costas. — Aí está você — ele diz. — Andei procurando você a noite toda.

— Onde está sua namorada? — pergunto, antes de conseguir calar minha boca.

— O quê? Do que você está falando?

— Nada — digo quando ele me vira para encará-lo. — Eu apenas me esqueci de que você tem fraqueza por louras.

— Ah, ela? — ele diz. — O pai do marido dela é um empreiteiro com o qual eu venho trabalhando. Achei que seria bom para mim ficar de bem com ele.

— Ok — digo, vendo uma tela gigante na parede fazendo a contagem regressiva dos segundos até a meia-noite. Vinte... dezenove...

— Não fique zangada — diz Linden, apertando minhas mãos. Elas estão suando dentro das luvas pretas. — Eu também não gostei de ver você dançando com ele. Na verdade, eu quis pedir desculpas assim que a música parou, mas você havia desaparecido.

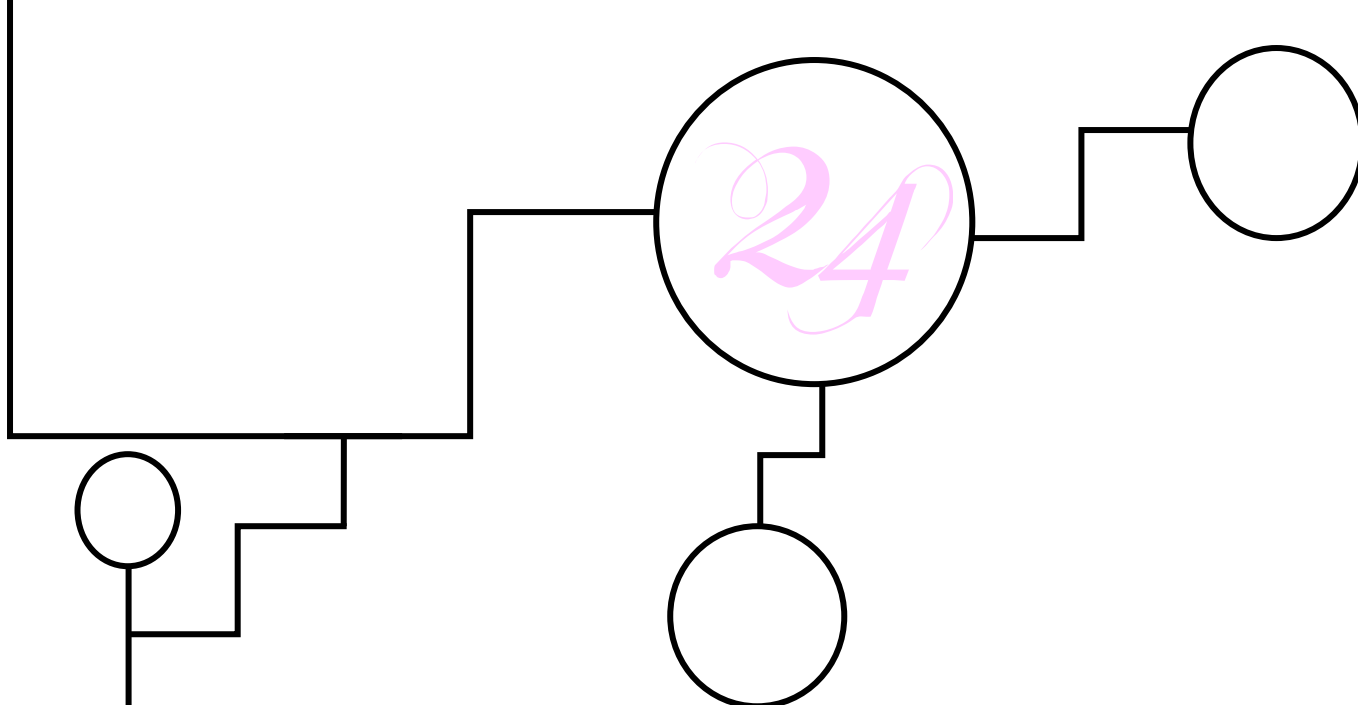
Dez... nove...

Ele levanta meu queixo, me forçando a olhar para ele. De todos os Governadores e Senhorios aqui, ele é o único que eu permitiria que me tocasse dessa maneira. Ele é familiar, queira eu ou não. A coisa mais próxima que eu tenho de casa estando tão longe da minha.

— Você é a única loura pela qual eu tenho fraqueza — ele jura. E isso é tão patético que eu tenho que rir, e ele ri também, e pega meu rosto em suas mãos. — Eu te amo — ele diz.

Três... dois... um.

Ele me beija, no meio de um mar de fogos de artifício falsos e estrelas falsas. E comemoramos juntos esse ano novo falso. E parece apenas adequado que, neste momento de ilusão, as palavras simplesmente saiam de mim: — Eu também te amo.



N

ós voltamos da festa de Ano Novo nas primeiras horas da manhã, e a janela do meu quarto deixa entrar uma luz azul enevoadada. Em frente ao meu quarto, a porta de Cecily está aberta, e posso ouvir a respiração dela, o ruído que o corpo dela faz ao se mover por entre os lençóis de cetim. Ao lado da porta dela há um quarto vazio, e nenhum som. E de algum modo esse silêncio é o que torna impossível para mim dormir. Viro para um lado e para o outro por um tempo, e depois saio da cama e vou até o quarto de Jenna.

Sua porta se abre com um rangido. Na luz da manhã vejo que sua cama foi feita. Um de seus romances permanece sobre a mesinha de cabeceira. É a única coisa dela que permanece. Dali posso ver o papel de bala marcando a última página que ela leu na vida.

Até mesmo o cheiro dela desapareceu. Aquela leve mistura de perfumes e loções que fazia os serviços corarem. Em seus últimos dias ela foi suplantada pelo cheiro da pomada forte que Adair esfregava em seu peito para ajudá-la a respirar, mas aquele cheiro medicinal também se foi. O carpete foi aspirado sobre suas pegadas, apagou as marcas de maca de quando seu corpo foi levado dali.

Eu espero. Para ser assombrada por ela, para ouvir sua voz. Quando Rose morreu, eu ainda pude, por meses, sentir sua presença nos laranjais. Mesmo que seja apenas minha imaginação, já era alguma coisa. Mas se o espírito de Jenna ainda existir na terra, ele não está aqui. Não há sequer uma sombra em

seu espelho.

Afasto as cobertas e subo na sua cama. Os lençóis têm cheiro de novos, e talvez sejam mesmo, porque não os reconheço — brancos com florezinhas roxas. Esse também não é o edredom de cetim dela, que tinha uma mancha de suco de cereja no canto. Ela se foi. Sem um vestígio, a não ser pelo livro. Jamais saberei o que aconteceu a ela quando ela desapareceu no porão de Vaughn. Ela jamais fugirá comigo para ver o oceano. Ela nunca mais vai dançar ou respirar novamente.

Enterro o rosto no colchão, o ponto onde ela morreu, e finjo que ela está passando os dedos nos meus cabelos. E preciso muito esforço para conseguir conjurar uma lembrança vivida da voz dela.

Você vai sair daqui, e vai ser incrível.

— Ok — eu digo a ela

Depois de algum tempo, felizmente consigo adormecer, mas sem sonhos. E a minha última noite sem sonhos. Depois disso, Gabriel está sempre na minha mente, sozinho em algum lugar naquele lugar horrível embaixo dos meus pés. Penso na pele dele ficando acinzentada por causa daquelas luzes, sua respiração saindo em nuvens. Fecho meus olhos à noite e começo a sonhar com ele deitado num catre para dormir, com minha esposa irmã morta num freezer ao lado dele.

Tenho medo que Vaughn descubra nosso plano e o machuque. O mate. Vaughn diz que começou a trabalhar em seu antídoto no dia em que Linden nasceu, e mesmo que eu não acredite que ele quer fazer coisas boas, nisso eu acredito. Eu também acredito que a vida de Linden é a única que ele se importa de salvar. E Bowen é o reserva de Vaughn caso ele não consiga curar seu filho a tempo. Tive um sonho horrível certa noite. Bowen, alto e magro como o pai, beijando os lábios de alguma noiva hesitante que vive no que foi um dia o quarto de sua mãe. Ele diz a ela que a ama, e ela segura uma faca atrás das costas, linda e vingativa, esperando o momento certo para acabar com ele. Não há ninguém para avisá-lo. Nenhuma mãe para amá-lo. Tudo o que ele sempre conheceu é Vaughn, que diseca o corpo de Linden no porão, louco por uma cura. E eu? Eu há muito que estou morta, congelada e perfeitamente preservada com minhas esposas irmãs, nossos olhos abertos em

expressões espantadas, nossas mãos quase se tocando. Numa fileira de quatro lado a lado, estalactites de gelo em nossos cílios.

Alguma coisa me toca, e eu dou um grito sem conseguir me controlar. Meu coração está disparado no peito, e eu imediatamente luto para me libertar dos cadáveres das minhas esposas irmãs, desesperada para fugir do porão de Vaughn.

— Ei — murmura uma voz suave. — Shh... ei, ei, está tudo bem. Você teve um pesadelo. — Eu me viro, e lá está Linden ao meu lado na minha cama; eu mal consigo vê-lo na luz do luar. Ele afasta os cabelos do meu rosto. — Venha cá — ele diz, e me puxa para perto. Eu não resisto. Minhas mãos tremem quando agarro sua camisa. Seu rosto contra o meu é quente, e derrete a pele fria do meu sonho.

Do outro lado do corredor ouço o bebê soluçar e logo em seguida começar a choramingar. Começo a me levantar para sair da cama, mas Linden me puxa de volta.

— Preciso ir — eu digo. — A culpa é minha. Eu acordei ele.

— Você está tremendo — ele diz. Ele toca minha testa com as costas da mão. — E acho que está um pouquinho quente. Está se sentindo doente?

— Não estou doente — garanto a ele.

— Fique na cama — diz Linden. — Eu vou.

Eu quero ir. Eu quero confirmar que Bowen ainda é apenas uma criança, que o menino magro do meu sonho não é de verdade. Pelo menos ainda não: Eu saio da cama, e Linden me segue até o quarto de Cecily. Ela está tentando se arrastar para fora da cama, os cabelos desgrehados, olhos semicerrados.

— Eu já peguei ele — sussurro. — Pode voltar a dormir.

— Não — ela diz, e me empurra para o lado quando estou começando a estender as mãos para dentro do berço. — Você não é a mãe dele. Eu sou. — Bowen choraminga e soluça quando ela o pega em seus braços. Ela murmura para ele se calar, cantarola suavemente e se senta na cadeira de balanço. Mas quando desabotoa a camisola, Bowen se debate e se afasta do peito dela, choramingando.

Linden aparece atrás de mim e coloca o braço ao redor dos meus ombros. — Talvez devêssemos tentar a ama de leite, meu amor — ele diz para Cecily.

Ela olha para ele, e seus olhos se enchem de lágrimas. — Não se atreva — ela cospe. — Eu sou a mãe dele. Ele precisa de mim. — Ela quase perde a voz, e volta a atenção para seu filho. — Bowen, por favor ...

— Meu pai diz que isso é normal nas primeiras semanas — tenta Linden. — Recém-nascidos não aceitam peito fácil.

— Ele aceitava — diz Cecily. — Tem alguma coisa errada. — Ela abotoa a camisola e se levanta, levando o filho ao peito e andando de um lado para o outro. Isso o acalma; ele dorme em segundos.

— Ele não estava com fome — digo.

Cecily não diz mais nada ao colocar Bowen de volta no berço, se inclinando para beijar sua testa. Ela não viu meu sonho — um mundo no qual seu filho cresceu e se tornou um jovem sem mãe com suas próprias noivas indesejadas — mas será que ela também teve pesadelos? Será que ocorreu a ela, uma vez sequer, que ela será somente uma parte muito pequena da vida dele, e que um dia ela não será mais nada para ele além da memória distante de cabelos ruivos e os acordes tristes e elegantes de um teclado? Isso se ele lembrar de alguma coisa.

— Meus pais costumavam trabalhar num laboratório que tinha um berçário — digo a ela, ignorando minha própria regra sobre não deixar que Linden ouvisse nada a respeito de minha própria vida. Essas palavras não são para ele, de qualquer maneira. — Todos os bebês eram órfãos, e havia tantos deles que nem sempre podiam ter atendimento pessoal. Então os técnicos tocavam uma gravação de uma canção de ninar para acalmá-los. Mas os que eram apanhados no colo sempre pareciam mais alerta. Esses eram os que riam e aprendiam a pegar as coisas antes dos outros.

Cecily olhava para o berço enquanto eu falava, mas agora ela levanta a cabeça e olha para mim. — O que isso quer dizer?

— Acho que isso quer dizer que os bebês entendem o contato humano. Eles sabem quando tem alguém cuidando deles.

— Eu não me lembro de ninguém — murmura Cecily. — Eu cresci num orfanato, e não lembro de ninguém nunca cuidando de mim. Eu só quero que ele saiba que eu sou a mãe dele. Que eu estou aqui e que vou cuidar dele.

— Ele sabe — eu murmuro e a abraço.

Ela enxuga as lágrimas. — Ele não precisa ouvir gravações. Ele tem mãe. Ele tem a mim.

— É verdade — eu concordo.

Ela tapa a mão com a boca para evitar mais um soluço. Cecily sempre foi emotiva, mas dar a luz a Bowen e perder Jenna cobraram seu preço. A cada dia ela está mais fraca. Tenho torcido para que Linden seja capaz de consolá-la, de modo que seja mais fácil para ela depois que eu fugir, mas há momentos em que ele não consegue fazer contato com ela, quando a tristeza dela explode de forma muito irracional ou é muito forte para que ele consiga compreender. Em momentos como este, quando ela me dá a mão e aperta forte, e nosso marido se torna apenas uma sombra à porta do quarto.

— Vamos lá — eu digo. — Você devia voltar a dormir. — Ela me deixa levá-la de volta à cama. Ajeito as cobertas ao redor dela. Seus olhos já estão fechados. Ela está sempre tão cansada.

— Rhine? — ela diz. — Me desculpe.

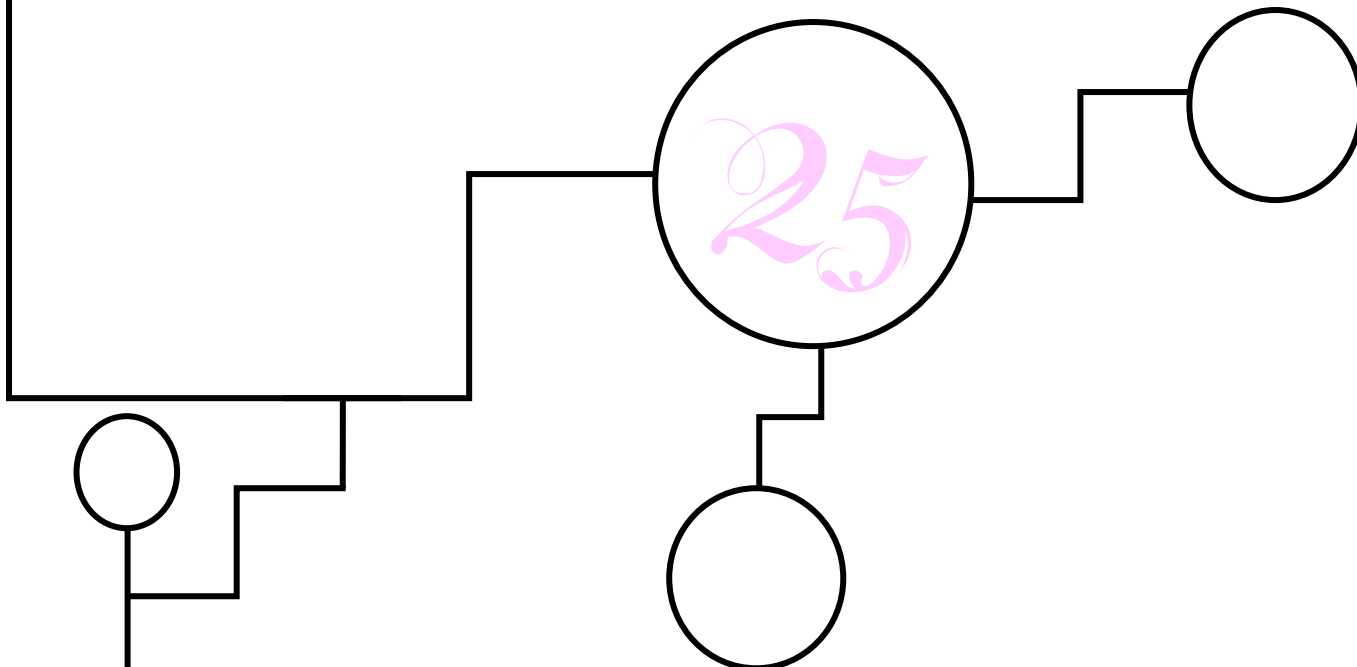
— Desculpe pelo quê? — pergunto. Mas ela já adormeceu.

Virou-me para a porta e percebo que Linden já foi. Ele provavelmente saiu de mansinho enquanto eu estava tentando consolar Cecily, receoso de piorar as coisas. O humor de Cecily é muito frágil, especialmente agora que ela está de luto por Jenna. A intensidade dela o aterroriza; acho que é porque a tristeza dela o lembra da perda de Rose.

Fico em pé à porta por um tempo, escutando a respiração cadenciada de minha esposa irmã e seu filho, suas formas quase invisíveis ao luar. E uma terrível sensação de mortalidade toma conta de mim. Muito em breve, Cecily vai perder sua esposa irmã restante, e em menos de quatro anos, ela também vai perder seu marido. E, um dia, este andar não será nada a não ser quartos vazios, sem nem sequer um fantasma para fazer companhia a Bowen.

E depois ele também morrerá.

Não importa o quanto sua mãe o ame; o amor não é suficiente para manter nenhum de nós vivo.



N

o mês anterior à minha fuga, passo todo o meu tempo do lado de fora. Ainda há alguma neve no chão, e fico vagando pelos laranjais. Jogo minigolfe sozinha. E, pouco a pouco, o mês passa.

Na manhã da fuga que planejei, eu me deito na cama elástica e fico escutando as molas rangendo com os movimentos do meu corpo. Este era o lugar favorito de Jenna, sua própria ilha. É aqui que Cecily me encontra, seus cabelos ruivos apanhando alguns flocos de neve ao caírem. Ela diz: — Ei.

— Ei.

— Posso subir? — ela pergunta. Dou palmadinhas no espaço vazio ao meu lado, e ela sobe.

— Onde está o seu bichinho? — pergunto.

— O Senhorio Vaughn — ela diz, com um pouco de infelicidade. É a única explicação necessária. Ela se acomoda ao meu lado, envolve meu cotovelo com seus braços e suspira. — E agora? — ela pergunta.

— Não sei - digo.

— Eu realmente não sabia que ela ia morrer — ela deixa escapar. — Eu achava que ela tinha mais um ano, e depois um antídoto seria encontrado, e... — a voz dela some. Fico deitada, vendo a respiração dela e a minha sumirem no ar frio.

— Cecily — digo. — Não existe antídoto. Meta isso na sua cabeça.

— Não seja tão pró-naturalismo. O Senhorio Vaughn é um médico brilhante. Ele está trabalhando muito duro. Ele tem uma teoria de que o

problema é que os primeira-gerações foram concebidos artificialmente. Então, se um bebê nasce naturalmente, esse bebê pode ser curado através de... — ela faz uma pausa, tentando se lembrar das palavras, então ela as pronuncia cuidadosamente, como se tivesse medo de quebrá-las — ...intervenção externa.

— Certo. — Eu rio cruelmente. Não digo a Cecily que meus pais dedicaram suas vidas a encontrar um antídoto, e que tenho dificuldade para acreditar que Vaughn poderia ter os mesmos motivos que eles tiveram. Não conto a ela sobre o corpo de Rose no porão, e que Jenna provavelmente está lá também, trancada em um freezer ou dissecada em pedaços irreconhecíveis.

— Ele vai encontrar um antídoto — Cecily repete com firmeza. — Ele precisa. — Eu entendo a negação dela. A vida de seu filho depende do antídoto imaginário de Vaughan, mas não estou com espírito para fingir. Balanço a cabeça, vendo a neve cair do céu todo branco e girar em turbilhões. O mundo parece tão limpo se você olhar para cima.

— Ele precisa — Cecily repete. Ela se senta em cima de mim, seu rosto bloqueando minha visão das nuvens. — Você precisa ficar aqui e deixar que ele te cure — ela diz. — Eu sei que você está planejando fugir. Não pense que não sei.

— O quê? — digo, me sentando.

Ela agarra minha mão em ambas as suas e se inclina para perto de mim muito séria. — Eu sei tudo sobre você e aquele serviçal. Eu vi ele te beijar.

Aquele ruído no corredor. — Aquilo foi você? — pergunto. Minha voz parece estranha e distante, como se eu estivesse ouvindo sem querer uma conversa entre duas pessoas que não conheço.

— Ele estava distraído de suas tarefas de esposa. Eu pensei que, depois que ele tivesse ido embora, você perceberia como Linden é um bom marido. Você veria as coisas com mais clareza. E percebeu, não foi? Você tem se divertido naquelas festas?

Subitamente respirar dói. — Foi você quem contou ao Senhorio Vaughn.

— Eu disse isso pra te ajudar — ela insiste, apertando minha mão. — Ele e eu só estávamos preocupados com seus melhores interesses. Foi por isso que o Senhorio Vaughn mandou transferir o serviçal para outra parte da

mansão.

Puxo minha mão com violência da dela, e tenho vontade de recuar. Quero me afastar o máximo possível dela, mas por algum motivo não consigo sair deste ponto. — O que mais você disse a ele?

— Eu sei mais do que você pensa — diz ela. — Você e Jenna tinham seu clubinho do qual eu nunca fiz parte. Vocês nunca me contavam nada, mas eu não sou burra, sabia? Eu sei que ela estava ajudando você a ver aquele serviçal. E isso não é bom. Você não vê? Linden te ama, e você ama ele! Ele é *bom* pra nós, e o Senhorio Vaughn vai encontrar o antídoto e vamos ficar aqui por muito, muito tempo.

As palavras dela caem ao meu redor como os flocos de neve, que se multiplicaram em quantidade e intensidade. Minha respiração saindo em nuvens frenéticas, entrecortadas. Ouço a voz de Vaughn na minha cabeça. *Ela é meio como um peixe, não é? Se dependesse de mim, nós simplesmente a jogaríamos de volta à água.* — Você faz alguma ideia do que fez? — pergunto.

— Eu ajudei você! — ela grita.

— Você matou ela! — eu grito de volta. Aperto os olhos com as mãos, e quero gritar. Quero fazer muitas coisas de que provavelmente vou me arrepender, então fico simplesmente sentada assim por muito tempo tentando recuperar o fôlego.

Mas não posso ficar sem responder nada para sempre, porque Cecily está perguntando: "O quê?" e "Como assim?" e "Do que você está falando?" Até que para mim chega.

— Você matou Jenna! Foi isso o que aconteceu! Você disse ao Senhorio Vaughn que ela estava xeretando, e ele a matou! Eu não sei como, mas ele matou! Ele estava procurando um motivo para matá-la, e você o deu a ele. E Gabriel está preso sozinho naquele... porão terrível, e é tudo culpa sua.

Os olhos castanhos de Cecily se enchem primeiro de descrença, e depois de medo, e posso vê-la lutando para negar o que acabei de lhe dizer. — Não — ela diz, desviando o olhar, balançando a cabeça positivamente com certeza. — Jenna morreu do vírus, e...

— Jenna tinha apenas dezenove anos — eu digo. — Ela morreu em uma semana. Mas Rose continuou viva por meses. Se seu Senhorio Vaughn é um

médico tão brilhante, me explique por que ela morreu tão rápido sob a vigilância dele.

— T-todo caso é diferente — ela gagueja. E então ela diz: — Espere! Aonde você está indo? — Porque não posso mais olhar para ela, e pulei para o chão, e estou correndo. Não sei para que lado estou indo, mas ela vem atrás de mim. Ouço os sapatos dela esmigalhando a neve. Ela consegue me alcançar e me agarrar pelo braço, e eu a empurro com tanta força que ela cai em cima de um banco de neve.

— Você é igualzinha a ele! — digo. — Você é um monstro igual a ele, e seu bebê vai crescer e virar um monstro também! Mas você sequer vai chegar a vê-lo crescer, porque daqui a seis anos você estará morta. Você estará morta e Linden estará morto, e Bowen será o novo brinquedinho do Senhorio Vaughn.

Os olhos dela estão vermelhos de lágrimas, e ela está balançando a cabeça, dizendo "Não, não, não" e "Você está errada." Mas ela entende que eu estou certa. Posso ver o arrependimento no rosto dela. Fujo correndo dela, antes que eu perca o controle e faça algo horrível a ela. Quando saio, ouço-a gritando meu nome de forma brutal, horrível, como se estivesse sendo assassinada, coisa que talvez ela esteja sendo. Mas lentamente. Ela vai levar seis anos para morrer.



Meu último dia na mansão Linden. Ou talvez seja na mansão Vaughn. Foi ele quem a fez o que ela é, e Linden é apenas um peão, como suas noivas. Seria mais fácil se eu conseguisse manter meu ódio original por Linden, para fugir de sua cruel tirania sem jamais olhar para trás. Mas eu sei no fundo do meu coração que ele não é uma pessoa terrível, e o mínimo que posso fazer é dizer adeus a ele. Pela manhã ele vai acordar e eu já terei partido. Ele vai achar que morri, e vai espalhar minhas cinzas. Ou quem sabe Cecily as guarde num vaso ao lado da memória de Jenna.

Cecily. Minha última esposa irmã restante. Tomo um grande cuidado para evitá-la durante o resto da tarde, mas nem preciso me esforçar muito. Ela tratou de ficar longe. Nem sequer desceu para jantar, e Linden está, claro,

começando a ficar preocupado por ela estar faltando a tantas refeições. Ele quer saber se eu notei algo de estranho no comportamento dela ultimamente, e eu digo que ela está indo tão bem quanto pode se esperar, dadas as circunstâncias. Linden não tem sido capaz de compreender a tristeza de suas esposas com a morte de Jenna, não de verdade. Então, uso isso como desculpa para justificar o comportamento de Cecily e ele cala a boca.

Linden mal conhecia Jenna, e eu não penso mais que Vaughn capturou três noivas para benefício de seu filho. Acho que ele só queria um corpo extra para seu antídoto. Jenna era a descartável. Cecily é a fábrica de bebês. E eu deveria ser a menina dos olhos dele.

Após o jantar, por volta das oito da noite, chamo Deirdre para me preparar um de seus banhos de camomila. Mas ela está sombria. Depois da morte de Jenna, Adair foi vendido em um leilão. Então não sou a única que perdeu um amigo. Mas Deirdre se mantém ocupada, organizando e reorganizando a maquiagem em minha penteadeira enquanto fico na banheira. Me pergunto o que irá acontecer a ela depois que eu me for, se ela será vendida para outra mansão. Talvez ela seja transferida como a guardiã de Bowen. Ela é um pouco mais nova que Cecily, e viverá pelo menos até a adolescência dele. Talvez ela possa acalmar o choro dele e lhe falar de coisas bonitas sobre o mundo, como a praia que seu pai pintou.

— Pronta para sair? — ela pergunta.

— Venha conversar comigo um pouquinho — eu digo. Ela senta na borda da banheira e tenta sorrir um pouco. Mas a sensação geral de tristeza no andar das esposas se espalhou até mesmo para ela.

Estou tentando pensar em algo para dizer a ela. Algum modo de dizer adeus sem realmente dizer adeus, mas para a minha surpresa é ela quem diz: — Você não é como as outras, é?

— Hein? — digo.

Minha cabeça está apoiada numa toalha enrolada na beirada da banheira, e Deirdre começa a pegar meus cabelos molhados e fazer tranças com eles. — É só seu comportamento — ela diz. — Você é... como um pincel.

Eu abro os olhos. — O que você quer dizer?

— Isso é bom — ela diz. — Coisas boas têm acontecido desde que você

chegou. — Ela faz um gesto com a mão como se estivesse pintando um quadro. — As coisas estão mais brilhantes.

Isso é uma piada. Gabriel está confinado ao porão e Jenna está morta. - Não entendi o que você quer dizer — eu digo.

— O Governador da Casa está muito mais forte. Mais feliz. Antes ele era tão frágil. E as coisas estão simplesmente... melhores.

Ainda não estou entendendo, mas percebo pelo tom da voz dela que ela está falando sério, e por isso sorrio.

Será verdade? Não sei. Penso no que eu disse a caminho da festa, sobre ensiná-lo a nadar quando a água estiver quente. Talvez algo assim o tenha feito feliz, como diz Deirdre. Vou ter que acrescentar isso à minha lista de promessas não cumpridas, junto com a promessa de cuidar dele. Mas quando Rose me pediu para fazer isso, ela não havia esperado por Cecily. Ela e Linden são mais adequados um para o outro de qualquer maneira. Cecily é tão dedicada a ele que entregaria Jenna e eu a Vaughn, e era ela quem estava tão ansiosa para ter o filho dele, e ambos são tão dolorosamente alienados que talvez até façam bem um para o outro. Dois passarinhos engaiolados. Eu não sou boa para Linden. Eu sou cheia de atlas e mapas. E daí que sou parecida com Rose? Eu não sou ela, e até mesmo ela teve de deixá-lo.

— Pronta para sair? — ela pergunta.

— Sim — eu digo. Quando coloco minha camisola, ela começa a ajeitar as cobertas da minha cama, mas eu me sento na otomana e pergunto? — Pode fazer minha maquiagem?

— Agora? — ela pergunta.

Eu faço que sim.

E, uma última vez, ela faz sua magia funcionar.

Ligo para um dos serviçais e mando que ele encontre Linden. Alguns minutos mais tarde, Linden aparece à minha porta. — Estava me procurando? — ele pergunta. Ele vai dizer mais, mas para quando me vê, toda enfeitada com os cabelos caindo naturalmente, sem spray ou grampos, do jeito que deveriam estar. Estou vestindo um dos suéteres de Deirdre, macio como uma nuvem, e uma saia preta bufante que brilha com diamantes negros.

— Você está muito bonita — ele diz.

— Eu estava apenas pensando que nunca vi a varanda — digo.

Ele estende o braço para mim. — Então venha — ele diz.

A varanda fica no piso térreo, além de um salão de dança que não é muito usado. Todas as cadeiras e mesas do salão estão cobertas por lençóis, como se fantasmas tivessem adormecido depois de uma festa espetacular. Nós navegamos por entre a escuridão, de braços dados, e paramos em frente às portas deslizantes de vidro. Contra um céu muito escuro, a neve cai furiosa como milhões de pedaços de estrelas partidas.

— Talvez esteja muito frio para sair — ele diz.

— Do que é que você está falando? — digo. — Está uma noite linda.

A varanda é um espaço simples com uma namoradeira e cadeiras de vime que dão direto para os laranjais. Linden limpa a neve delas, e nos sentamos juntos na namoradeira. A neve cai ao nosso redor, e ficamos em silêncio por muito tempo.

— Tudo bem que você sinta saudades dela — eu digo. — Ela foi o amor da sua vida.

— Não o único amor — ele diz, e me envolve com seus braços. Posso sentir o cheiro de lã fria de seu casaco. Ficamos vendo a neve cair durante um tempo. E então ele diz: — Não parece certo pensar nela o tempo todo que penso.

— Você deveria pensar nela — eu digo. — Todo dia. Você não devia tentar procurar por ela em nenhum outro lugar, porque jamais irá encontrá-la. Você vai vê-la andando numa rua cheia de gente, e quando for atrás dela, ela vai se virar e será outra pessoa.

Foi o que aconteceu comigo por meses e meses depois que meus pais morreram. Linden está olhando intensamente para mim, e eu bato com a ponta do meu dedo sobre seu coração. — E só não deixar de mantê-la aqui, ok? E o único lugar em que você sempre será capaz de encontrá-la.

Ele sorri para mim, e por vim momento vejo o brilho do ouro nos seus dentes. Quando o encontrei pela primeira vez, achei que eles eram símbolo de poder e status. Mas são apenas cicatrizes, o resultado de um garotinho frágil cujos dentes sucumbiram a uma infecção. Ele não é nem um pouco ameaçador.

— Você parece saber muito de perdas — ele diz.

— Eu sei uma coisa ou duas — digo, e repouso a cabeça no ombro dele. Seu pescoço irradia calor, e exala o distante cheiro de sabonete.

— Eu ainda não sei de onde você vem — ele diz. — Às vezes parece que você simplesmente caiu do céu.

— Às vezes me sinto como se tivesse caído mesmo — digo.

Ele entrelaça seus dedos nos meus. Por entre nossas luvas brancas que combinam, acho que consigo sentir sua pulsação. Nossas mãos enganam tanto, e ao mesmo tempo não. Elas parecem pertencer a um casal; você pode ver a linha da minha aliança de casamento. E a maneira como nossas mãos se encaixam, é como se ele não aguentasse me ter longe por muito tempo.

Não há nada naquelas mãos para indicar a finalidade deste momento. Em breve nunca mais tocaremos um ao outro novamente. Nunca mais iremos a outra festa, nem teremos um bebê, nem morreremos juntos na mesma angústia.

Será que vamos morrer ao mesmo tempo, em nossas próprias casas ao longo da costa? Espero que Cecily esteja ali, para segurar a cabeça dele em seu colo. Espero que ela leia para ele, e diga coisas bonitas. Espero que a essa altura eu esteja bem longe da cabeça dele e ele seja capaz de encontrar a paz.

Espero que Vaughn não seja tão desalmado quanto penso, e que ele creme o corpo de seu filho sem máculas, inteiro, e que Linden seja espalhado no laranjal.

Quanto a mim, tento não pensar muito na minha própria morte. Só sei que quero passar meus últimos anos em casa, em Manhattan, com meu irmão, na casa que nossos pais nos deixaram. E com Gabriel, talvez. Vou tentar ensinar a ele o máximo que puder sobre o mundo, para que ele consiga arrumar um emprego, talvez no porto; para que ele possa se virar sozinho depois que eu morrer.

— Coração, o que foi? — pergunta Linden, e percebo que tenho lágrimas nos olhos. É tão frio que não sei como elas não congelaram.

— Não é nada — digo. — Eu só estava pensando em como temos pouco tempo.

Ele está olhando para mim do jeito que olha quando pergunta o que acho

dos desenhos dos prédios dele. Como se ele quisesse ler minha mente. Ele quer compreender, e ser compreendido.

Em outro tempo, em outra época, eu me pergunto o que teríamos sido um para o outro.

E então percebo como isso é ridículo. Em outro tempo e outro lugar eu não teria sido sequestrada para ser a noiva dele. E ele não estaria aprisionado em sua mansão. Ele seria um famoso arquiteto, e talvez eu morasse numa de suas casas, e tivesse um casamento de verdade, e filhos que vivessem um bom e longo tempo.

Eu rio, tentando ser solidária, e aperto sua mão. - Eu estava pensando no pouco tempo que as pessoas irão passar em suas lindas casas.

Ele pressiona a testa na minha têmpora, e fecha os olhos. — Quando, o tempo melhorar, vou lhe mostrar algumas delas — ele diz. — E bom ver as mudanças que as pessoas fazem, os bichos de estimação, os balanços e as evidências de vida. E o suficiente para fazer você esquecer às vezes.

— Eu gostaria muito, Linden — digo.

Depois disso, não falamos mais. Deixo que ele me abrace. A neve e o frio acabam sendo demais para ele depois de algum tempo, e ele me traz de volta ao meu quarto. Nós nos beijamos, o nariz congelado dele toca o meu uma última vez.

— Boa noite, coração — ele diz.

— Tchau, coração — eu digo. E é tão casual, tão inocente, que ele não suspeita de nada. As portas do elevador se fecham entre nós, e ele desaparece de meu mundo para sempre.

A porta do quarto de Cecily está entreaberta, e eu a vejo sentada na cadeira de balanço dentro do quarto. Ela está com a camisola aberta, oferecendo o peito nu a Bowen, mas ele se debate e choraminga. — Por favor, por favor, mama — ela soluça baixinho. Mas ele não mama. Vaughn estava mentindo quando falou de uma ama de leite. Eu o vi dando uma mamadeira a Bowen, e depois que um bebê prova o sabor doce da fórmula, nunca mais volta ao peito. Essa foi uma coisa que eu me lembro que meus pais me contaram quando trabalhavam no laboratório. Mas Cecily não sabe disso. Vaughn está roubando seu filho devagar, começando a controlá-lo da maneira

que controla seu próprio filho. Vaughn quer que Cecily pense que seu próprio filho não a ama.

Fico parada no corredor por um bom tempo, observando-a. Essa noivinha empolgada que acabou se tornando tão pálida e desgrenhada. Eu me lembro do dia em que ela pulou do trampolim, e nadamos pelos trópicos, procurando estrelas-do-mar imaginárias. É a melhor lembrança que tenho dela, e não passa de uma ilusão.

Não, talvez essa não seja a melhor lembrança. Quando eu estive de cama, ela levou os lírios ao meu quarto.

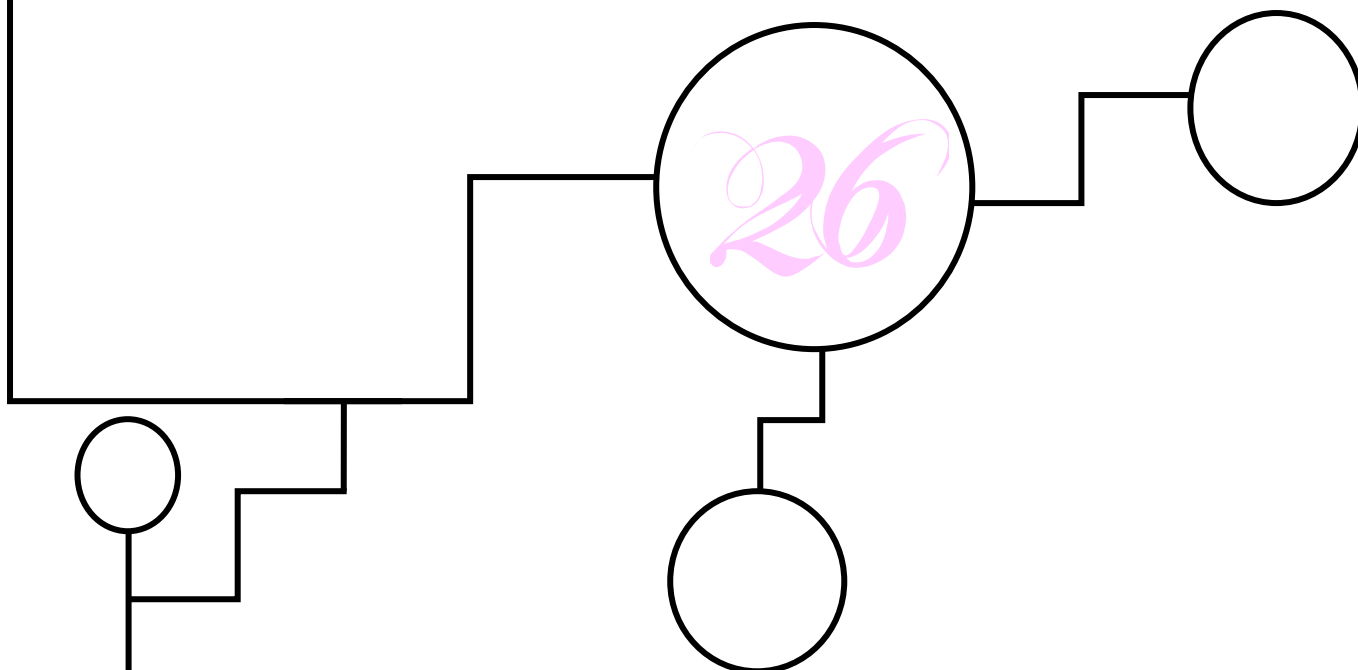
Não consigo pensar num jeito de dizer adeus a ela. Acabo me afastando, tão silenciosamente quanto cheguei, e a deixo com a vida que ela estava tão ansiosa para viver. Eu sei que um dia deixarei de odiá-la. Eu sei que ela é apenas uma criança, uma criança boba e ingênua que caiu vítima das mentiras de Vaughn. Mas quando olho para ela, tudo o que vejo é o corpo frio de Jenna no porão, debaixo de um lençol e esperando o bisturi. E isso é culpa de Cecily. E eu não a perdoo.

Minha última parada é o quarto de Jenna. Fico parada na porta por muito, muito tempo. Olho para a disposição dos objetos. A escova sobre a penteadeira poderia pertencer a qualquer um, o romance que ela estava lendo sumiu. Apenas o isqueiro que ela roubou do serviçal permanece ali, em plena vista, porque ninguém presta atenção suficiente para sequer saber que estava ali. Eu o pego agora e o coloco no meu bolso. Vou guardar esse pedacinho dela. Não sobrou nada de valor sentimental. A cama foi trocada, limpa, arrumada como se a qualquer momento ela pudesse retornar e repousar a cabeça nos travesseiros. Ela não fará isso, mas talvez outra garota, em breve.

Não há nada aqui para me despedir. Nenhuma garota dançando. Nenhum sorriso matreiro. Ela se foi, junto com suas irmãs, se libertou, escapou. E se estivesse aqui agora, diria: — Vá.

O relógio sobre a mesinha de cabeceira dela me mostra as horas: 9:50 h. É como se ela estivesse me empurrando porta afora.

Eu não digo adeus. Eu simplesmente vou embora.



P

ego o elevador até o térreo e vou até a cozinha, esperando que ela esteja vazia. Mas quando ponho a mão na maçaneta, uma voz me detém com: — Um pouco frio para um passeio, não?

Eu me viro, e a cozinheira-chefe emerge do corredor, afastando os cabelos engordurados do rosto.

— Vou dar apenas uma caminhada rápida — digo. — Não estava conseguindo dormir.

— Tome cuidado lá fora, lourinha — ela diz. — Neste tipo de neve, você sai para uma caminhada rápida e pode se perder e nunca mais voltar. — Um sorriso artiloso se esboça em seu rosto. — Ninguém quer isso, certo?

— É claro que não — eu digo com cuidado. O que é que ela sabe?

— Bem, por via das dúvidas, aqui tem uma coisa para manter você aquecida. — Quando ela se aproxima, vejo que ela está carregando uma garrafa térmica. Está tão quente que dá para sentir pelas minhas luvas quando ela a aperta firme em minhas mãos.

— Obrigada — eu digo.

Ela abre a porta para mim, e me dá um tapinha no ombro. — Cuidado — ela diz. — Está frio lá fora.

Eu saio, e quando me viro para agradecer a ela novamente, ela já fechou a porta.

A neve está mais forte. Levo muito tempo para caminhar por entre redemoinhos porque estou tentando cobrir meus rastros. Quando estou longe

o bastante da casa, começo a sussurrar o nome de Gabriel, mas o vento está roubando a minha voz. E como o furacão todo de novo, mas cheio de neve. Tropeço numa árvore, e vou tateando ao longo da beira da floresta, chamando seu nome cada vez mais alto. Depois de algum tempo acabo encontrando o holograma. Estendo a mão para tocar uma árvore e meus dedos a atravessam direto. Estou longe o bastante da casa agora para poder chamar seu nome em voz alta.

— Gabriel! Gabriel!

Mas ele não vem, não vem. E eu sei que logo terei de tomar uma decisão. Posso fugir para o oceano sem ele, ou voltar para o turbilhão de neve e procurar por ele. Seja qual for a opção, estou deixando esta mansão esta noite. Mesmo que Gabriel nunca tenha navegado num barco, ele sabe mais sobre barcos do que qualquer pessoa que eu conheça, e eu não sei quase nada. E, o mais importante, tenho medo do que Vaughn vá fazer se Gabriel ficar para trás. Vaughn saberá que Gabriel me ajudou a escapar. Isso resolve tudo. Justo quando estou percebendo que não posso deixá-lo para trás, que preciso procurar por ele, alguém agarra meu pulso.

— Rhine.

Eu me viro, e caio direto nos braços dele. Pela segunda vez, em uma segunda tempestade, ele aparece para me segurar. E há tanta coisa que quero lhe dizer sobre o que aconteceu durante todo este horrível mês sem ele, mas não há tempo. O vento começou a aumentar, e não conseguimos entender as palavras um do outro, então simplesmente começamos a correr, de mãos dadas, para a escuridão.

O vento tem som de vozes. Tem o som dos risos do meu pai e da minha mãe, e de Rowan me acordando para meu turno, e do bebê de Cecily chorando e de Linden dizendo eu te amo. Eu não paro para ouvir. Não respondo. Mas às vezes tropeçamos em gravetos e banquisas de neve, e um levanta o outro. Somos impossíveis de parar. E então chegamos ao portão, que está, claro, trancado.

Há um painel, mas meu cartão-chave não funciona nele. Será que eu realmente imaginei que fosse funcionar? — E agora? — Gabriel grita para mim sobre o som do vento. Começo a caminhar pela extensão da cerca,

procurando o lugar onde ela termina, mas logo fica bastante claro que ela não tem fim, que ela deve dar a volta inteira à propriedade em um círculo de quilômetros e quilômetros de diâmetro.

E agora?

Eu não sei. Eu não sei.

A fuga está tão próxima. Posso estender a mão por entre as barras e tocar o ar livre. Quase posso tocar um galho de árvore do outro lado. Inspecciono freneticamente nossos arredores. As árvores seriam impossíveis de subir; os galhos são altos demais; a cerca está gelada demais. Tento escalar as barras de ferro e fracasso todas as vezes. Mas continuo tentando até que Gabriel acaba me agarrando e me puxando para trás. Ele desabotoa o casaco de lã e me traz de encontro ao peito, fechando o casaco sobre nós dois. Nos ajoelhamos atrás de um banco de neve, e acho que sei o que ele está tentando me dizer. Não há saída. Vamos morrer congelados.

Mas não sinto a aceitação que senti no furacão. Eu tinha tanta certeza de que ia morrer, e no entanto alguma coisa me dizia para continuar seguindo em frente, e quando subi no farol, eu vi a saída. Não acredito que aquilo tenha sido por nada.

Sinto Gabriel beijar minha testa. Mas mesmo seus lábios normalmente quentes esfriaram. Recuo um pouco, puxo o colarinho até a altura das orelhas. Ele desliza as mãos por baixo dos meus cabelos, em ambos os lados do meu pescoço, e assim damos calor um ao outro.

Eu tiro o isqueiro de Jenna do meu bolso, e com o vento é quase impossível acender uma chama. Preciso me livrar do casaco de Gabriel, e ele põe as mãos em concha ao redor da chama para que o vento não a apague. Isso me traz à lembrança uma história que li na biblioteca de Linden sobre uma menininha moribunda que acendia fósforos para se manter aquecida. Cada nova chama trazia uma diferente lembrança de sua vida. Mas neste exato momento a única lembrança é Jenna, sua minúscula vida reluzente tremeluzindo em nossas mãos.

É a única luz em toda essa escuridão, e acho que nada me agradaria mais do que atear fogo a esse lugar. Vê-lo queimar como aquelas cortinas horrorosas. Iluminar uma árvore e ver o fogo se espalhar por todas elas. Mas o

vento é forte demais. Sinto como se de algum modo Vaughn tivesse provocado esta nevasca. Receio que amanhã de manhã ele irá encontrar o meu corpo e o de Gabriel, congelados e mortos, tão desesperadamente próximos de nosso ponto de fuga.

Isso não pode acontecer. Não vou dar essa satisfação a ele.

Justo quando estou pensando em atear fogo a uma das árvores, ouço uma voz no vento. Acho que estou imaginando coisas, mas Gabriel ouve também. Conseguimos distinguir de leve uma figura envolta em sombras, correndo na direção de nossa pequena luz.

Levanto-me apressada, puxando Gabriel comigo. É Vaughn. É Vaughn vindo acabar conosco, ou coisa pior, nos arrastar para seu porão para nos torturar, nos mutilar, nos amarrar a mesas cirúrgicas no mesmo quarto que os cadáveres de Rose e Jenna. Começo a correr, mas Gabriel me detém. O homem se aproxima, e não é Vaughn.

É o serviçal nervoso que tomou o lugar de Gabriel. É aquele que disse que eu era a boazinha; o que me disse para verificar meu guardanapo, onde o June Bean estava escondido.

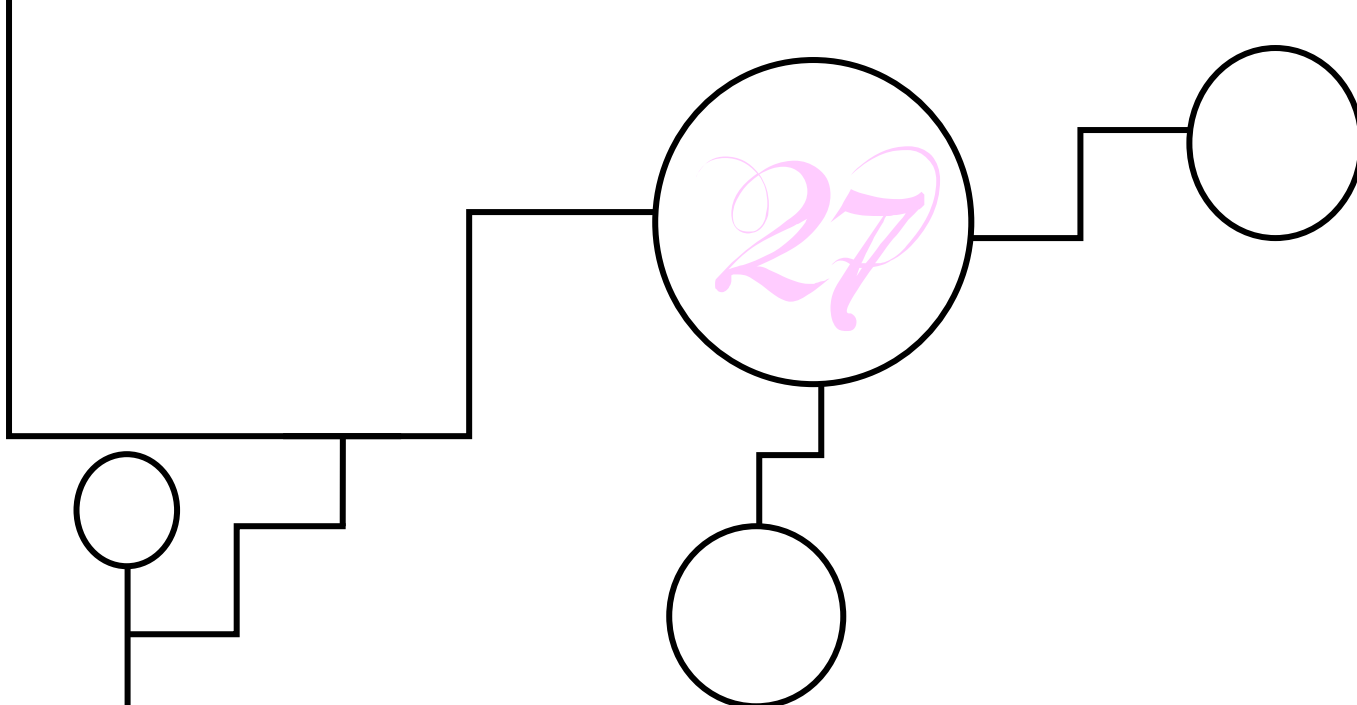
Ele está acenando alguma coisa sobre sua cabeça. Um cartão-chave. Sua boca está se mexendo, mas como todo o vento e a neve, não consigo ouvir suas palavras. Então simplesmente ficamos olhando, Gabriel e eu, enquanto ele passa o cartão pelo painel. O portão dá uma pequena engasgada, tentando forçar passagem pela nave, mas abre.

Por um tempo enorme eu fico simplesmente ali parada, sem saber ao certo como interpretar isso. Sem saber se devo confiar nisso. Ainda estou esperando que Vaughn... não sei, surja por trás de uma árvore e atire em nós ou algo assim.

Mas o serviçal está acenando para nós, e acho que ele está dizendo: — Vão, vão!

— Por quê? — pergunto. Aproximo-me dele para poder ouvi-lo melhor. Estou gritando por sobre o vento. — Por que você está nos ajudando? Como você sabia que estávamos aqui?

— Sua esposa irmã me pediu para ajudá-la — ele diz. — A pequenininha. A ruiva.



Nós corremos pelo que me parece ser a noite toda. É como se o mundo tivesse acabado e não tivesse sobrado nada a não ser aquele caminho, e aquela escuridão coberta de neve. Paramos para recuperar o fôlego, mas o ar gelado oferece pouco alívio aos nossos pulmões sem fôlego. Estamos com frio e exaustos, e o vento não para de soprar com toda a força.

Na biblioteca eu havia lido um livro chamado *A Divina Comédia*, de Dante, que falava dos muitos círculos de um lugar chamado inferno, além da vida. Em um dos círculos havia dois amantes que haviam sido eternamente castigados por seu adultério sendo aprisionados em uma tempestade de vento, incapazes de falar, incapazes de ouvir um ao outro ou de ter um momento de descanso.

Poderíamos ser nós, eu penso. E a parte triste é que nunca tivemos sequer a chance de nos tornarmos amantes. Somos apenas um serviçal e uma noiva contra a vontade que não tiveram um momento de liberdade verdadeira para explorar como nos sentimos um em relação ao outro. Ainda estou até mesmo usando minha aliança de casamento por baixo da luva que Deirdre fez para mim.

Quando estamos longe o bastante do portão de ferro, diminuimos o passo e começamos a andar mais devagar. Não entendo por que esta estrada é tão longa. Na limusine levamos apenas minutos. Será que Gabriel e eu fizemos uma curva errada? Há tanta neve que eu não posso sequer ter certeza de que

estamos na estrada. Na hora exata em que decido que o mundo acabou, ou que estamos em nosso próprio círculo do inferno, vejo luzes. Ouço um som trovejante, e então um enorme caminhão amarelo passa por nós correndo, empurrando a neve ao longo da rua da cidade.

E nós conseguimos. Estamos aqui. As luzes e prédios se revelam todos como se uma cortina tivesse acabado de se abrir para nós. Vemos mais caminhões limpa-neve, e até mesmo algumas pessoas andando entre os postes de luz. O letreiro do cinema anuncia uma maratona de filmes de zumbis para a noite inteira.

Enquanto estávamos na vastidão desolada, contemplando a morte certa, o mundo seguia sua vida tranquilamente a apenas alguns quilômetros de distância. Dou uma gargalhada, um tanto histérica, sacudo Gabriel, aponto e digo: — Está vendo? Está vendo o que você já ia perdendo?

Ele pergunta: — O que é um zumbi?

— Não sei. Mas podíamos descobrir. Podemos fazer tudo o que quisermos.

Entramos no cinema, onde é quente e tem cheiro de manteiga quentinha e limpador de carpetes. Nenhum de nós tem dinheiro. Ainda que eu tivesse tentado roubar algum, não saberia onde procurar. Não há utilidade para isso na mansão; nem mesmo Linden anda com dinheiro.

Mas o cinema está lotado, e conseguimos entrar de fininho numa das salas sem sermos notados. Ficamos abraçadinhos no escuro, cercados de estranhos. Somos anônimos, e nessa anonimidade existe segurança. Os filmes são apavorantes, os efeitos especiais bobos e vagabundos, e sinto uma grande dose de empolgação. — Em Manhattan é assim — sussurro para ele.

— As pessoas saem de suas tumbas em Manhattan?

— Não. Elas pagam pra ver filmes assim.

A maratona dura a noite toda, um filme grotesco atrás do outro. Eu cochilo e acordo. Perco o senso de tempo, não há senso de noite ou de dias. Ouço os gritos e gemidos no meu subconsciente, mas minha mente registra que o horror é falso. Aqui estou segura. Gabriel segura a minha mão. Acordo em algum momento com ele traçando os contornos da minha aliança de casamento com seu dedo. Ela perdeu seu significado agora; não sou mais a

esposa de Linden Ashby, se é que fui um dia. Sempre fui levada a crer que, para duas pessoas serem realmente casadas, a noiva teria de dar sua opinião em algum momento.

— Meu sobrenome verdadeiro é Ellery — digo sonolenta.

— Eu não tenho sobrenome — diz Gabriel.

— Então você deveria inventar um — eu digo.

Ele ri, e lá está seu sorriso novamente, tímido, brilhante e cheio de dentes. Seu rosto está iluminado pela tela branca, e eu me viro e percebo que os filmes acabaram e as poltronas ao nosso redor estão vazias. — Por que você não me acordou? — pergunto.

— Você estava tão bonitinha — ele diz. Ele me olha por um tempo, pensando. Então se inclina para me beijar.

É um beijo fantástico, e nenhum de nós se preocupa se as portas se abrirem. Sua mão segura meu queixo, e meus braços se movem devagar ao redor do pescoço dele, e estamos perdidos nesse mundo de escuridão bruxuleante, num mar de poltronas vazias, e estamos absolutamente, inequivocamente livres.

E o ranger da porta que se abre que nos separa, e o empregado do teatro — um primeira-geração com uma vassoura — diz: — Ei, os filmes já acabaram. Vão pra casa.

Olho para Gabriel. — Vamos embora, então? — pergunto.

— Para onde?

— Para casa, é claro.

O caminho para casa é tão longo que não faço ideia de como vamos chegar lá. Não há telefone na casa, nenhuma maneira de chamar Rowan e avisá-lo de que estou bem. Mas assim que sairmos da Flórida, vou encontrar um telefone público e ligar para a fábrica onde ele estava trabalhando da última vez em que o vi. Há uma boa chance de que ele ainda esteja lá. Preciso me apegar a esse pensamento, embora uma sensação no fundo do meu estômago esteja me dizendo que ele já se mudou, perdido em sua busca por mim.

Lá fora, a cidade se perdeu na neblina, um breve momento entre o adormecer e o despertar. Ela está abafada, embora não inteiramente em

silêncio. Ainda há carros passando e caminhões limpando a lama aguada em que a neve se tornou. Ainda há pessoas andando de um lado para o outro, mas com menos animação e urgência. O céu está começando a ganhar tons rosados e amarelos, e eu sei que não temos muito tempo. Já é quase de manhã, e Vaughn vai perceber que Gabriel e eu desaparecemos. Isso se ele já não souber, se Cecily tiver encoberto nossa fuga de algum modo.

Cecily. Ela mandou aquele serviçal para nos ajudar ontem à noite. Eu não confiei nela. Como poderia? Mas não há nenhum carro de polícia com a sirene ligada atrás de nós. Não está acontecendo nenhuma caçada alucinante. Gabriel e eu estamos aqui parados, de mãos dadas, olhando para uma cidade tranquila.

Por que foi que ela me ajudou?

Ontem à tarde na cama elástica, ela usou essa palavra. "Ajuda." Eu ajudei você, ela gritou. E havia tanto horror em seu rostinho jovem quando ela percebeu que a recíproca era verdadeira.

— E agora? — pergunta Gabriel, me arrancando de meus pensamentos.

— Vamos — eu digo, e o puxo pela calçada. Grãos gordos de sal rangem sob nossos sapatos. Pelo menos uma dezena de pessoas passam por nós, uma ou duas nos cumprimentando com a cabeça, a maioria nos ignorando completamente. Somos apenas duas pessoas com casacos de lã, a caminho de casa.

Conseguimos chegar até o cais do porto, e ele é diferente de perto do que quando eu o vi de dentro da limusine. É mais vibrante. Dá realmente para sentir o cheiro do sal, ouvir a virada da maré, a batida suave dos barcos contra o cais. Estou ansiosa para ir logo, para encontrar um barco que valha a pena roubar antes que nos descubram, mas vejo o fascínio no rosto de Gabriel e lhe permito este momento. Esta alegria selvagem.

— É igual a alguma coisa que você se lembra? — pergunto.

— Eu... — ele fica com a voz embargada. — Eu achei que me lembrava do oceano, mas não me lembrava de nada.

Eu me colo junto a ele, e ele põe o braço ao meu redor e aperta meu braço empolgado.

— Acha que consegue nos levar para fora daqui num desses barcos? — pergunto.

— Ah, mas é claro.

— Tem certeza? — pergunto.

— Bem, se eu estiver errado, o pior que pode acontecer é a gente morrer.

Eu dou um risinho. — Pra mim está ótimo — digo.

Não há muito tempo para ser caprichoso. Deixo Gabriel escolher o barco porque ele é o especialista. Ele só viu figuras, e a maioria destes modelos são muito mais novos do que aqueles sobre os quais se pode ler na biblioteca de Linden, mas a experiência dele é mesmo assim maior do que a minha. Acabamos nos decidindo por um barquinho de pesca com um painel de pilotagem interno fácil — não sei direito qual é o nome técnico dele, e Gabriel não tem tempo de explicar — mas ele irá nos proteger dos ventos frios. Ele é surpreendentemente fácil de desamarra do cais, e de nos lançarmos ao mar. E mesmo que Gabriel não esteja familiarizado com esses modelos mais novos, ele é impressionantemente ágil. Tento ajudar, mas só consigo piorar as coisas, e assim ele acaba me pedindo para apenas ficar de vigia. Isso eu sei que posso fazer.

E então partimos.

Gabriel guia o timão, com ar muito sério e importante, um contraste tão grande para com o inseguro serviçal que ficava empurrando carrinhos com o almoço no andar das esposas. Ele observa o horizonte, e seus olhos são azul da cor da água, e eu sei que ele está exatamente onde deveria estar. Talvez seus pais tivessem sido marinheiros. Ou quem sabe, cem anos atrás, quando as pessoas eram concebidas de forma natural e livres, seus ancestrais simplesmente fossem assim.

Finalmente estamos livres, e eu tenho tantas coisas para contar a ele. Jenna. Cecily. E sei que ele deve ter coisas que quer me dizer também. Mas por ora essas coisas podem esperar. Eu fico à distância, admirando, deixando que ele tenha seu momento. Deixo que suas mãos capazes nos guiem para a eternidade, sobre continentes afundados, até que a Flórida desapareça. Simplesmente desapareça, como se tivesse sido engolida.

Talvez, eu acho, nós venhamos a acabar na praia que o pai de Deirdre pintou. Talvez toquemos estrelas do mar de verdade, que possamos segurar em nossas mãos, que não caiam por entre nossos dedos. De qualquer maneira

vamos ter que encontrar uma margem em algum lugar. Vamos ter de parar e pedir orientações para saber como chegar a Manhattan; só que, quando chegarmos, será em um lugar onde ninguém nos conhece, onde eu não sou a noiva de Linden Ashby e ele não é um serviçal, e ninguém nunca ouviu falar de Vaughn Ashby ou de sua imensa mansão. Estamos subindo a costa, e o vento começou a aumentar.

Gabriel põe seu braço ao meu redor, e eu descanso minha mão sobre a dele, sentindo a resistência dura do timão. — Olhe — ele diz no meu ouvido.

À distância, vejo um farol. A luz nos inunda e continua em sua rotação. Desta vez, eu não sei para onde a luz irá nos guiar.

Fim



Continua no livro dois:

